



UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS-UFNT  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E LITERATURA – PPGLIT

LEILA SARAIVA MOTA

ANÁLISE DO VOCABULÁRIO DA LÍNGUA INDÍGENA KA'APOR DE SINAIS NA  
PERSPECTIVA DOS ARTEFATOS CULTURAIS DO POVO INDÍGENA SURDO

ARAGUAÍNA-TO

2025

LEILA SARAIVA MOTA

ANÁLISE DO VOCABULÁRIO DA LÍNGUA INDÍGENA KA'APOR DE SINAIS NA  
PERSPECTIVA DOS ARTEFATOS CULTURAIS DO POVO INDÍGENA SURDO

Tese de doutorado apresentada à Linha de Pesquisa Linha de pesquisa: LP1: Teoria, análise linguística e diversidade cultural em contexto de formação do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura – PPGLIT da Universidade Federal do Norte do Tocantins/UFNT, como exigência para obtenção do título de doutora. **Orientador:** Prof. Dr. Francisco Edviges Albuquerque.

ARAGUAINA-TO

2025

## FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Geração de Ficha Catalográfica SGFC-UFNT

**Gerado automaticamente mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

M917a Mota, Leila Saraiva.

ANÁLISE DO VOCABULÁRIO DA LÍNGUA INDÍGENA  
KA'APOR DE SINAIS NA PERSPECTIVA DOS ARTEFATOS  
CULTURAIS DO POVO INDÍGENA SURDO / Leila Saraiva  
Mota. - Centro de Ciências Integradas - CCI, TO, 2025.  
236 f.

Tese (Doutorado) (Pós-Graduação - Programa de  
Pós-Graduação em Linguística e Literatura - PPGLLit) --  
Universidade Federal do Norte do Tocantins, 2025.

Orientador: Francisco Edviges Albuquerque.

1. Indígenas Surdos. . 2. Artefatos culturais visuais.. 3.  
Vocabulários Lexicais da língua indígena Ka'apor de sinais..

**CDD 410**

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.


LEILA SARAIVA MOTA

ANÁLISE DO VOCABULÁRIO DA LÍNGUA INDÍGENA KA'APOR DE SINAIS NA  
PERSPECTIVA DO ARTEFATO LINGUISTICO E CULTURAL DO POVO INDÍGENA  
SURDO

Tese de doutorado apresentada à Linha de Pesquisa Linha de pesquisa: LP 1: Teoria, análise linguística e diversidade cultural em contexto de formação do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura – PPGLIT da Universidade Federal do Norte do Tocantins/UFNT, como exigência para obtenção do título de doutora. Orientador: Dr. Francisco Edviges Albuquerque. Apresentado em 08/10/2025.


Data de aprovação: 08 /10 /2025.

Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente  
 FRANCISCO EDVIGES ALBUQUERQUE  
Data: 08/10/2025 18:03:08-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


---

Prof. Dr. Francisco Edviges Albuquerque - Orientador  
Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura – PPGLIT da Universidade Federal do  
Norte do Tocantins/UFNT

Documento assinado digitalmente  
 MARIA DA GUIA TAVEIRO SILVA  
Data: 09/10/2025 09:23:47-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria da Guia Taveiro Silva - UEMASUL – Membro Interno  
Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura – PPGLIT da Universidade Federal do  
Norte do Tocantins/UFNT

Documento assinado digitalmente  
 KARYLLEILA DOS SANTOS ANDRADE KLINGER  
Data: 09/10/2025 12:01:24-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Karylleila dos Santos Andrade – Membro Interno  
Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura – PPGLIT da Universidade Federal do  
Norte do Tocantins/UFNT



Documento assinado digitalmente  
**ARLETE MARINHO GONCALVES**  
Data: 09/10/2025 09:05:50-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Arlete Marinho Gonçalves - Membro Externo  
Programa de pós-graduação em Criatividade, inovação e metodologias do ensino superior –  
PPGCIMES/UFPA



Documento assinado digitalmente  
**SHIRLEY VILHALVA**  
Data: 09/10/2025 18:27:50-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Shirley Vilhalva - Membro Externo  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

*Dedico este trabalho especialmente ao povo Indígena surdo Ka'apor.*

## AGRADECIMENTOS

Humanamente, é impossível construir sozinha uma pesquisa científica. Mesmo que, em grande parte dessa trajetória, seja exigido de nós (pesquisadores) um momento de total isolamento, momentos particulares entre nós e o texto, não podemos desconsiderar todos aqueles que perpassam durante a nossa caminhada (professores, familiares e amigos).

Conforme as palavras de Sudré (2008), a folha de agradecimento do trabalho científico é a prova mais contundente de que essa não é uma produção solitária, pois uma multidão está presente em todas as linhas. A pesquisa só é possível com o apoio de uma extensa rede de colaboradores. O envolvimento de cada um é essencial nesse processo.

Diante disso, quero agradecer, primeiramente, ao meu DEUS, todo poderoso, pelo dom da vida, por tudo que tenho e que sou, porque dele, por ele e para ele são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente.

Agradeço aos meus pais, que foram morar junto de Deus, mas que, em vida, sempre foram meus maiores incentivadores. “[...] A família é a primeira unidade social em que os indivíduos aprendem a lealdade e a obediência” (Durant, 1965, p. 94).

Ao meu querido orientador, Prof. Dr. Francisco Edviges Albuquerque, minha gratidão por me acolher e me acompanhar nesta pesquisa e por aceitar todos os desafios que a orientação exige. Sou grata pelos ensinamentos, disposição, reflexões e comprometimento.

Agradeço a todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística e literatura (PPGLLIT-UFNT), que contribuíram grandemente na minha caminhada e formação.

À Banca de Qualificação, sou imensamente grata pelas provocações e fortalecimento realizado mediante a leitura minuciosa do meu texto. Prof<sup>o</sup>Dr. Alexandre Melo de Sousa, Prof<sup>a</sup>. Dra. Arlete Marinho Gonçalves, Dra. Prof<sup>a</sup> Karylleila do Santo Andrade, Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria da Guia Taveiro Silva, que contribuíram com a melhoria desta Tese, apontando novos caminhos e fixando o que já era posto.

Aos amigos e companheiros da pós-graduação, agradeço pelas trocas e partilhas durante esse processo. Foram amizades fundamentais.

Quero agradecer imensamente aos indígenas Surdos da etnia ka'apor, a liderança do povo Ka'apor pela acolhida e por terem aceitado gentilmente partilhar suas experiências culturais neste estudo. Todo meu reconhecimento e respeito a vocês. Não poderia deixar de agradecer ao Merahu (Cacique), Cássia Freitas, Godoy, por fim, a todos aqueles que contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização desta Tese. A todos, o meu sincero agradecimento.

## RESUMO

MOTA, Leila Saraiva. **Análise do vocabulário da Língua Indígena Ka'apor de Sinais na perspectiva do artefato linguístico e cultural do povo indígena Surdo.** 2025. 237 f. Tese (Doutorado em Linguística e Literatura) – Universidade Federal do Norte do Tocantins/UFNT, Araguaína, 2025.

Esta tese intitulada “Análise do vocabulário da língua indígena Ka'apor de sinais na perspectiva do artefato linguístico cultural do povo indígena surdo”, tem como objetivo geral: Registrar os elementos linguísticos e culturais a partir dos artefatos culturais linguísticos existentes na língua Indígena Ka'apor de sinais. Os objetivos específicos são: descrever a trajetória histórica da educação dos indígenas ouvintes e surdos; identificar o(s) perfil(s) dos indígenas surdos da etnia Ka'apor; apresentar a estrutura linguísticas dos sinais da língua indígena Ka'apor de sinais utilizados pelos indígenas surdos; apresentar os aspectos fonológicos dos sinais da língua indígena Ka'apor de sinais; identificar, por meio da sinalização dos vocabulários lexicais da língua indígena Ka'apor de sinais, as implicações culturais e linguísticas. Compreendemos que um estudo desta natureza abrange não apenas a estrutura linguística das línguas indígenas de sinais (LIS), mas, também, a função social e cultural da língua indígena Ka'apor de sinais. Sendo assim, a metodologia adotada foi realizada na área do campo dos estudos linguísticos na perspectiva etnográfica qualitativa. O lócus onde ocorreu a pesquisa foi a Terra Indígena Alto Turiaçu, dos povos indígenas da etnia Ka'apor, localizada no norte do estado do Maranhão. A pesquisa realizou-se, especificamente, nas aldeias Waxingí r-ena e Paraku'y. Os participantes foram indígenas surdos, todos usuários da língua indígena Ka'apor de sinais. As técnicas utilizadas nesse estudo foram o questionário semiaberto, traduzido com uso de filmagens. As teorias que nele foram elencadas tiveram como base as concepções de Malinowski (2018), Oliveira, Coelho e Sanches (2022), Rocha e Eckert (2008), Miranda (2020), Leite (2015), Richardson (2017) e Bardin (2012), autores que fundamentaram a escolha dos procedimentos e do método de análise de dados. Foi possível catalogar, mediante mapeamento, 141 sinais existentes na língua indígena Ka'apor de sinais, os quais foram organizados nas categorias: fonologia dos sinais na perspectiva das ENM; léxico nas descrições imagéticas da sinalização da língua indígena Ka'apor de sinais; tipologias dos

verbos (incorporação); o vocabulário lexical da língua indígena Ka'apor de sinais e os artefatos culturais visuais do povo surdo. Foi possível comprovarmos que a função dos vocabulários lexicais está além da gramatical, pois os vocabulários lexicais estão presentes na cultura Ka'apor, nas identidades dos indígenas surdos, na comunicação diária nas relações da aldeia e no ato político do povo Ka'apor. Gramaticalmente, os vocabulários lexicais sinalizados pelos indígenas surdos fazem parte de um sistema altamente desenvolvido, onde cada vocábulo possui significados e cada unidade mínima é combinada seguindo os princípios dos elementos linguísticos de uma língua natural, apresentando um padrão de organização, pois, de acordo com que comprovamos neste estudo, durante a sinalização dos vocabulários, os sinais executados seguem uma ordem linguística de CM, M e P.A. Também foi possível identificarmos a presença das ENM nos léxicos sinalizados, além de identificarmos que os léxicos sinalizados seguem um padrão estabelecido pela linguística, conforme mostramos. Nesta Tese concluímos que a função da língua indígena ka'apor de sinais vai além da ordem linguística desse povo, discutir sobre o vocabulário lexical da língua indígena ka'apor de sinais é discutir sobre a cultura presente nos ritos, nos saberes tradicionais indígenas, na caça e nos hábitos alimentares, que vêm sendo repassado e mantido entre os indígenas surdos e ouvintes Ka'apor. Além disso, a língua indígena Ka'apor de sinais está presente nas práticas sociais, na organização econômica e política do povo Ka'apor. Tudo isso faz parte do funcionamento social dessa língua, portanto, esperamos que as discussões realizadas neste Tese contribuam de forma significativa para que a Língua Indígena Ka'apor de sinais seja valorizada, reconhecida, revitalizada, preservada e autenticada, pois o indígena surdo tem direito de registrar a história da sua Língua, seus valores, cultura e povo. Nesse sentido, pensamos na urgência da criação de uma política linguística que garanta a pluralidade, a riqueza e o reconhecimentos da língua indígena Ka'apor de sinais do povo indígena surdo.

**Palavras-chave:** Indígenas Surdos. Vocabulários Lexicais da língua indígena Ka'apor de sinais. Artefatos culturais visuais.

## **ABSTRACT**

MOTA, Leila Saraiva. Analysis of the lexicon of the Ka'apor Indigenous Sign Language from the perspective of the linguistic and cultural artifact of the Deaf Indigenous people. 2025. 236 p. Thesis (Doctorate in Linguistics and Literature) – Federal University of Northern Tocantins/UFNT, Araguaína, 2025.

This thesis, entitled “Analysis of the vocabulary of the Ka'apor Indigenous Sign Language from the perspective of the linguistic and cultural artifact of the deaf Indigenous people,” has the general objective of: Recording the linguistic and cultural elements based on the linguistic and cultural artifacts existing in the Ka'apor Indigenous Sign Language. The specific objectives are: to describe the historical trajectory of the education of hearing and deaf Indigenous people; to identify the profile(s) of deaf Indigenous people of the Ka'apor ethnicity; to present the linguistic structure of the signs of the Ka'apor Indigenous Sign Language used by deaf Indigenous people; to present the phonological aspects of the signs of the Ka'apor Indigenous Sign Language; to identify, through the signing of the lexical vocabularies of the Ka'apor Indigenous Sign Language, the cultural and linguistic implications. We understand that a study of this nature encompasses not only the linguistic structure of Indigenous Sign Languages (ISL), but also the social and cultural function of the Ka'apor Indigenous Sign Language. Therefore, the methodology adopted was carried out in the field of linguistic studies from a qualitative ethnographic perspective. The research took place in the Alto Turiaçu Indigenous Territory, home to the Ka'apor indigenous people, located in the north of the state of Maranhão. Specifically, the research was conducted in the villages of Waxingi r-ena and Paraku'y. The participants were deaf indigenous people, all users of the Ka'apor indigenous sign language. The techniques used in this study were a semi-structured questionnaire, translated using video recordings. The theories listed in it were based on the conceptions of Malinowski (2018), Oliveira, Coelho and Sanches (2022), Rocha and Eckert (2008), Miranda (2020), Leite (2015), Richardson (2017) and Bardin (2012), authors who provided the basis for the choice of procedures and the data analysis method. It was possible to catalog, through mapping, 141 signs existing in the Ka'apor indigenous sign language, which were organized into the following categories: phonology of the signs from the perspective of the ENM (Natural Meanings of the Language); lexicon in the imagistic descriptions of the Ka'apor indigenous sign language; typologies of the This study examined verbs (incorporation); the lexical vocabulary of the Ka'apor indigenous sign language; and the visual cultural artifacts of the deaf community. It was possible to demonstrate that the function of lexical vocabularies extends beyond grammar, as they are present in Ka'apor culture, in the identities of deaf indigenous people, in daily communication within the village, and in the political actions of the Ka'apor people. Grammatically, the lexical vocabularies signed by deaf indigenous people are part of a highly developed system, where each word has meaning and each minimal unit is combined following the principles of the linguistic elements of a natural language, presenting a pattern of organization. As demonstrated in this study, during the signing of the vocabularies, the signs executed follow a linguistic order of CM, M, and P.A. It

was also possible to identify the presence of ENM (Natural Meanings) in the signed lexicons, and to identify that the signed lexicons follow a pattern established by linguistics, as shown. We conclude that discussing the Ka'apor Indigenous Sign Language goes beyond the linguistic function of this people; discussing the lexical vocabulary of the Ka'apor Indigenous Sign Language is to discuss the culture present in the rites, in the traditional Indigenous knowledge, in hunting, and in the eating habits, which have been passed down and maintained among the deaf and hearing Ka'apor Indigenous people. Furthermore, the Ka'apor Indigenous Sign Language is present in the social practices, economic and political organization of the Ka'apor people. All of this is part of the social functioning of this language; therefore, we hope that the discussions carried out in this study will contribute significantly to the valuing, recognition, revitalization, preservation, and authentication of the Ka'apor Indigenous Sign Language, because deaf Indigenous people have the right to record the history of their language, their values, culture, and people. In this sense, we believe in the urgency of creating a linguistic policy that guarantees the plurality, richness, and recognition of the Ka'apor Indigenous Sign Language of the deaf Indigenous people.

Keywords: Deaf Indigenous people. Lexical vocabularies of the Ka'apor Indigenous Sign Language. Visual cultural artifacts.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Região da localização etnia Ka'apor .....	33
Figura 2 - Representação do rito do batizado durante o festival do Cauim .....	37
Figura 3 - Língua de Sinais Nacionais em vários continentes no mundo .....	63
Figura 4 - Classificação de Línguas de Sinais.....	78
Figura 5 - QRCODE do vídeo com o Sinal de Café na língua indígena Ka'apor de sinais .....	121
Figura 6 - QRCODE do vídeo do Sinal de Mamãe na língua indígena Ka'apor de sinais .....	121
Figura 7 - QRCODE do vídeo do Sinal roupas na língua indígena Ka'apor de sinais .....	121
Figura 8 - QRCODE do vídeo do Sinal de carro na língua indígena Ka'apor de sinais .....	122
Figura 9 - QRCODE do vídeo do Sinal de Sal na língua indígena Ka'apor de sinais .....	122
Figura 10 - QRCODE do vídeo do Sinal de colher na língua indígena Ka'apor de sinais .....	123
Figura 11 - QRCODE do vídeo do Sinal de computador na língua indígena Ka'apor de sinais .....	124
Figura 12 - QRCODE do vídeo do Sinal de absorvente língua indígena Ka'apor de sinais .....	124
Figura 13 - QRCODE do vídeo do Sinal de barco na língua indígena Ka'apor de sinais .....	124
Figura 14 - QRCODE do vídeo do Sinal de palhaço na língua indígena Ka'apor de sinais .....	125
Figura 15 - QRCODE do vídeo do Sinal de régua na Língua indígena Ka'apor de sinais .....	126
Figura 16 - QRCODE do vídeo do Sinal de Rádio na língua indígena Ka'apor de sinais .....	126
Figura 17 - QRCODE do vídeo do Sinal de Sol na língua indígena Ka'apor de sinais .....	127
Figura 18 - QRCODE do vídeo do Sinal de bandeira na língua indígena Ka'apor de sinais .....	127

Figura 19 - QRCODE do vídeo do Sinal de livro na língua indígena Ka'apor de sinais .....	128
Figura 20 - QRCODE do vídeo do Sinal de avião na língua indígena Ka'apor de sinais .....	128
Figura 21 - QRCODE do vídeo do Sinal de garfo na língua indígena Ka'apor de sinais .....	129
Figura 22 - QRCODE do vídeo do Sinal de borracha na língua indígena Ka'apor de sinais .....	129
Figura 23 - QRCODE do vídeo do Sinal de chuva na língua indígena Ka'apor de sinais .....	130
Figura 24 - Alegre.....	133
Figura 25 - Choro .....	133
Figura 26 - Léxico sinalizado para copo na língua indígena Ka'apor de sinais .....	135
Figura 27 - Sinal de pessoa gorda na língua indígena Ka'apor de sinais.....	136
Figura 28 - QRCODE do vídeo do Sinal vergonha na língua indígena Ka'apor de sinais .....	136
Figura 29 - QRCODE do vídeo do Sinal de medo na língua indígena Ka'apor de sinais .....	137
Figura 30 - QRCODE do vídeo do Sinal Calor na língua indígena Ka'apor de sinais .....	137
Figura 31 - QRCODE do vídeo do Sinal de chorar na língua indígena Ka'apor de sinais .....	137
Figura 32 - QRCODE do vídeo do Sinal de brigar na língua indígena Ka'apor de sinais .....	138
Figura 33 - QRCODE do vídeo do Sinal de alegre na língua indígena Ka'apor de sinais .....	138
Figura 34 - QRCODE do vídeo do Sinal de chuva na língua indígena Ka'apor de sinais .....	138
Figura 35 - QRCODE do vídeo do Sinal de pequeno na língua indígena Ka'apor de sinais .....	139
Figura 36 - QRCODE do vídeo do Sinal de grande língua indígena Ka'apor de sinais .....	139
Figura 37 - Exemplo de marca de interrogativa na ENM.....	141

Figura 38 - QRCODE do vídeo do Sinal de casa em língua indígena Ka'apor de sinais .....	148
Figura 39 - Casa.....	148
Figura 40 - QRCODE do vídeo do Sinal de árvore na língua indígena Ka'apor de sinais .....	148
Figura 41 - Árvore .....	148
Figura 42 - QRCODE do vídeo do Sinal de lua na língua indígena Ka'apor de sinais .....	148
Figura 43 - Lua.....	148
Figura 44 - QRCODE do vídeo do Sinal de papel na língua indígena Ka'apor de sinais .....	149
Figura 45 - Papel.....	149
Figura 46 - QRCODE do vídeo do Sinal de cama na língua indígena Ka'apor de sinais .....	149
Figura 47 - Cama .....	149
Figura 48 - QRCODE do vídeo do Sinal de garrafa na língua indígena Ka'apor de sinais .....	149
Figura 49 - Garrafa.....	149
Figura 50 - QRCODE do vídeo do Sinal de prato na língua indígena Ka'apor de sinais .....	149
Figura 51 - Prato .....	149
Figura 52 - QRCODE do vídeo do Sinal de pedra na língua indígena Ka'apor de sinais .....	150
Figura 53 - Pedra .....	150
Figura 54 - QRCODE do vídeo do Sinal de coração na língua indígena Ka'apor de sinais .....	150
Figura 55 - Coração .....	150
Figura 56 - Descrição imagética de Mapa.....	152
Figura 57 - Descrição imagética de estrela .....	152
Figura 58 - Vídeo da descrição imagética do léxico de “QUADRO BRANCO” disponível no QRCODE .....	153
Figura 59 - Jogar bola da língua indígena Ka'apor de sinais .....	154
Figura 60 - Elefante da língua indígena Ka'apor de sinais .....	154

Figura 61 - Vídeo disponível no QRCODE do “verbo falar” em língua indígena Ka’apor de sinais.....	156
Figura 62 - Vídeo do léxico do verbo buscar na língua indígena Ka’apor de sinais disponível no QRCODE .....	157
Figura 63 - Estou sentido dor de cabeça, vídeo disponível no QRCODE .....	158
Figura 64 - Léxico do verbo pular corda, vídeo disponível no QRCODE .....	159
Figura 65 - Léxico do verbo comer língua indígena Ka’apor de sinais, vídeo disponível no QRCODE .....	160
Figura 66 - Figura 58: Sinal do verbo quebrar na língua indígena Ka’apor de sinais .....	161
Figura 67 - Sinal do verbo sentar-se na língua indígena Ka’apor de sinais .....	161
Figura 68 - Sinal do verbo jogar bola na língua indígena Ka’apor de sinais.....	161
Figura 69 - Sinal do verbo limpar na língua indígena Ka’apor de sinais.....	161
Figura 70 - Sinal do verbo pular corda na língua indígena Ka’apor de sinais .....	161
Figura 71 - Sinal do verbo cortar na língua indígena Ka’apor de sinais .....	162
Figura 72 - Figura 64: Sinal de verbo escrever na língua indígena Ka’apor de sinais .....	162
Figura 73 - Sinal do verbo cozinhar na língua indígena Ka’apor de sinais.....	162
Figura 74 - Sinal do verbo dançar na língua indígena Ka’apor de sinais .....	163
Figura 75 - Sinal do verbo deitar-se na língua indígena Ka’apor de sinais .....	163
Figura 76 - Sinal do verbo acordar na língua indígena Ka’apor de sinais .....	163
Figura 77 - Sinal do verbo cansado na língua indígena Ka’apor de sinais.....	163
Figura 78 - Sinal do verbo buscar na língua indígena Ka’apor de sinais.....	163
Figura 79 - Sinal do verbo acabar na língua indígena Ka’apor de sinais .....	164
Figura 80 - Sinal do verbo beijar na língua indígena Ka’apor de sinais.....	164
Figura 81 - Sinal do verbo cair na língua indígena Ka’apor de sinais.....	164
Figura 82 - Sinal do verbo sentir dor na língua indígena Ka’apor de sinais .....	164
Figura 83 - Identificação de um sinal polissêmico na língua indígena Ka’apor de sinais .....	165
Figura 84 - Representação dos tipos de Artefatos culturais do povo surdo .....	169
Figura 85 - A pulseira inteligente vibra para avisar os pais se o bebê estiver chorando (Silence) .....	178
Figura 86 - Campanha para surdos.....	179
Figura 87 - Sinal de frango na língua indígena Ka’apor de sinais .....	181

Figura 88 - Sinal de arroz na língua indígena Ka'apor de sinais .....	181
Figura 89 - Sinal de arroz (2) língua indígena Ka'apor de sinais.....	182
Figura 90 - Sinal de peixe língua indígena Ka'apor de sinais.....	182
Figura 91 - Sinal de banana na língua indígena Ka'apor de sinais .....	182
Figura 92 - Sinal de banana na língua indígena Ka'apor de sinais .....	182
Figura 93 - Sinal de Caju na língua indígena Ka'apor de sinais.....	183
Figura 94 - Sinal de limão na língua indígena Ka'apor de sinais.....	183
Figura 95 - Sinal de mamão na língua indígena Ka'apor de sinais .....	183
Figura 96 - Sinal de açaí na língua indígena Ka'apor de sinais.....	184
Figura 97 - Sinal de milho na língua indígena Ka'apor de sinais.....	184
Figura 98 - Sinal de Ingá língua indígena Ka'apor de sinais .....	184
Figura 99 - Sinal de farinha na língua indígena Ka'apor de sinais .....	184
Figura 100 - Sinal de mandioca na língua indígena Ka'apor de sinais.....	185
Figura 101 - Sinal de chibé na língua indígena Ka'apor de sinais.....	185
Figura 102 - Sinal de beiju na língua indígena Ka'apor de sinais.....	185
Figura 103 - Sinal de feijão na língua indígena Ka'apor de sinais.....	185
Figura 104 - Sinal de Anta na língua indígena Ka'apor de sinais.....	187
Figura 105 - Sinal de paca na língua indígena Ka'apor de sinais.....	187
Figura 106 - Sinal de macaco na língua indígena Ka'apor de sinais.....	188
Figura 107 - Sinal de Jabuti na língua indígena Ka'apor de sinais.....	188
Figura 108 - Sinal de tatu na língua indígena Ka'apor de sinais .....	188
Figura 109 - Sinal de Jacaré na língua indígena Ka'apor de sinais.....	188
Figura 110 - Sinal de cobra na língua indígena Ka'apor de sinais .....	189
Figura 111 - Sinal de cachorro na língua indígena Ka'apor de sinais .....	189
Figura 112 - Sinal de elefante na língua indígena Ka'apor de sinais.....	189
Figura 113 - Sinal de rato na língua indígena Ka'apor de sinais .....	190
Figura 114 - Sinal de burro na língua indígena Ka'apor de sinais.....	190
Figura 115 - Sinal de abelha na língua indígena Ka'apor de sinais.....	190
Figura 116 - Sinal de gato na língua indígena Ka'apor de sinais .....	190
Figura 117 - Sinal de gato na língua indígena Ka'apor de sinais .....	190
Figura 118 - Sinal de barata na língua indígena Ka'apor de sinais .....	191
Figura 119 - Sinal de boi na língua indígena Ka'apor de sinais.....	191
Figura 120 - Sinal de cavalo na língua indígena Ka'apor de sinais.....	191
Figura 121 - Sinal de coelho na língua indígena Ka'apor de sinais.....	191

Figura 122 - Sinal de grilo na língua indígena Ka'apor de sinais.....	192
Figura 123 - Sinal de porco na língua indígena Ka'apor de sinais .....	192
Figura 124 - Sinal de sapo na língua indígena Ka'apor de sinais.....	192
Figura 125 - Sinal de aves que fazem parte da cultura da etnia Ka'apor .....	193
Figura 126 - Vídeo disponibilizado no QRCODE do Sinal de veado e mateiros da etnia Ka'apor .....	194
Figura 127 - Formas pronominais usadas com referentes presentes .....	196
Figura 128 - Formas pronominais usadas com referentes ausentes.....	196
Figura 129 - referente aos sinais dos pronomes pessoais ele/você .....	198
Figura 130 - Pronome demonstrativo sinal de este .....	198
Figura 131 - Pronome demonstrativo sinal de aquele .....	199

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Aldeias que tem Indígenas Surdos Waxingi r-ena, Ximbo r-ena e Pyky'a-'y r-ena, Xie.....	95
Gráfico 2 - O Perfil linguístico dos indígenas surdos Ka'apor .....	109

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Mariuza Ka'apor, mestra na tecelagem de redes .....	36
Imagem 2 - Seu Fernando, pai do cacique .....	93
Imagem 3 - Registro com Mari Ka'apor e Juwá Ka'apor .....	105

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Nomes e significados da etnia .....	34
Quadro 2 - Gesto x Língua .....	54
Quadro 3 - Gesticulação por Kendon (1982).....	57
Quadro 4 - Línguas indígenas de sinais no mundo .....	73
Quadro 5 - Línguas Indígenas de sinais/LIS .....	79
Quadro 6 - Pesquisadores indígenas surdos e ouvintes que atuam na educação de surdos, LIS e Libras .....	87
Quadro 7 - Organização da estrutura com base na proposta da análise de conteúdo .....	98
Quadro 8 - Perfil dos Indígenas Surdos Ka'apor .....	101
Quadro 9 - Configurações de mãos que foram pesquisadas e comprovadas no Brasil .....	112
Quadro 10 - Sinais catalogados da língua Ka'apor de sinais, sinalizados pelos indígenas Surdos .....	114
Quadro 11 - Classe lexical dos sinais de substantivos da língua indígena Ka'apor de sinais .....	120
Quadro 12 - Referente às Expressões Não Manuais/ENM .....	133
Quadro 13 - Adjetivos de tamanho .....	134
Quadro 14 - ENM extraída de Ferreira-Brito e Langevin (1995).....	135
Quadro 15 - Léxicos da língua indígena Ka'apor de sinais sinalizados pelos indígenas surdos .....	136
Quadro 16 - DI de transferência de tamanho e forma dos léxicos descritos na língua indígena da Ka'apor de sinais pelos indígenas surdos .....	148
Quadro 17 - Verbos em língua indígena Ka'apor de sinais .....	160
Quadro 18 - Referente aos autores surdos brasileiros que contribuíram com o artefato cultural literário .....	172
Quadro 19 - Classes lexicais das frutas e alimentos da etnia Ka'apor.....	181
Quadro 20 - Referente aos léxicos da classe de animais da língua indígena Ka'apor de sinais .....	187

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Tipos de sinais .....	119
Tabela 2 - O nível sintático das ENM .....	140

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABSL	Língua de sinais al-sayyid beduína
AEE	Atendimento Educacional Especializado
APAE	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
ASL	Línguas de Sinais Americanas
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
BPC	Benefício de Prestação Continuada
CAS	Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e Atendimento a Pessoas com Surdez
CBDS	Confederação Brasileira de Desportos de Surdos
CISS	Comitê Internacional de Esportes dos Surdos
CM	Configuração de Mão
CODA	Child of Deaf Adults
CONSUDES	Confederacion Sudamericana Deportiva de Sordos
DGS	Língua de Sinais Alemã
DI	Descrição Imagética
ENM	Expressões não manuais
FALE	Faculdade de Língua portuguesa
FENEIS	Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
FIBRA	Faculdade Integrada Brasil Amazônia
FUNAI	Fundação Nacional dos Povos Indígenas
GPELLSI	Estudos Linguísticos em Tipologias de Línguas de Sinais
IFPA	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
INJS	Instituto Nacional de Jovens Surdos
L1	Língua materna
L2	Segunda Língua
LDBN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LGP	Língua Gestual Portuguesa
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
LIS	Língua Indígena de Sinais
LP	Língua Portuguesa

LP2	Língua Portuguesa como Segunda Língua
LS	Língua de sinais
LSA	Língua de Sinais da Argentina
LSC	Língua Chilenas de Sinais
LSC	Língua de Sinais Chinesa
LSCB	Língua de sinais dos centros urbanos
LSE	Língua de Sinais Espanhola
LSF	Línguas de sinais Francesas
LSJ	Língua de Sinais Japonesa
LSKB	Línguas de sinais indígenas Ka'apor
LSM	Língua de Sinais Moçambicana
LSM	Língua de Sinais Nacional Mexicana
LSMY	Lengua de Señas Maya-yucateca
LSPY	Língua de Sinais Paraguaia
LSS	Língua de Sinais Sueca
LSU	Língua de Sinais Uruguaia
LSV	Língua de sinais da Venezuela
M	Movimento
MEC	Ministério da Educação
MISSAD	Missão com Surdos da Assembleia de Deus
MVSL	Martha's Vineyard
P.A	Ponto de Articulação
PNEEPEI	Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva
PPGLLIT	Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura
PSL	Língua de Sinais da Providência
RCNEI	Referencial Curricular Nacional para a Escola Indígena
SPI	Serviço de Proteção aos Índios
SPILTN	Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais
TCLE	Termo de consentimento livre e esclarecido
TE	Transferência Espacial
TI	Transferência de Incorporação

TILSP	Tradução e Interpretação em LIBRAS/Língua Portuguesa
TL	Transferência de Localização
TM	Transferência de Movimento
TTF	Transferência de Tamanho e de Forma
UFNT	Universidade Federal do Norte do Tocantins
UFPA	Universidade Federal do Pará
UNAMA	Universidade da Amazônia
URE	Unidade Regional de Educação
WFD	World Federation of the Deaf (Federação Mundial de Surdos)

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>25</b>
1.1 Objetivos.....	31
<b>2 A RAIZ HISTÓRICA E CULTURAL DOS POVOS INDÍGENAS KA'APOR .....</b>	<b>33</b>
2.1 O panorama geral do percurso histórico do processo educacional dos indígenas surdos e ouvintes do Brasil.....	40
<b>3 O RECONHECIMENTO DA LÍNGUA KA'APOR DE SINAIS COMO LÍNGUA NATURAL CONTRIBUINDO PARA A VALORIZAÇÃO, REVITALIZAÇÃO E PRESERVAÇÃO DESSA LÍNGUA.....</b>	<b>54</b>
3.1 Gestos, Língua e Linguagem .....	54
3.2 Língua e Linguagem .....	58
3.3 Línguas de Sinais Nacionais presentes nos Continentes Mundiais.....	62
3.4 Línguas Indígenas de Sinais no Mundo .....	73
3.4.1 Línguas Indígenas de Sinais no Brasil .....	78
<b>4 METODOLOGIA.....</b>	<b>88</b>
4.1 A prática da pesquisa de campo etnográfica .....	91
4.1.1 Participantes da Pesquisa .....	94
4.2 Técnicas e Instrumentos .....	95
4.3 Procedimentos, Análise e Tratamento dos Dados .....	97
<b>5 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>101</b>
5.1 As mãos que tecem o perfil identitário dos indígenas surdos.....	101
5.1.2 Perfil Linguístico .....	108
<b>5.2 Mapeamentos dos sinais sinalizados pelos indígenas surdos Ka'apor.....</b>	<b>111</b>
5.2.1 Apresentando a estrutura linguística da língua Ka'apor de sinais por meio do mapeamento dos sinais sinalizados pelos indígenas surdos Ka'apor.....	111
5.2.2 A organização fonológica dos sinais da língua indígena da Ka'apor de sinais .....	120
5.2.3 A presença das (ENM) = Expressões Não Manuais na sinalização dos léxicos da Língua indígena Ka'apor de sinais. ....	132
<b>6 VOCABULÁRIOS LEXICAIS DA LÍNGUA INDÍGENA KA'APOR DE SINAIS POR MEIO DAS DESCRIÇÕES IMAGÉTICAS NA SINALIZAÇÃO DOS INDÍGENAS SURDOS .....</b>	<b>142</b>
6.1 Vocabulários Lexicais das Línguas de Sinais .....	142

<b>6.2 A presença da incorporação na realização dos verbos na língua indígena Ka'apor de sinais.....</b>	<b>155</b>
<b>7 O LÉXICO DA LÍNGUA INDÍGENA KA'APOR DE SINAIS E OS ARTEFATOS CULTURAIS LINGUÍSTICOS DO POVO INDÍGENA SURDO .....</b>	<b>168</b>
<b>7.1 A presença dos pronomes demonstrativo da Língua indígena Ka'apor de sinais .....</b>	<b>195</b>
<b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>202</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>206</b>

## 1 INTRODUÇÃO

“Quando aceito a Língua de outra pessoa, eu aceito a pessoa... A Língua é a parte de nós mesmos... Quando aceito a língua de sinais, eu aceito o Surdo, e é importante ter sempre em mente que o Surdo tem direito de ser Surdo”.

(Terje Basilier, 1993, p. 101 *apud* Gesser, 2009, p. 13).

Esta tese<sup>1</sup> é resultante das minhas experiências acadêmicas e profissionais. Durante a minha trajetória acadêmica, tive a oportunidade de me aprofundar a respeito da cultura Surda<sup>2</sup>, adquirindo conhecimento que foi fundamental para o desenvolvimento do meu percurso como professora, tradutora e intérprete de Língua de Sinais e Língua Portuguesa (TILSP).

Iniciei o contato com a comunidade surda no ano de 2010, por meio do curso em Técnicas de Tradução e Interpretação em Língua Brasileira de Sinais, na Faculdade Ipiranga em Belém-Pará. Nesse percurso da minha trajetória na educação de surdos, tive a oportunidade de viver experiências extraordinárias e também desafiadoras, tanto com professores e mestres surdos como aprendiz; e com meus alunos surdos, na condição de docente.

Nesse período de aprendizagem, tive a oportunidade de aprender Libras em um curso livre ofertado pela Universidade Federal do Pará (UFPA), uma experiência com a primeira professora surda. Foram momentos muito significativos no meu processo de formação e aprendizagem e fundamentais para minha prática profissional na atuação com os estudantes surdos.

Como tradutora e intérprete em Língua Brasileira de Sinais (Libras) - Língua Portuguesa (TILSP), iniciei atuando, a princípio, em provas de concursos públicos e prova do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), na capital paraense.

No ano de 2014, tive o primeiro aluno surdo no Curso Técnico de Informática do Instituto Federal do Pará (IFPA). No período de 2015 até 2018, estive atuando com três (3) alunos Surdos nos cursos de Pedagogia e Educação Física, na Universidade da Amazônia (UNAMA) e na Faculdade Integrada da Amazônia (FIBRA). Paralelamente, atuava como docente ministrando aulas de Libras.

---

<sup>1</sup> Esta seção narra a trajetória da pesquisadora. Por isso, será adotada a primeira pessoa do singular.

<sup>2</sup> Quanto à “escolha do uso das palavras ‘surdo’, ‘surda’ e ‘Surdo’, utilizando os conceitos de ‘s/S’, o termo deficiente auditivo – considera a surdez patológica –, surdo – usado com “s” minúsculo, para se referir à sua condição audiológica de não ouvir – e Surdo, com “S” maiúsculo, para representá-lo como sujeito cultural e político (Wilcox, 2005), são termos marcados ideologicamente.

No ano de 2018, assumi a vaga como docente na Universidade Federal do Pará (UFPA) e comecei a atuar no interior do Pará, na Amazônia paraense, na cidade de Bragança (PA). Desde então, venho trabalhando com Surdos do interior do estado.

Considero que iniciar o trabalho no interior foi desafiador na minha vida profissional, pois estava habituada com a realidade dos Surdos que viviam no centro urbano da capital paraense. Conhecer a realidade dos Surdos que vivem no interior do estado foi impactante, pois eles vivem em um contexto com resquícios herdados das práticas ocorridas nos seus antepassados, que, infelizmente, ainda são bastante comuns em algumas regiões e cidades interioranas do Brasil. Destaco que meu percurso profissional foi marcado pelo desejo de contribuir para a inclusão de pessoas surdas, contexto ainda sem acessibilidade linguística.

O discurso da sociedade construído acerca das pessoas surdas contribuiu para que a falta de acessibilidade linguística ainda permaneça nos dias atuais, embora seja possível acompanharmos o progresso que aconteceu nas últimas duas décadas na educação de surdos. Desde o reconhecimento linguístico da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), após a sua oficialização, a língua de sinais se expandiu por várias regiões do país e a comunidade surda começou a ganhar espaço conquistando seus direitos e cidadania.

O campo dos estudos Culturais Surdos é um tema bastante recente. Até a pouco tempo, quando iniciou-se a educação de surdos, eles foram submetidos a filosofia educacional oralista, sendo proibidos por diversas instituições, família, escola, estado e principalmente na área da medicina de usarem a sua língua materna, o que gerou sérias consequências para a comunidade surda, impedindo-os, inclusive, de ocupar vários espaços sociais, como o campo de trabalho, criando-se uma narrativa de que os Surdos são incapazes e permanecem a carregar a marca de seus corpos inválidos, de sua inteligência improdutiva, estereótipo herdado da sua condição social imposta pela cultura hegemônica ouvinte, sempre sendo subjugados como pessoas inferiores.

É inegável não reconhecermos as conquistas que ocorreram na comunidade surda brasileira após o reconhecimento linguísticos da LIBRAS, por meio da Lei 10.436/2002 (Brasil, 2002), que promoveu o fortalecimento identitário dos surdos, principalmente, no ambiente educacional; porém, é necessário abordarmos a respeito do atendimento precário e da falta da acessibilidade linguística para

peças surdas, principalmente em ambientes que não são acadêmicos, tais como: instituições particulares, bancos, hospitais e delegacias.

Nesse sentido, destaco que as comunidades surdas que moram em zonas rurais e indígenas vivem sem acessibilidade linguística, pois, normalmente, não são politizados, vivendo, muitas vezes, sem acesso básico de informação, sendo assim, permanecendo inviabilizados socialmente.

Diante disso, começaram as minhas inquietações a respeito das diversidades linguísticas na área das línguas de sinais, o que contribuiu para que eu buscasse respostas a vários questionamentos, entre eles: Qual língua de sinais o surdo usava no início da sua vida escolar? Qual tipo de língua eles usavam? A maioria das pesquisas apontava que o surdo normalmente tinha o contato com a Libras somente na escola ou fase adulta. Estavam usando a transição de uma interlíngua, considerando suas relações também de contato com a comunidade surda local?

Como consequência dessas indagações, elaborei a minha pesquisa da dissertação de mestrado, intitulada: “Estudantes Surdos de Centros Urbanos: O uso de signos emergentes e as implicações na aprendizagem escolar”. Interessava-me por entender como se constituía a estrutura linguística dessa língua que o surdo usava, que se diferenciava da Libras, que normalmente tem sido vista como uma língua sem prestígios, demonstrando claramente o preconceito linguístico em relação a existências de outras línguas de sinais não padronizadas.

Conforme Mendes (2023), é desafiador falar de algo que já está pronto e regido, porém, mais desafiador ainda, é lançar uma reflexão crítica do que está dito. O autor faz essa afirmação porque a Libras se constitui dentro de um discurso positivista, no qual a pessoa surda que não domina a Libras é vista de forma inferior por aqueles que a dominam.

Desse modo, o discurso etnocêntrico da colonização linguística continua presente em relação as línguas de sinais existentes no Brasil. Destacamos que o reconhecimento da Libras no Brasil é um fato histórico incontestável, porém, é importante lembrarmos que o Brasil é um país multilíngue e não monolíngue. Embora as políticas linguísticas reforcem o contrário, precisamos entender que a existência das línguas indígenas de Sinais (LIS) é igualmente marcante no território brasileiro.

No ano de 2019, cadastrei, no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, o grupo de pesquisas em Estudos Linguísticos em

Tipologias de Línguas de Sinais (GPELLSI) da Universidade Federal do Pará (UFPA, o qual me permitiu reunir pesquisadores de várias regiões do Brasil para ampliar as discussões acerca das tipologias linguísticas das línguas de sinais existentes no país, línguas de sinais emergentes, línguas de sinais indígenas e línguas orais/vocais. Além disso, as discussões no grupo me permitiram aprofundar minhas pesquisas sobre as Línguas Indígenas de Sinais (LIS).

Este estudo, intitulado: “Análise do léxico da língua indígena Ka’apor de sinais na perspectiva do artefato linguístico e cultural do povo indígena surdo”, foi desenvolvido durante meu curso de Doutorado em Linguística do Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura (PPGLIT), da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), compreendendo o período entre agosto de 2022 de outubro de 2025.

Esta tese descreve os vocabulários lexicais usados na comunicação entre os indígenas Surdos e o uso da língua indígena de sinais, conhecida como língua Ka’apor de sinais. Ressalto que a língua indígena de sinais no Brasil tem suas próprias regras gramaticais, que se diferem das línguas oralizadas, tanto a língua Ka’apor oralizada quanto a língua portuguesa.

Conforme Santos (2024, p. 26):

As Línguas Indígenas de Sinais têm suas raízes profundamente ligadas à observação da natureza e ao modo como os povos indígenas interagem com o mundo ao seu redor. Os sinais estão presentes nos movimentos cotidianos da fauna e da flora: nos batimentos das asas dos pássaros, nos diferentes padrões de voo, na corrida silenciosa da onça ao caçar, e até nos movimentos graciosos dos peixes enquanto nadam. Cada ser da natureza tem sua própria forma de se expressar, e, assim como eles, os povos indígenas desenvolveram suas línguas de sinais, inspirados por esses movimentos, criando uma comunicação rica em simbologia, cultura e identidade.

A Língua Indígena de Sinais (LIS) simboliza um inestimável patrimônio cultural e linguístico da comunidade indígena surda do Brasil, porém, até o presente momento, há apenas uma língua indígena de sinais que teve seu reconhecimento jurídico no país, que é a Língua Terena de Sinais, institucionalizada pela Lei nº 1.382 de 12 de abril de 2017, no município de Miranda do Estado do Mato Grosso do Sul/MS (Miranda, 2017). Friso que no artigo I, o documento apresenta que a “A língua portuguesa continua sendo o idioma oficial da República Federativa do Brasil” (Miranda, 2017) e a Língua Terena de Sinais passa a ser a Língua Co-oficial do município.

Cervo, Bervian e Silva (2007, p. 75) definem o problema como: “[...] a indagação que envolve intrinsecamente uma dificuldade teórica ou prática, para a qual se deve encontrar uma solução”.

Nesse sentido, é inquestionável a importância das pesquisas realizadas no Brasil a respeito das línguas Indígenas Ka’apor de sinais, pois impulsionaram vários estudos nesse campo. Identifiquei estudos publicados ainda discutem a comunicação dos indígenas Surdos Ka’apor na perspectiva de “gestos visuais”. Muitos desses estudos preponderam afirmações que a realização da sinalização dos indígenas Surdos Ka’apor são “gestos”, embora haja estudos que defendem o uso dos gestos na comunicação entre os surdos.

Essa não é a perspectiva que adoto, pois entendo que existe diferença entre língua e gestos; são conceitos distintos. Ressalto que, durante vários séculos, a comunicação dos Surdos foram vistas apenas como ‘gestos’ e isso contribuiu para que a pessoa surda permanecesse num lugar de invisibilidade linguística, social e cultural.

A condição da pessoa surda só teve mudanças significativas depois que a língua de sinais foi comprovada cientificamente como uma língua natural. Na minha concepção, afirmar que os sinais realizados pelos indígenas Surdos são “gestos” significa reforçar essa condição que as pessoas surdas vivenciaram tanto tempo, pois se elas se comunicam por gestos, logo, são sujeitos sem língua e sem cultura. Na seção três desta tese, abordo mais sobre esse aspecto.

De maneira geral, esses fatores me motivaram a fazer alguns questionamentos. A pergunta que tomou forma do problema refere-se que até o momento presente não há registros documentados autenticados tanto de ordem linguística quanto de ordem cultural da língua indígena Ka’apor de sinais. É importante ressaltar a importância da autenticação dessas línguas para que ela seja valorizada e reconhecida.

Destaco que a língua indígena Ka’apor de sinais foi a primeira língua indígena de sinais a ser identificada no Brasil, nos estudos de Brito (1994), porém, percebo que ainda são escassas pesquisas mais aprofundadas que descrevem a língua indígena Ka’apor de sinais, não de forma isolada, mas fazendo a interseção entre o campo linguístico, político e cultural desse povo, por exemplo, estudos que colaborem e possibilitem a valorização, revitalização e preservação dessa língua indígenas Ka’apor de Sinais.

Diante disso, o problema desta Investigação é: como são constituídos os artefatos linguísticos e culturais presentes nos sinais realizados pelos indígenas surdos Ka'apor? Os saberes tradicionais refletem a cultura visual da língua indígena Ka'apor de sinais dos indígenas Surdos? Este estudo tem como perguntas norteadoras, as seguintes questões: Quais aspectos culturais estão presentes nos Vocabulários lexicais da língua indígena Ka'apor de sinais sinalizados pelos indígenas Surdos?

A hipótese desta investigação envolve a análise dos vocabulários lexicais da língua indígena Ka'apor de sinais fundamentada nos elementos linguísticos e cultural das línguas de sinais e como este estudo pode impactar politicamente e linguisticamente aos indígenas surdos, contribuindo de forma positiva para o fortalecimento da cultura das línguas indígenas, para valorização, revitalização e preservação da língua indígena Ka'apor de sinais e de todo povo Ka'apor.

Considerando a situação apresentada, este estudo propõe a análise dos vocabulários da língua indígena Ka'apor de sinais na perspectiva artefato linguístico e cultural do povo indígena surdo, conforme já referi. O entendimento desses processos linguísticos deve ser considerado, simplesmente, pelo fato de possibilitar o registro da língua Ka'apor de sinais, o que, por si só, já seria importante. O simples registro desses resultados destituído de qualquer intenção de natureza prática e aplicável já tem em si sua relevância. Tenho ciência da magnitude e da ousadia deste estudo, no entanto, mais do que isso, compreendo a necessidade do aprofundamento nessa área.

Para Zeshan (2006), os maiores benefícios de pesquisas envolvendo Línguas Indígenas de Sinais certamente são o registro de estruturas linguísticas que ainda não foram documentadas até o presente, o que contribui para a preservação da língua e cultura do seu povo. A autora ressalta a necessidade de autenticar essas línguas para que toda a sociedade possa ter acesso e possam ser conhecidas, valorizadas com toda estrutura cultural e linguística nelas imbuídas. O surdo tem direito de registrar a história da sua Língua, seus valores, cultura e povo (Silva; Quadros, 2019). Isto posto, espero que este estudo possa contribuir consideravelmente para o conhecimento na área da linguística e cultural da língua Ka'apor de sinais e saberes vivenciados na etnia Ka'apor, além de colaborar para os avanços das políticas linguísticas em prol da valorização, revitalização e preservação dessa língua indígenas Ka'apor de Sinais.

## 1.1 Objetivos

Este estudo, intitulado: “Análise do vocabulário da língua indígena Ka’apor de sinais na perspectiva do artefato linguístico e cultural do povo indígena surdo”, tem como objetivo geral: Registrar os elementos linguísticos e culturais a partir dos artefatos culturais linguísticos existentes na língua Ka’apor de sinais.

Como objetivos específicos:

- Descrever a trajetória histórica da educação dos indígenas ouvintes e surdos;
- Identificar o(s) perfil(s) dos indígenas Surdos da etnia Ka’apor;
- Apresentar a estrutura linguísticas dos sinais da língua indígena Ka’apor de sinais utilizados pelos indígenas surdos;
- Apresentar os aspectos fonológicos dos sinais a partir do artefato linguístico e cultural do povo surdo da língua Ka’apor de sinais;
- Identificar, por meio da sinalização dos vocabulários lexicais da língua Indígena Ka’apor de sinais, as implicações culturais e linguísticas.

Compreendo que um estudo dessa natureza abrange não apenas a estrutura linguística das línguas indígenas de sinais, mas também a função social, cultural e política de valorização, revitalização e preservação dessa língua indígena Ka’apor de Sinais. Sendo assim, cada seção, de forma singular, está associada a este texto, que estruturei em oito partes, iniciando pela Introdução deste estudo, que contém a justificativa, problemática e objetivos.

A segunda seção trata de dois pontos importantes: a raiz histórica e cultural dos povos indígenas Ka’apor; e uma discussão teórica acerca do percurso histórico da escolarização dos indígenas Surdos e ouvintes no Brasil, além das conquistas relacionadas à criação das leis em prol da educação dos indígenas Surdos e ouvintes. Nela, são abordadas as legislações e diretrizes que embasam os direitos linguísticos e culturais dos indígenas Surdos e ouvintes nos espaços escolares.

A terceira seção desta tese destina-se aos estudos sobre língua, linguagem e gestos, além de apresentar uma discussão sobre as línguas de sinais nacionais em

vários continentes do mundo, nos continentes americano, europeu e asiático e a existência das línguas indígenas de sinais no mundo.

A quarta seção, por sua vez, corresponde aos procedimentos metodológicos que utilizei na pesquisa e suas abordagens no campo dos estudos linguísticos na perspectiva etnográfica qualitativa. Desse modo, nessa seção, apresento o lócus da pesquisa, os participantes da pesquisa, técnicas, instrumentos e procedimentos, análise e tratamento dos dados, o tipo de pesquisa investigada e os métodos de estudos utilizados. As teorias que elenco têm como base as concepções de: Malinowski (2018), Oliveira, Coelho e Sanches (2022), Rocha e Eckert (2008), Miranda (2020), Leite (2015), Richardson (2017) e Bardin (2012), autores que fundamentaram minha escolha dos procedimentos e do método de análise de dados.

Na quinta seção, apresento a análise com resultado e discussão dos dados, o perfil dos indígenas Surdos, os mapeamentos dos sinais sinalizados pelos indígenas Surdos Ka'apor, a estrutura linguística da língua Ka'apor de sinais dos sinais sinalizados pelos indígenas Surdos Ka'apor e a organização fonológica dos sinais da língua indígena da Ka'apor de sinais. Além disso: a fonologia dos sinais na perspectiva das ENM; Léxico nas descrições imagéticas da sinalização da língua indígena Ka'apor de sinais; Tipologias dos Verbos (incorporação); o léxico da língua indígena Ka'apor de sinais e os artefatos culturais visuais do povo Surdo.

Na sexta e sétima seção, demonstro a estrutura linguística da língua Ka'apor de sinais dos sinais sinalizados pelos indígenas Surdos Ka'apor, o léxico da língua indígena Ka'apor de sinais e os artefatos culturais visuais do povo surdo e os pronomes na língua indígena Ka'apor de sinais e por último, na oitava seção, as considerações finais. Destaco que para responder os objetivos da pesquisa, redigi as seções: cinco, seis e sete.

Na construção das discussões de ordem histórica, geográfica, linguística e sociocultural dos Ka'apor, me apoiei, principalmente, nos seguintes autores: Caldas (2009), Balée (1998), Lopes (2009), Araújo (2018), (Ribeiro, 1996), Ribeiro (1996), Godoy (2020), Medeiros (2018), Oliveira (2017), Melià (1979), Rodrigues (2011), Baniwa (2010), Abreu (2001) e Cardoso (2018).

## 2 A RAIZ HISTÓRICA E CULTURAL DOS POVOS INDÍGENAS KA'APOR

Esta seção trata de uma discussão teórica acerca da história e cultura do povo Ka'apor, além de apresentar o percurso histórico da escolarização dos indígenas Surdos e ouvintes no Brasil e as conquistas relacionadas à criação das leis em prol da educação dos indígenas Surdos e ouvintes. Abordamos a respeito das legislações e diretrizes que embasam os direitos linguísticos e culturais dos indígenas Surdos e ouvintes nos espaços escolares.

A história do povo Ka'apor não se difere dos povos originários que vivem em várias regiões diferentes do Brasil e países da América; é um povo diverso e com uma riquíssima cultura que se mantém durante várias gerações. Mesmo com todas as tentativas de silenciamento, os Ka'apor permanecem com uma cultura surpreendente, rica e viva, com artes musicais e rituais herdados dos seus ancestrais.

De acordo com Caldas (2009), por viverem em território que faz divisa entre o Maranhão e o Pará, os Ka'apor passaram por várias mudanças jurídicas administrativas, dependendo do departamento regional da FUNAI dos estados do Maranhão e do Pará. O atual território ocupado pelos povos indígenas da etnia Ka'apor, a Terra Indígena Alto Turiaçu, está localizada no norte do estado do Maranhão, contando com uma população de aproximadamente 2.000 habitantes, distribuídos em 12 aldeias (Fundação Nacional dos Povos Indígenas, 2023). Na Figura 1, há o mapa relacionado a localização dos povos indígenas Ka'apor.

Figura 1 - Região da localização etnia Ka'apor



Fonte: Instituto Socioambiental (2010).

De acordo com Balée (1998), o território da Terra Indígena Alto Turiaçu foi efetivado pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) em 1978 e conta, aproximadamente, com a extensão de 5.301 km<sup>2</sup>, o território foi legitimado no ano de 1982, no governo do presidente João Figueiredo e, até finais dos anos noventa, era coberto por floresta amazônica alta, sendo ocupado por todos os indígenas da etnia Ka'apor.

Ressaltamos que os povos originários ocupam um lugar importante no Brasil e estão presentes em todas as regiões do país. De acordo com Caldas (2009), as aldeias da etnia Ka'apor ficam localizadas próximos a centros urbanos. No Quadro 1, estão descritos os nomes e significados das aldeias pertencentes à etnia Ka'apor.

Quadro 1 - Nomes e significados da etnia

	<b>Nomes na Língua kaapor</b>	<b>Nome e significado na Língua Portuguesa</b>
01	Xie pihun r-ena	Curió preto-lugar “Lugar do Curió Preto”
02	Parakuri r-ena	Parakuri –lugar “Lugar do Paracuri”
03	Pakuri'y r-ena	Bacuri-árvore lugar “Lugar do bacurizeiro
04	Urutaw r-ena	“Coruja-lugar” Lugar da Coruja”
05	Ximbo r-ena	Ximbó- lugar “Lugar do Ximbó (Timbó)” Ximbó é um tipo de cipó utilizado na pescaria. Quando o ximbó é colocado dentro da água do igarapé, libera-se um veneno que provoca a morte dos peixes.
06	Waxingi r-ena	Waxingi -lugar “Lugar do Waxingi (samaúma)” Uaxingui é uma árvore da qual se extrai a casca para fazer vitamina
07	Arasa - ty r-ena	“Araçá- plantação -lugar “Lugar da plantação de araçá” Arasa refere-se a um matinho que nasce nas águas
08	Pyky'a-'y r-ena	Piquiá-árvore-lugar “Lugar da árvore do Piquí
09	Kumaru-'y r-ena	Cumaru -árvore CT-lugar “Lugar da árvore Cumaru” Cumaru é uma árvore de onde se extrai remédio para dores de ouvido e garganta
09	Jatahu-ty r-ena	Babaçu- plantação -lugar “Lugar do Babaçu” Babaçu faz referência ao coco do tipo babaçu
10	Turi - ra'yr Turi - DIMIN	Turi pequeno = cabeceira do rio Turi Há os que chamam ‘Turizinho’. Neste caso, tem-se exemplo de uma palavra do Ka'apor com um sufixo do português. Uma palavra de morfologia mista, portanto.
11	Xixinu	Sítio novo Sítio Novo

Fonte: Elaborado pela autora (2025), adaptado de Caldas (2009).

Conforme podemos observar no Quadro 01, os significados dos nomes das aldeias têm uma relação com algum tipo de vegetação ou um tipo de passarinho.

Por muito tempo, os povos indígenas da etnia Ka'apor foram intitulados pelos nomes de Urubu, Kambõ, Urubu-Caápor, Urubu-Ka'apor, Ka'apor, conforme as palavras de Balée (1988, p.01):

Ka'apor parece derivar de Ka'a-pypor, "pegadas na mata" ou "pegadas da mata". Outro significado aventado para Ka'apor é o de "moradores da mata". Contudo, a expressão "moradores da mata" na verdade exprime-se melhor pelo nome que os Ka'apor atribuem aos índios caçador-coletores Guajá, seus vizinhos, Ka'apehar. A pessoa também pode ser identificada na língua Ka'apor como awá, que se refere à forma reflexiva ("alguém") e ao sujeito, enquanto pessoa, nas sentenças interrogativas ("quem?"); awá está relacionado com os termos inflexivos referentes a "pessoa" e "povo" em várias outras línguas Tupi-Guarani.

De acordo com Lopes (2009), o termo Urubu, durante muito tempo, foi usado pelos indígenas da etnia Ka'apor por conta de dois significados para os indígenas. Primeiramente, esse nome fazia referência à ave urubu, mas sendo o rei, simbolizando prestígio e força. O outro significado está ligado aos hábitos dos Ka'apor de comerem a caça juntos, até que dela fiquem somente os ossos, semelhante à forma dos urubus quando estão se alimentando (Lopes, 2009).

Conforme Araújo (2018), os indígenas da etnia Ka'apor algum tempo depois de tomarem conhecimento do significado desse nome em outras culturas, percebendo o sentido pejorativo/depreciativo que a ave "urubu" representa em outras culturas, optaram em retirar a palavra Urubu, deixando, assim, somente Ka'apor (Ribeiro, 1996).

Conforme Ribeiro (1996, p. 178):

O tratamento do corpo entre povos originários possui um significado simbólico que transcende o conteúdo embelezador, sem dúvida presente. Os ornatos corporais, incluindo a pintura de corpo e os adornos móveis constituem uma linguagem visual que, por um lado, funciona como marca de identificação étnica e, por outro, informa a respeito do sexo, idade e condição social do indivíduo.

De acordo com Ribeiro (1996), os Ka'apor, diante das violências e opressões vividas pelo seu povo, resistiram e mantiveram seu protagonismo como agentes da própria história, criando estratégias de sobrevivência, impedindo o desaparecimento

de seus hábitos e costumes milenares. Uma prática tradicional dos indígenas Ka'apor que é mantida é a festa do Cauim. Ribeiro (1996, p. 88) aponta que:

[...] geralmente acontece durante a lua cheia no mês de outubro e marca um processo de construção de identidade e formação das pessoas desta comunidade. O Cauim é uma bebida fermentada feita a partir do suco de caju, e é compartilhada por todos da aldeia durante os rituais de passagem. Quem prepara o Cauim precisa obedecer a algumas exigências durante as horas diárias de elaboração da bebida, como evitar contato sexual, além de não poder comer e beber.

No festival do Cauim, os homens Ka'apor têm participação importante na elaboração da festividade. Eles são os responsáveis por construir a casa onde o festival acontece, o que inicia com a remoção da madeira da floresta. Além disso, são encarregados pela produção da indumentária usada no ritual, como os objetos plumários.

A função das mulheres no festival Cauim é com a produção das redes e tipoias. Na imagem 1, vemos a Mariuza Ka'apor, mestra na tecelagem de redes, atual 'cacica' da aldeia Centro de Formação e Saberes Ka'apor Jumu reha rena (TI Alto Turiaçu, Maranhão).

Imagem 1 - Mariuza Ka'apor, mestra na tecelagem de redes



Fonte: Garcés López *et al.* (2013, p. 668).

De acordo Ribeiro (1996), durante o festival, acontece a nomeação das crianças, momento da celebração considerado como o mais importante dos festejos do Cauim, pois é nele que a criança indígena ganha identidade. Nesse momento, a criança é envolvida nos braços do indígena na figura masculina, que é considerado o seu padrinho. Durante a cerimônia, soltam um som do apito feito de canela de gavião, enfeitado com plumas. O rito conclui-se quando o padrinho entrega a criança

aos braços dos pais, colocando um cocar na cabeça da criança e pronunciando o nome batizado durante a celebração (Figura 2).

Figura 2 - Representação do rito do batizado durante o festival do Cauim



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

De acordo com Ribeiro (1996, p. 23), as mulheres indígenas tornam-se preparadas para casar e ter filhos:

[...] a partir da iniciação feminina que as moças tornam-se mulheres preparadas para casar e ter filhos. A passagem acontece durante a primeira menstruação, quando a moça fica em retiro em sua própria moradia, em silêncio, apenas ouvindo os ensinamentos da mãe e da avó sobre a vida adulta e sobre a tecelagem de algodão, atividade típica das mulheres. Após o período de recolhimento, a jovem iniciada prepara iguarias da culinária Ka'apor para todos da comunidade e tem seu cabelo cortado pelo pai. Quando o cabelo cresce novamente, está pronta para o casamento. Na festa do Cauim as moças se apresentam com indumentárias femininas e ficam sentadas sobre uma esteira de ramos de açáí.

Ressaltamos que os povos indígenas Ka'apor mantêm laços culturais e identitários com a floresta. A relação dos Ka'apor com a natureza serve como elementos para a preparação de artefatos de uso pessoal habitual e de artesanato, tornando-se o principal meio de rendimentos para muitas famílias. Esse grupo indígena tem, tradicionalmente, a mandioca como principal elemento de sua base alimentar, mas cultiva também arroz, plantas medicinais, dentre outros além de pescarem e caçarem:

Os Ka'apor vivem da caça, do plantio de pequenas roças e, eventualmente, pescam, e são identificados pela exímia arte plumária. Atualmente, uma parte desse povo tem adotado atividades econômicas de arrendamento de

fazendas, confiscada após a invasão de suas terras, atividades estas estimuladas por ONG 's que atuam na região (Caldas, 2009, p. 22).

A mandioca é um alimento fundamental plantado e que não pode faltar na mesa dos Ka'apor. A utilizam para fazer farinha, tapioca (produzido com a goma da mandioca) e outros derivados. A mandioca é um alimento versátil, bastante presente no cotidiano dos Ka'apor, normalmente consumido para acompanhar várias proteínas e utilizado das mais variadas formas possíveis. Balée (1998, p.23), cita sobre a casa onde é torrada a farinha de mandioca:

O espaço imediatamente ao redor da casa é o quintal, geralmente mantido livre de ervas daninhas. Cada agrupamento residencial normalmente tem a sua própria casa de processamento de mandioca, onde o forno de farinha (outrora de argila, hoje em dia de cobre) situa-se no alto de um suporte de adobe. Ali a maioria das mulheres remexe a massa de mandioca sobre o calor até que se transforme em farinha (u'i), principal sustento calórico da dieta, normalmente amolecida e bebida com água em pequenas cabaças como chibé (u'i-tikwar).

De acordo com Godoy (2020), tem um período para o plantio da mandioca; a roça acontece normalmente na época da seca, entre os meses de setembro e outubro. Dentre as caças que habitualmente são consumidas pelos Ka'apor estão presentes:

Pacas, antas, jabutis, taitaí, veados-mateiros e fobocas, caititus, tatus, cutias, tartarugas, jacarés, Outrora, também era mais comum o consumo de duas espécies de rã e do coró de babaçu. Das aves, dos mutuns, jacutingas, jacamins e nambus, dos macacos, o guariba é o mais utilizado entre os Ka'apor, seguidamente do cuxiú, além do macaco prego e o jupará (Godoy, 2020, p. 50).

Embora a caça e o cultivo dos plantios seja um hábito cultural que é mantido pelos indígenas Ka'apor, é importante destacar que algumas famílias indígenas também consomem os alimentos da cidade, óbvio, mantendo a alimentação tradicional rica em nutrientes, incluindo a base alimentar da floresta, procurando, assim, manter vivas as suas raízes culturais.

Além da preservação dos hábitos alimentares, os Ka'apor procuram manter viva a sua língua materna que é usada nas aldeias. A língua falada pelos Ka'apor é a língua Tupi-Guarani e o português é ensinado como segunda língua. Outro elemento cultural importante na etnia Ka'apor é a realidade da cosmogonia, que é uma prática cultural muito antiga entre povos indígenas.

A visão da cosmogênese para os indígenas Ka'apor surgiu por meio da Deusa Maíra Ka'apor. Para os indígenas da etnia Ka'apor, a deusa Maíra pode se revelar em aspectos diferentes na cultura Ka'apor, de um karaí (não índio) ou de um animal:

Maíra, às vezes, aparece como um Ka'apor, depois dá uma volta pela casa e já aparece vestido e grita: "Eu sou karaíwa-té". Torna a rodear a casa e volta como cachorro e diz: Eu sou o cachorro. Depois, aparece como cavalo, como iapú, como cigarra, Maíra é tudo (Ribeiro, 1996, p. 375).

Os Ka'apor acreditam que a deusa Maíra é quem criou o universo, os seus povos e cada ser vivo do planeta, como os animais, os campos, plantas e água; os seus povos foram criados por Maíra a partir da madeira. Ribeiro (1996, p. 373), apresenta o que indígenas Ka'apor pensam sobre a deusa Maíra:

Tudo era claridade, não existia nada. No princípio não existia nada, era só Maíra e aquele clarão. Maíra fez a terra e os rios grandes, depois mandou um guariba gigantesco plantar as matas. Quando a mata estava pronta, Maíra fez as gentes. Antes disso, fez Tapixi para ser seu irmão e mandou para o norte; Maíra ficou no sul. Disse, depois, que Maíra fica no nascente e Tapixi no poente. Depois de fazer as coisas, Maíra perguntava o nome, elas diziam: eu sou a mandioca; cada uma dizia seu nome e Maíra ensinou aos Ka'apor. Maíra só fez os grandes rios e a mata, os igarapés e as caças e os peixes foram feitos pelo filho de Maíra, para que a gente pudesse viver. Os homens foram feitos de madeira. Maíra fez os Ka'apor de pau-d'arco (tad'ki), aos Karaíwas de sumaúma e aos Guajá de pau podre, por isso vivem no mato, não fazem casa, só comem coco.

Podemos observar a força que a deusa Maíra representa para os povos Ka'apor. Outro ponto interessante na concepção da cosmogênese é em relação às responsabilidades que foram estabelecidas pela deusa Ka'apor Maíra, pois ela dividiu cada função e responsabilidade da criação dos objetos:

Maíra não quis ensinar aos Ka'apor como se faz terçados, facas, machados, disse que os Karaíwas devia fazer isso e dar aos Ka'apor. Maíra não ensinou aos Ka'apor como fazer panos finos, disse que os Ka'apor deviam andar como ele, nus; com o membro amarrado e o corpo pintado. Maíra ensinou aos Ka'apor como fazer cocares. Quando Maíra acabou de fazer os homens, escolheu os que seriam tuxauas e os que seriam caciques para mandar e os que seriam miaçus para trabalhar (Ribeiro, 1996, p. 374).

Ressaltamos que, atualmente, os indígenas ainda recorrem à deusa para pedir proteção e conseguir algumas conquistas. A Deusa "Maíra" dos Ka'apor é uma deusa soberana. Entretanto, é importante destacar que já foi introduzida na vida dos

indígenas Ka'apor (algumas aldeias e indígenas) a religião ocidental, entre elas, a evangélica.

## **2.1 O panorama geral do percurso histórico do processo educacional dos indígenas Surdos e ouvintes do Brasil**

“A educação é um direito de todos”

Nortearmos esta seção com base em marcos legais e análises de obras relevantes, além de documentos oficiais, como leis, decretos e resoluções, dentre outros que contribuíram diretamente para os avanços da educação dos indígenas Surdos e ouvintes.

O processo histórico da construção das diretrizes das políticas educacionais dos povos indígenas no Brasil passou por diferentes etapas. Para Oliveira (2017), é fundamental conhecermos como se configurou essa maneira da escolarização dos indígenas e as ações do estado a partir da criação das políticas indigenista estatal.

Conforme Medeiros (2018), a educação escolar indígena no Brasil foi marcada por fases distintas: a primeira teve início no período colonial, momento no qual a finalidade da escolarização era dominar os povos indígenas. Todas as estratégias usadas pelos colonizadores visavam manter o controle dos indígenas. Somente em período posterior ao colonial, a partir da consolidação da Constituição Federal, os povos indígenas começaram a ter seus direitos assegurados. Ferreira (2001) aponta como foi a implantação da educação escolar dos indígenas no Brasil e quais foram esses momentos:

A história da educação escolar indígena no Brasil pode ser dividida em quatro momentos: a primeira situada no período colonial, em que a educação esteve a cargo dos missionários católicos; a segunda iniciou com a criação do SPI em 1910 e se estendeu à política de ensino da FUNAI articulada ao Summer Institute of Linguistics e a outras missões religiosa<sup>01s</sup>; a terceira foi durante a ditadura civil-militar e esteve marcada pela atuação de ONGs indigenistas e do movimento indígena; a quarta fase seria a atual, iniciada no final dos anos 80, da iniciativa dos próprios indígenas em gerir seus processos de educação formal (Ferreira, 2001, p. 01).

Essa primeira fase da escolarização dos indígenas no Brasil foi marcada por violências, pois a educação escolar foi imposta conforme os modelos europeus. Os

argumentos, à princípio, eram de civilizá-los, processo que ocorreu desde o início da invasão colonial (Melià, 1979).

De acordo com Rodrigues (2011), no período colonial, não foi construída uma educação direcionada para os povos indígenas; os objetivos da implantação do ensino no Brasil sempre foram muito claros e objetivos: a educação, de fato, foi pensada apenas para nobreza, enquanto para os indígenas sobraram somente extermínios, escravidão e uma herança marcada por uma época de exploração, sem falar nos aniquilamentos de inúmeros povos indígenas, os desaparecimentos das línguas e dos hábitos culturais de varias etnias.

Baniwa (2010, p. 28) afirma que:

Os longos períodos colonial e imperial e os primeiros séculos da República foram marcados por políticas educacionais autoritárias, arbitrarias, isoladas e impostas verticalmente aos povos indígenas, sem que estes pudessem sequer se manifestar sobre tais políticas. A característica central dessas políticas foi tratar os povos indígenas e as políticas voltadas a eles, de forma isolada e à parte da sociedade brasileira, reforçando o caráter discriminatório e hierarquizando por baixo a questão indígena. Ou seja, as políticas destinadas aos povos indígenas deveriam ser pensadas e executadas de forma segregada das políticas nacionais e sempre com menor relevância na vida nacional.

Para Baniwa (2010), a criação das políticas públicas em prol dos povos originários é uma conquista que faz parte de uma trajetória marcada por diversos enfrentamentos envolvendo as lideranças indígenas juntamente com os indigenistas. Consideramos importante ressaltar que o processo de implantação escolar indígena passou por diferentes formas de elaboração. Vejamos o que diz Baniwa (2010) sobre os direitos à educação escolar indígena:

Os direitos à educação escolar dos povos indígenas, antes de 1988, no Brasil, tiveram como fundamento e fim garantir e facilitar o processo de integração dos índios à chamada comunhão nacional ou mesmo a uma eliminação física, para abrir caminho aos projetos de expansão territorial e econômica do Poder Colonial (Baniwa, 2010, p. 32).

Com o objetivo de contribuir nesse processo de integração, o governo brasileiro criou algumas estratégias políticas para atuar com os povos indígenas. Conforme Abreu (2001), antes da criação da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), em 20 de junho do ano de 1910, foi criado, pelo Decreto nº 8.072 (Brasil, 1910), o Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais (SPI/ILTN),

que tinha por objetivo manter a harmonia e preservação dos povos indígenas. Posteriormente, em 6 de janeiro de 1918, por meio do Decreto-Lei nº 3.550 (Brasil, 1918), foi criado o SPI (Serviço de Proteção aos Índios), extinto em 1967. Somente depois, foi criada a Fundação Nacional do Índio (FUNAI). De acordo com Abreu (2001, p. 26):

De 1910 a 1930, o SPI fez parte do então Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio; de 1930 a 1934, esteve ligado ao Ministério do Trabalho; de 1934 a 1939, foi integrado ao Ministério da Guerra, como parte da Inspeção de Fronteiras; em 1940 voltou ao Ministério da Agricultura e, mais tarde, passou para o Ministério do Interior.

O Serviço de Proteção aos Índios (SPI) era responsável por fazer acordos com o estado, exigindo providências do governo para proteção das terras indígenas e realizaram uma política sanitária a favor dos povos indígenas. Ressaltamos que inúmeras petições em prol da documentação do reconhecimento de terras indígenas não foram atendidas pelo governo estadual. A educação escolar dos indígenas nesse período da atuação do SPI tinha o caráter especificamente econômico. Vejamos nas palavras de Abreu (2001, p. 22):

O SPI enfrentou durante toda a sua existência problemas de carência de recursos e dificuldades de qualificação de seu pessoal. A atuação do órgão acabou por gerar resultados opostos a sua proposta. Eram frequentes as denúncias de casos de fome, doenças, assassinatos e escravização. No início da década de 1960, sob a acusação de genocídio, corrupção e ineficiência o SPI foi investigado por uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI). O processo levou à demissão ou suspensão de mais de cem funcionários de todos os escalões. Em 1967, durante o regime militar, o SPI e o CNI foram extintos e substituídos pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI).

Nesse período da ditadura militar, os povos indígenas tiveram seus direitos violados pelo próprio estado. O governo, que devia proteger, muitas vezes contribuiu para sustentar estigmas e violências contra os povos indígenas. Para Oliveira (2011), no período da ditadura militar, o governo tencionava que a política indigenista se tornasse internacionalmente e, ao mesmo tempo, queria relacionar o desenvolvimento econômico à atuação das políticas indigenistas no país. Vejamos o que diz Macena (2007, p. 01):

Vinculada ao Ministério do Interior, a Funai, à semelhança do SPI, foi fortemente orientada pelas políticas de integração dos povos indígenas à

nacionalidade. Além disso, obedecendo a uma fórmula já presente nas políticas indigenistas anteriores, a Funai organizaria então suas ações de acordo com a lógica segundo a qual o desenvolvimento social, associado ao crescimento econômico, resultaria no desejado processo de civilização dos índios. Ou seja, persistia o objetivo de transformar os indígenas em brasileiros e de favorecer a sua emancipação econômica.

Podemos observar que, nesse período, a preocupação do governo era exclusivamente econômica. Todas as tentativas do estado era reproduzir e manter uma imagem dos povos indígenas desumanizada. De modo geral, as políticas indigenistas do estado estavam direcionadas para incorporar os indígenas à sociedade nacional, desconsiderando a cultura dos povos indígenas.

Conforme as palavras de Trinidad (2018), o governo criou um discurso sobre os indígenas para justificar os atos de violência cultural ou física, para defender seus interesses próprios. Outro ponto importante para destacar é sobre a instituição escolar: nesse momento, a escola serviu apenas como instrumento para invisibilizar as identidades e culturas indígenas. A política integracionista só mudou com a Constituição de 1988.

Para Medeiros (2018, p. 42):

Após a Constituição de 1988, com a nova legislação que passou a amparar a educação escolar indígena e com a difusão de escolas em terras indígenas, surgiram termos que revelavam com mais clareza as propostas de uma educação escolar caracterizada pelo protagonismo dos indígenas e que a diferenciava, por um lado, da educação indígena tradicional e, por outro, da educação para os índios colonizadora. Alguns desses termos são: escola dos indígenas, escola indígena específica e diferenciada ou, simplesmente, escola indígena.

Esse foi considerado um momento histórico para os povos indígenas, pois, pela primeira vez, foram protagonistas da sua própria história, quando a educação escolar indígena começa a se diferenciar diante da proposta da nova diretriz da constituição.

Segundo Luciano (2011), desde a década de 1990, as políticas públicas adotadas pelo governo brasileiro contribuíram significativamente para que os indígenas tivessem, em suas aldeias, o acesso à escola, o que foi considerado uma grande conquista para os povos originários. Para Luciano (2011, p. 97), nesse novo momento, o sistema de ensino no Brasil:

[...] passou por uma ampla reformulação a partir da promulgação da Constituição Federal, em 1988, seguida pela aprovação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) em 1996. A educação escolar indígena também iniciou, neste período, um processo longo de mudanças ainda não concluído. Os povos indígenas conquistaram pela primeira vez na história do Brasil, o direito a ter prerrogativas diferenciadas do sistema de ensino nacional. A Constituição reconhece a diversidade cultural e estabelece direitos diferenciados a eles, dentre estes, o direito a uma educação escolar que utilize suas línguas maternas e processos próprios de ensino-aprendizagem.

O reconhecimento da diversidade cultural estabelecido por lei e dos direitos diferenciados na educação escolar indígena foi muito significativo para o avanço das comunidades indígenas do Brasil. Vejamos o que mudou nesse novo cenário com base nos artigos 210, 215 e 242 desta Constituição a respeito das políticas públicas educacionais indígenas:

Art. 210 - Serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais. § 2º - O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.

Art. 215 – Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais § 1º - O Estado projetará as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.

Art. 242 - § 1º - O ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro (Brasil, 1988).

A partir da publicação, a Constituição é bem clara e se compromete em apoiar e incentivar a valorização cultural dos indígenas, além firmar o compromisso do estado em garantir a todos os indígenas o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional. Com base nessas novas diretrizes em benefício e valorização à cultura dos povos indígenas, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN) nº 9394/96 (Brasil, 1996) reitera sobre os direitos dos povos indígenas, apresentando uma nova definição a respeito da educação indígena:

Art. 78 – O Sistema de Ensino da União, com colaboração das agências federais de fomento à cultura e de assistência aos índios, desenvolverá programas integrados de ensino e pesquisa, para a oferta de educação escolar bilíngue e intercultural aos povos indígenas, com os seguintes objetivos:

- I – proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não índias;
- II – garantir aos índios, suas comunidades e povos, o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não índias (Brasil, 1996).

Da mesma maneira, a publicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN) deu continuidade à proposta da Constituição de respeito à diversidade, legitimando o direito à diversidade cultural e linguística dos indígenas. A LDBN nº 9.394/96 (Brasil, 1996) delegou responsabilidades para os estados e municípios, por exemplo, o compromisso da educação escolar bilíngue e intercultural dos povos indígenas na modalidade da Educação Básica, garantindo acesso às informações e conhecimentos científicos.

Outro apontamento é com relação à formação de professores, com base no Parecer do Conselho Nacional de Educação (CNE) nº 14/99. Esse documento foi bem objetivo e claro, pontuando que a educação escolar e indígena deveria ser específica, distinta e compatível com a realidade cultural dos povos indígenas, exigindo que os profissionais sejam qualificados e habilitados para atuar na educação escolar indígena:

Essa formação deve levar em conta o fato de que o professor índio se constitui num novo ator nas comunidades indígenas e terá que lidar com vários desafios e tensões que surgem com a introdução do ensino escolar. Assim, sua formação deverá propiciar-lhe instrumentos para que possa se tornar um agente ativo na transformação da escola num espaço verdadeiro para o exercício da interculturalidade (Brasil, 1999).

Para Cardoso (2018), após essa nova proposta educacional destinada aos povos indígenas, prevista pela Constituição de 1988 (Brasil, 1988), na LDBN de 1996 (Brasil, 1996) e no Parecer CNE nº 14/99 (Brasil, 1999), o governo se viu na obrigação de ajustar a proposta ao novo modelo da educação escolar indígena.

No que diz respeito ao currículo, foi garantido pela Constituição de 1988 à especificidade dessa modalidade de educação indígena diferenciada das demais no Sistema Educacional Brasileiro, assim como também foi garantido no artigo 79 da LDBN de 1996 o desenvolvimento dos currículos e programas específicos. Para atender a essa necessidade, aos preceitos da diferença e especificidade, o Ministério da Educação (MEC) publicou o Referencial Curricular Nacional para a Escola Indígena (RCNEI) em 1998 (Cardoso, 2018, p. 06).

Conforme Cardoso (2018), esse referencial está direcionado primeiramente aos professores indígenas em conjunto da equipe de especialista das Secretarias Estaduais de Educação, encarregados pela organização dos projetos educacionais para as comunidades indígenas. Na primeira parte desse documento, podemos observar a união de bases teóricas científicas atrelando áreas políticas e linguísticas, representado um marco histórico nas práticas pedagógicas da educação escolar indígena intercultural, bilíngue e diferenciada. Segundo Cardoso (2018, p.22) na segunda e última parte, o documento é dividido conforme as áreas de conhecimento:

Sugestões de trabalho para a construção dos currículos escolares indígenas específicos a cada realidade. São indicados, então, seis temas transversais, a saber: autosustentação, ética indígena, pluralidade cultural, direitos, lutas e movimentos, terra e preservação da biodiversidade e educação preventiva para a saúde – além de seis áreas de estudos: Línguas, Matemática, Geografia, História, Ciências, Arte e Educação Física.

A proposta da Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI) (Brasil, 1998), dos temas transversais em áreas diferentes, foi justamente para possibilitar uma educação escolar indígena com conhecimentos em todas as áreas, promovendo uma práxis didática que contribua para os métodos mais amplos do conhecimento, relacionando a realidade vivida pelos povos indígenas no seu cotidiano, contribuindo para que os indígenas possam fazer essa relação com as suas experiências pessoais com o conhecimento proposto, atribuindo sentido e significado real.

Os conhecimentos tradicionais dos povos indígenas não podem ser descartados, a educação escolar indígena precisa de incentivos para que a escola e os profissionais possam atribuir os conhecimentos científicos e profissionais do mundo moderno aos ensinamentos ancestrais dos povos originários.

Consideramos importante destacar que tanto na Constituição de 1988 (Brasil, 1988) como na nova LDB, os indígenas têm assegurado o direito da organização curricular da educação escolar indígena, levando em consideração a sua cultura, seus costumes, respeitando o tempo de avaliação e os conteúdos a serem ministrados nas escolas das comunidades indígenas. Enfatizamos que a lei deixa claras as garantias da educação escolar indígena, porém, algumas comunidades indígenas enfrentam certos obstáculos para efetivar o que a legislação propõe.

As principais dificuldades estão relacionadas com a operacionalização das atividades tradicionais das rotinas diárias, com os objetivos das propostas didáticas pedagógicas em sala de aula, além de ações estabelecidas pelas instituições governamentais da educação de ensino da rede local.

Podemos observar que durante toda a trajetória da educação escolar Indígena não vimos, em nenhum momento, nenhuma menção em nenhum regimento educacional a respeito do ensino para indígenas surdos, conforme questiona Mattoso (2016).

Perguntamo-nos: Onde estavam os indígenas brasileiros com deficiência, aos 22 de abril de 1500, quando aqui no Brasil foi documentada, historicamente, a chegada dos colonizadores portugueses? Praticamente, não há trecho publicado sobre a existência desses indígenas Surdos ou quaisquer documentos que cite a respeito da situação deles.

Segundo Sherzer (1991, p. 2):

[...] por causa do misticismo tribal, os indígenas com deficiência eram enterrados vivos, pois acreditava-se que um espírito maligno da natureza havia se apossado daquele corpo e que o mesmo deveria ser sacrificado para banir o infortúnio daquela tribo.

A educação escolar indígena para estudantes indígenas Surdos está em processo de construção no Brasil. Nos últimos anos, a discussão a respeito das línguas indígenas de sinais (LIS) e educação escolar dos indígenas Surdos vem crescendo. Atualmente, são mais de 31 tipos de línguas de sinais existentes no Brasil, entre elas a LIS.

Conforme aponta Coelho (2023), a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEEPEI) (Brasil, 2008) é o primeiro documento que apresenta uma proposta a respeito da escolarização dos indígenas com deficiência. A proposta do documento é garantir o acesso a todas as crianças nas redes de ensino regular - além do Atendimento Educacional Especializado (AEE) - e ofertar formação de professores e profissionais da área da educação que atuam com alunos com deficiência. Em relação à educação escolar dos povos indígenas, o texto apresenta a seguinte declaração:

A interface da educação especial na educação indígena, do campo e quilombola deve assegurar que os recursos, serviços e atendimento

educacional especializado estejam presentes nos projetos pedagógicos construídos com base nas diferenças socioculturais desses grupos (Brasil, 2008, p. 17).

Apontamos que o ensino para estudante surdo do centro urbano é respaldado na Lei de Libras (Brasil, 2002), por meio do Decreto nº 5.626/2005 (Brasil, 2005), como diferente do indígena surdo, porque a língua indígena de sinais (LIS), é distinta da Libras. Além disso, até o momento presente, a maioria das línguas indígenas de sinais no Brasil não foram reconhecidas legalmente, o que contribui para que muitos estudantes indígenas surdos não avancem. Para Knapp (2016, p.33):

Na maioria das escolas indígenas atuais, a pré-escola e os primeiros dois anos de alfabetização são ministrados em língua materna e, após o terceiro ano, inclui-se a língua portuguesa como segunda língua. E o estudante surdo deve aprender essas duas línguas e ainda a Língua de Sinais oficial da comunidade surda brasileira, a Libras. Na prática, a língua materna da comunidade indígena acaba se tornando restrita à comunicação oral e social, e a Língua Portuguesa é utilizada para os registros da escola, uma vez que ela é a língua dos materiais didáticos e impressos em geral, das mídias, de instituições como a Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI), igrejas, supermercados, rodoviária, hospital, banco entre outros.

Conforme o Decreto 5.626/2005 (Brasil, 2005), o ensino para estudantes Surdos deve acontecer na Língua Brasileira de Sinais na sua L1 para poder adquirir a Língua Portuguesa como L2, possibilitando o desenvolvimento da aprendizagem do estudante surdo. Conforme Vilhalva e Araújo (2022), o movimento que os indígenas Surdos estão vivenciando foi fundado alguns anos pelos Surdos do centro urbano.

Para Lopes (2020, p.17):

Se, por um lado, o reconhecimento da modalidade da Educação Bilíngue representa a valorização das lutas históricas e políticas dos movimentos Surdos e da Língua de Sinais dos Surdos urbanos, por outro lado, ela impõe aos sistemas de ensino a responsabilidade de ofertar esse ensino para todos os Surdos optantes pela educação escolar em Libras. No entanto, a falta de escolas especiais de Surdos ou de classes bilíngues na educação o campo, em áreas rurais e indígenas, ou em escolas das águas, nos indica que tal modalidade não será uma realidade naqueles contextos. E, caso sejam organizadas nessas regiões, o currículo, as estratégias e as metodologias de ensino necessariamente serão distintas das escolas urbanas, considerando o plurilinguismo das comunidades de indígenas surdos.

Necessitamos entender que a Língua Brasileira de Sinais (Libras) é diferente das línguas indígenas de sinais. Apesar das duas serem língua de sinais, são

distintas. A problemática está nos sistemas de ensino, que trabalham de forma padronizada, muitas vezes, ignorando a língua e cultura desse aluno. Em consequência a essa prática, temos os estudantes indígenas Surdos sem uma educação adequada conforme propõe a lei.

Para Lopes (2020), a escola diferenciada indígena deveria ser usada contra as políticas e sistemas normalizadores que, normalmente, favorecem os programas de ensino e línguas de centros urbanos. Nesse sentido, é necessário criar mecanismos que valorizem a diversidade cultural e linguística dentro dos espaços educacionais, onde os estudantes indígenas Surdos poderão ter acesso a todo processo de ensino na sua língua materna.

Vejamos o que informa a Resolução CNE/CEB N° 5, de 22 de junho de 2012 (Brasil, 2012), que define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica em seu:

Artigo 11 - § 3º No caso dos estudantes que apresentem necessidades diferenciadas de comunicação, o acesso aos conteúdos deve ser garantido por meio da utilização de linguagens e códigos aplicáveis, como o sistema Braille e a Língua Brasileira de Sinais, sem prejuízo do aprendizado da língua portuguesa e da língua indígena, facultando-lhes e às suas famílias a opção pela abordagem pedagógica que julgarem adequada, ouvidos os profissionais especializados em cada caso voltada à garantia da educação de qualidade sociocultural como um direito dos povos indígenas (Brasil, 2012).

Portanto, a educação escolar dos estudantes indígenas Surdos deve ser garantida por meio da comunicação, mediante a sua L1, em condições apropriadas sem prejuízo na aprendizagem. O sistema educacional não pode negar o acesso dos indígenas Surdos às escolas, sendo necessária a admissão de profissionais qualificados para atuarem nas escolas indígenas. Consideramos importante ressaltar que o papel da escola nesse cenário é contribuir para valorização das Línguas Indígenas de Sinais (LIS), oportunizando igualdade e condições de desenvolvimento para todos.

Portanto, é essencial compreendermos o cenário atual envolvendo as línguas indígenas de sinais e a realidade da educação escolar dos estudantes indígenas surdos. Entender esse processo contribui diretamente para os debates atuais em torno das políticas de valorização da língua e educação escolar dos indígenas Surdos no país.

Tratando-se de legislação e conquistas dos povos originários, citamos a Lei nº 1.382, de 12 de abril de 2017 (Miranda, 2017), que estabelece que o Município de Miranda, do Estado do Mato Grosso do Sul, passa a ter como Língua cooficial a Língua TERENA, o que é considerado um marco linguístico brasileiro:

Artigo 2º - O status de língua Co-oficial concedido por esse objeto, obriga o Município à: §1º A incentivar e apoiar o aprendizado e o uso da língua Co-oficial TERENA nas Escolas indígenas.

Artigo 3º - Em nenhum caso poderá haver discriminação em razão da língua oficial ou Co-oficial que use.

Artigo 4º - As pessoas jurídicas devem respeitar, na sua atividade no município, o estabelecido no artigo anterior, sob pena da lei.

Artigo 5º - o uso da língua TERENA será assegurado de acordo com o Art. 49 da Lei 6.001/73, Estatuto do índio.

Artigo 6º - O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurando às comunidades indígenas também a utilização de sua língua materna (Miranda, 2017).

Conforme podemos observar, a Lei nº 1382/2017 (Miranda, 2017) tem como objetivo promover o uso da língua indígena de sinais Terena no espaço educacional, além de exigir que todos devem ter o respeito nas atividades desenvolvidas no município, ressaltando a proibição da discriminação contra o uso da língua indígena de sinais Terena.

O reconhecimento linguístico das Línguas Indígenas de Sinais (LIS) vai ser de grande relevância para que a educação dos indígenas Surdos se efetive, porque é por meio do reconhecimento linguístico que a educação escolar dos indígenas Surdos do Brasil começa a ser pensada na perspectiva inclusiva, contribuindo para um ambiente educacional que desenvolva os indivíduos de forma integral.

Ressaltamos que a educação indígena na perspectiva da educação inclusiva é um outro momento que merece uma atenção especial por parte dos governantes, pois a partir desse momento é que os estudos acerca da educação de indígenas Surdos começam avançar no Brasil.

Bruno e Coelho (2016, p.22) falam a respeito dos movimentos indigenistas:

Os movimentos indigenistas, com o apoio de pesquisadores e professores da área, lutam para que este ensino institucionalizado priorize a língua materna indígena no espaço escolar, valorize a diferença cultural, legitime as práticas educacionais alternativas próprias da comunidade indígena, bem como permita o acesso a outros saberes e conhecimentos produzidos pela humanidade.

Diante disso, a escola deve valorizar a diferença cultural dos estudantes indígenas Surdos para desenvolver práticas educativas, contribuindo para aquisição da aprendizagem desse estudante. Nesse processo da aprendizagem, é importante também trabalhar com a transdisciplinaridade.

Para Cunha (1999, p. 25), é fundamental:

Relacionar o sujeito e as estruturas sociais, gerando uma formação contextualizada e capaz de instigar o indivíduo ao diálogo, à reconstrução de sua prática ao trabalho coletivo, promovendo uma visão indissociável do cognitivo, afetivo e político. Isso leva à uma valorização do seu cotidiano, em suas vivências sociais. Nessa nova proposta, os sujeitos do processo tendem a compreender a estrutura e as relações interdisciplinares que compõem a sua formação, seus aportes no aspecto histórico e sociocultural, reiterando formação, ato pedagógico e sua execução.

Portanto, é necessário fortalecer as políticas públicas que investem na valorização e preservação da cultura indígena. Não é somente dizer que a escola deve ser intercultural, bilíngue, própria e diversificada, mas efetivar a educação indígena para que os estudantes indígenas Surdos e ouvintes tenham seus direitos assegurados previstos em lei realmente. Mesmo com vários anos, a escola indígena passa por dificuldades básicas, como formação de professores e profissionais qualificados para atuar com algum tipo de especificidade, como indígenas Surdos (Bruno; Coelho, 2016).

Diante disso, é importante ressaltar que a educação escolar dos indígenas Surdos ainda é considerada um grande desafio para escola e para todos os profissionais que atuam diretamente com esses estudantes no dia a dia no ambiente escolar.

Para Jesus, Rahme e Ferrari (2018, p. 13):

A escolarização de pessoas indígenas surdas, todavia, demanda discussões que superam a temática da educação bilíngue, remetendo-nos a uma educação multilíngue, que envolva não somente a Libras como língua de sinais, mas as outras variações linguísticas sinalizadas nas aldeias.

Conforme afirmam Santos e Zandamela (2015), as estratégias da educação dos estudantes indígenas Surdos não devem distinguir-se do ensino dos estudantes Surdos do centro urbano, ressaltando que a proposta da educação da pessoa surda deve ser desenvolvida na perspectiva bilíngue, que recomenda o uso da língua de sinais (LS) como L1 no processo de ensino e aprendizagem da pessoa Surda. É

importante apontarmos que a proposta do ensino dos indígenas ouvintes também é regida na proposta bilíngue; os indígenas têm direito de serem ensinados na sua língua materna e tem a língua portuguesa como L2.

O bilinguismo para estudantes Surdos surgiu depois das práticas da filosofia oralista e comunicação total terem resultados negativos no desenvolvimento linguístico dos surdos. A filosofia oralista foi considerada uma violência praticada por várias instituições contra os surdos. Vejamos as palavras de Skliar (2013, p. 8) acerca do ouvintismo:

O ouvintismo foi além da imposição do oralismo, ele teve seus reflexos em várias práticas reproduzidas nos espaços sociais, que vão da ideologia clínica ao escolar. O controle curricular das escolas é um exemplo dos poderes exercidos pelo ouvintismo em relação aos Surdos. É importante lembrar que a prática do oralismo resultou no analfabetismo massivo de Surdos, tendo como consequência uma mínima proporção de Surdos com acesso ao ensino superior.

De acordo com o Skliar (2013), o ouvintismo aconteceu em diferentes formas de domínio e poder que tinham como objetivo controlar a comunidade Surda. Uma dessas formas foi à colonização do ouvintismo sobre o planejamento do currículo na educação de Surdos, uma das práticas desenvolvidas pelo ouvintismo para controlar os Surdos no processo de transformações pedagógicas.

Skliar (2013, p. 18) destaca que:

Na base de todas essas formas, separadas ou conjuntas, de ouvintismo curricular sempre é possível reconhecer substratos ideológicos para as práticas pedagógicas ulteriores como, por exemplo: a subordinação de todo currículo ao ensino da oralidade – quer dizer: a imposição de pré-requisitos orais para um hipotético progresso na escolarização; a desatenção de processo significativo para o acesso dos Surdos a alfabetização e ao letramento, a exclusão dos adultos Surdos do ambiente educacional; a desprofissionalização, etc.

Skliar (2013) aponta que o mecanismo curricular do ouvintismo e oralismo, como ideologia dominante, teve uma grande contribuição para permanência das abordagens educacionais com a imposição das práticas oralistas, nas quais a Língua de Sinais foi ausente tornando os Surdos sem visibilidade social, cultural e linguística.

De acordo com Skliar (2013), as mudanças que ocorreram na escolarização dos estudantes Surdos são resultados do que foi constituído acerca da pessoa surda

e de sua língua, das definições políticas, além das relações, saberes e poderes entre Surdos e ouvintes. Os modelos propostos na educação de Surdos também fazem parte dessas mudanças. Embora a concepção da ideologia clínica tenha enfraquecido enquanto o campo de estudos Surdos avançou nas últimas décadas, isso, por si só, não é suficiente para afirmar a existência de uma nova concepção para educação de Surdos.

Faz-se necessário desnudar o que esse fracasso gerou nas identidades surdas, pois durante muito tempo existiu um movimento em naturalizar o surdo como ouvinte e essa prática foi reproduzida por várias instituições sociais. Diante disso, a solução para educação de Surdos não é a criação de projetos que tenham uma visão clínica para os Surdos, mas criar propostas com um olhar antropológico para esses estudantes.

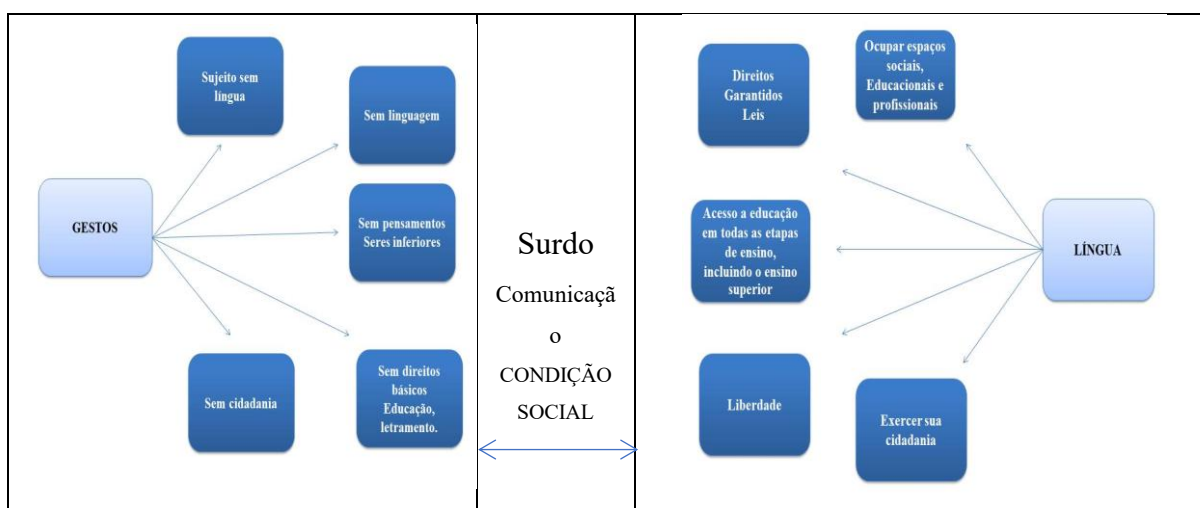
### 3 O RECONHECIMENTO DA LÍNGUA KA'APOR DE SINAIS COMO LÍNGUA NATURAL CONTRIBUINDO PARA A VALORIZAÇÃO, REVITALIZAÇÃO E PRESERVAÇÃO DESSA LÍNGUA

O objetivo desta seção é apresentar conceitos sobre língua, linguagem e gestos, pois, neste estudo, defendemos a língua Ka'apor de sinais como uma língua natural com todos os seus constituintes linguísticos. Discutir a língua indígena Ka'apor de Sinais (LI) nessa perspectiva contribui para sua valorização, revitalização e preservação. Por isso, consideramos importante apresentar conceitos explicando sobre língua, linguagem e gestos, além de debatermos sobre as línguas de sinais nacionais em vários continentes do mundo, no continente americano, europeu e asiático. Para contextualizarmos, apresentamos a existência das línguas indígenas de sinais no mundo e no Brasil.

#### 3.1 Gestos, Língua e Linguagem

No dicionário Houaiss da língua portuguesa (Houaiss, 2009, p. 289), quando verificamos a palavra gestos, encontramos a seguinte definição: movimento do corpo, esp. das mãos, braços e cabeça, voluntário ou involuntário, que revela estado psicológico ou intenção de exprimir ou realizar algo; aceno mímica, seguida da palavra Gesticulação ('ato'), conforme o Quadro 02.

Quadro 2 - Gesto x Língua



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Embora, atualmente, os avanços na área dos estudos linguísticos comprovem a importância do uso dos “gestos” na língua de sinais, é importante informar que o gesto se difere da língua de sinais, pois, conforme Taub (2012), os gestos não seguem uma ordem linguística, diferente dos sinais.

Apesar de já haver publicação de estudos que discutem a respeito da função dos gestos na comunicação das pessoas surdas, é importante destacarmos que, durante séculos, a língua de sinais não era considerada uma língua natural e sim gesto. Esse fato trouxe consequências extremas para vida dos surdos, pois eles eram tidos como “sujeitos” sem língua.

Essa visão negativa contribuiu fortemente para depreciar a imagem da pessoa surda, tornando-os surdos invisíveis socialmente, conforme a ilustração que apresentamos no Quadro 02, que faz referência à pessoa surda antes e depois da língua de sinais ser reconhecida como língua.

A partir do reconhecimento linguístico das línguas de sinais no Brasil e no mundo, foi que os Surdos obtiveram inúmeras conquistas em diversas áreas, tanto no campo educacional como profissional. Diante disso, é importante ressaltar que léxicos usados pelos indígenas Surdos fazem parte de uma língua natural e não são apenas gestos visuais, pois todos os léxicos sinalizados correspondem aos elementos linguísticos que regem uma língua, conforme apresentaremos nos resultados e discussões deste estudo.

Na obra “Diálogos de Platão” (Platão, 1988, p. 422), em uma conversa entre Sócrates e Hermógenes, podemos observar claramente que a comunicação dos Surdos não era vista como língua e sim como gestos.

SÓCRATES: Muito bem. E os primitivos, os que não têm outro nome como substrato, de que modo farão ver, com a maior clareza possível, a realidade, se terão de ser nomes? Responde-me ao seguinte: Se não tivéssemos nem voz nem língua, e quiséssemos mostrar as coisas uns aos outros, não procuraríamos fazer como os mudos, indicando-as com as mãos, a cabeça e todo o corpo?

HERMÓGENES: Não haveria outro jeito, Sócrates.

SÓCRATES: A meu parecer, se fosse preciso indicar alguma coisa elevada ou leve, levantaríamos as mãos para o céu, para imitar a própria natureza da coisa; se fosse algo pesado e baixo, para o chão é que as estendêramos, e no caso de querermos indicar um cavalo, bem sabes que procuraríamos deixar nosso corpo semelhante ao deles, tanto quanto possível, assim na forma como no gesto.

No diálogo entre Sócrates e Hermógenes, percebemos o quanto não tinha importância a língua de sinais usada pelas pessoas surdas. Existia um reforço em chamar sempre de gestos e naquele período, usar uma língua sinalizada para se comunicar não tinha valor linguístico nenhum.

De acordo com Lacerda (2008), durante muito tempo, a sociedade acreditava que usar gestos e sinais não contribuía em nada na vida do surdo, inclusive para aprender a língua oral, pois a língua materna das pessoas surdas não era aceita. Diante disso, inicia-se a violência linguística com os surdos, por meio da imposição do oralismo, prática que foi imposta por várias instituições, além da escolar.

Foram anos de violência institucional e invisibilidade social que os Surdos sofreram enquanto a sua língua materna não era aceita e vista apenas como gestos. A violência linguística teve efeitos gigantescos começando pela ideologia clínica dominante. De acordo com Skliar (2013, p. 07):

Instituições especiais que foram reguladas tanto pela caridade e pela beneficência, quanto pela cultura social vigente que requeria uma capacidade para controlar, separar e negar a existência da comunidade surda, da língua de sinais, das identidades surdas.

Conforme Skliar (2013), a negação da existência da identidade surda trouxe grandes reflexos no fracasso escolar massivo dos Surdos. Tudo isso era consequência da imposição do oralismo. Destacamos que o fato da surdez está dentro de um discurso sobre deficiência colaborou diretamente com a violência linguística que os Surdos viveram, marcada pelas práticas de correção e normalização.

Segundo as palavras de Lulkin (2013, p. 35):

O surdo falante por gestos (sinais) é um inferior na língua, na inteligência e no pensamento. Partido desses fundamentos, educar para corrigir, reabilitar, impondo uma forma evolutiva da expressão tal como falar. Os pré-requisitos para tal capacidade seriam uma disposição física para aquisição da linguagem e do raciocínio e a presença das chamadas operações mentais como atenção, memória, etc.

Conforme podemos observar, desde antiguidade, a comunicação dos Surdos era classificada de forma negativa, os gestos eram vistos como inferior a língua, aliás, não era considerada como língua pela grande maioria da sociedade. É importante ressaltarmos que os primeiros estudos envolvendo gestos surgiram na

área da psicologia e não na perspectiva linguística, como no caso do psicólogo Wundt (1973), que estudou sobre gesto (símbolo) e ideia, assim como entre processo sensório e conteúdo psíquico.

Diante disso, devido aos estereótipos criados em relação às pessoas que se comunicavam por meio de sinais, os gestos só se tornaram objetos de pesquisas por conta dos investigadores desejarem compreender qual relação existia entre a psique e a comunicação mediante a sinalização, pois, conforme já mostramos anteriormente, naquela época, quem se comunicava utilizando sinais era considerado sem língua.

Diante disso, nos estudos desenvolvidos por Kendon (1982), o autor apresenta quatro tipos de classificações envolvendo gestos, denominado por ele de gestos que formam o contínuo. São eles: a gesticulação; a pantomima; os emblemas; e a(s) língua(s) de sinais, conforme apresentado no Quadro 3:

Quadro 3 - Gesticulação por Kendon (1982)

	Gesticulação	Pantomima	Emblemáticos	Língua de sinais
<b>Contínuo 1</b>	Presença obrigatória de fala	Ausência de fala	Presença opcional de fala	Ausência de fala
<b>Contínuo 2</b>	Ausência de propriedades linguísticas	Ausência de propriedades linguísticas	Presença de algumas propriedades linguísticas	Presença de propriedades linguísticas
<b>Contínuo 3</b>	Não convencional	Não convencional	Parcialmente convencional	Totalmente convencional
<b>Contínuo 4</b>	Global e sintética	Global e analítica	Segmentada e analítica	Segmentada e analítica

Fonte: Elaborado pela autora, com base na proposta de Kendon (1982).

Nesse sentido da proposta de Kendon (1982), podemos observar que existe a presença da fala na gesticulação, porém, não há nenhuma relação com elementos linguísticos.

Nos estudos de Kendon (1982), a gesticulação não é convencional. Com isso, se difere dos signos linguísticos, pois, de acordo com Saussure (1969, p.16), estes sempre são convencionais, mesmo quando icônicos: “Ser convencional significa que eles não são previsíveis, ou seja, nós não podemos adivinhar, antecipadamente, como vai ser em uma língua, ou em outra, o signo que se refere a uma determinada entidade”.

Para compreender a relação entre gesto e fala, Kendon (1982) organizou em seus estudos quatros pontos, conforme podemos ver no Quadro 3. O primeiro ponto

é sobre a relação com a produção de fala (1); o segundo é a relação com as propriedades linguísticas (2); o terceiro é a relação com as convenções (3); e o quarto é a relação com o caráter semiótico.

Kendon (1982) ainda afirma que estudos sobre gestos voltados para a concepção linguística tiveram poucos avanços. Somente depois dos propostos por Chomsky, os estudos linguísticos tiveram uma nova perspectiva, uma espécie de ciência mental, o que contribuiu para o surgimento de novas pesquisas voltadas para a linguagem gestual.

De acordo com Taub (2012), durante um determinado tempo, o fato de algumas sinalizações lembrarem a realidade foi confundindo com mímicas, gestos e pantomina. O autor aponta sobre a similaridade entre os gestos espontâneos e os sinais icônicos, porém apresenta as diferenças:

A diferença entre os dois tipos de produções icônicas está no fato de os gestos não estarem vinculados a restrições na forma de ordem linguística, enquanto os sinais estão. Os sinais observam restrições fonológicas listas em cada língua de sinais. Além disso, os sinais icônicos denotam conceitos, enquanto os gestos estão ligados aos eventos (Taub, 2012, p. 122).

Acreditamos que o fato de os gestos não seguirem uma ordem linguística contribuiu para que as línguas de sinais não fossem vistas como uma língua natural durante muitos anos, contribuindo para invisibilidade social das pessoas surdas, impactando de forma negativa em diversas áreas sociais dos surdos.

### 3.2 Língua e Linguagem

Língua um sistema de signos, em que cada signo é constituído de um significante e de um significado e da relação arbitrária entre esses dois elementos, é um fato social porque pertence a todos os membros de uma comunidade, é exterior ao indivíduo, e esse não pode nem criá-la nem modificá-la. A língua é passível de fixação e sistematização em dicionários e gramáticas. É um patrimônio extenso e ninguém a possui na sua totalidade. Cada falante retém uma parte do sistema, que não existe perfeito em nenhum indivíduo. Teia de relações entre seus elementos linguísticos formando um sistema. LÍNGUA: essencial à linguagem, Parte social da linguagem; exterior do individuo (Saussure, 2012, p. 17).

A Língua como sistema de signos é composta por unidades linguísticas formada pela união de dois signos denominados por significante (imagem acústica) e significado (conceito), “[...] os termos implicados no signo são ambos psíquicos e

estão unidos, em nosso cérebro, por um vínculo de associação” (Saussure, 2012, p. 80). No sistema linguístico, não existe nada de forma isolada na língua, pois mesmo os signos sendo profundamente diferentes, um completa o outro; o seu funcionamento é regido por regras e por um conjunto de elementos linguístico organizado. Vejamos nas palavras de Fiorin (2018, p. 49):

Cada língua tem um sistema diferente, por exemplo, o português tem sete vogais, uma central baixa (a), uma anterior média baixa (e); uma posterior (o), uma anterior média (e); uma posterior média alta (c) uma anterior alta (i); e uma posterior alta (u), todas as anteriores em português são pronunciadas com lábios retraídos (por isso, são chamadas de vogais não arredondadas). O francês tem todas as vogais do português, mas também tem uma anterior média baixa arredondada (ɛ), uma anterior média alta arredondada (o) e uma anterior alta arredondada (y).

Diante disso, vale lembrarmos que o sistema linguístico de cada língua as difere uma da outra, reforçando que as línguas não são homogêneas. Saussure (2012) faz um apontamento que sem o recurso dos signos, seríamos incapazes de distinguir as ideias de modo claro e constante (Saussure 2012, p. 131).

Desse modo, podemos afirmar que os signos linguísticos também são importantes não somente para distinguirmos as ideias, mas para mantermos nossas relações sociais do nosso cotidiano. É importante destacarmos que a língua vai além do sistema linguístico e gramatical; quando pensamos sobre língua, podemos pensar a língua como poder, cultura e identidades. Conforme Jason (2012), temos que pensar a língua além do sistema de comunicação, pois ela é um ato político e de poder. Para Signorini (2016), falar de língua é falar de identidade. Não se constrói identidade sem língua.

A língua que uma sociedade usa também determina qual grupo linguístico essas pessoas pertencem, conforme cita Marx (1980 p. 56-57):

Quando se trata da estrutura de classe de uma Língua, um marxista deveria necessariamente aceitar [essa ideia] ... Existe alguma evidência de que a fala da classe operária se difere daquela da classe média e das classes altas, e também há diferenças entre fala da classe média para classe alta... Basta que observemos um exemplo gritante. Durante vários anos linguistas americanos investigaram o que eles chamaram de “inglês dos negros”. Na prática, essa língua se restringe aos negros pobres dos estados unidos. “No momento em um cidadão americano negro sobe na escala social e se torna um cidadão de classe média, ele muda de “inglês dos negros” para forma culta no inglês americano...” As diferenças entre a fala da classe operária e a da classe média e das classes mais altas acontecem em todas as sociedades capitalistas; em que grau essas duas formas de Língua diferem

entre si depende principalmente da força do antagonismo entre as classes da sociedade em questão.

Conforme Marx (1985) nos apresentou, o sistema capitalista usa língua para exercer mecanismos de relações de poderes e saberes com as classes que são consideradas sem prestígio social, mantendo o controle linguístico, cultural, político e econômico sobre esses grupos.

Descrever a língua enquanto cultura de um povo, seguindo seu funcionamento, regras e movimentos nos permite pensar que a língua é diversa, que seu funcionamento vai além das funções gramaticais. Nesse sentido, podemos apresentar a variação linguística na perspectiva cultural, pois conforme a realidade que os indivíduos estão inseridos, a cultura está presente diretamente nas relações sociais desse grupo.

Segundo Telles (2009, p. 198):

[...] para uma organização mais sistemática de suas possibilidades, os estudiosos [...] caracterizaram [as variações linguísticas], basicamente, a partir de quatro conceitos. Há a variação diatópica, aquela que é associada ao lugar e que compreende, portanto, os regionalismos. As variações que marcam as diferenças de grupos sociais (seja referente à classe social, a grupos identitários ou de profissionais) são denominadas de variantes diastráticas e compreendem, por exemplo, a diferença no uso de gírias, jargões, termos técnicos, e, inclusive, a diferença em relação à chamada norma culta e a dita popular. A variação que tem como fator o caráter temporal é entendida como sendo uma variação diacrônica e a que incide sobre a situação de comunicação é chamada de diafásica, esta variação é aquela que tem como parâmetro a adequação de produção discursiva, tal como as exigências situacionais de formalidade e informalidade, as quais têm a ver, respectivamente, com certa atitude mais tensa ou menos tensa, mais controlada ou menos controlada da produção linguística. A variação nestes quatro aspectos pode se dar, portanto, em qualquer um dos planos linguísticos acima aventados (o fônico, o morfológico, o sintático, o lexical, dentre outros).

As variações linguísticas possuem bastantes influências culturais nos signos linguísticos. Essa variação, comumente, é fonológica das unidades mínimas, seja na língua sinalizada ou oralizada.

A língua está para a linguagem igualmente a Linguística para a semântica, diz Saussure (2012) e a responsabilidade do linguista é determinar o que faz da língua um sistema de um conjunto de elementos semânticos.

Assim como não há sociedade sem linguagem, não há sociedade sem comunicação. Tudo o que se produz como linguagem ocorre em sociedade, para ser comunicado, e, como tal, constitui uma realidade material que se

relaciona com o que lhe é exterior, com o que existe independentemente da linguagem. Como realidade material – organização de sons, palavras, frases – a linguagem é relativamente autônoma; como expressão de emoções, ideias, propósitos, no entanto, ela é orientada pela visão de mundo, pelas injunções da realidade social, histórica e cultural de seu falante (Petter, 2007, p. 11).

Para Saussure (2012), a língua é um sistema de valores. Portanto, ele define a linguagem como a capacidade que os homens têm de comunicar-se com seus semelhantes por meio dos signos. A linguagem é múltipla e heterogênea. Saussure (2012) a compara a um jogo de xadrez, pois, no jogo, por exemplo, o jogador tem a finalidade de movimentar uma unidade, assim, modifica a situação do jogo; ao contrário do que acontece na língua, as mudanças não são intencionais.

Um falante de uma língua não tem o poder de fazer mudanças em uma língua por desejo próprio, pois elas acontecem naturalmente. Normalmente, elas ocorrem por motivos internos e quando existe influência externa é devido o contato com outras línguas por causa das transformações sociais.

De acordo com Fiorin (2018), a linguagem permite falar não apenas daquilo que existe, mas também do que nunca existiu. Ela possibilita explorarmos a imaginação de novos mundos, de outras realidades, permitindo diversas formas de ser e que outros universos podem existir.

Fiorin (2018) compara a linguagem como uma obra literária que você pode criar e recriar as histórias; somente a linguagem tem esse poder de criar realidades.

A linguagem é uma forma de o homem agir no mundo, porque há ações que se realizam ao dizer ações que ocorrem em consequências do que se diz, a linguagem não serve apenas para perceber o mundo, para categorizar a realidade, para realizar interações, para informar, para influenciar, para exprimir sentimentos e emoções, para criar laços sociais e para falar a própria linguagem, para ser lugar e fonte de prazer, para estabelecer identidades, para agir no mundo, mas também para criar novas realidades (Fiorin, 2018, p. 30).

A relação direta que une a língua e a linguagem é a comunicação. A língua como sistema de signos linguísticos tem como objetivo a comunicação, enquanto a linguagem é definida como a competência humana de se comunicar, porém, é importante destacar que embora língua e linguagem estejam profundamente interligadas, ambas têm funções diferentes na comunicação.

O objetivo desta seção era apresentar a definição da língua, linguagem e gestos e qual lugar cada um ocupa nas relações sociais e implica positivamente ou negativamente para os Surdos. Foi possível observarmos a diferença de cada definição, pois este estudo defende a sinalização realizada pelos indígenas Surdos como uma língua natural, uma vez que sabemos que discutir a língua indígena Ka'apor de sinais nessa perspectiva vai lhe possibilitar a valorização, revitalização e preservação. Os benefícios não são somente linguísticos, são políticos e culturais. É importante destacarmos que a função social da língua vai além da função linguística gramatical, pois a língua tem sua função política e cultural.

### **3.3 Línguas de Sinais Nacionais presentes nos Continentes Mundiais**

Embora vários documentos históricos apresentem a existência das línguas de sinais na antiguidade, conforme mostramos anteriormente, destacamos que naquele período não era considerada uma língua e sim gesto. Somente a partir das políticas educacionais na França, por meio da Língua de Sinais Francesa (LSF) foi que a comunidade surda começou a ganhar forças diante do mundo em direção ao reconhecimento linguístico, tanto que a LSF é considerada a língua mãe de vários países do mundo, incluído ASL.

Faz-se importante apontarmos que a comunidade surda da Grécia antiga não tinha nenhum prestígio linguístico, social e cultural por conta das políticas implantadas naquela época. É importante ressaltarmos que os gestos não seguem uma ordem linguística, enquanto os sinais sim.

As políticas que existiam naquela época eram totalmente excludentes e preconceituosas em relação ao que era colocado como padrão social e cultural. Naquele período, existia um modelo de educação para os homens que se diferenciava da educação das mulheres; não era permitido pensar em educação para pessoas surdas em hipótese alguma e ainda havia a divisão de classes sociais existente na organização social da Grécia antiga, que determinava que somente quem era considerado cidadão podia desfrutar dos prestígios do governo.

Nesta seção, apresentamos um breve histórico das línguas de sinais nacionais em vários continentes do mundo para compreendermos como se deu esse processo histórico das línguas nacionais e como as comunidades surdas no mundo vêm se organizado politicamente em prol dos seus direitos linguísticos. Conforme

Pinheiro (2020, p. 98), existe a diferença entre uma língua reconhecida e uma língua oficial:

O reconhecimento está ligado à aceitação da língua para uso da comunidade. Ao fato de ser oficial, por sua vez, se refere a uma obrigatoriedade, em que todos os sistemas educacionais, por exemplo, estarão submetidos a ela. A aplicação de ambos os termos, reconhecida e oficial, não imputa qualquer prejuízo do ponto de vista social. Contudo, a depender da forma como este ponto, social, é condicionado nos países, por conta da sua cultura, do seu sistema político, entre outros, a comunidade surda poderá ser afetada, não havendo o respeito e a preservação do direito linguístico.

Nesse sentido, a comunidade surda do Brasil e do mundo ainda luta pelos seus direitos linguísticos e pela valorização da sua língua materna; vem buscando conquistar esse direito para que sua língua nativa possa ser devidamente reconhecida e ser língua oficial em vários continentes do mundo. Mesmo a língua de sinais sendo reconhecida como língua em vários países do mundo, a comunidade surda ainda enfrenta a realidade de sua língua não ser oficial em seu país de origem, como no caso do Brasil, onde a Libras foi reconhecida, porém a língua oficial do país continua sendo a língua portuguesa. Essa não é a realidade exclusiva da comunidade surda brasileira; esse cenário se repete em outros países do mundo.

Diante disto, na Figura 3, há a representação visual das línguas de sinais nacionais em vários continentes do mundo. Em seguida, vamos apresentar a origem das línguas de sinais nos países da América do Sul, América Central e América do Norte, além das línguas de sinais do continente Europeu, continente africano e continente asiático, sendo representado cada continente pelas línguas de sinais nacionais de cada um.

Figura 3 - Língua de Sinais Nacionais em vários continentes no mundo



**Fonte:** Elaborado pela autora (2025) com base nos estudos de Couto (2023).

De acordo com Couto (2023), a Língua de Sinais da Argentina (LSA) iniciou-se no país por meio de duas instituições: o Instituto Nacional de Niñas Sordomudas para meninas surdas originou-se das Lingua dei Segni Italiana - Língua de Sinais Italiana - (LIS), enquanto a Lengua de Signis Española - Língua de Sinais Espanhola (LSE) - teve influência na construção da escola para meninos surdos.

Durante um período, existiam as duas línguas de sinais (LIS e LSE), que se transformaram em LSA. A ascendência por parte desses dois países foi confirmada por vários autores, entre eles: Druetta (2008) e Ponce (1981). A LSA foi reconhecida recentemente pela Lei Federal nº 27.710 (Argentina, 2023), foi aprovada em maio de 2023.

Esta Lei tem como objeto reconhecer a LSA como língua natural e nativa que forma um legado histórico imaterial como parte da identidade linguística e do patrimônio cultural das pessoas surdas em todo o território da Nação Argentina, e que garante a sua participação e inclusão plena, bem como das pessoas que por qualquer motivo, optem por se comunicar nesse idioma (Argentina, 2023, tradução nossa).

Atualmente, a comunidade surda da Argentina tem seus direitos garantidos em lei, entretanto, apesar da educação de Surdos no país ter um histórico bem antigo, somente no ano de 2023, a língua de sinais Argentina foi reconhecida legalmente.

No que se refere à Língua de Sinais Boliviana (LSB), ela originou-se da American Sign Language (ASL). De acordo com Couto (2023), no ano de 1947, o professor Surdo Alberto Santander foi o responsável pela implantação das línguas de sinais na Bolívia, atualmente, adaptada para a LSB (Pinheiro, 2020).

Em 1947, Alberto Santander, graças ao apoio da senhora Teresa Suárez de Teacher, viajou para os Estados Unidos no âmbito do Programa de Educação Cooperativa com a Bolívia, onde estudou no Gallaudet College, em Washington, e obteve um mestrado em educação infantil. Surdo ao retornar, organizou o primeiro Centro de Assistência Educacional para Crianças Surdas, em um local localizado na área de Obrajes doado pelo governo venezuelano da época. O professor Santander é considerado o primeiro professor de Surdos da Bolívia. Posteriormente, a congregação das mães Rabasco do Coração de Jesus e Maria abriu o internato para meninas surdas. Baseado no patrocínio nacional de cegos, Surdos e mudos, o Departamento Nacional de Reabilitação e Educação Especial foi criado no governo do Dr. Victor Paz Estenssoro em 1º de julho de 1954. Por determinação do Presidente Hernán Siles Zuazo, em novembro de 1956, foi concedida uma extensão de 15.000 metros quadrados de terreno para a

construção de um edifício moderno para o Instituto de Educação Especial na área de Obrajes. Em 1957, Lucy Argandoña de Céspedes criou o Instituto de Audiologia em Cochabamba (BOL/MINISTÉRIO DE EDUCACIÓN, 2012, p. 16 *apud* Pinheiro, 2020, p. 337).

De acordo Miranda (2020), a educação dos Surdos bolivianos começou a ganhar força na Bolívia, por meio da declaração de Salamanca em 1994. Mediante o Decreto Supremo n° 0328, de 14 de outubro de 2009, a comunidade surda boliviana teve a sua língua reconhecida oficialmente.

No caso da Língua Chilenas de Sinais (LSCh), teve influência das seguintes línguas: Langue des Signes Française - Língua de Sinais Francesa - (LSF), American Sign Language - Língua de Sinais Americana - (ASL) e Deutsche Gebärdensprache - Língua de Sinais Alemã - (DGS).

Conforme Parks, Parks e Williams (2011, p. 13 *apud* Pinheiro, 2020, p. 89), [...] a ASL não teve influência significativa na LSCh, “[...] embora alguns contatos indiquem que ambos compartilham uma conexão histórica com a Língua de Sinais Francesa” (Pinheiro, 2020, p. 89). Entretanto, esta informação é divergente do que relatam Puente, Alvarado e Herrera (2006 *apud* Pinheiro, 2020, p. 89) de que há semelhanças significativas entre a LSCh e a ASL.

Segundo Pinheiro (2020), Hurst e Hurst afirmam que a LSCh tem suas raízes na DGS, embora no início sinalizavam com a ASL, passando a sinalizar com a LSCh, posteriormente, conforme relatos de informantes Surdos em Santiago.

Atualmente, há a Escola Anne Sullivan para Crianças Surdas, em que os primeiros professores “[...] foram os franceses que trouxeram a língua de sinais usada na França na época” (Pinheiro, 2020, p. 90). Hoje “[...] ainda existem semelhanças, atingindo apenas 40% da língua de sinais chilena” (Pinheiro, 2020, p. 90).

Podemos observar que a LSCH durante o seu surgimento teve influências de outras línguas de sinais em mais de um país, contribuindo para o seu processo de reconhecimento linguístico, que, no caso chileno, estabelece igualdade de oportunidades e inclusão social:

A Lei 20.422/2010 estabelece normas sobre igualdade de oportunidades e inclusão social de pessoas com deficiência. A língua de sinais é reconhecida como um meio natural de comunicação para a comunidade surda. Tal legislação reconhece como língua, a LSCh (Chile, 2010).

Em dezembro de 2021 a referida Lei é alterada pela Lei 21.303, sendo acrescentado o direito a intérpretes em instituições públicas e privadas para atender pessoas com deficiência, bem como a responsabilidade do Estado de prover orçamento para formação contínua de intérpretes (Programa Iberoamericano Discapacidad, 2021).

Há também a Lei 21.403, de 2022, que reconhece a surdocegueira como uma deficiência única e promove a inclusão social completa de pessoas surdocegas (Chile, 2021).

A lei garante a acessibilidade dos Surdos chilenos em instituições públicas e privadas, considerando um grande avanço na educação dos Surdos chilenos. Outro ponto importante para destacarmos na lei é sobre a responsabilidade do Estado de prover a formação do profissional intérprete de língua de sinais chilena para atuar com a comunidade surda.

Por sua vez, a Língua de Sinais Equador (LSEC), igualmente a outras línguas de sinais da América do Sul teve influência de duas línguas de sinais de países diferentes, um país da América e outro europeu: American Sign Language - Língua de Sinais Americana - (ASL) e da Lengua de Signis Española - Língua de Sinais Espanhola - (LSE) (Couto, 2023).

Vejamos o que diz a lei, conforme Pinheiro (2020, p. 90):

Lei sobre pessoas com deficiência: Lei Orgânica sobre Deficiência (LOD), nº 796/2012, Artigo 70, em que reconhece a LSEC como língua própria e meio de comunicação das pessoas com deficiência auditiva. Tal legislação assegura o reconhecimento linguístico.

A Constituição do Equador de 1998, Artigo 53, Seção sexta, sobre Pessoas com deficiência, previa “[...] meios e formas alternativos de comunicação, entre a língua de sinais para pessoas surdas” (Equador, 1998 *apud* Pinheiro, 2020, p. 90).

Em 2008, com alteração na Constituição, o Artigo 47, item 11, traz: “[...] 11. Às pessoas com deficiência são reconhecidos os direitos de: [...] 11. Acesso a mecanismos, mídia e formas alternativas de comunicação, incluindo linguagem de sinais para surdos, oralismo e sistema braille (Equador, 2008, *apud* Pinheiro, 2020, p. 90).

Conforme podemos observar, a lei da LSEC assegura o acesso da comunidade surda do Equador, possibilitando vários mecanismos de comunicação, entre eles, a mídia como formas alternativas de comunicação, para que os Surdos possam, de fato, ter seus direitos garantidos em sua língua materna. De acordo com Couto (2023), a LSEC foi a primeira língua de sinais de um país da América do Sul a

ser reconhecida. No ano de 1998, a comunidade surda do Equador teve a língua materna reconhecida na Constituição Federal do Equador.

A Língua de Sinais Paraguaia (LSPy), conforme Couto (2023), originou-se de uma combinação entre as Lengua de Señas Uruguiaia - Língua de Sinais Uruguiaia - (LSU) e a American Sign Language/Língua de Sinais Americana (ASL). Existe uma narrativa de que a educação dos Surdos do Paraguai foi influenciada por diferentes grupos em momentos distintos e isso contribuiu fortemente para que houvesse influência dos sinais da língua uruguiaia e sinais com características próprias da língua de sinais do Paraguai. É importante destacarmos que o Paraguai possui mais de uma lei que reconhece a Língua de Sinais Paraguaia (LSPy): A Lei 4.336/2011 (Paraguai, 2011) e a Lei n° 6.530/2020 (Paraguai, 2020). Essas leis foram oficializadas em momentos distintos:

São quatro as legislações que reconhecem a LSPY: a Lei n° 4.251/2010 (De Línguas), a Lei 4.336/2011 (Língua de sinais, Artigo. 1, alínea. (b), que vem “reconhecer a linguagem de sinais ou visuogestual utilizada por pessoas com deficiência auditiva, como meio de expressão e comunicação com os demais membros da sociedade”), a Lei 3.540/2008 (que aprova a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e do Protocolo Facultativo da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência) e a Lei n° 6.530/2020 (que outorga reconhecimento oficial à LSPy) (Paraguai, 2008, 2010, 2011, 2020 *apud* Pinheiro, 2020, p. 87).

Na legislação da LSPY, os objetivos em prol da comunidade surda paraguaia são diversos. Outra língua de sinais que faz parte dos países da América do Sul é a Língua de Sinais Peruana (LSP). O governo do Peru, no ano de 2010, implementou a Lei n° 29.535/05/2010 (Peru, 2010) em prol da comunidade surda peruana.

A lei reconhece oficialmente e regula a Língua de Sinais Peruana como língua das pessoas surdas em todo o território nacional. De acordo com Couto (2023), a LSP tem origem nas seguintes línguas: American Sign Language - Língua de Sinais Americana (ASL) - e Lengua de Signis Española - Língua de Sinais Espanhola (LSE).

Segundo Couto (2023, p. 43):

A LSU origina-se de vertentes das seguintes línguas: Lengua de Señas Argentina/Língua de Sinais Argentina (LSA) e Língua Brasileira de Sinais (Libras). Parks e Williams (2013, p. 2 *apud* Couto, 2023, p. 43) afirmam que a LSU compartilha, supostamente, “[...] semelhanças com as línguas de sinais da Argentina e do Brasil, mas à medida que as comunidades surdas

desenvolveram identidades surdas nacionais únicas, suas línguas de sinais também se distanciaram e se tornaram línguas de sinais distintas.

De acordo com Couto (2023), o Uruguai foi o segundo país da América do Sul a reconhecer oficialmente a língua de sinais. Mediante a criação da Lei nº 17.378/2001 (Uruguai, 2001), a comunidade surda Uruguiana teve seus direitos assegurados pelas políticas públicas do país. Frisamos que a lei permanece inalterada desde a sua criação e formalização no ano de 2001.

A Língua de Sinais da Venezuela (LSV) foi a segunda língua de sinais da América do Sul a ser reconhecida oficialmente. A política linguística da Venezuela desde o seu reconhecimento em 1999 segue sem alteração.

Conforme Pinheiro (2020, p. 91): “A LSV teve como matriz a Lengua de Signis Española/Língua de Sinais Espanhola (LSE)”. A autora menciona, ainda, que “as influências da LSE na LSV ocorreram por volta de 1950, quando “[...] José Auquero Urbano, surdo espanhol, veio para Caracas da Venezuela por imigração” (Oviedo; Rumb; Perez, 2004 *apud* Pinheiro, 2020, p. 91). “As influências da LSE na LSV ocorreram por volta de 1950, quando “[...] José Auquero Urbano, surdo espanhol, veio para Caracas da Venezuela por imigração”. Foi o “[...] fundador e primeiro presidente da Associação dos Surdos de Caracas, em abril de 1950” (Pinheiro, 2020, p. 91).

O espanhol Auquero era surdo e foi responsável pela criação da associação dos Surdos da Venezuela, abrindo caminhos para o fortalecimento da comunidade surda venezuelana. De acordo com Couto (2023), os países da América do Sul, exceto Guiana e Suriname, regulamentaram leis e/ou decretos em prol das línguas de sinais, uns com mais avanços e outros nem tanto.

Nos países da América do Sul, temos também a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), que foi reconhecida por meio da Lei 10.436/2002 (Brasil, 2002), porém, é importante destacar que, no Brasil, a Língua Portuguesa continua sendo a língua oficial do país.

A Língua Brasileira de Sinais, assim como várias línguas da América do Sul, também teve as raízes e origem na Língua de Sinais Francesa (LSF). De acordo com Ziesmann (2017), Huet, professor surdo francês, chegou ao Brasil e foi o responsável pela fundação do Instituto Nacional de Educação de Surdos, atualmente INES.

Em nosso país, a educação de Surdos teve início no ano de 1857, com a primeira escola do Rio de Janeiro fundada por Huet, com apoio e vigilância de D. Pedro II durante um longo período, assim como o restante do mundo, fez uso da abordagem oralista, mesmo com resistência por parte dos alunos. Atualmente, denominada de Instituto Nacional de Educação de Surdos. (Ziesmann, 2017, p. 23).

Segundo Costa, Nascimento e Prates (2021), Huet defendia o ensino por meio do uso da Língua de Sinais. Destacamos que, na fundação do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), a grade curricular era composta de disciplinas sobre leitura labial e linguagem articulada, além de serem ensinadas as disciplinas de Matemática, Português, História e Geografia. No Brasil, a educação de Surdos foi marcada pelas três principais abordagens pedagógicas: oralismo, comunicação total e bilinguismo; essa última com discussão iniciada na década de 1970.

Nos países da América do Norte e América Central, conforme Couto (2023), a Língua de Sinais Americana (ASL) é a única língua de sinais usada. Skliar (2013, p. 23) aponta que: “Sabe-se que a Língua de Sinais Americana (ASL) é a terceira língua de maior uso dentro dos Estados Unidos”, porém, apesar de ser a terceira língua mais falada, não existe nenhum documento oficial que a reconheça como a língua da comunidade surda Norte Americana.

Segundo Pinheiro (2020. p. 96):

Os EUA reconhecem as línguas de sinais, mas não apresentam legislação vigente para tal. Não existe uma legislação nacional americana para ASL nem a inglês e nem outras línguas. É uma consciência pelo respeito dos americanos nos Estados Unidos da América – EUA.

De acordo com Couto (2023), os documentos que existem são relacionados aos tipos de deficiências em geral, mas não é algo específico voltado para o uso da língua de sinais ou educação de surdos. É bem claro o entendimento da população sobre a diferença linguística do país.

Couto (2023, p. 49) nos apresenta a respeito das Línguas de sinais nacionais do continente europeu:

Na Europa, quase todos os países possuem leis referentes às línguas de sinais. Quanto aos tipos dessas leis, 16 delas são direcionadas à legitimação dessas línguas e cinco pertencem ao reconhecimento constitucional. A Dinamarca é o único país do mundo, cujo tipo da legislação é pautado pelo conselho nacional de reconhecimento de línguas.

Assim, a língua de sinais dinamarquesa também compôs esse escopo. Além disso, outros quatro países europeus dispõem de um mesmo sistema de reconhecimento das suas línguas, independentemente da modalidade, garantindo, portanto, tal legitimidade.

A Língua de sinais francesa é língua nativa, não teve uma língua colonial. De acordo com Lulkin (2013), no Século VII, inclusive devido o modelo de educação de Surdos no Instituto Nacional dos Jovens Surdos de Paris (INJS), a proposta pedagógica da instituição seguia o modelo do antigo regime francês. Em razão do movimento europeu, a língua de sinais começou a ser vista como forma apropriada para educação de surdos.

A França, por meio da LSF, foi o primeiro país a difundir a língua de sinais no mundo, tanto nos países da América do Sul, como o Brasil, como nos países da América do Norte, como os Estados Unidos América (EUA). A LSF teve uma forte influência colonial sobre as outras línguas de sinais nos outros países: “Na França, a LSF (la langue des signes française), a aprovação da “Lei nº 2005-102” para igualdade de direitos e oportunidades, a participação e cidadania de pessoa com deficiência” (França, 2005, tradução nossa).

No continente europeu, além da LSF, temos a Língua de Sinais Espanhola (LSE), que vem da LSF; e a Língua de Sinais Alemã (DGS) que, igualmente a LSF, é uma língua nativa. O interessante é que os países que fazem fronteira com Alemanha, como Áustria, Luxemburgo e Suíça, são línguas nativas das pessoas surdas alemãs.

Conforme Pinheiro (2020), não há registros históricos a respeito do surgimento da DGS. Nos países europeus, as criações das políticas educacionais e linguísticas relacionadas à educação de Surdos foram criadas em decorrência das famílias nobres de surdos.

De acordo com Bergmann e Sams (2000), a Suécia é o país europeu que ocupa a liderança mundial no que concerne à educação de surdos. A comunidade surda Sueca usa a Língua Sueca de Sinais (LSS), a qual contribuiu diretamente para o surgimento da Língua Gestual Portuguesa (LGP).

Ao contrário das línguas de sinais nacionais do continente europeu, as línguas de sinais nacionais do continente africano iniciaram tardiamente, pois as políticas voltadas para o reconhecimento das línguas de sinais africanas não avançaram nos países africanos.

De acordo com Couto (2023), no continente Africano, pouquíssimos países (exatamente seis) criaram leis envolvendo as línguas de sinais e educação de surdos. Quatros desses países já reconhecem constitucionalmente as línguas de sinais africanas, enquanto dois têm legislações voltadas para deficiências de forma geral.

Conforme Muchanga (2020), só em 1990, foi citada a Língua de Sinais Moçambicana (LSM), porém, conforme Timbane (2024, p. 22):

Em Moçambique, o primeiro documento oficial que reconheceu a existência do surdo foi pelo Diploma Legislativo nº 2.288, de 25 de setembro de 1962. Nessa época, apenas filhos de colonos portugueses e de assimilados é que poderiam frequentar essas unidades escolares, até porque foi o ano do início da luta armada contra o colonialismo. Após a independência, justamente em 1983, o Estado publica a Lei nº 4/83, de 23 de março que reconhece a integração do surdo nas escolas especiais. Mesmo assim, esse ensino continuou sendo seletivo e exclusivo porque acolhia apenas uma população urbana e suburbana, para além de não ensinar o surdo para ter acesso ao ensino superior. O acesso às escolas especiais localizadas geograficamente nas grandes cidades não beneficia cidadãos que moravam na zona rural, infelizmente.

Atualmente, os Surdos que vivem na zona rural ainda acabam não tendo a mesma infraestrutura na educação, pois, muitas vezes, a organização política é excludente. Infelizmente, essa prática não é exclusiva de Moçambique. Conforme Timbane (2024), apesar da existência de vários documentos em Moçambique, a língua de sinais de Moçambique (LSM) ainda não é oficializada no país.

Dos 49 países pertencentes ao continente asiáticos, já foram documentados onze países que possuem políticas educacionais e linguísticas envolvendo as línguas de sinais nacionais.

Na Ásia, onze (11) países já reconhecem por meios legais as línguas de sinais, demandando que outros países também se mobilizem. No entanto, desses que já possuem, percebe-se que nove (9) deles têm leis abarcando questões de deficiência, gerados, possivelmente, por alguma influência da região em que estão situados (Couto, 2023, p. 51).

Pinheiro (2020) aponta sobre a importância do reconhecimento linguístico e como isso impacta diretamente na vida social e cultural das pessoas surdas. Vale destacar que a criação de políticas linguísticas, em vários países dos continentes do mundo, é uma grande conquista para a comunidade surda pertencente a cada região. As políticas existentes nos países do continente asiático relacionadas às

línguas de sinais nacionais, como no caso da Língua de Sinais Japonesa (LSJ) e a Língua de Sinais Chinesa (LSC), são políticas fortes que precisam ser ampliadas para outras regiões onde a educação de Surdos ainda não avançou.

Em conformidade com McClue (2013), foi por meio da publicação de uma lei, no ano de 1970, que a Língua de Sinais Japonesa (LSJ) foi citada pela primeira vez. Somente no ano de 1991, a Associação Japonesa de Intérpretes de Línguas de Sinais foi inaugurada. Posteriormente, no ano de 2002, a comunidade surda japonesa conquistou a criação da Federação Japonesa de Surdos e a Associação Nacional de Pesquisa para Interpretação de Língua de Sinais.

Sobre a LSJ, Eberhard, Gary e Charles (2020, p. 01) apontam que:

A família da Língua de Sinais Japonesa inclui a Língua de Sinais de Taiwan e a Língua de Sinais Coreana. A Língua de Sinais Japonesa - LSJ é conhecida como Nihon Shuwa e, antigamente, outro termo bastante usado para a Língua de Sinais era Temane.

Mediante as ações básicas do governo do japonês, a todas as pessoas com deficiências é garantida a oportunidade de escolher a sua língua (incluindo a língua de sinais) como forma de aquisição de conhecimentos. A China é outro país asiático que tem políticas de incentivo a educação de surdos. Abordando acerca da Língua de Sinais Chinesa (LSC), Yang (2008, p. 25) cita que:

O primeiro registro histórico do uso de sinais para comunicação remonta à Dinastia Tang (A.C. 618-959) em que a palavra chinesa 手语 Shou-yu (linguagem gestual) aparece na literatura. Shou-yu era usado para se referir a uma comunicação manual envolvendo sinais icônicos. A existência de uma comunidade que usasse sinais foi mencionada durante a Dinastia Song do Norte (960-1127) de Su Dongpo, no documento Guaishi Ji, sobre categorias e origens de línguas de sinais.

Conforme os dados, a moderna LSC (Zhongguo Shouyu) é bastante antiga; surgiu no final dos anos da década 1950 e teve a sua primeira publicação do alfabeto fonético constituído de 30 configurações de mãos, no ano de 1957. Somente no ano de 1990, foi criada a lei de proteção a pessoas com deficiência, citando a língua de sinais na China. Regiões como Shanghai, Nanjing, Beijing e Tianjin se comunicavam por meio de variações própria da região.

Na Oceania, quatro países apresentam leis de línguas de sinais, contemplando legislações específicas e em torno das deficiências.

### 3.4 Línguas Indígenas de Sinais no Mundo

O Quadro 4, referente às línguas indígenas de sinais em várias regiões do mundo, possibilita contextualizarmos e compreendermos como estão as organizações das políticas linguísticas mundiais dos povos originários.

Quadro 4 - Línguas indígenas de sinais no mundo

Apresentação das Línguas indígenas de sinais no mundo	Classificação Etnias dos Indígenas surdos	Autor (ano)	Nome da Língua Indígena de sinais	País/Localização
Língua de Indígenas de sinais (LIS)	Aldeias Maia-yucatecas, na região centro-sul da Península de Yucatán.	Hammarström; Forkel; Haspelmath (2017)	Lengua de Señas Maya-Yucateca (LSMY)	México
Língua de Indígenas de sinais (LIS)	Habitantes da ilha colombiana de Providência, no mar do Caribe.	Woodward (1978)	Lengua de Señas de Providencia (LSP)	Caribe América Caribenha é uma região do continente americano formada pelo Mar do Caribe, suas ilhas e Estados insulares.
Língua de Indígenas de sinais (LIS)	No Atlântico Norte, na costa do Estado de Massachussetts.	Costa, Nascimento e Prates (2021)	Martha's Vineyard Sign Language (MVSL).	Massachussetts. EUA
Língua de Indígenas de sinais (LIS)	Uma Etnia chamada Adamorobe, que se localiza no leste de Gana e é habitado por membros do grupo étnico Akan.	Groce (1985) Nyst (2007)	Adamarobe Sign Language (AdaSL).	Gana/ País na África Ocidental
Língua de Indígenas de sinais (LIS)	Comunidade beduína de Al-Sayyid, no deserto de Neguev, ao sul de Israel.	Nyst e Baker (2003)	لغة الإشارة البدوية من السيد (Tradução: Língua de Sinais Beduína de Al-Sayyid).	Israel/ País no Médio Oriente.
Língua de Indígenas de sinais (LIS)	Aldeia (ban) de Khor. O nome da aldeia também é usado para designar o subdistrito, que inclui mais 9 aldeias. A região é multilíngue, sendo o nyoh e o thai as	Kisch (2000)	A língua é conhecida em nyoh por pasa kidd e em thai por pasa bai, sendo pasa 'língua' e tanto kidd.	Tailândia País na Ásia

	línguas mais usadas. A elas se somam o lao, o putai e o soe.		Quando bai 'surdo'	
Língua de Indígenas de sinais (LIS)	Aldeias da Índia	Panda (2012)	Linguagem de Sinais Alipur (APSL)	Índia País na Ásia Meridional

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Conforme podemos observar no Quadro 4, essas são as línguas indígenas de sinais dos povos originários dos países da América do Sul, América do norte, Ásia, Oriente Médio e África Ocidental. Todas foram comprovadas cientificamente, porém a maioria não tem o reconhecimento linguístico em seus países, devido às políticas linguísticas adotada em cada país. Conforme Hammarström, Forkel e Haspelmath (2017, p. 16), a língua de sinais Maya-Yucateca:

A Lengua de Señas Maya-yucateca (LSMY) foi usada na região de Yucatán pelas comunidades maias rurais com um número alto de habitantes surdos. É uma Língua natural e complexa, que não está relacionada à Lengua de Señas Mexicana (LSM), mas pode ter semelhanças com Lenguaje de Señas Guatemalteca (Lensegua). Nas terras altas da Guatemala, os maias Surdos usavam uma Língua de Sinais que pertence a um complexo da Língua K'iche, localmente conhecido como Meemul Ch'aab'al e Meemul Tz'ij, "língua muda".

A Lengua de Señas Maya-yucateca (LSMY) é uma língua de sinais indígena da América, do tronco maia, usada pela comunidade de indígenas Surdos que vivem na região da Península do Iucatão no México, no norte do Belize e em partes da Guatemala. A Lengua de Señas Maya-yucateca (LSMY) tem sua estrutura própria que se difere da Língua de Sinais Nacional Mexicana (LSM).

De acordo com Quijano (2003), a população Maia-Yucatec vive em níveis de pobreza e marginalidade em quase todas as áreas da vida econômica e social. A realidade dos Maias é de exclusão política; os povos originários Maia-Yucatec não tiveram outra escolha senão refugiar-se na esfera fechada, o que a antropologia chamou de "vida comunitária"; diante disso, eles não avançaram em termos de reconhecimentos linguísticos.

O povo Maya-Yucateca vive uma segregação política que foi imposta pelo antigo regime do período colonial, contribuindo para que seu povo permanecesse enfraquecido politicamente e territorialmente, mantendo-se sem avanços. Negativamente, os Maias tiveram o desaparecimento e o cancelamento do uso legal

de suas línguas, além da imposição de um novo sistema linguístico e cultural diferente dos seus povos. É importante destacarmos que o povo Maya-Yucateca foi considerado uma das mais brilhantes civilizações antigas, além de serem referidos pelos conhecimentos avançados sobre astronomia.

Além da língua de sinais Indígena Maya-Yucateca da América do Sul, temos também a Língua de Sinais da Providência (PSL), uma língua usada pelos indígenas da ilha da Providência, pertencente ao Caribe, localizado na América central.

A Ilha Providencia também conhecida como Old Providence, é uma ilha no Mar do Caribe de 17 km<sup>2</sup> que pertence ao arquipélago colombiano departamento de San Andrés, Providencia. Possui uma população de aproximadamente cinco mil habitantes com uma composição social semelhante à descrita acima para a ilha de San Andrés da Providência, pertencente ao Caribe, localizado na América central (Meier *et al.*, 2010, p. 61).

De acordo com Meier *et al.* (2010), a Língua de Sinais da Providência (PSL) é uma língua nativa indígena e não tem relação histórica com nenhuma outra língua de sinais existente. Os Surdos que vivem nessa comunidade não estão isolados do contexto sociocultural do seu ambiente e compartilham de todos os elementos culturais da comunidade ouvinte. Todos os membros dessa comunidade, Surdos e ouvintes, usam normalmente a língua de sinais para se comunicar.

De acordo com Hooker (2015), a Língua de Sinais da Providência (PSL) possui uma linguagem que, dependendo do contexto e do locutor, tem um número alto de produção de sinais. Para Washabaugh (1986, p. 23):

Esta língua pode ser considerada como um elemento cultural, uma vez que não cumpre a função secundária da linguagem como entidade social integradora para criar, reforçar fronteiras, reunir os seus falantes e excluir estranhos.

O sistema linguístico da Língua de Sinais da Providência (PSL) é riquíssimo de elementos culturais, possibilitando autonomia dos seus falantes nativos. Pria (2012) afirma que a utilização da PSL é usada pelos Surdos também para posicionamentos dentro da comunidade Indígena.

Na costa do Estado de Massachussetts, na ilha de Martha's Vineyard, tem a comunidade surda indígena que faz uso da Língua de Sinais na ilha de Martha's Vineyard (MVSL). Meier *et al.* (2010, p. 121) afirmam que:

Em 1854, quando a população de Surdos da ilha atingiu o pico, uma média de uma pessoa em 155 era surda, enquanto a média nacional dos Estados Unidos era de uma em 5.730. Foi amplamente usada na ilha de Martha's Vineyard do início de 1700 até 1952, por pessoas surdas e ouvintes na comunidade.

Conforme Meier *et al.* (2010), o surgimento da Língua Indígena de Sinais na ilha de Martha's Vineyard (MVSL) foi devido ao aumento do número de nascimento de pessoas surdas na ilha. Nascer surdo na ilha não foi uma barreira para a comunidade surda ter autonomia e participação social. A MVSL é uma língua de sinais indígenas dos EUA; a ilha fica localizada no Atlântico Norte, na costa do Estado de Massachusetts.

Na região do continente africano, temos o registro da língua indígena de sinais Adamarobe Sign Language (AdaSL), usada pela comunidade indígena surda e pelos ouvintes que vivem em Adamorobe.

Conforme Nyst (2007, p. 17), a aldeia:

É uma vila na região oriental de Gana situada a cerca de 40 quilômetros da capital Accra. A aldeia está localizada em forma de tigela vale no sopé das colinas de Akuapem. Uma estrada parcialmente pavimentada de cerca de três quilômetros leva à estrada principal. Uma trilha de dois quilômetros subindo conecta a aldeia com a capital do distrito Aburi. Akuapem Twi é a principal língua falada em Adamorobe. Junto com Asante Twi, Fante e outros dialetos, Akuapem Twi é um dialeto de Akan, que é uma língua Kwa, um ramo da família linguística Níger-Congo.

De acordo com Nyst (2007), a maioria dos ouvintes das aldeias vizinhas Gã de Oyibi e Saduase tem um bom entendimento da língua Adamarobe Sign Language (AdaSL) usada pelos indígenas Surdos da comunidade Adamorobe. Regionalmente, os nativos da aldeia classificaram a língua como "Mumu kasa", que significa "língua surda" na língua nativa da comunidade.

Apesar de não ser comum vermos discussões envolvendo as línguas indígenas de sinais no território de Israel, país no médio oriente do continente Asiático, Meier (2006) afirma a existência dessa língua indígena há mais de 200 anos.

Costa, Nascimento e Prates (2021, p. 22) afirma que a Língua de Sinais Beduína de Al-Sayyid é:

[...] usada por cerca de 150 Surdos e muitos membros da tribo beduína Al-Sayyid no deserto de Negev, no sul de Israel. Como os Surdos em Al-

Sayyid não conseguem ouvir árabe ou hebraico e não foram expostos a nenhuma outra Língua de Sinais, a لغة الإشارة البدوية من السيد (Trad.: Língua de Sinais Beduína de Al-Sayyid) não sofreu nenhuma influência de nenhuma outra Língua. A comunidade foi isolada não pela geografia, mas pelo estigma social, em vários níveis. O contato com o mundo exterior está crescendo, à medida que são expostos à لغة الإشارة الإسرائيلية (Trad.: Língua de Sinais Israelense) e لغة الإشارة الأردنية (Trad.: Língua de Sinais Jordaniana) nas escolas, e os membros da comunidade se casam fora da comunidade (Costa; Nascimento; Prates, 2021, p. 22).

De acordo com Meier (2006), a comunidade Al-Sayyid é formada por 3.500 membros. Os Surdos pertencentes a essa comunidade não são excluídos da vida social e têm liberdade para participarem ativamente da organização social e cultural. A língua de sinais da comunidade é a língua de sinais al-sayyid beduína (ABSL).

Alipur Sign Language (APSL) é uma língua de sinais de aldeia indígena usada em Alipur, no estado de Karnataka, no sul da Índia. Alipur é uma grande vila de aproximadamente 20.000 habitantes, dos quais 150 são surdos. A aldeia é localizada a 80 quilômetros ao norte da cidade-jardim de Bengaluru (Bangalore). A vila é bastante conhecida na região pelo corte e polimento de pedras preciosas. Suas principais línguas faladas são o urdu e o hindi, e os moradores têm diferentes graus de familiaridade com a língua da área circundante, Kannada (uma língua da família Dravidiana) (Zeshan; Vos, 2012, p. 218).

Conforme Zeshan e Vos (2012), Alipur é um pequeno território muçulmano xiita, localizado numa área predominantemente hindu que está socialmente isolada. As principais ocupações são a agricultura, escultura, o polimento e venda de pedras preciosas. Essa última é uma prática econômica que tem crescido na aldeia; muitos jovens Surdos desenvolvem a prática de polir pedras. Normalmente, são bem pagos pelo trabalho que executam. Os Surdos que vivem em Alipu ocupam e realizam tarefas relacionadas à realidade da aldeia.

Apesar da comprovação científica da existência das línguas indígenas de sinais no mundo, não podemos negar a existência da luta dos povos indígenas em várias regiões do mundo para que sua língua e cultura sejam reconhecidas.

Souza (2022, p. 15) menciona que:

Há muito tempo os povos indígenas enfrentam vários entraves para a manutenção e fortalecimento de suas culturas e línguas. Em constante luta pelo reconhecimento de seus direitos, esses povos vêm buscando formas de valorização e fortalecimento de suas respectivas línguas.

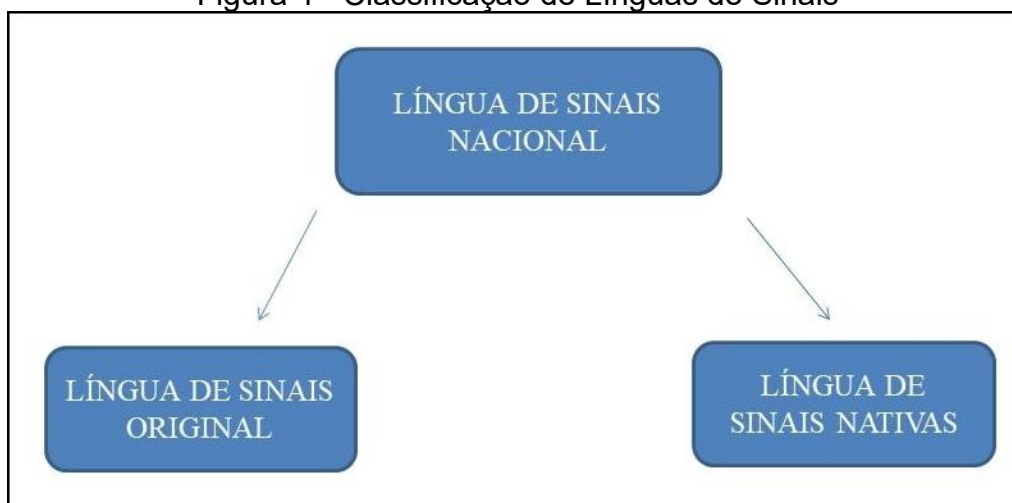
Observamos que o Brasil não se difere das demais regiões do mundo ocupada pelos povos indígenas, que têm lutado pela valorização, revitalização e preservação das línguas indígenas de sinais, buscando pelo reconhecimento dessas línguas, porém, devido, normalmente, à política linguística implantada nos diversos países, as línguas indígenas de sinais são silenciadas, o que contribui para que muitos indígenas Surdos permaneçam na invisibilidade social e linguística.

Apesar da existência do plurilinguismo no Brasil, a língua portuguesa ocupa um lugar de privilégio e tem status exclusivo de língua oficial no país, devido a uma política monolíngue implantada desde o período da colonização. Diante disso, presenciamos a realidade histórica das línguas indígenas no país, que nos revela uma ausência de políticas de valorização. Como consequência, há o desaparecimento de milhares de línguas indígenas, incluindo, as de sinais. O reconhecimento das línguas indígenas de sinais possibilita inclusão e respeito aos indígenas surdos, além de promover cidadania e valorização para culturas indígenas.

#### 3.4.1 Línguas Indígenas de Sinais no Brasil

Silva e Quadros (2019) classificam as línguas de sinais existentes no Brasil em três tipos: a língua de sinais nacional, língua de sinais original e as línguas de sinais nativas. Na Figura 4, há uma representação visual a respeito dessas línguas.

Figura 4 - Classificação de Línguas de Sinais



Fonte: Adaptação da Autora (2024), com base nas pesquisas apontadas por Silva e Quadros (2019).

Conforme a classificação proposta por Silva e Quadros (2019), as línguas de sinais nacionais são usadas em centros urbanos e, geralmente, foram reconhecidas legalmente<sup>3</sup>. No Brasil, a língua de sinais nacional é conhecida como Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e todas as línguas de sinais classificadas como língua de sinais originais são línguas indígenas de sinais espalhadas em várias regiões do Brasil. Nas línguas de sinais nativas estão classificadas as chamadas de emergentes e são usadas por Surdos que vivem em comunidades isoladas. Identificamos seis línguas desse tipo:

- a) A língua de sinais Cena, localizada na Várzea Queimada (Jaicós-Piauí-Brasil), pesquisada por Pereira (2013) e Silva (2021);
- b) A língua de sinais Acenos, estudada por Cerqueira e Teixeira (2016), localizada na região do Cruzeiro do Sul (Acre-Brasil);
- c) A Língua de Sinais de Fortalezinha (PA), pesquisada por Carliez, Formigosa e Cruz (2016);
- d) A Língua de Sinais da Ilha do Marajó, estudada por Martinod (2013), Formigosa (2015) e Fusellier-Souza (2006);
- e) A Língua de Sinais de Porto de Galinhas (PE), pesquisada por Carliez, Formigosa e Cruz (2016);
- f) A Língua de sinais de Caiçara, pesquisada por Timóteo (2008), referente ao Sítio Caiçara -Várzea Alegre – Ceará – Brasil.

Essas são as línguas de sinais classificadas por Silva e Quadros (2019) como línguas de sinais nativas; todas são usadas por comunidades isoladas.

No Quadro 5, é possível observarmos as línguas Indígenas de sinais classificadas como língua de sinais originais. O levantamento é resultado de várias pesquisas realizadas no Brasil.

Quadro 5 - Línguas Indígenas de sinais/LIS

<b>Classificação da Língua de sinais</b>	<b>Classificação da comunidade Indígena surda</b>	<b>Autor (ano)</b>	<b>Nome da Língua Indígena de sinais</b>	<b>Localização</b>
Língua de sinais	Centros Urbanos	Brito (1984)	Libras	Todo o território brasileiro

<sup>3</sup> Explicamos a respeito da situação das línguas de sinais nacionais no mundo na seção 3.3.

nacionais				
Língua de sinais original	Aldeias	Kakumasu (1968) Brito (1984) Godoy (2020) Mota (2020)	Língua Indígena Ka'apor de sinais	Indígena Ka'apor (Maranhão – Brasil)
Língua de sinais original	Aldeias	Azevedo (2015)	Língua de Sinais Sateré-Waré	Indígenas Sateré – Waré (Parintins – Manaus)
Língua de sinais original	Aldeias	Giroletti (2008)	Língua de Sinais Kaingang	Indígena Kaingang (Xanxerê – Santa Catarina – Brasil)
Língua de sinais original	Aldeias	Vilhalva (2012) Sumaio (2014) Araújo(2018) Leite (2021) Mussato e Souza (2019).	Língua de Sinais Terena Índios	Indígena Terena (Mato Grosso do Sul – Brasil).
Língua de sinais original	Aldeias	Coelho (2011) Vilhalva (2012) Lima (2013)	Língua de Sinais Guarani Kaiowá	Indígena Guarani-Kaiowá (Mato Grosso do Sul – Brasil)
Língua de sinais original	Aldeias	Damasceno (2017) Jesus (2018) Ferreira (2021) Santos <i>et al.</i> (2022) Monteiro (2022) Línguas [...] (2023) Santos (2024)	Língua de Sinais Pataxó	Indígena Pataxó (Aldeia Coroa Vermelha – Bahia)
Língua de sinais original	Aldeias	Barretos (2016)	Akwê Xerente	Akwê Xerente
Língua de sinais original	Aldeias	Costa (2017) Eler (2017) Gregianini (2017) Universidade Federal de Rondônia (2024)	Paitér Suruí	Os suruí são um grupo indígena brasileiro dos estados de Rondônia e Mato Grosso
Língua de sinais original	Aldeias	Silva e Quadros (2019) Melo (2022)	Pankararu	Pankararu da aldeia de Brejo dos Padres em Pernambuco
Língua de sinais original	Aldeias	Kymiu; Moraes (2020) Lopes (2020)	Hâtxa Kui– Huni Kui	Essa etnia vive no estado do Acre e sul do Amazonas, que abarca respectivamente a área do Alto Juruá e Purus e o Vale do Java.
Língua de sinais original	Aldeias	Gomes (2020) Moura (2020)	Xukuru do Ororubá.	Etnia de Pernambuco
Língua de sinais original	Aldeias	Araújo (2022) Araújo e Oliveira (2021)	Língua indígena Macuxi de sinais	Indígenas do estado de Roraima
Língua de sinais original	Aldeias	Ferreira (2021) Gonçalves (2001) Malcher (2021)	Mundurucus	Estado do Pará
Língua de sinais original	Aldeias	Perri Ferreira (2017)	Yanomami	Yanomami
Língua de sinais original	Aldeias	Barroso (2022)	Apinajé	Indígenas do estado de

				Tocantins/TO
Língua de sinais original	Aldeias	Comapa (2022)	Marubo	Os Marubo são um povo indígena que vive na Terra Indígena Vale do Javari, no Amazonas.
Língua de sinais original	Aldeias	Moura (2019) Almeida Filho(2005)	Wapichana	Os Wapichana são um povo indígena que habita no Brasil e na Guiana, principalmente nas regiões de Surumu, Taiano, Amajari e Serra da Lua. No Brasil, a maior parte das terras indígenas Wapichana está localizada na região leste do estado de Roraima, entre os rios Brancos e Tacutu.
Língua de sinais original	Aldeias	Mesa [...] (2023)	Kambeba	Indígenas do município de São Paulo de Olivença/AM
Língua de sinais original	Aldeias	Pompeu (2022)	Tentehar	Os indígenas Guajajara, também conhecidos como Tenetehara, vivem em onze Terras Indígenas localizadas no Maranhão, no centro do estado, nas regiões dos rios Pindaré, Grajaú, Mearim e Zútiua Tentehar.
Língua de sinais original	Aldeias	Roda [...] (2023)	Caixana	Os Caixanas são um grupo indígena que habita o médio rio Solimões, na Área Indígena Barreira da Missão, além do alto Solimões, na Terra Indígena São Sebastião, no estado brasileiro do Amazonas.
Língua de sinais original	Aldeias	Meu [...] (2023)	Tapayuná	Os Tapayuna vivem originariamente na região do rio Arinos, próxima ao município de

				Diamantino, no Mato Grosso.
Língua de sinais original	Aldeias	Inhape <i>et al.</i> (2023)	Assurini do Xingu	São os indígenas que vivem numa região localizada à margem direita do rio Xingu, no Estado do Pará.
Língua de sinais original	Aldeias	Ferrari (2024)	Xakriabá	Xakriabá

Fonte: Atualizado pela Autora (2025), com base nos apontamentos feitos por Silva e Quadros (2019).

A partir dos estudos apresentados no Quadro 5, contabilizamos (31) trinta e uma Línguas Indígenas de Sinais registradas em várias regiões do Brasil. Não realizamos uma seleção dos trabalhos aqui apresentados, pois o objetivo é apresentarmos a diversidade dos estudos desenvolvidos que envolvem tanto os aspectos linguísticos como culturais das línguas indígenas de sinais.

No Brasil, o primeiro pesquisador a identificar a existência das línguas Indígenas de sinais foi o antropólogo Darcy Ribeiro (1996), o qual comprovou, na década de 1949 a 1951, que na etnia Ka'apor existia um número elevado de indígenas Surdos que se comunicavam por meio da língua indígenas sinais.

Posteriormente, Lucinda Ferreira Brito (1995) deu continuidade aos estudos envolvendo línguas indígenas de sinais. É importante ressaltarmos que, na área dos estudos linguísticos de línguas de sinais no Brasil, Brito é pioneira. A autora também iniciou estudos sobre a Língua de Sinais Ka'apor (LSKB), que era a língua de sinais utilizada pelos indígenas do Estado do Maranhão.

A partir desse estudo, iniciaram-se pesquisas no campo da linguística dos estudos surdos, para que fosse reconhecida e registrada a Língua de Sinais Indígenas, usada pelos Surdos indígenas nas diferentes comunidades.

Segundo Kakumasu (1986, p. 275):

Em 1950, foi descoberto no Brasil um grupo indígena, através de pesquisas antropológicas, os Urubus- Ka'apor na floresta Amazônica (Maranhão), que falava uma variação da língua de sinais. Somente a partir da década de 1980 estudos linguísticos relacionados à Língua de Sinais Ka'apor Brasileira (LSKB) foram aprofundados.

Ramos (2002) menciona que a Língua Ka'apor de sinais era vista como uma espécie de estrutura, que estabelecia um canal de comunicação intratribal e não como ato ou operação financeira. Nesse sentido, segundo Ramos (2002, p. 06):

No Brasil, Lucinda Brito iniciou seus importantes estudos linguísticos em 1982 sobre a Língua de Sinais dos índios Urubu- Ka'apor da floresta amazônica brasileira, após um mês de convivência com os mesmos, documentando em filme sua experiência. A ideia para a pesquisa adveio da leitura de um artigo publicado no livro de Umiker-Sebeok (1978), de autoria de J. Kakumasu, Urubu Sign Language. No estudo, a Língua de Sinais dos Urubu- Ka'apor se diferenciaria da PSL por constituir um veículo de comunicação intratribal e não como meio de transação comercial. Lucinda Brito, porém, constatou que a mesma se tratava de uma legítima Língua de Sinais dos surdos, pelos mesmos criados. O interessante de se observar, no caso dos Urubu- Ka'apor, é que os ouvintes da aldeia falam a Língua de Sinais e a língua oral, evidentemente, enquanto que os Surdos se restringem à Língua de Sinais. Assim, os ouvintes da aldeia se tornam bilíngues, enquanto os Surdos se mantêm monolíngues.

Conforme Ramos (2002), a comunidade indígena desenvolveu uma forma peculiar de comunicação por sinais, que começou a ser estudada na década de 1960, primeiro pelo pesquisador canadense James Kakumasu em (1968) e em seguida pela linguista brasileira Brito (1984). Ressaltamos que Brito (1984) registrou a existência da Língua Ka'apor de sinais em sua pesquisa sobre termos básicos em LIS. Conforme Vilhalva (2009, p. 29), as línguas de sinais indígenas:

[...] praticadas pelos índios Surdos existentes em diversas comunidades indígenas do país, traz consigo características culturais e linguísticas variadas. Infelizmente, raramente são registradas, como são registradas outras línguas brasileiras de diferentes comunidades com suas especificidades culturais e étnicas.

Conforme Nonaka (2004, p. 30), normalmente, os estudos linguísticos das línguas de sinais não valorizam as línguas indígenas de sinais:

Desde 1960, quando se iniciaram os estudos linguísticos e antropológicos em referência às Línguas de Sinais, a maior parte das investigações tem incidido sobre as Línguas de Sinais nacionais ou padrão, usadas pelos Surdos de diferentes países, com escassa atenção às Línguas de Sinais usadas pelos indígenas em sua comunicação original.

Para Vilhalva (2012), a LIS para comunicação dos indígenas Surdos é essencial para o desenvolvimento dos estudos da área da linguística, pois as mudanças que ocorrem na LIS é um processo natural e comum a todas as línguas.

Soares (2018), em sua tese intitulada “Língua Terena de Sinais: análise descritiva inicial da língua de sinais usada pelos terenas da Terra Indígena Cachoeirinha”, apresenta uma discussão relevante na área das línguas de sinais indígenas e permite mostrar o estudo da(s) língua(s) utilizada(s) por Surdos terena

de diferentes faixas etárias, tendo como objetivo descobrir se os sinais que os Surdos terenos e alguns ouvintes estavam utilizando eram caseiros ou uma língua e se essa língua seria autônoma ou uma variedade da LIBRAS.

Azevedo (2015), com a dissertação sobre “Mapeamento e contribuições linguísticas do professor surdo aos indígenas Surdos da etnia Sateré-Mawé na microrregião de Parintins”, buscou identificar de que forma os índios Surdos estabeleciam a comunicação com seus pares na sua comunidade. A partir dos dados, elaborou um minidicionário trilingue nas línguas Sateré-Mawé/língua de sinais/português escrito para facilitar a comunicação entre os professores e os alunos índios surdos, principalmente no contexto da comunidade educacional escolar.

De acordo com Azevedo (2015), os indígenas da etnia Sateré-Mawé são bilíngues, no entanto, as línguas que envolvem as relações sociais dos Surdos indígenas são: a Língua indígena Sateré Mawé, a Língua Portuguesa e a Língua Indígena de Sinais, isto é, três línguas. A pesquisa realizada por Azevedo (2015) acerca das línguas indígenas de sinais na etnia Sateré-Mawé tem uma enorme importância para o desenvolvimento dos estudos linguísticos na área das LIS.

Conforme as informações divulgadas pelo site Povos Indígenas no Brasil (Lorenz, 2015), a Língua Sateré-Mawé integra o tronco linguístico Tupi:

A língua Sateré-Mawé integra o tronco linguístico Tupi. Segundo o etnógrafo Curt Nimuendaju (1948), ela difere do Guarani-Tupinambá. Os pronomes concordam perfeitamente com a língua Curuaya-Munduruku, e a gramática, ao que tudo indica, é tupi. O vocabulário Mawé contém elementos completamente estranhos ao Tupi, mas não se relaciona a nenhuma outra família linguística. Desde o século XVIII, seu repertório incorporou numerosas palavras da língua geral.

Informações obtidas no site PIB a respeito da localização da etnia Sateré-Mawé indicam que a comunidade indígena habita na região do médio Rio Amazonas em duas terras indígenas, uma denominada TI Andirá-Marau, região que faz fronteira com os estados do Amazonas e do Pará e que é o território original desse povo; a outra é um pequeno grupo na TI Coatá-Laranjal da etnia Munduruku. Os Sateré-Mawé também são encontrados morando nas cidades de Barreirinha, Parintins, Maués, Nova Olinda do Norte e Manaus, todas situadas no estado do Amazonas.

A pesquisadora Mussato (2017), em sua dissertação intitulada: “O que é ser índio sendo surdo?: um olhar transdisciplinar” apresenta uma discussão sobre os desafios do que é ser surdo e indígena e como os próprios indígenas se veem diante da cultura hegemônica ouvinte. A autora reflete a respeito das políticas que envolvem a educação de indígenas Surdos que, muitas vezes, vivem na invisibilidade linguística.

Coelho (2011), em sua tese de doutorado sobre “A Constituição do sujeito surdo na cultura Guarani-Kaiowá”, identificou a interface da educação especial na educação indígena, um campo novo e complexo de investigação, que traça fronteiras ainda não definidas entre dois campos de conhecimento em constituição, permitindo situar o sujeito indígena surdo em uma cultura diferenciada para compreendermos as relações estabelecidas entre as culturas em contato e as línguas usadas nas aldeias estudadas.

Barroso (2022) apresentou, em sua dissertação de mestrado, a pesquisa: “Educação Escolar de Indígenas Surdos: Um olhar para o contexto Apinajé”, que se trata de uma pesquisa bibliográfica de cunho etnográfico sobre a realidade da educação escolar vivenciada pelos indígenas Surdos do povo Apinajé no norte do Tocantins. O objetivo principal do estudo é compreender o processo de educação escolar dos indígenas Surdos brasileiros. No estudo, a autora realizou um mapeamento das pesquisas realizadas pelo Brasil, apresentando teses e dissertações envolvendo a educação de indígenas Surdos e língua indígenas de sinais (LIS).

Costa (2017) realizou o estudo intitulado: “Mapeamento dos Sinais da Comunidade Surda do Povo Paiter Suruí no Contexto Familiar”, resultado da sua dissertação de mestrado. O objetivo da pesquisa foi mapear os Sinais Paiter Suruí (SPS) utilizados nos processos de comunicação e expressão na aldeia indígena Gagrir e contribuir para outros estudos relacionados às línguas de sinais em contextos indígenas. É importante ressaltarmos que os resultados comprovaram que os Surdos Paiter Suruí usam sinais próprios que diferem dos sinais da Língua Brasileira de Sinais e têm características da cultura e da identidade do povo Paiter Suruí.

Damasceno (2017) apresentou, em seu trabalho de dissertação de mestrado intitulado “Surdos Pataxó: Inventário das Línguas de Sinais em Território

Etnoeducacional”, a língua indígena Pataxó de sinais, usada pela comunidade surda da etnia Pataxó, que fica localizada no sul da Bahia.

Conforme Damasceno (2017, p. 65):

O estudo apresenta o desafio do estudante indígena com necessidade educacional especial para se engajar na educação formal, e ser reconhecido no Atendimento Educacional Especializado (AEE). A autora afirma que o estudo permitiu constatar que a tecnologia pode favorecer a aprendizagem do estudante surdo por meio da utilização de programas educativos voltados para pessoas surdas, e aponta sobre a importância de investimentos na Formação Pedagógica Bilíngue, para que a língua indígena de sinais possa ter visibilidade, fazendo com que ela transite também entre os ouvintes Pataxós”.

O uso da tecnologia na educação dos indígenas Surdos tem uma grande importância para o desenvolvimento linguístico dos indígenas surdos, além de contribuir para que a língua indígena de sinais possa ter mais visibilidade. De acordo com Rubim e Santos (2024, p. 06), as Línguas Indígenas de Sinais:

São conexões ancestrais que nos levam a pensar a forma de nós vamos categorizar as LIS, a forma que está conectada ao território linguístico, ou seja, as Línguas Indígenas de Sinais vêm por meio da nossa ancestralidade. Assim, as Línguas Indígenas sejam elas orais escritas ou de sinais estão conectadas ao território.

As manifestações culturais dos povos originários acontecem de diferentes formas, nas danças, nos ritos religiosos, nas pinturas dos seus corpos e nas relações sociais e nas múltiplas formas de expressões transmitidas dos seus ancestrais.

Outro ponto importante para destacarmos no campo dos estudos das línguas indígenas de sinais no Brasil são os realizados por pesquisadores indígenas Surdos e ouvintes. Normalmente, esses pesquisadores (Quadro 6) atuam diariamente nas escolas dentro das aldeias de diversas etnias; eles conhecem a rotina dos estudantes surdos.

Quadro 6 - Pesquisadores indígenas Surdos e ouvintes que atuam na educação de surdos, LIS e Libras



Fonte: Santos (2024, p. 103).

Atualmente, nos estudos envolvendo as línguas indígenas de sinais, temos a presença de 21 pesquisadores indígenas Surdos e ouvintes contribuindo para valorização, revitalização e preservação da língua indígena Ka'apor de Sinais; é importante vermos os pesquisadores indígenas como sujeitos de sua história em diferentes tempos e contextos.

## 4 METODOLOGIA

Nesta seção, descrevemos os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa e suas abordagens no campo dos estudos linguísticos na perspectiva etnográfica qualitativa. Desse modo, nesta seção, serão apresentados: o lócus e os participantes da pesquisa, as técnicas, os instrumentos, os procedimentos, a análise e o tratamento dos dados utilizados, além do tipo de pesquisa aqui investigada e os métodos de estudo empregados.

A pesquisa teve como suporte uma revisão de literatura, cujo arco de abrangência é sobre abordagens de estudos na área da linguística de Língua Indígenas de Sinais e Língua de Sinais Nacionais, que permite, a princípio, a investigação dos quatro níveis básicos de organização dos sistemas linguísticos: o fonológico, o morfológico, o sintático e o semântico.

Para Leite (2008), a fundamentação teórica é a parte essencial para desenvolvermos quaisquer estudos científicos; é justamente por meio das referências bibliográficas que podemos dominar uma temática de uma área específica. Conforme Trentini e Paim (1999, p.68): “A seleção criteriosa de uma revisão de literatura pertinente ao problema significa familiarizar-se com textos e, por eles, reconhecer os autores e o que eles estudaram anteriormente sobre o problema a ser estudado”.

Destacamos que a revisão da literatura é elemento indispensável para o seguimento da pesquisa, pois, mediante o embasamento teórico, teremos subsídios para ampliarmos o conhecimento sobre o que se pretende pesquisar. Os achados bibliográficos nos direcionam para qual caminho devemos percorrer nas nossas investigações e são importantes para validar os estudos científicos. No caso da pesquisa em questão, utilizamos na base bibliográfica o referencial teórico pertinente à produção do conhecimento no campo linguístico e cultural da etnia Ka’apor e sobre a língua indígena Ka’apor de sinais.

Esta pesquisa se caracteriza no campo dos estudos linguísticos na perspectiva etnográfica qualitativa. Os estudos etnográficos expandiram-se no final do século XIX e início do século XX, com a finalidade de observar de forma genérica os estilos de vida de um determinado povo:

Etnografia - Grafia vem do grego graf(o) significa escrever sobre, escrever sobre um tipo particular - um etn(o) ou uma sociedade em particular. Antes de investigadores iniciarem estudos mais sistemáticos sobre uma determinada sociedade eles escreviam todos os tipos de informações sobre os outros povos por eles desconhecidos. Etnografia é a especialidade da antropologia, que tem por fim o estudo e a descrição dos povos, sua língua, raça, religião, e manifestações materiais de suas atividades, é parte ou disciplina integrante da etnologia é a forma de descrição da cultura material de um determinado povo (Mattos; Castro, 2011, p.53).

Soares (2018) destaca alguns pontos relevantes na realização de trabalhos no campo da linguística na perspectiva etnográfica: o pesquisador deve ter uma visão sem o preconceito linguístico, abandonando a concepção do etnocentrismo, pois essa conduta é incontestável e fundamental, sendo que, normalmente, a língua está interligada sempre com uma cultura, uma cosmovisão, geralmente, diferindo da cosmovisão do pesquisador. Peirano (2014, p. 5) apresenta três pontos importantes para realizar uma boa etnografia.

A etnografia é um processo guiado preponderantemente pelo senso questionador do etnógrafo:

Boas etnografias cumprem, pelo menos, três condições: I) consideram a comunicação no contexto da situação (cf. Malinowski); II) transformam, de maneira feliz, para a linguagem escrita o que foi vivo e intenso na pesquisa de campo, transformando experiência em texto; e III) detectam a eficácia social das ações de forma analítica (Peirano, 2014, p. 5).

Diante disso, ao iniciarmos pesquisas etnográficas, assumimos os desafios de examinar os hábitos culturais de um povo e suas relações sociais, analisando o significado da vida para esses grupos, excluindo qualquer prática da colonialidade. Desse modo, não podemos desconsiderar os pontos destacados por Peirano (2014). Portanto, no presente estudo, no campo dos estudos linguísticos, buscamos examinar os dados coletados levando em conta a realidade da qual os falantes estão inseridos, transferindo de forma imprescindível tudo que foi observado, coletado e estudado, eliminando quaisquer conceitos pré-determinado a respeito da “língua Ka’apor de sinais”.

De acordo com Mattos e Castro (2011), o pesquisador tem que criar e recriar as suas técnicas conforme a realidade da comunidade onde está desenvolvendo a pesquisa. Ressaltamos que não existe uma regra padronizada a ser aplicada nos estudos etnográficos. Desse modo, conforme Mattos e Castro (2011, p. 50):

A utilização de técnicas e procedimentos etnográficos, não segue padrões rígidos ou pré-determinados, mas sim, o senso que o etnógrafo desenvolve a partir do trabalho de campo no contexto social da pesquisa. Os instrumentos de coleta e análise utilizados nesta abordagem de pesquisa, muitas vezes, têm que ser formulados ou recriados para atender à realidade do trabalho de campo. Assim, na maioria das vezes, o processo de pesquisa etnográfica será determinado explícita ou implicitamente pelas questões propostas pelo pesquisador. Etnografia é a escrita do visível. A descrição etnográfica depende das qualidades de observação, de, do conhecimento sobre o contexto estudado, da inteligência e da imaginação científica do etnógrafo.

A qualidade da observação também é apontada por Tarallo (1990). Segundo o autor, a observação deve ser o primeiro passo para que o pesquisador possa trabalhar com a comunidade que está estudando para, posteriormente, interagir com o povo, alcançando, assim, melhores resultados. Enquanto isso, Mattos e Castro (2011, p. 54) afirma que a etnografia colaborativa se manifesta no âmbito da observação:

A etnografia colaborativa se manifesta no âmbito da observação participante e se apresenta como um dos procedimentos mais usuais em contextos culturais complexos no campo das ciências humanas. Todavia, é importante esclarecer que etnografia participante não é sinônima de etnografia colaborativa. [...] a etnografia colaborativa surge a partir das abordagens da teoria social crítica, com fortes conotações neomarxistas advindas dos manifestos da Escola de Frankfurt, e tem como objetivo não somente descrever, conforme ocorre na etnografia convencional, mas também causar transformações para melhor no ambiente pesquisado. É, simultaneamente, hermenêutica e emancipatória e se caracteriza por ser um tipo de investigação científica na qual o pesquisador não age passivamente, e em sua ação busca entender o outro e assim ambos são coparticipantes na construção e transformação do conhecimento [...] (Mattos; Castro, 2011, p. 54).

A proposta da etnografia colaborativa propõe não só observarmos, mas também transformar os diversos domínios de estudos em conhecimento científico, além do compromisso em compreender o outro no processo de construção dos saberes e transformando em conhecimentos. Além da etnografia colaborativa, a pesquisa etnográfica se apresenta também como qualitativa, “crítica e participante”:

Diferentemente das ciências naturais, nas ciências sociais os fenômenos são complexos, o que dificulta separar causas e motivações isoladas e exclusivas, de modo que não podem ser reproduzidos em laboratório e submetidos a controle. Ademais, a preocupação do cientista social é a estreita aproximação dos dados, de fazê-lo falar da forma mais completa possível, abrindo-se à realidade social para melhor apreendê-la e compreendê-la. Afinal, se há uma característica que constitui a marca dos métodos qualitativos ela é a flexibilidade, principalmente quanto às técnicas

de coleta de dados, incorporando aquelas mais adequadas à observação que está sendo feita. A Etnografia como metodologia de pesquisa desdobra-se em “crítica, colaborativa e participante (Martins, 2007, p. 292).

Outra característica importante da metodologia qualitativa consiste nos métodos múltiplos. A diversidade de instrumentos obtidos qualitativamente exige do pesquisador uma capacidade humanística, pois, nesse processo, é necessária a compreensão do funcionamento do objeto estudado.

De acordo com Richardson (2017), a pesquisa qualitativa é fundamentalmente interpretativa, possibilitando liberdade para o pesquisador desenvolver os estudos para aplicação das análises de dados, compreendendo que a pesquisa qualitativa possibilita concepções amplas e multifacetadas.

#### **4.1 A prática da pesquisa de campo etnográfica**

Segundo Gonçalves (2001, p. 67):

A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas [...] agem, e se diferencia do grupo de ouvintes e como eles apreendem.

Ainda conforme Gonçalves (2001), a pesquisa de campo possibilita contato diretamente com a comunidade estudada. Diante disso, o local da pesquisa é a fonte direta para obtenção dos dados, sendo o pesquisador o instrumento chave para a efetivação do estudo. O local onde ocorreu a pesquisa foi a Terra Indígena Alto Turiaçu, dos povos indígenas da etnia Ka'apor, localizada no norte do estado do Maranhão, contando com uma população de aproximadamente 2.000 mil habitantes, distribuídos em 12 aldeias. A pesquisa foi realizada especificamente em duas aldeias: Waxingi r-ena e Paraku'y.

A escolha do lócus se deu porque nessas aldeias tem indígenas surdos. Consideramos importante ressaltar que nem todas as aldeias da etnia Ka'apor têm indígenas surdos. Ficamos na aldeia com os Ka'apor aproximadamente 30 dias, divididos em dois momentos distintos: o primeiro no mês de julho de 2023, quando passamos 15 dias nas aldeias Waxingi r-ena e Paraku'y; o segundo em março 2024, quando retornamos e ficamos mais 15 dias nas aldeias supracitadas.

Durante esse período, iniciamos os estudos na língua Ka'apor oral, mas nos faltou tempo para continuar. Rossi Ka'apor, professor da língua Ka'apor oralizada na escola, se colocou a disposição para nos ensinar.

Durante essa ocasião, acompanhamos um pouco o cotidiano das aldeias, especificamente, na Waxingi r-ena, pois foi a aldeia que passamos mais tempo. É interessante a forma da organização política, econômica, cultural e linguística da etnia Ka'apor, pois os indígenas Ka'apor têm um sistema de organização social próprio, práticas herdadas dos seus ancestrais. Muitos indígenas Ka'apor, devido à história de luta do seu povo, são politizados e sabem a importância de lutar pelos seus direitos.

De acordo com Rocha e Eckert (2008), a observação feita na pesquisa etnográfica é uma técnica brilhante para os saberes e para as práticas na vida social da comunidade estudada, pois o uso dessa técnica contribui para reconhecer as ações e as representações coletivas de um povo.

Para Oliveira, Coelho e Sanches (2022, p. 02):

A etnografia surge com a necessidade de descrever povos, sobretudo aqueles que se diferenciavam das populações dos centros europeus. Povos com línguas e culturas diversas, considerados exóticos, despertaram o interesse dos estudiosos com o advento das expansões de territórios e de colonização em diferentes continentes.

Durante a realização da pesquisa de campo etnográfica, é fundamental que o pesquisador esteja ligado a cada detalhe que envolve a pesquisa, aos sentimentos e às ações de cada membro da comunidade estudada. Conforme as palavras de Malinowski (2018, p. 79), o etnógrafo “deve de vez em quando, deixar de lado a máquina fotográfica, o lápis e o caderno e participar diretamente do que está acontecendo”, ou seja, durante esse período, é importante não se preocupar em catalogar dados, mas, principalmente, viver a cultura, os costumes da comunidade.

A aldeia Waxingi r-ena atualmente é liderada pelo Cacique Merahu Ka'apor. É importante destacarmos que o Pai do Merahu Ka'apor, o seu pai Fernando Ka'apor, foi líder da aldeia durante muitos anos e, posteriormente, o Merahu ocupou esse cargo que, anteriormente, era executado pelo seu pai. A imagem 02 é um registro junto com o seu Fernando Ka'apor.

Imagem 2 - Seu Fernando, pai do cacique.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025).

Ressaltamos que a família do Merahu é bastante envolvida politicamente com as atividades da aldeia; alguns atuam como tradutores na escola e têm contrato com a Prefeitura Municipal do Centro do Guilherme. A prefeitura disponibiliza professores não indígenas para atuarem na escola dentro da aldeia. A liderança da aldeia está lutando para construção de um ginásio de esportes, pois já tem um time de futebol composto pelos jovens indígenas Ka'apor. A conquista desse ginásio trará grandes benefícios para a comunidade indígena Ka'apor. Por enquanto, o processo ainda está em andamento, mas em um futuro breve será conquistado.

Vale ressaltarmos que a Waxingir-ena atende outras aldeias próximas, pois ela tem um posto médico com duas médicas para atender a população. Somente em casos mais graves, os indígenas são encaminhados para a cidade mais próxima, nesse caso, o município mais perto conhecido como Centro do Guilherme (MA). Importa frisarmos que, na aldeia, há uma casa que foi construída para receber as duas profissionais da saúde e há também uma escola que atende os indígenas dessa aldeia e da vizinha.

A segunda aldeia é liderada pelo Cacique Antônio Ka'apor, onde vive mais 30 famílias. Os estudantes indígenas estudam na escola aldeia Waxingir-ena e são atendidos pelo posto médico quando precisam. Importa ressaltarmos que a aldeia Paraku'y não é equipada como a Waxingir-ena. Há apenas casas onde as famílias indígenas residem, casa de farinha e um campo de futebol. Outro detalhe importante é que a aldeia Paraku'y fica bem próxima à aldeia Waxingir-ena.

Rocha e Eckert (2008) definem a pesquisa de campo etnográfico como o estudo do outro na perspectiva da Alteridade. O objetivo principal é conhecer o outro. A observação é uma prática de aprendizagem que prepara o pesquisador para conhecer o outro e ao mesmo tempo ele mesmo.

Conforme Rocha e Eckert (2008, p. 04):

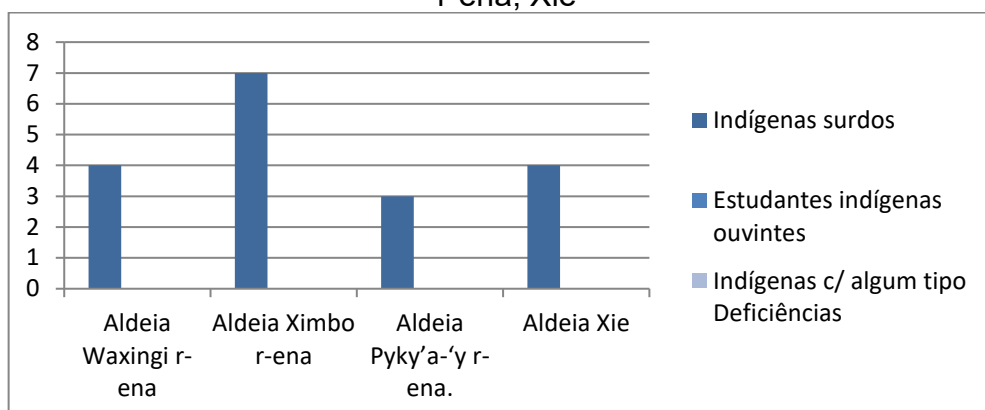
Esta descoberta sobre o Outro, é uma relação dialética que implica em uma sistemática reciprocidade cognitiva entre o (a) pesquisador (a) e os sujeitos pesquisados. A acuidade de observar as formas dos fenômenos sociais implica na disposição do (a) pesquisador (a) a permitir-se experimentar uma sensibilidade emocional para penetrar nas espessas camadas dos motivos e intenções que conformam as interações humanas, ultrapassando a noção ingênua de que a realidade é mensurável ou visível, em uma atitude individual. O observar na pesquisa de campo implica na interação com o Outro evocando uma habilidade para participar das tramas da vida cotidiana, estando com o Outro no fluxo dos acontecimentos. Isto implica em estar atento (a) as regularidades e variações de práticas e atitudes, reconhecer as diversidades e singularidades dos fenômenos sociais para além das suas formas institucionais e definições oficializadas por discursos legitimados por estruturas de poder.

A observação que realizamos nos dias que passei na etnia Ka'apor foi fundamental para compreendermos a organização social, política, econômica, linguística e cultural dos indígenas Ka'apor.

#### 4.1.1 Participantes da Pesquisa

Realizamos um levantamento para identificar quais aldeias tinham indígenas surdos, verificando, de forma prévia, junto à liderança indígena, em contato com o Cacique geral e, posteriormente, com os caciques das aldeias Waxingi r-ena e Pyky'a-'y r-ena. O contato com o cacique geral se deu por ele ser o responsável por todas as aldeias. Mesmo que cada aldeia tenha um representante, é importante ressaltarmos que existe um líder maioral que, nesse caso, é o cacique geral. No Gráfico 1, indicamos a presença de indígenas Surdos nas aldeias da etnia Ka'apor.

Gráfico 1 - Aldeias que tem Indígenas Surdos Waxingi r-ena, Ximbo r-ena e Pyky'a-ý r-ena, Xie



Fonte: A autora (2025), totalizando 25 indígenas surdos.

Após o levantamento de quantas aldeias tinha surdos, já que nem toda a aldeia tem indígenas surdos, foi necessário definirmos em quais aldeias trabalharíamos. Portanto, neste estudo, por questões políticas internas entre os Ka'apor, optamos por trabalhar em apenas duas Aldeias: Waxingi r-ena e Pyky'a-ý r-ena.

Diante disso, os cinco indígenas Surdos foram convidados e aceitaram participar da pesquisa, ao assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), cujo documento tem por objetivo proporcionar aos participantes da pesquisa melhor transparência da investigação a ser realizada, mostrando hipóteses de malefícios e benefícios, para que os participantes possam manifestar seus interesses em participar (ou não), sendo livre e consciente para tal escolha.

Os indígenas Surdos que selecionamos para este estudo foram os que usam a Língua de indígenas Ka'apor de sinais. Importa destacarmos que os indígenas Surdos da etnia Ka'apor nunca tiveram contato com a língua brasileira de sinais (LIBRAS), portanto, os sinais usados por eles são totalmente da língua indígena Ka'apor de sinais.

O perfil foi organizado nas seguintes categorias: perfil sócio-identitário, perfil linguístico e identidade indígena surda.

## 4.2 Técnicas e Instrumentos

As técnicas que utilizamos neste estudo foram aplicação de questionário semiaberto e entrevista visual com uso de filmagens e exploração da visualidade.

Para a execução do questionário, foi necessária a tradução da língua Ka'apor para a língua portuguesa e para a língua indígena Ka'apor de sinais.

De acordo com Miranda (2020), os questionários podem ser usados conforme os objetivos do estudo, constando tipos diferentes de perguntas e níveis de respostas. De acordo com Richardson (2017), o questionário possui funções distintas, entre elas, descrever traços específicos do estudo. Nessa descrição, devem-se cumprir diversos objetivos do que está sendo investigado. O questionário traz várias contribuições informativas a respeito de culturas, povos, grupos, gêneros e idade. Conforme Leite (2015, p. 110):

O questionário deve apresentar objetivos muito claro relacionados com os objetivos da pesquisa, além de coletar informações que permitem classificar pessoas e suas circunstâncias, coletar informações relacionada a comportamentos das pessoas.

Outro ponto importante destacado por Richardson (2017) é que os questionários não têm uma restrição em relação à quantidade de perguntas, assim, podem ser feitas duas, três ou mais de cem perguntas. Não existe uma norma estabelecida em relação a isso.

Para Richardson (2017), a entrevista possibilita transcrever informações relevantes para o desenvolvimento da pesquisa, além da técnica unir o pesquisador ao universo a ser investigado, possibilitando uma melhor compreensão e interpretação dos dados conforme os objetivos do estudo.

De acordo com os enunciados da Resolução CNS 196/1996:

O uso de filmagem deve estar acordado, com o sujeito do estudo, o direito de uso da imagem pelo pesquisador, pois, deve-se admitir a possibilidade de utilização das imagens para confrontar os dados, aprofundar a análise com os participantes, seja individualmente ou em grupos (Brasil. Ministério da Saúde, 1996).

A técnica da filmagem tem se mostrado altamente positiva no sentido de possibilitar captação de imagens com movimentos e ações do que está sendo registrado; não é somente uma imitação das imagens, a filmagem é instrumento significativo para a coleta e produção de dados. No caso deste estudo, por se tratar de uma língua visual e em razão das capturas dos sinais, é essencial que os registros sejam realizados por meio das filmagens.

### 4.3 Procedimentos, Análise e Tratamento dos Dados.

Esta pesquisa procurou analisar os dados coletados durante o uso do questionário e entrevista, mediante a tradução para Língua portuguesa, com uso de uma filmadora para a técnica de filmagem, conforme apresentado anteriormente. Importa evidenciarmos que fizemos o registro em todas as etapas por meio de filmagem.

Utilizamos uma câmera criteriosamente, pois, como se trata de uma língua sinalizada, realizada no espaço visual, é necessário que todas as observações dos sinais, de cada movimento realizado e das expressões faciais sejam registradas detalhadamente. Também utilizamos um diário de campo para fazer anotações dos dados dos momentos que não foram utilizadas as câmeras.

Por meio do *corpus* do questionário, foi possível identificarmos o perfil dos participantes dos indígenas Surdos da etnia Ka'apor e mapearmos os sinais pertencentes à língua indígena Ka'apor de sinais. Realizamos o contato com os indígenas Surdos em dois momentos de forma presencial na aldeia: o primeiro no mês de julho de 2023 e o segundo em março de 2024.

O *corpus* resultante da entrevista com uso da técnica da tradução apontou, mediante o mapeamento dos sinais sinalizados pelos indígenas surdos, a identificação da estrutura linguística da língua Ka'apor de sinais, com base nos sinais sinalizados pelos indígenas Surdos Ka'apor, além de comprovar a presença da incorporação na realização dos verbos na língua indígena Ka'apor de sinais.

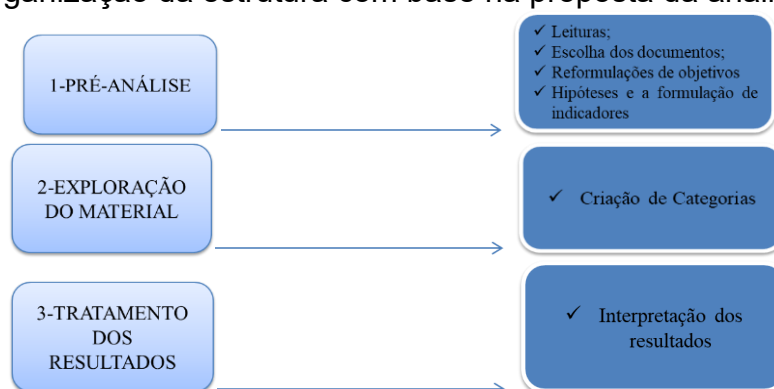
Com o *corpus* da primeira técnica, foi possível elaborarmos um quadro descritivo com os dados de caracterização do perfil, assim como dos sinais catalogados da língua Ka'apor de sinais utilizados pelos indígenas surdos. O perfil foi organizado com os descritores: idade, estado civil, status linguístico e a identidade indígena surda.

O quadro de sinais foi composto de 141 sinais usados pelos indígenas surdos. Importa destacarmos que a maioria dos indígenas Surdos usam em comum vários sinais para se comunicar. Este estudo vem comprovar que as línguas Ka'apor de sinais usadas pelos indígenas Surdos possuem uma estrutura linguística própria com fonologia, léxico, morfologia, sintaxe, conforme foi possível observarmos nos resultados e discussões.

Para análise dos dados do presente estudo, optamos por usar a Análise de Conteúdo com base na teoria de Bardin (2012), um conjunto de técnicas de análises das comunicações. Apesar de ser um campo de aplicação muito amplo, essa abordagem de análise exige uma precisão para aplicar os instrumentos, com o objetivo de evitar falsas interpretações. Por isso, essa exigência para que o resultado seja eficaz.

No Quadro 7, apresentamos a ordem das técnicas da análise de conteúdo que usamos neste estudo.

Quadro 7 - Organização da estrutura com base na proposta da análise de conteúdo



Fonte: Elaborado pela autora e adaptado com base na proposta de Bardin (2012).

Podemos observar, no Quadro 7, que estão organizados os detalhes de cada fase da pesquisa e a ordem das técnicas que podem ser aplicadas na pesquisa, conforme a Análise de Conteúdo de Bardin (2012). As técnicas estão organizadas em três fases: 1) pré-análise; 2) exploração do material, categorização ou codificação; e 3) tratamento dos resultados, inferências e interpretação.

A pré-análise é uma etapa da Análise de Conteúdo muito importante, pois é nela que é organizado o material de base inicial para desenvolver a pesquisa. Essa fase compreende quatro pontos importantes: “A leitura flutuante; escolha dos documentos; reformulações de objetivos e hipóteses e a formulação de indicadores, as quais nos darão fim à preparação do material como um todo” (Bardin, 2012, p. 38).

Logo em seguida, temos a exploração do material, etapa que tem por objetivo a categorização ou codificação no estudo. Conforme Bardin (2012), tratar o material é codificá-lo.

A codificação corresponde a uma transformação - efetuada segundo regras precisas- dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo, ou da sua expressão, susceptível de esclarecer o analista acerca das características do texto, que podem servir de índices (Bardin, 2012, p. 38).

De acordo com Holsti (1969), a codificação é onde os dados primários são transformados ordenadamente e incorporados em unidades. Esse processo contribui para que a descrição seja exata conforme os critérios estabelecidos; nesta etapa, são definidas as categorias.

Para Richardson (2017), nos estudos de análise de conteúdo categorial ou semântica, é necessário cumprir algumas regras, entre elas: não é permitido misturar mais de uma identificação; é importante relacionar as categorias com o desenvolvimento do texto todo; é essencial escolher qual grupo irá trabalhar para se obter uma conclusão confiável. Os objetivos da organização em categorias são para selecionar um grupo específico que se vai trabalhar e impedir resultados adulterados.

Segundo Richardson (2017, p. 253):

Sistematização refere-se à inclusão ou exclusão do conteúdo ou categorias de um texto de acordo com regras consistentes e sistemáticas. Isso significa que para testar diversas hipóteses o pesquisador deve analisar todo o material disponível, tanto aquele que apoia as suas hipóteses quanto os que não apoiam. O planejamento, a coleta e a análise devem respeitar as regras da metodologia científica.

Para incluir e excluir conteúdo em categorias, os estudos devem ter algo em comum com o restante das categorias. Por isso, é importante respeitar as regras dentro dessa perspectiva metodológica. A categorização é realizada em dois estágios: o inventário, quando se separa os elementos; e a classificação, que implica em dividir os elementos e procurar impor uma posição das informações dos dados.

A terceira etapa da análise de conteúdo está relacionada ao tratamento dos resultados, inferência e interpretação. A interpretação dos resultados realizada na Análise de Conteúdo por meio da inferência é um método coerente, no qual é possível fazer relações com várias proposições verdadeiras (Bardin, 2012).

Para ter êxito no uso desse modo de interpretação de resultados, o pesquisador, nesta altura da pesquisa, já deve ter pleno domínio do referencial teórico e que a hipótese de pesquisa claramente delimita da tenha lhe permitido confrontar os achados com esse referencial, mas, mais

uma vez, o analista precisa dominar as orientações teóricas da Análise de Conteúdo (Bardin, 2012, p. 29).

Bardin (2012) aponta dois tipos de inferências: as específicas e as gerais. Normalmente, as primeiras se caracterizam como um direcionamento, uma finalidade; já as segundas, pela tentativa de buscar a existência dos riscos, envolvendo os resultados de diversos estudos. As inferências específicas são características de análise qualitativas; nesse estudo, usamos as inferências específicas.

Conforme as palavras de Holstí (1969 *apud* Bardin, 2012), a finalidade de qualquer investigação é produzir inferências legais e confiáveis. Para seguir a mesma linha de interpretação fidedigna, é necessário observar diversas formas de inferências existentes.

Para Bardin (2012, p.41):

O que se procura estabelecer quando se realiza uma análise conscientemente ou não, é uma correspondência entre as estruturas semânticas ou linguísticas e as estruturas psicológicas ou sociológicas (por exemplo: condutas, ideologias e atitudes) dos enunciados. De maneira bastante metafórica, falar-se-á de um plano sincrónico ou plano «horizontal», para designar o texto e a sua análise descritiva e de um plano diacrónico ou plano «Vertical», que reenvia para as variáveis inferidas.

Neste estudo, usamos a análise semântica ou categorial para investigar as estruturas semânticas, sintáticas e lexical da língua indígena Ka'apor de sinais. Primeiramente, identificamos a classificação dos sinais em cada categorias, como verbos, substantivos, animais, sinais de frutas e alimentos.

Depois, organizamos cada categoria de sinais com base teórica nos estudos da estrutura linguística da Língua Brasileira de Sinais. Sendo assim, organizamos os sinais nas seguintes categorias identificadas, a partir da do mapeamento da Língua indígena da Ka'apor de sinais: 1) A fonologia dos sinais na perspectiva das ENM; 2) Léxico nas descrições imagéticas da sinalização da língua indígena Ka'apor de sinais; 3) Tipologias dos Verbos (incorporação); 4) o léxico da língua indígena Ka'apor de sinais e os artefatos culturais visuais do povo surdo.

Pinheiro, Kakehashi e Angelo (2005) citam a importância de organizar uma boa análise, pois essa técnica possibilita resultados precisos, contribuindo para o desenvolvimento da pesquisa.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, apresentaremos as análises e resultados com base nos objetivos da pesquisa, revelando o perfil dos indígenas surdos, os mapeamentos dos sinais sinalizados pelos indígenas Surdos Ka'apor, além de apresentar a estrutura linguística da língua Ka'apor de sinais dos sinais sinalizados pelos indígenas Surdos Ka'apor. Demonstraremos: léxico nas descrições imagéticas da sinalização da língua indígena Ka'apor de sinais; Tipologias dos Verbos (incorporação); e o vocabulário lexical da língua indígena Ka'apor de sinais e os artefatos culturais visuais do povo surdo.

### 5.1 As mãos que tecem o perfil identitário dos indígenas surdos

Esse componente do estudo tem como objetivo apresentar o perfil dos cinco indígenas Surdos usuários da língua indígena Ka'apor de sinais da etnia Ka'apor. Os resultados e análises procedem como resultados das respostas catalogadas do questionário realizado com os indígenas Surdos. Diante das respostas, foi possível identificarmos as principais características que definem os perfis de indígenas surdos. Optamos por apresentar dois pontos importantes e bastante peculiares da cultura dos indígenas surdos: o aspecto linguístico e o identitário (Quadro 8).

Quadro 8 - Perfil dos Indígenas Surdos Ka'apor

Perfil identitário	Perfil linguístico	Identidade
Ka'apor Parawayhu surdo (masculino) • 13 anos • Solteiro • Nasceu surdo	• Usuário da Língua indígena Ka'apor de sinais	Indígena surdo
Mari Ka'apor (feminino) • 18 anos • Solteira • Nasceu surda	• Usuário da Língua indígena Ka'apor de sinais	Indígena surdo
Rossi Ka'apor surdo (masculino) • 14 anos • Solteiro • Nasceu surdo	• Usuário da Língua indígena Ka'apor de sinais	Indígena surdo
Arani Ka'apor surda (feminino) • 19 anos • Solteira • Nasceu surda	• Usuário da Língua indígena Ka'apor de sinais	Indígena surdo
Jarara Pirã (Tehi) Ka'apor	• Usuário da Língua indígena	Indígena surdo

surdo (masculino) <ul style="list-style-type: none"> <li>● 45 anos</li> <li>● Casado</li> <li>● Nasceu surdo</li> </ul>	Ka'apor de sinais	
---	-------------------	--

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

De acordo com Riley (2003), a identidade está intrinsecamente presente na nossa linguagem, estruturada em repertórios lexicais, nas nossas formas de se comunicar, no nosso jeito de sentir e acreditar. Além disso, nossa identidade reflete a forma como falamos sobre nós, por meio de inúmeras formas de expressão.

Para Perlin e Miranda (2003, p. 218):

O que é ser indígena surdo? Temos uma resposta: ser indígena surdo é uma questão de vida. Não se trata de uma deficiência, mas de uma experiência visual. Experiência visual significa a utilização da visão, (em substituição total a audição), como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda e identidade indígena surda representada pela língua indígena de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico.

Ser indígena surdo é muito mais que ter experiência visual, vai além. Isso nos mostra a importância da língua indígena de sinais para pessoa surda tanto para fortalecer a cultura surda quanto para afirmar a identidade indígena surda, uma identidade visual. A função da língua na sociedade transcende as práticas de comunicação entre as pessoas, é um ato político, de poder, identitário e cultural, tanto quanto um sistema linguístico (Jason, 2012). Para Signorini (2016, p. 41-42):

A identidade de um indivíduo se constrói na Língua e através dela. Isso significa que o indivíduo não tem uma identidade fixa anterior e fora da língua. Além disso, a construção da identidade de um indivíduo na Língua e através dela depende do fato de a própria língua em si ser uma atividade em evolução e vice-versa. Em outras palavras, a identidade da língua e do indivíduo tem implicações mútuas. Isso por sua vez significa que as identidades em questão estão sempre num estado de fluxo. Colocando essa tese na sua formulação mais radical: falar de identidade, seja do indivíduo falante seja da língua isolada, é recorrer a uma ficção conveniente-inofensiva em si mesma, mas definitivamente prejudicial quando essas considerações aparentemente evidentes se tornam a pedra fundamental de elaboradas teorias linguísticas.

Signorini (2016) afirma que a identidade é construída na língua e por meio dela. Isso significa que a identidade de uma pessoa não pode ser fixa anterior e fora da língua. Perlin (2013) discute sobre as identidades Surdas e qual a relação das identidades com a língua de sinais. A autora define cinco tipos de identidades

surdas: Identidade surda, Identidade híbrida, Identidade de transição, Identidade incompleta e Identidade flutuante.

A identidade surda:

[...] sempre está em proximidade, em situação de necessidade com o outro igual. O sujeito Surdo nas suas múltiplas identidades sempre está em situação de necessidade diante da identidade surda. O encontro surdo-surdo é essencial para construção da identidade surda, é como um abrir o baú que guarda os adornos que faltam ao personagem [...] os Surdos são Surdos em relação à experiência visual e longe da experiência auditiva. Essa diferença que separa a identidade surda e a identidade ouvinte (Perlin, 2013, p. 54).

Para Perlin (2013), o traço significativo da “identidade Surda” é a experiência visual. Essa identidade é o entendimento dos Surdos de compreender ser diferente e de sua forma particular de se comunicar por meio das Línguas de sinais, é onde o Surdo cria um espaço social, dentro de um espaço cultural diverso. Para a autora, mesmo diante das diversidades culturais e linguísticas das quais o Surdo faz parte, a comunidade surda resiste. Mediante várias organizações de associações, as comunidades surdas têm se validado; essas organizações contribuem para fortalecer a comunidade surda, além de juntar forças pela valorização da Língua de sinais como língua materna dos Surdos.

Segundo Perlin (2013), os Surdos que pertencem a Identidade híbrida se tornaram Surdos por diversos fatores; podem ter adquirido a surdez de forma acidental ou adquirido alguma infecção. Se essa pessoa surda tiver adquirido a surdez na fase adulta, provavelmente é oralizada. Na concepção de Perlin (2013), a pessoa surda que pertence a Identidade híbrida tem presente duas identidades.

Normalmente, os Surdos que fazem parte da identidade de transição passam por um processo que Perlin (2013) chama de “ouvintização”, que é transição da cultura ouvinte para a cultura surda. Isso ocorre quando acontece o encontro surdo; é nesse momento que os Surdos começam a apoderar-se da cultura Surda. Esse processo é denominado de transição e essas marcas das representações da cultura ouvinte permanecem na vida dos Surdos, pois, geralmente esses Surdos passaram uma vida toda em contato somente com a cultura ouvinte.

Conforme Perlin (2013), a identidade Surda incompleta tem como característica uma ideologia do ouvinte em relação aos surdos. Essa ideologia mantém um poder sobre os surdos, o que contribui para que muitos não se aceitem

como surdos, pois eles compreendem que ser surdo é algo que não é visto positivamente pela sociedade.

Nessa identidade Surda incompleta, mesmo muitos Surdos apresentando dificuldades em dominar as línguas orais, não aceitam se comunicar por meio das línguas sinalizadas. Muitos Surdos incluídos nessa identidade incompleta tentam reproduzir a cultura ouvinte, começando pela forma de se comunicar. Isso é resultado da ideologia dominante dos ouvintes:

Esse caso preconiza uma identidade incompleta seja porque evitada, porque ridicularizada, ou porque premida pelos estereótipos. Há casos de Surdos cujas identidades foram escondidas, nunca puderam encontrar-se com outros Surdos, mantidos em cativeiros pela família onde se tornaram incapacitados de chegar ao saber ou de se decidirem por si mesmos. Existem casos de aprisionamentos de Surdos a essa situação, cuja experiência não foi difícil de acessar (Perlin, 2013, p. 65).

Os Surdos que se encaixam na identidade flutuante são os que não conseguem atender a comunidade surda e nem os ouvintes. Eles transitam entre as duas culturas, mas não conseguem firmar uma identidade e nem qual comunidade irá atender. É Surda, mas quer ser ouvinte. O surdo dessa identidade sofre pressão da ideologia dominante que segue controlando seus comportamentos e aprendizados (Perlin, 2013).

Para descrever os perfis dos indígenas Surdos aqui pesquisados e de suas respectivas socializações e práticas culturais, propomos a reflexão das mãos que tecem essas “identidades” no plural, onde os sujeitos são diversos e únicos. Os indígenas investigados neste estudo constituem suas singularidades a partir da sua realidade social e cultural, de seus grupos de pertencimento e de suas relações sociais nos variados espaços de socialização dentro do seu território onde cada um se encontra (escola, casa) ou, ainda, nas atividades realizadas que fazem parte do seu cotidiano dentro da aldeia, como caça e pesca.

No entanto, não pensamos na história desses sujeitos como uma simples soma de acontecimentos, pois a vida de cada indivíduo não se apresenta como uma sequência única e reta. Por isso, é importante olharmos os indígenas Surdos na perspectiva da diversidade e não como um povo homogêneo (Bourdieu, 2008).

Assim, a partir da escuta que realizamos com os indígenas surdos, foi perceptível a autonomia e, ao mesmo tempo, a diversidade das trajetórias

individuais que cada indígena surdo segue, como nos exemplos que mencionaremos a seguir.

O indígena Ka'apor Parawayhu é surdo, é um garoto que se relaciona com todos da aldeia, interage com todo mundo; em dia de caça ele vai junto com a família, quando é para apanhar açai. Importa destacarmos que os indígenas Ka'apor ouvintes não têm um olhar de exclusão em relação aos indígenas surdos, todos são muito acolhidos pelos indígenas ouvintes.

Boff (2003) aponta a importância da interação da pessoa Surda para transmissão dos saberes culturais. Esse envolvimento de troca é necessário para comunhão dos povos indígenas. Nesse sentido, os momentos de interação entre os indígenas Surdos e ouvintes são essenciais para o desenvolvimento dos processos de aprendizagem formal e informal, pois compartilhar as experiências culturais contribui para preservar a sua cultura.

Mari Ka'apor é uma jovem surda, interage normalmente com jovens indígenas ouvintes da sua faixa etária. Em casa, a jovem ajuda nos afazeres domésticos, como lavar roupas, cozinhar e auxilia a mãe no cuidado dos irmãos mais novos. A sua irmã Juwá Ka'apor sabe um pouco de português e colabora na intermediação com pessoas que não sabem se comunicar com a sua irmã surda. Muitas vezes, atua fazendo a tradução da língua portuguesa para língua indígena Ka'apor de Sinais (Imagem 3).

Imagem 3 - Registro com Mari Ka'apor e Juwá Ka'apor



Fonte: Arquivo pessoal (2024).

Juwá Ka'apor é ouvinte, sempre presente durante os encontros com sua irmã Mari Ka'apor. Conforme Tiveroli (2014), os tradutores e intérpretes também são

sujeitos socio-históricos, pois têm o dever de compartilhar ideais, pensamentos ou conceitos sobre uma determinada língua. Nesse caso específico, muitas vezes, é um parente mais próximo do indígena surdo, que atua diretamente nessa função como intérpretes e tradutores. É interessante notarmos que o ato de interpretar e traduzir é visto por Rosa (2005) como algo que executamos em nosso cotidiano infinitas vezes ao dia de forma involuntária e inconscientes.

O indígena Rossi Ka'apor é jovem, surdo, tem paralisia, mas tem autonomia. Ele ajuda a mãe com os afazeres domésticos, como limpar a casa, lavar louças e interage com os meninos ouvintes da idade dele na aldeia. Conforme mencionamos anteriormente, os indígenas não têm a prática da exclusão, então os indígenas Surdos sempre são incluídos em suas atividades do cotidiano.

De acordo com Marshall (1973, p.70):

O pertencimento pleno a uma comunidade implica participação dos indivíduos na determinação das condições de sua própria associação. A cidadania é um status que garante aos indivíduos iguais direitos e deveres, liberdades e restrições, poderes e responsabilidades.

Podemos perceber na etnia Ka'apor a participação dos Surdos em todas as atividades da aldeia, assumindo suas responsabilidades conforme a sua realidade familiar. Todos os indígenas Surdos aqui pesquisados têm autonomia dentro da aldeia e interagem com todo mundo. Nenhum indígena surdo vive isolado. Diante disso, vale ressaltarmos que a interação é um processo natural, que, por meio das relações sociais, permite trocas culturais entre os sujeitos.

A jovem Arani Ka'apor é uma jovem surda que, igualmente aos outros surdos, interage com todos na aldeia. De acordo com Godoy (2020), entre o povo Ka'apor existe uma narrativa interessante em relação ao nascimento de indígenas surdos: é um mito muito comum entre os indígenas Ka'apor, muitos acreditam que a prática da mulher grávida em consumir carne de jabuti implica no nascimento de indígenas surdos, pois a consideram reimosa. Destacamos que apesar de existir essa narrativa, ela não se aplica a nenhum caso das duas aldeias onde pesquisamos.

A Arani, assim como os demais indígenas surdos, não é privada de nada, tem liberdade e autonomia na sua aldeia e realiza várias atividades que fazem parte do cotidiano da etnia Ka'apor, por exemplo, afazeres domésticos, além de participar normalmente das atividades realizadas na casa de farinha.

De acordo com Perrelli (2008), os Estudos Culturais nos possibilitam aprender que só é possível compreender as práticas tradicionais, de acordo com a realidade, isto é, nas especificidades históricas e culturais em que são geradas. Isso é exatamente o que vemos nas práticas culturais sendo realizadas pelos indígenas Surdos Ka'apor.

Para Sahlins (1997), diante de várias transformações sociais, é importante que as condutas ancestrais das comunidades tradicionais sejam preservadas e transmitidas de geração em geração, como vemos no caso dos indígenas ouvintes da etnia Ka'apor, que repassam as práticas culturais para os indígenas Surdos Ka'apor.

Nessa concepção de ver a cultura – como dinâmica e processual – Cunha (1999) aponta que as práticas “tradicionais” permanecem preciosas e nunca perdem o seu valor. Mesmo diante das inúmeras mudanças sociais, essas práxis têm o poder de se renovar e se reproduzir, isto é, na sua possibilidade de desaparecimento, de descoberta e redescoberta, perduram.

Diante disso, foi possível percebermos que os saberes indígenas, incluindo as atividades diárias nas aldeias que tem indígenas surdos, são realizados normalmente por todos os surdos. Por exemplo, o indígena surdo Jarara Pirã (Tehi) Ka'apor é casado com duas esposas ouvintes, trabalha normalmente no cultivo de roças, caça e pesca, possui um vasto conhecimento a respeito da floresta, tem habilidades com os animais e pleno domínio das ervas e dos vegetais de forma geral, sabendo informar qual a função de cada erva do território. Entre os Ka'apor, é permitido ter duas esposas, então, normalmente, vemos homens indígenas casado com duas esposas ou mais.

Ellen e Harris (1996) apontam que os conhecimentos tradicionais são adquiridos no cotidiano da vida diária. Por meio de gerações milenares, esses conhecimentos são reproduzidos e até mesmo modificados. Por algum tempo, até esquecidos devido às transformações que ocorrem na sociedade; mas muitos povos originários resistem para que esses conhecimentos continuem sendo transmitidos, contribuindo para conservação de suas culturas.

Diante disso, podemos concluir que o(s) perfil(is) dos indígenas Surdos da etnia Ka'apor é heterogêneo; cada indígena constitui uma identidade singular/plural, com diferentes habilidades culturais, contribuindo para desmistificar a ideia de generalização de que os indígenas são todos iguais. Há a ideia da homogeneização,

pois a sociedade em geral tem uma concepção equivocada em relação aos povos originários; por meio deste estudo, foi possível identificarmos não um perfil e sim perfis de indígenas surdos, perfis no plural, perfis diversos e únicos.

### 5.1.2 Perfil Linguístico

Como foi possível observarmos, a língua Ka'apor de sinais assume o grande protagonismo no convívio entre os indígenas surdos, pois na comunicação do dia a dia, nas relações dentro das famílias e na comunidade em geral, eles se comunicam com todos por meio da língua Ka'apor de sinais, que é a língua materna dos indígenas Surdos da etnia Ka'apor.

Destacamos que mesmo os Surdos fazendo parte de uma minoria linguística em seu território, percebemos um respeito dos indígenas ouvintes, que são usuários da língua majoritária, a língua Ka'apor oralizada.

Para Almeida Filho (2005, p. 22):

LM é a língua aprendida pela criança no ambiente doméstico, na rua, e é a língua de maior comunicação para esse sujeito desde casa aos demais lugares, inclusive na sociedade. Essa língua contribui, primordialmente, para a constituição da identidade pessoal, regional, étnica e cultural de uma pessoa, ainda que outras línguas com as quais o falante tem contato também contribuam na formação dessa identidade.

Conforme Silva (2016), a Língua materna é a língua aprendida no ambiente familiar, é a língua de maior comunicação para esse sujeito desde a casa até os demais lugares, conforme o contexto ou cultura que essa pessoa está inserida. Em relação aos indígenas surdos, mesmo eles sendo expostos à língua Ka'apor oralizada e a língua portuguesa - pois na aldeia alguns indígenas também falam a língua portuguesa, e no próprio currículo da escola indígena Kaapor tem a língua portuguesa na grade curricular - é importante destacar que a língua portuguesa é a segunda língua dos indígenas ouvintes.

Para melhor compreendermos a questão do perfil linguístico aqui encontrado, apresentamos o Gráfico 2.

Gráfico 2 - O Perfil linguístico dos indígenas Surdos Ka'apor



Fonte: Elaborado pela Autora (2025).

Podemos observar, por meio do Gráfico 02, que todos os indígenas Surdos usam somente a sua língua materna para se comunicar, a língua Ka'apor de sinais; é importante apontarmos que na aldeia da etnia Ka'apor existe a presença de duas línguas oralizadas como L2, a Língua portuguesa e a língua Ka'apor oralizada, mas, conforme o histórico da aquisição da linguagem das pessoas surdas, a língua oralizada deve ser aprendida como L2, ou seja, os Surdos, de forma natural, se comunicam por meio da língua visual espacial.

Nos estudos de Petitto e Marantette (1991), as autoras destacam que nesse processo de aquisição da linguagem da criança surda, os bebês Surdos não desenvolvem a língua oralizada de forma natural. No processo de aquisição da linguagem, a criança passa por dois períodos: o pré-linguístico e o linguístico. Nesse período, tanto os bebês Surdos quanto os bebês ouvintes apresentam os dois tipos de balbúcio até um determinado estágio; a partir de então, desenvolvem a língua na modalidade da sua língua materna.

Com base nos estudos apontados por Petitto e Marantette (1991), podemos compreender melhor os resultados das práticas da filosofia do oralismo na educação de surdos. Gesser (2009, p. 76) afirma que não é a surdez que compromete o desenvolvimento do Surdo, mas sim, a falta de acesso a sua Língua materna.

Estudos envolvendo as línguas indígenas de sinais (LIS) no Brasil, como os de Sumaio (2018), comprovaram que vários indígenas Terenas usavam a língua brasileira de sinais (Libras) para se comunicarem em suas aldeias, mas no caso dos indígenas Surdos da etnia Ka'apor é diferente, nenhum indígena Surdo na aldeia usa a Libras para se comunicar. Os sinais usados pelos indígenas Surdos Ka'apor são específicos da língua Indígena Ka'apor de sinais, conforme apresentaremos no item da sexta seção.

Os dados apontam ainda que a língua com a qual os familiares se comunicam com os indígenas Surdos é a língua Ka'apor de sinais. A língua portuguesa também faz parte da vida dos indígenas Ka'apor, sendo adotada por uma parcela da comunidade indígena Ka'apor, já que a L2 não é a língua de ampla comunicação entre eles, uma vez que praticamente 100% dos indígenas Ka'apor usam a língua Ka'apor oralizada para se comunicarem e dessa forma preservam sua língua e cultura.

Outro ponto importante é que apenas uma parte dos indígenas ouvintes - incluindo familiares, amigos e liderança - se comunicam em língua Ka'apor de sinais (LIS) com os indígenas surdos. Importa enfatizarmos que, na etnia Ka'apor, a visão da deficiência que eles têm não é na perspectiva da incapacidade humana, como ocorre em outras sociedades.

Diante disso, foi possível distinguirmos dois tipos de interlocutores ouvintes: os que fazem parte da família do surdo, que normalmente são aqueles que têm uma pessoa surda na família; e aqueles que vivem na mesma aldeia. De acordo com Zeshan e Vos (2012), normalmente os familiares que convivem com surdos ou vivem próximo estimulam bastante o desenvolvimento da língua de sinais, pois eles são as primeiras pessoas que os surdos têm o contato linguístico; por isso, eles fazem parte dos pares que geralmente são interlocutores do cotidiano e eles próprios são fluentes em língua de sinais.

O segundo tipo de interlocutores faz parte do grupo dos integrantes da aldeia, amigos que compartilham o cotidiano ou até mesmo um familiar que mora distante. Sendo assim, neste estudo, é possível afirmarmos que os indígenas surdos interagem diariamente com pessoas ouvintes da sua família, ouvintes que fazem parte dos membros da aldeia e com os indígenas surdos Ka'apor.

Quadros (2003) destaca que discutir as questões linguísticas das pessoas surdas é essencial e ressalta que essas questões não são exclusivas da educação. A autora pontua outras formas de implicações: as de ordem social, cultural e política. Todas devem fazer parte da formação da pessoa surda, pois é um direito do surdo ter acesso às informações e ter as suas peculiaridades culturais respeitadas e reconhecidas.

Destacamos que os léxicos dêiticos (pessoa, lugar, tempo) fazem parte das marcas linguísticas e são bastante presentes nas relações entre os indígenas ouvintes e surdos da etnia Ka'apor. Foi possível encontrarmos essas marcas

linguísticas em vários momentos nos enunciados dos indígenas surdos. Observamos tais ocorrências e, desse modo, identificamos como é descrita a sinalização (sobre essa questão, explicaremos na sétima seção deste estudo).

O perfil linguístico dos indígenas surdos Ka'apor é caracterizado pelo uso específico da língua Ka'apor de sinais, pois, conforme informamos anteriormente, nenhum surdo sinalizou léxicos característicos da língua brasileira de sinais.

## **5.2 Mapeamentos dos sinais sinalizados pelos indígenas surdos Ka'apor**

Nesta seção, serão apresentados: os mapeamentos dos sinais sinalizados pelos indígenas surdos Ka'apor, a estrutura linguística da língua Ka'apor de sinais, a parte fonológica dos sinais na perspectiva das ENM e a classificação dos sinais, como: verbos, substantivos, animais, sinais de frutas e alimentos.



### **5.2.1 Apresentando a estrutura linguística da língua Ka'apor de sinais por meio do mapeamento dos sinais sinalizados pelos indígenas surdos Ka'apor**

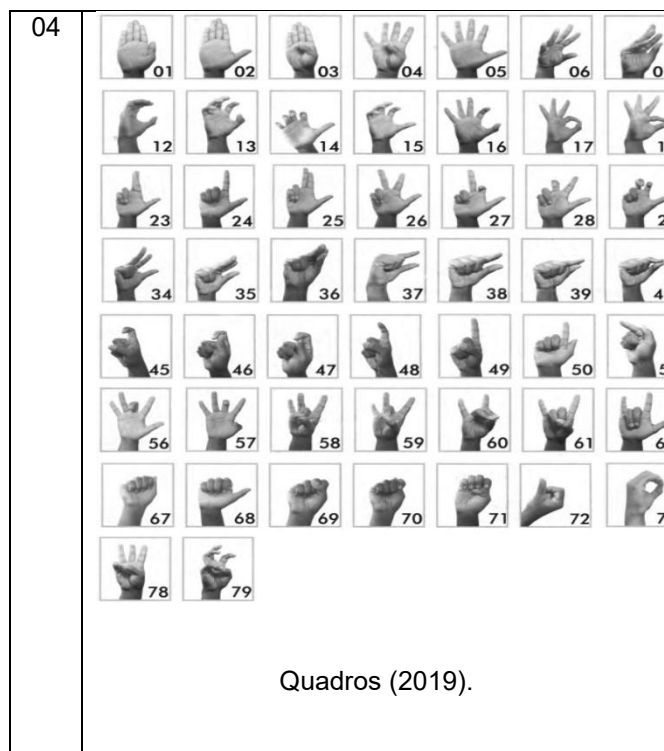
As línguas gestuais são línguas humanas naturais que surgiram onde quer que os surdos se tenham reunido em número suficiente para formar uma comunidade linguística. Embora a pesquisa em língua de sinais tenha feito muitos progressos nas últimas décadas, a maioria das línguas de sinais no mundo permanece pouco descrita ou totalmente indocumentada (Wilcox, 2005, p. 118).

De acordo com Zeshan (2013), há dois tipos de relações que é possível realizarmos entre as línguas de sinais: as genealógicas e as por meio do contato linguístico. O primeiro tipo está relacionado às famílias linguísticas; o segundo está ligado diretamente a tipologia real. Portanto, essas relações se diferem nas línguas oralizadas, pois não necessariamente se apresentam igualmente nas línguas sinalizadas.

Os estudos desenvolvidos por Stokoe (1960), foram considerados um marco na área dos estudos linguísticos das línguas de sinais no mundo, pois, mediante os resultados das suas investigações, pela primeira vez, a gramática da língua de sinais foi vista como um sistema linguístico organizado semelhante a qualquer língua oralizada, podendo ser usada em diversos lugares do mundo pela comunidade surda.



	<p>Lucinda Ferreira Brito. (1995) 46, CM.</p>
<p>02</p>	<p style="text-align: center;"><b>Configurações de Mão da Libras</b></p>  <p style="text-align: center;">Felipe e Lira (2005) 64, CM.</p>
<p>03</p>	 <p style="text-align: center;">Nascimento (2009). 75 CM.</p>



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Com base nas pesquisas realizadas por Brito (1995), Sousa e Quadros (2024), Nascimento (2009) e pelo Quadros (2019), para apresentarmos a ordem dos parâmetros dos sinais da língua indígena Ka'apor de sinais, optamos por usar a descrição fonológica das configurações de mãos da Língua Brasileira de Sinais realizada por Quadros (2019), por ser mais atualizada.

No Quadro 10, apresentamos os sinais catalogados na língua Ka'apor de sinais.

Quadro 10 - Sinais catalogados da língua Ka'apor de sinais, sinalizados pelos indígenas Surdos

Sinais da Língua Ka'apor de sinais	Pronomes	Animais	Frutas Alimentos	Verbos	Substantivos
1 – Anta		x			
2 – Paca		x			
3 - Macaco		x			
4 - Jabuti		x			
5 - Tartaruga		x			
6 – Veado		x			

7 - Taiacús		x			
8 - Mateiros		x			
9 - caititus		x			
10 - Tatus		x			
11 - Cutias		x			
12 - Jacarés		x			
13 - Mutuns		x			
14 - Jacutingas		x			
15 - Jacamins		x			
16 - Nambus		x			
17 - Cobra		x			
18 - Mamão			x		
19 - Açaí			x		
20 - Milho			x		
21 - Ingá			x		
22 - Café			x		
23 - Farinha			x		
24 - Mandioca			x		
25 - Chibé			x		
26 - Beiju			x		
27 - Limão			x		
28 - Dor				x	
29 - Cansado				x	
30 - Buscar				x	
31 - Chorar				x	
32 - Acabou				x	
33 - Gostar				x	x
34 - Rede					x
35 - Feijão			x		
36 - Dormir				x	
37 - Abelha		x			

38 – Alegre					x
39 - Frio					x
40 – Arroz 1			x		
41 – Arroz 2			x		
42 - Água			x		
43 - Garfo					x
44 - Gato		x			
45 - Mamãe					x
46 - Gorda					x
47 – Grampeador					x
48 - Mapa	x				
49 – Pupunha			x		x
50 - Absorvente					x
51- Acordar				x	
52-Aranha		x			
53-Árvores	Classificadores				x
54-Avião					x
55-Banana			x		
56-Bandeira					x
57-Barata		x			
58-Bebe				x	
59-Beijar				x	
60-Bicicleta					x
61-Sono					x
62- Boi, vaca		x			
63-Bolsa classificador					x
66-Sol					x
65-Burro		x			
66-Cachorro		x			
67-Cair				x	
68-Calor					x

69- Cama					x
70-Carro					x
71-Casa					
72-Cavalo		x			
73-Garrafa					x
74-Chorar				x	
75-Chuva					
76-Coelho		x			
77-Colher					x
78-Comer					x
79-Computador					x
80-Copo					x
81-Coração					x
82-Cozinhar				x	
83-Dançar				x	
84-Deitar				x	
85-Dicionário					x
86-Dinheiro					x
87- Borracha					x
88-Elefante		x			
89-Em pé					x
90-Escrever				x	
91-Escola					x
92-Estrela					x
93-Facas					x
94-Pequeno					X
95-Grande					X
96-Grito				x	
97-Grilo					
98-Papel					x
99-Lápis					x

100-Laranja			x		
101-Lua					x
102-Livro					x
103-- Frango			x		
104-Mão					x
105-Medo					x
106-Melancia			x		
107-Jogar bola					x
108-Nadar				x	
109-Navio					x
110-Ovo					x
111-Palhaço					x
112-Pássaro		x			
113- Pé					x
114-Pedra					x
115-Peixe			x		
116-Piano					x
117-Caju			x		
118-Planta					x
119-Porco		x			
120-Prato					x
121-Prédio					x
122-Pular corda				x	
123-Quadro					x
124-Rádio					x
125-Quebrar				x	
126-Rato		x			
127-Régua					x
128-Relógio					x
129-Roupa					x
130-Sal			x		

131-Sapo		x			
132-Sentar				x	
133-Sino					x
134-Mamar/ TOMAR				x	
135-Limpar				x	
136-Tucumar			x		
137-Vergonha					x
138-Xícara					x
139-Plumária					x
140- Apontação	x				
141-Sentir					

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Conforme podemos observar no Quadro 10, neste estudo, foi possível catalogarmos 141 sinais da língua indígena Ka'apor de sinais. Por meio da sinalização dos indígenas Surdos, identificamos a classificação dos sinais, como verbos, substantivos, animais, sinais de frutas e alimentos. Organizamos melhor essa classificação na Tabela 01.

Tabela 1 - Tipos de sinais

Classes de Sinais	Quantidade de sinais
Verbos	25
Substantivos	61
Frutas e alimentos	23
Animais	31 sinais
Pronomes	1 (Classe de pronomes)
Total:	141 Sinais

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Os sinais classificados como substantivos foram sinalizados em maior quantidade, totalizando 61 sinais, seguido dos sinais dos animais com 31, verbos com 24 sinais, frutas e alimentos, 23 sinais. A partir desse mapeamento, foi possível catalogar 140 sinais e uma classe de pronomes da língua indígena Ka'apor de sinais, sinalizados pelos indígenas Surdos.

Para descrevermos a estrutura fonológica dos sinais na língua indígena Ka'apor de sinais, usamos as seguintes siglas: (CM) = Configuração de mãos; (P.A) = Ponto de Articulação; (M)= Movimento; (D)= Direção do sinal e (ENM)=

Expressões Não Manuais. Todo sinal realizado é constituído por uma: Configuração de mão (CM); Ponto de Articulação (PA); Movimento (M); Direção do sinal (D); e Expressões Não Manuais (ENM).

Organizamos a classificação dos sinais com base teórica nas propostas pesquisadas da estrutura linguística da Língua Brasileira de Sinais, nas seguintes categorias identificadas, a partir do mapeamento da Língua indígena Ka'apor de sinais: 1) A fonologia dos sinais na perspectiva das ENM; 2) Léxico nas descrições imagéticas da sinalização da língua indígena Ka'apor de sinais; 3) Tipologias dos Verbos (incorporação); e 4) o léxico da língua indígena Ka'apor de sinais e os artefatos culturais visuais do povo surdo.

### 5.2.2 A organização fonológica dos sinais da língua indígena da Ka'apor de sinais





A tarefa da fonologia é identificar quais são as unidades mínimas do sistema, quais aspectos dessas unidades são contrativos e como essas unidades são restringidas por diferenças e similaridades sensoriais entre línguas de sinais e línguas orais (Brentari, 2011, p. 615).





Destacamos que as diferenças existentes entre as línguas sinalizadas e as línguas oralizadas é devido às modalidades que cada língua é transmitida, pois conforme os estudos comprovados, as línguas de sinais apresentam os mesmos elementos linguísticos, constituídos por uma gramática e regidos pelo sistema de regras (Quadros; Schmiedt, 2006).





No Quadro 11, há a descrição dos parâmetros fonológicos dos vocabulários lexicais sinalizados pelos indígenas surdos da etnia Ka'apor.





Quadro 11 - Classe lexical dos sinais de substantivos da língua indígena Ka'apor de sinais




<b>Vocabulários lexicais</b>	<b>Sinal em língua indígena Ka'apor de sinais</b>	<b>Descrição dos parâmetros fonológicos da língua indígena Ka'apor de sinais</b>
------------------------------	---	--


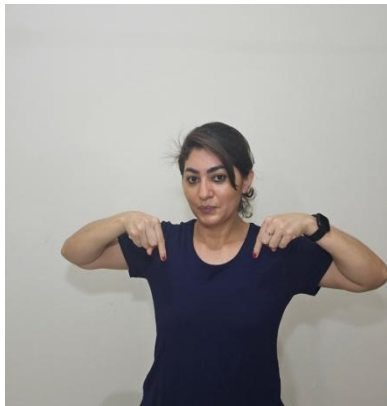

Café	<p>Figura 5 - QRCODE do vídeo com o Sinal de Café na língua indígena Ka'apor de sinais</p>   <p>Fonte: A autora (2025)</p>	<p>(CM) = N° 49 e 69 (Quadros, 2019).  (M)= com a mão esquerda sinal com movimento, na mão direita sem movimento  (PA) = realizado na mão com a CM 49  (O) = no sinal da CM 49 palma da mão para dentro e CM 69 para baixo</p>
Mamãe	<p>Figura 6 - QRCODE do vídeo do Sinal de Mamãe na língua indígena Ka'apor de sinais</p>   <p>Fonte: A autora (2025)</p>	<p>(CM) = N° 01 (Quadros, 2019).  (M)= sem movimento  (PA) = Realizado no Peito  (O) =para cima  (ENM) =</p>
Vestimenta Roupas	<p>Figura 7 - QRCODE do vídeo do Sinal roupas na língua indígena Ka'apor de</p>	<p>(CM)= N°49 (Quadros, 2019).  (P.A)= Corpo</p>





	<p style="text-align: center;">sinais</p>   <p>Fonte: A autora (2025)</p>	<p>(M)= Sem movimento, apontando para roupa (Brito, 1995). (O) =para dentro</p>
Carro	<p>Figura 8 - QRCODE do vídeo do Sinal de carro na língua indígena Ka'apor de sinais</p>   <p>Fonte: A autora (2025)</p>	<p>(CM)= Nº69 (Quadros, 2019), realizado com as duas mãos (M)= movimento semicircular (PA)= realizado na frente do corpo (O) =para dentro. (Quadros; Karnopp, 2004).</p>
Sal	<p>Figura 9 - QRCODE do vídeo do Sinal de</p>	<p>(CM)= Nº49 (Quadros,</p>

	<p>Sal na língua indígena Ka'apor de sinais</p>   <p>Fonte: A autora (2025)</p>	<p>2019).  (P.A) =Boca  (M) = sem movimento  (O) =para dentro  (ENM) = expressão facial de surpresa.</p>
<p>Colher</p>	<p>Figura 10 - QR CODE do vídeo do Sinal de colher na língua indígena Ka'apor de sinais</p>   <p>Fonte: A autora (2025)</p>	<p>(CM)= N°69 (Quadros, 2019).  (P.A) = realizado na frente do corpo em direção à boca  (M) = o movimento desse sinal é semelhante ao movimento de levar a colher na boca  (O) =para baixo</p>





Computador	<p>Figura 11 - QRCODE do vídeo do Sinal de computador na língua indígena Ka'apor de sinais</p>   <p>Fonte: A autora (2025)</p>	<p>(CM)= N°51, 01 (Quadros, 2019) (P.A)= realizado na frente do corp (M)= Movimento simultâneo de todos os dedos (Brito, 1995). (O)=para dentro (ENM)=</p>
Absorvente	<p>Figura 12 - QRCODE do vídeo do Sinal de absorvente língua indígena Ka'apor de sinais</p>   <p>Fonte: A autora (2025)</p>	<p>(CM)= N°33 (Quadros, 2019). P.A= Realizado na frente do corpo, na direção do abdome M=similar ao movimento de colocar o absorvente (O)=para dentro do corpo (ENM)= expressão facial indicando algo confortável.</p>
Barco	<p>Figura 13 - QRCODE do vídeo do Sinal de barco na língua indígena Ka'apor de</p>	<p>(CM)= N°12,N°51 (Quadros, 2019).</p>




	<p style="text-align: center;">sinais</p>   <p>Fonte: A autora (2025)</p>	<p>(P.A)=espaço neutro  (M)=Unidirecional, semelhante ao movimento do barco no rio  (O)= Para cima  (ENM)= expressão facial como se estivesse imitando o barulho do barco</p>
<p style="text-align: center;">Palhaço</p>	<p style="text-align: center;">Figura 14 - QR CODE do vídeo do Sinal de palhaço na língua indígena Ka'apor de sinais</p>  	<p>(CM)= Nº05 (Quadros, 2019).  (P.A)= na frente do corpo  (M)= semelhante ao jogar a bolas  (O)= Para cima  (ENM)=</p>

	Fonte: A autora (2025)	
Régua	<p>Figura 15 - QRCODE do vídeo do Sinal de régua na Língua indígena Ka'apor de sinais</p>   <p>Fonte: A autora (2025)</p>	<p>(CM) = N°51, 49. (Quadros, 2019).  (P.A) = realizado com as duas mãos, na frente do corpo.  (M) = retilíneo, para dentro e fora próximo ao corpo.  O=palma da mão para baixo</p>
Rádio	<p>Figura 16 - QRCODE do vídeo do Sinal de Rádio na língua indígena Ka'apor de sinais</p> 	<p>(CM) = N°09 (Quadros, 2019), realizado com apenas uma mão.  (P.A) = Direção ouvido  (M) = semelhante colocar o rádio no ouvido  (O) = Para dentro.  (ENM) = Sem expressão facial.</p>

	 <p>Fonte: A autora (2025)</p>	
Sol	<p>Figura 17 - QRCODE do vídeo do Sinal de Sol na língua indígena Ka'apor de sinais</p>   <p>Fonte: A autora (2025)</p>	<p>(CM) = N°11(Quadros, 2019). Realizado usando as duas mãos.  (P.A) = Espaço visual  (M) = De baixo para cima  (O) = direção direita e esquerda.  (ENM) = Sem expressão facial.</p>
Bandeira	<p>Figura 18 - QRCODE do vídeo do Sinal de bandeira na língua indígena Ka'apor de sinais</p> 	<p>(CM) = N°69 (Quadros, 2019).  (P.A) = Espaço neutro  (M) = semelhante ao balançar uma bandeira  (O) = Para dentro  (ENM) = Sem expressão facial.</p>

	 <p>Fonte: A autora (2025)</p>	
Livro	<p>Figura 19 - QRCODE do vídeo do Sinal de livro na língua indígena Ka'apor de sinais</p>   <p>Fonte: A autora (2025)</p>	<p>(CM) = N°69 (Quadros, 2019).  (P.A) = Espaço neutro  (M) = Semelhante ao balançar uma bandeira  (O) = para dentro  (ENM) = Sem expressão facial.</p>
Avião	<p>Figura 20 - QRCODE do vídeo do Sinal de avião na língua indígena Ka'apor de sinais</p> 	<p>(CM) = N°01 (Quadros, 2019).  (P.A) = Espaço neutro  (M) = Simulando o voo de um avião.  (O) = para baixo  (ENM) = Sem expressão facial.</p>

	 <p>Fonte: A autora (2025)</p>	
Garfo	<p>Figura 21 - QRCODE do vídeo do Sinal de garfo na língua indígena Ka'apor de sinais</p>   <p>Fonte: A autora (2025)</p>	<p>(CM) = N°78 (Quadros, 2019).  (P.A) = espaço neutro  (M) = reto, como se colocasse o garfo no prato ou comida.  (O) = para dentro  (ENM) = Sem expressão facial.</p>
Borracha	<p>Figura 22 - QRCODE do vídeo do Sinal de borracha na língua indígena Ka'apor de sinais</p> 	<p>(CM) = N°67 (Quadros, 2019).  (P.A) = espaço neutro  (M) = simulando que está apagando  (O) = para baixo  (ENM) = Sem expressão facial.</p>

	 <p>Fonte: A autora (2025)</p>	
Chuva	<p>Figura 23 - QRCODE do vídeo do Sinal de chuva na língua indígena Ka'apor de sinais</p>   <p>Fonte: A autora (2025)</p>	<p>(CM) = N°13 (Quadros, 2019). Usando as duas mãos.  (P.A) = Espaço neutro  (M) =Balançando as mãos como se estivesse caindo água do céu.  (O) = Para baixo  (ENM) = Com expressão facial.</p>

Fonte: A autora (2025).

Importa destacarmos que os léxicos aqui apresentados foram classificados nas classes de sinais de substantivos da língua indígena Ka'apor de sinais. Segundo Quadros (2007, p. 87):

Assim como as palavras em todas as línguas humanas, mas diferentemente dos gestos, os sinais pertencem a categorias lexicais ou classes de palavras tais como nome, verbo, adjetivo, adverbio, etc. A língua de sinais tem léxico e um sistema de criação de novos sinais em que unidades mínimas com significado (morfemas) são combinadas. Entretanto, as línguas de sinais se diferem das línguas orais no tipo de processos combinatórios que frequentemente cria palavras morfologicamente complexas.

Conforme é possível observarmos, a fonologia das Línguas de sinais é realizada nos espaços visuais, onde todas as relações gramaticais que constituem uma língua, Fonologia, Morfologia, Sintaxe ocorrem. Todos os sinais aqui sinalizados exibiram características do léxico das línguas de sinais, os sinais da língua indígena Ka'apor de sinais apresentam tanto as características de signos arbitrários (Saussure, 1969) como sinais icônicos (Leite; Quadros, 2014).

A arbitrariedade do signo linguístico está ligada na relação entre o significado e o significante. De acordo com Saussure (1969), não existe relação nenhuma entre os significantes e o significado. Diante disso, podemos ver claramente a arbitrariedade presente na língua indígena Ka'apor de sinais. Durante séculos, afirmou-se que os sistemas das Línguas de sinais eram totalmente icônicos, não correspondendo, portanto, a teorias abstratas. Entretanto, vários estudos constataram que as línguas de sinais também são representadas pela arbitrariedade, com toda sua complexidade (Strobel, 2009; Fernandes, 2008).

Conforme Quadros e Karnopp (2004, p. 26):

O caso mais óbvio de arbitrariedade da língua diz respeito à relação entre forma e significado. As palavras e os sinais apresentam uma conexão arbitrária entre forma e significado, visto que, dada a forma, é impossível prever o significado, e dado o significado. Os símbolos usados são arbitrários; não há, por exemplo, uma conexão intrínseca entre a palavra "cão" e o animal que ele simboliza.

Neste estudo sobre a língua indígena Ka'apor de sinais, catalogamos tanto sinais que se classificam como arbitrários e sinais icônicos. Observamos que, na realização dos sinais classificados como arbitrários, não existe nenhuma relação direta entre a forma e o significado, ou seja, não tem uma relação entre o significado e o significante, conforme a teoria de Saussure (1969) e como veremos mais adiante.

Em relação aos sinais icônicos realizados pelos indígenas surdos, de acordo com Leite e Quadros (2014), os sinais icônicos são reproduzidos de forma que correspondem ao movimento descrevendo o sinal, possibilitando uma melhor compreensão do que está sendo sinalizado.

Para Peirce (1989, p. 53), os signos icônicos possuem três categorias:

Em primeiro lugar, caracterizam pelas semelhanças ou ícones - de onde se origina o termo iconicidade, que servem para transmitir ideias das coisas que representam simplesmente imitando-as. Em segundo lugar, o que o autor chamou de indicações ou índices; que mostram algo sobre as coisas, seus objetos por um laço físico concreto por estar conectados a elas (...). Em terceiro lugar, os símbolos, ou signos gerais, que foram associados com seu significado pelo uso, Como por exemplo, sinais usados na matemática, tais são a maior parte das palavras, frases, discursos, os livros.

Além da transparência presente nos sinais icônicos, foi possível observarmos que os léxicos sinalizados pelos indígenas surdos Ka'apor também transmitiam um sentido do que os indígenas surdos desejavam nos passar, por exemplo, os léxicos que estão intrinsecamente relacionados com a realidade do cotidiano da aldeia. Conforme Silva e Quadros (2019), a iconicidade é um fenômeno linguístico presente, aproximadamente, em todas as línguas de sinais e o seu uso atravessa diversos estágios linguísticos de sua área de atuação e investigação.

### 5.2.3 A presença das (ENM) = Expressões Não Manuais na sinalização dos léxicos da Língua indígena Ka'apor de sinais.

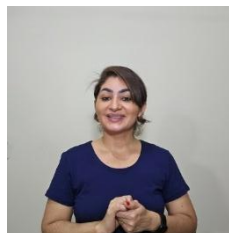
As expressões não manuais (ENM) fazem parte das unidades mínimas da fonologia das línguas de sinais (LS). Em sua execução, contêm movimentos corporais e expressões faciais, além de envolver diversas funções linguísticas (Quadros; Karnopp, 2004).

Em sua investigação, Arroteia (2005) identifica dois pontos importantes nas ENM: afetivas e gramaticais. Nelas, estão incluídas diversas sentenças que fazem parte do sistema linguístico da língua de sinais. A autora verificou o que ela chama de padronização de "headshake", que significa o movimento da cabeça para os lados, cuja função é exercer a afetividade nas sentenças negativas.

Por exemplo, na língua portuguesa, na forma que um determinado pedido é feito a alguém, é possível perceber a diferença pela entonação da voz da pessoa; nas línguas de sinais, é muito comum usar as ENM afetivas de forma mais suaves ou mais acentuadas, dependendo do que se deseja anunciar, se é uma pergunta ou afirmação; tudo isso é possível apresentarmos por meio das ENM.

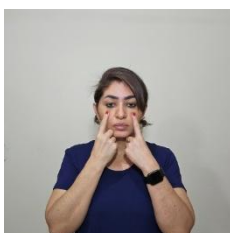
As ENM afetivas estão intimamente ligadas com o estado emocional do sinalizador. Ele não pode dizer que está alegre e apresentar as ENM ao contrário. Como exemplo, vejamos nos léxicos representados nas Figuras 24 e 25.

Figura 24 - Alegre



Fonte: A Autora (2025).

Figura 25 - Choro





Fonte: A Autora (2025).

Nas figuras 24 e 25, uma ENM significa ALEGRE e a outra CHORO na língua indígena Ka'apor de sinais. Observemos que ambas apresentam um estado emocional: a ENM do sinal de alegre não pode ser representada por uma pessoa que está com raiva ou triste, porque muda a expressão; normalmente, o lado emotivo se apresenta com mais intensidade.

As funções gramaticais da ENM foram organizadas por Quadros, Pizzio e Rezende (2009). Com base nesses estudos, vamos apresentar visualmente em nível morfológico e sintático, incluindo as classes de adjetivos (nível de intensidade) e o sistema sintático das ENM (Quadro 12).

Quadro 12 - Referente às Expressões Não Manuais/ENM

			<p>POUCA INTENSIDADE</p>
			<p>NORMAL</p>

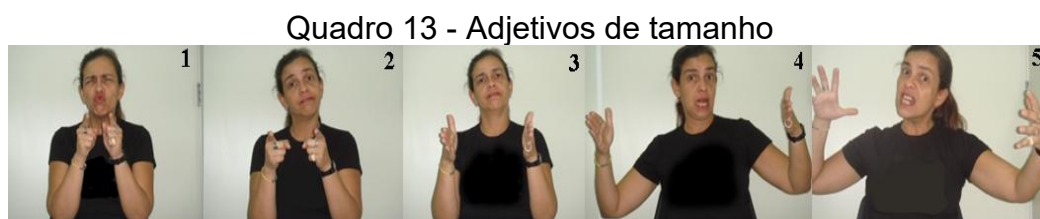
	MAIS INTENSIDADE DO QUE O NORMAL
	MAIS INTENSO

Fonte: Quadros, Pizzio e Rezende (2009, p. 21).

O nível da intensidade durante a marcação de grau na execução das ENM é essencial para poder marcar a mudança sintática. Mediante a sinalização dos léxicos realizada pelos indígenas surdos na língua indígena Ka'apor de sinais, identificamos a presença dessa marcação de intensidade; sinais como alegria, medo, dor, foram uns dos sinais com a existência de intensidade, conforme podemos verificar no Quadro 13.

Na classificação do grau adjetivo de tamanho, Quadros, Pizzio e Rezende (2009) apresentaram cinco pontos importantes, os quais estão descritos nas imagens do Quadro 13 sobre os graus de adjetivos de tamanho.

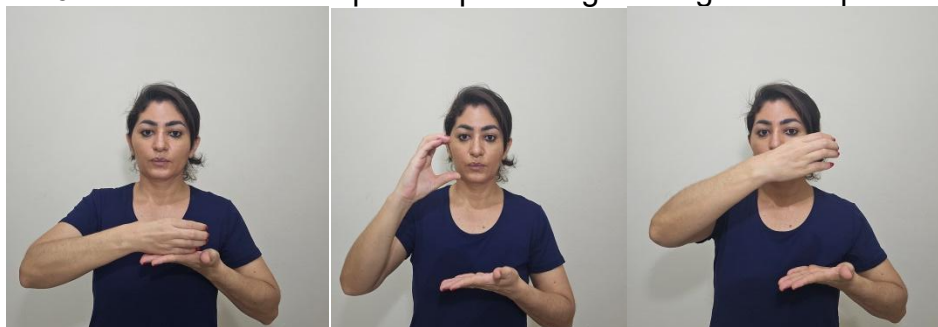
1-MUITO MENOR DO QUE O NORMAL 2-MENOR DO QUE O NORMAL, 3-NORMAL, 4- MAIOR DO QUE O NORMAL, 5-MUITO MAIOR DO QUE O NORMAL.



Fonte: Com base nos estudos de Quadros, Pizzio e Rezende (2009).

Segundo a classificação dos graus de adjetivos de tamanho, identificamos os léxicos da sinalização de “PEQUENO” e “GRANDE” na língua indígena Ka'apor de sinais. A marcação da intensidade foi usada para diferenciar os tipos de tamanhos de copos (Figura 26).

Figura 26 - Léxico sinalizado para copo na língua indígena Ka'apor de sinais



Fonte: A autora (2025).

Podemos observar o início da sinalização do léxico de “COPO” e o movimento realizado que significa a intensidade para mostrar o tamanho do “COPO” na língua indígena Ka'apor de sinais. A terceira imagem é referente à sinalização do indígena surdo que sinalizou para mostrar a diferença de copo pequeno e copo grande. De acordo com Liddell (1980), a intensidade é uma marca linguística muito comum existente em várias línguas de sinais, conforme vimos na sinalização do léxico de “COPO PEQUENO” e “COPO GRANDE”, usado pelos indígenas surdos.

Ferreira e Langevin (1995), com base em Baker-Shenk e Cokely (1983), fundamentado nos estudos sobre Expressões não manuais de Língua de Sinais Brasileira enumeraram as características das ENM (Quadro 14).

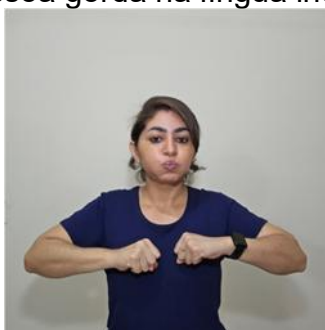
Quadro 14 - ENM extraída de Ferreira-Brito e Langevin (1995)

Rosto
Parte superior, sobrancelhas franzidas, olhos arregalados, lance de olhos, sobrancelhas levantadas.
Parte inferior
Bochechas infladas, bochechas contraídas, lábios contraídos e projetados e sobrancelhas franzidas, correr da língua contra a parte inferior interna da bochecha, apenas bochecha direita inflada, contração do lábio superior, franzir do nariz.
Cabeça
Balanceamento para frente e para trás (sim)
Balanceamento para os lados (não)
Inclinação para frente
Inclinação para o lado
Inclinação para trás
Rosto cabeça
Cabeça projetada para frente, olhos levemente cerrados, sobrancelhas franzidas.
Cabeça projetada para trás e olhos arregalados
Tronco
Para frente
Para trás
Balanceamento alternado dos ombros
Balanceamento simultâneo dos ombros
Balanceamento de um único ombro

Fonte: Ferreira-Brito e Langevin (1995, p. 240 - 242).

Ferreira-Brito (1995) também analisou as ENM na língua de sinais e sua função fonológica. Em seus estudos, comprovou que os movimentos faciais, incluindo olhos, cabeça e tronco, são carregados de elementos linguísticos que estão interligados e não podem existir separadamente. Por exemplo: o sinal de “GORDA” da língua indígena Ka’apor de sinais (Figura 27) é uma junção das bochechas infladas com os levantamentos dos braços para se referir a uma pessoa que está acima do peso; o sinal foi apresentando pelos indígenas surdos da etnia Ka’apor.

Figura 27 - Sinal de pessoa gorda na língua indígena Ka’apor de sinais


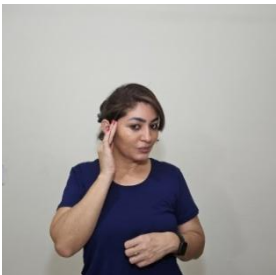


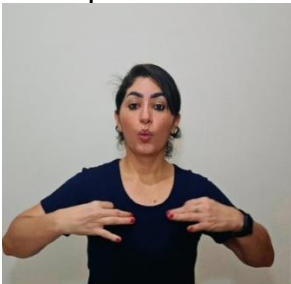

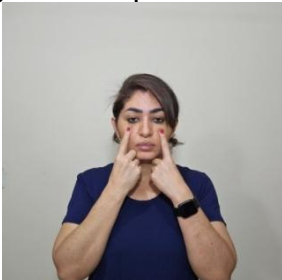




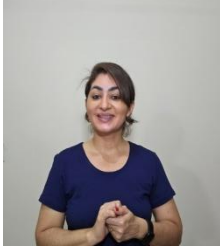

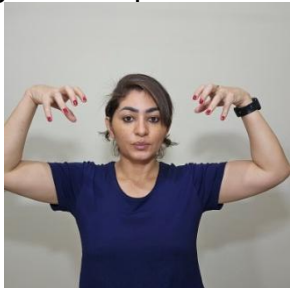
Fonte: A Autora (2025).



Além do sinal de “GORDA”, temos a sinalização dos léxicos de vergonha, medo, brigar, calor, alegre, pequeno, grande e chuva. Todos esses sinais se classificam como (ENM) = Expressões Não Manuais. No Quadro 15, há a descrição fonológica de cada sinal da Língua indígena Ka’apor de sinais.

Quadro 15 - Léxicos da língua indígena Ka’apor de sinais sinalizados pelos indígenas surdos

<b>Vocabulários lexicais</b>	<b>Sinais da língua indígena Ka’apor de sinais.</b>	<b>Descrição dos parâmetros fonológicos da língua indígena Ka’apor de sinais</b>
Vergonha	Figura 28 - QRCODE do vídeo do Sinal vergonha na língua indígena Ka’apor de sinais	(CM) = (P.A) = (M) = (O) = (ENM) = Expressões Não Manuais nos sinais da língua indígena Ka’apor de sinais.

	  <p>Fonte: A Autora (2025).</p>	<p>Cabeça Inclinação para o lado rosto, lance de olhos.</p>
Medo	<p>Figura 29 - QRCODE do vídeo do Sinal de medo na língua indígena Ka'apor de sinais</p>  <p>Fonte: A Autora (2025).</p>	<p>(CM)= (P.A)= (M)= (O)= (ENM)= (ENM) = Expressões Não Manuais nos sinais da língua indígena Ka'apor de sinais. Olhos arregalados.</p>
Calor	<p>Figura 30 - QRCODE do vídeo do Sinal Calor na língua indígena Ka'apor de sinais</p>   <p>Fonte: A Autora (2025).</p>	<p>(CM) = n° 18 (Quadros, 2019). (P.A) = (M)= simulando abanar a roupa (O) =para dentro (ENM) = Expressões Não Manuais nos sinais da língua indígena Ka'apor de sinais. Rosto Bochechas contraídas, lábios contraídos e projetados e sobranceiras franzida.</p>
Chorar	<p>Figura 31 - QRCODE do vídeo do Sinal de chorar na língua indígena Ka'apor de sinais</p>  	<p>(CM)= n° 49 (Quadros, 2019). (P.A) Rosto M= deslizando os dedos no rosto (O)= para dentro ENM) = Expressões Não Manuais nos sinais da língua indígena</p>

	Fonte: A Autora (2025).	Ka'apor de sinais. Lance de olhos.
Briga	<p>Figura 32 - QRCODE do vídeo do Sinal de brigar na língua indígena Ka'apor de sinais</p>  <p>Fonte: A Autora (2025).</p>	<p>(CM) = (P.A)= (M) = ENM) = Expressões Não Manuais nos sinais da língua indígena Ka'apor de sinais. Olhos e bocas arregalados, sobrancelhas levantadas.</p>
Alegre	<p>Figura 33 - QRCODE do vídeo do Sinal de alegre na língua indígena Ka'apor de sinais</p>   <p>Fonte: A Autora (2025).</p>	<p>(CM) = (P.A) = (M) = ENM) = Expressões Não Manuais nos sinais da língua indígena Ka'apor de sinais. Sobrancelhas levantadas, e uma expressão facial de pessoa alegre rindo.</p>
Chuva	<p>Figura 34 - QRCODE do vídeo do Sinal de chuva na língua indígena Ka'apor de sinais</p>   <p>Fonte: A Autora (2025).</p>	<p>(CM) = n° 49, (Quadros, 2019). (P.A) = (M) = ENM) = Expressões Não Manuais nos sinais da língua indígena Ka'apor de sinais. Nesse caso do sinal de chuva podemos observar que não é muito intenso, mas podemos usar a intensidade para referir-se a muita chuva.</p>

Pequeno	<p>Figura 35 - QRCODE do vídeo do Sinal de pequeno na língua indígena Ka'apor de sinais</p>  <p>Fonte: A Autora (2025).</p>	<p>(CM) = nº 01, (Quadros, 2019).  (P.A) = Realizado na frente do corpo, realizado com as duas mãos.  (M) = ENM) = Expressões Não Manuais nos sinais da língua indígena Ka'apor de sinais.</p>
Grande	<p>Figura 36 - QRCODE do vídeo do Sinal de grande língua indígena Ka'apor de sinais</p>  <p>Fonte: A Autora (2025).</p>	<p>(CM) = nº 02, (Quadros, 2019)  (P.A) = Realizado na frente do corpo, e utilizando as duas mãos.  (M) = ENM) = Expressões Não Manuais nos sinais da língua indígena Ka'apor de sinais.</p>

Fonte: A autora, 2025.

No cotidiano da aldeia, nas relações diárias entre os indígenas surdos e ouvintes é que ocorre, concomitantemente, mais dessas expressões. Conforme Quadros e Karnopp (2004), na língua brasileira de sinais, as ENM desempenham as funções linguísticas que fazem parte dos elementos que constituem o sistema da língua. O uso da expressão facial também foi identificado na língua indígena da Ka'apor de sinais, conforme foi mostrado anteriormente.

A função ENM na língua de sinais está além das marcas de concordâncias; muitas vezes, as ENM são usadas nas sentenças que causam dúvidas, questionamentos, além de estarem presentes em itens lexicais que envolvem emoção e sentimentos como afetos, angústia e aflição. As interrogativas sim e não estão presentes também na língua indígena Ka'apor de sinais e são usadas pelos indígenas surdos e ouvintes.

Na Tabela 2, separamos o nível sintático das ENM conforme os estudos propostos por Quadros, Pizzio e Rezende (2009).

Tabela 2 - O nível sintático das ENM

Sentenças afirmativas	Expressam ideias ou ações afirmativas. Por exemplo: EU VOU AO BANCO.
Sentenças negativas	São aquelas em que a sentença está sendo negada. Normalmente, possuem um elemento negativo explícito, como NÃO, NADA, NUNCA. Na língua de sinais, podem estar incorporadas aos sinais ou expressas apenas por meio da marcação não manual.
Sentenças interrogativas	São aquelas formuladas com a intenção de obter alguma informação desconhecida. São perguntas que podem requerer informações relativas aos argumentos por meio de expressões interrogativas: O QUE, COMO, ONDE, QUEM, POR QUE, PARA QUE, QUANDO, QUANTO etc.
Interrogativa QU	Sentenças em que há uma pequena elevação da cabeça, acompanhada do franzir da testa.
Interrogativa S/N	Sentenças em que há um leve abaixamento da cabeça, acompanhando elevação das sobrancelhas. As respostas para essas interrogativas, como se pressupõem, são SIM ou NÃO.
Interrogativa que expressa dúvida e desconfiança (pode ser feita com uma ou duas mãos)	Nessas sentenças, os lábios são comprimidos ou ficam em protrusão, olhos mais fechados e testa franzida, leve inclinação dos ombros para um lado ou para trás.
QU que aparece em sentenças subordinadas sem a marcação não- manual interrogativa	Apresentam-se em sinais como O- QUE e QUEM. Dentro da sentença, são realizados com a marcação não manual da própria sentença, ou seja, será afirmativa ou negativa.
Sentenças condicionais	São sentenças que estabelecem uma condição para realizar outra coisa, por exemplo: SE CHOVER, EU NÃO VOU À FESTA. A condição dessa sentença é não chover, para que a pessoa vá à festa.
Sentenças relativas	São aquelas em que há uma inserção dentro da sentença para explicar, para acrescentar informações, para encaixar outra questão relativa ao que está sendo dito. Nessas sentenças, normalmente utiliza-se QUE na língua portuguesa; na língua de sinais, há uma quebra na expressão facial para anunciar a sentença relativa que é produzida com a elevação das sobrancelhas.
Construções com tópico	É uma forma diferente de organizar o discurso. O tópico retoma o assunto sobre o qual se desenvolverá o discurso. Por exemplo, <b>FRUTAS</b> , EU GOSTO DE BANANA. Então, o Tópico é FRUTAS, sobre o qual será definida aquela de preferência do falante/sinalizante.
Construções com foco	São aquelas que introduzem no discurso uma informação nova que pode estabelecer contraste, informar algo adicional ou enfatizar alguma coisa. Por exemplo, se alguém diz que a MARIA COMPROU O CARRO e esta informação está equivocada, o falante/sinalizante seguinte pode fazer uma retificação: NÃO, <b>PAULO</b> COMPROU O CARRO. Paulo, aqui, será o foco.
Direção do olhar	Direcionar a cabeça e os olhos para uma localização específica, simultaneamente com um e/ou mais sinais para estabelecer a concordância.

Fonte: Com base nos estudos de Quadros, Pizzio e Rezende (2009).

Conforme é possível percebermos, quanto ao uso, as ENM podem ser classificadas como expressivas/afetivas ou linguísticas/gramaticais; as configurações

faciais e movimentos faciais são usadas para afirmar, negar e interrogar, conforme está na Tabela 2. Na figura 37, há um exemplo das expressões faciais com a marca da sentença interrogativa.

Figura 37 - Exemplo de marca de interrogativa na ENM



Fonte: Andreis-Witkoski (2015, p. 79).

A Figura 37 é um exemplo da marca Interrogativa “O QUÊ” usada na língua brasileira de sinais. Não devemos ignorar a função da Expressão não manual nas línguas de sinais, pois o uso desse elemento linguístico é determinante, principalmente para identificarmos os sinais de interrogação ou afirmação e até mesmo para demonstrarmos sentimentos, como vimos nas ENM afetiva.

Destacamos que nos enunciados envolvendo as expressões não manuais, dificilmente a expressão é neutra. Fica perceptível que o sinalizador está querendo informar algo. Por exemplo, para usar as marcas de interrogação, logo vemos as sobrancelhas levantadas, nesse caso, acompanhadas com os movimentos das mãos (Figura 37).

## **6 VOCABULÁRIOS LEXICAIS DA LÍNGUA INDÍGENA KA'APOR DE SINAIS POR MEIO DAS DESCRIÇÕES IMAGÉTICAS NA SINALIZAÇÃO DOS INDÍGENAS SURDOS**

Nesta seção, para contextualizarmos, vamos apresentar uma discussão a respeito da definição sobre léxico e vocabulários das línguas de sinais, incluindo a língua indígena Ka'apor de sinais língua materna dos indígenas surdos Ka'apor. Vamos usar os fundamentos teóricos dos estudos de Campello (2008) para analisar os vocabulários lexicais identificados por meio dos sinais realizados pelos indígenas surdos embasados nos conceitos das descrições imagéticas. Conforme o senso-comum, o conceito de vocabulário normalmente é relacionado as palavras isoladas, seguidas por seus significados, reunidas em dicionários, é importante destacar que nesse estudo o vocabulário é analisado na perspectiva da língua indígena ka'apor de sinais, sendo assim, o vocabulário lexical sinalizado pelos indígenas surdos.

### **6.1 Léxicos das Línguas de Sinais**

O reconhecimento linguístico das línguas de sinais foi uma conquista fundamental para cultura surda e para o desenvolvimento da comunidade surda, contribuindo para multiplicidade de línguas e manifestações culturais do povo surdo. A oficialização da língua de sinais, além de contribuir para validar as línguas de sinais como sistema linguístico, contribuiu também para consolidar a identidade surda e a acessibilidade linguística.

Nessa perspectiva, o estudo do léxico nas línguas de sinais se evidencia como uma área de estudos de grande relevância tanto para área da linguística quanto para as pessoas surdas. O léxico, conjunto de unidades lexicais de uma língua, tem uma função fundamental na estruturação e compreensão do discurso em línguas de sinais.

Segundo Quadros e Karnopp (2004, p. 31):

O léxico nessas línguas é vasto e diversificado, refletindo não apenas a riqueza cultural das comunidades surdas, mas também a complexidade inerente à comunicação visual. A investigação do léxico nas línguas de

sinais contribui para o conhecimento no campo da linguística. A análise da organização, semântica e aquisição do léxico nessas línguas oferece insights sobre os princípios da linguagem e as características das línguas visuais-gestuais.

Conforme Flores (2024), os estudos envolvendo léxico nas línguas de sinais favorecem os avanços no campo educacional da comunidade surda, fortalecem a identidade cultural desse povo e têm uma grande relevância, principalmente para a comunidade surda, pois contribuem de forma positiva para a valorização e reconhecimento da língua e cultura dessa comunidade, colaborando para o avanço no campo da linguística, promovendo igualdade de direitos, inclusão e respeito pela diversidade linguística.

De acordo com Flores (2024, p. 16), “o léxico, considerado uma das áreas fundamentais da linguística, dedica-se ao estudo minucioso do conjunto de palavras que compõem uma língua, bem como de seus significados, formas, estruturas e usos”.

Para Lyons (1999a), o léxico é um elemento linguístico importantíssimo para a gramática de uma língua, desenvolve funções essenciais representadas por um conjunto de elementos lexicais acessíveis para os interlocutores. Conforme Flores (2024), os Léxicos não são somente palavras soltas, pois incluem:

[...] também as complexas relações semânticas, morfológicas, sintáticas e pragmáticas entre essas unidades linguísticas. A compreensão do léxico vai além da simples identificação e definição de palavras; envolve também o estudo das conexões e interações entre essas palavras dentro de um sistema linguístico.

De acordo com Bloomfield (1933), estudar o léxico de forma isolada significa ignorar suas múltiplas funções no campo linguístico. Nessa direção, os léxicos não são apenas um grupo de palavras soltas sem sentido; representam uma preciosidade que faz parte da linguagem humana. Além disso, possui valores semânticos essenciais para estrutura e organização de uma língua.

Segundo Ullmann (1957), o léxico como ciências da palavra contribui diretamente para conceituar enunciados, possui um valor para construção e organização da sintaxe. O léxico, na área cultural de um povo, é importante para saberes tradicionais de um povo, expressar a fé, os hábitos e costumes locais e para o funcionamento da língua.

Segundo Flores (2024, p. 18):

O léxico representa as experiências culturais de um grupo ou de uma nação recortadas na língua de que faz parte. A expressão das crenças, as artes culinárias e medicinais, as tradições, as inovações e todas as nuances da vivência social de um povo se fazem notar no seu universo lexical. Por esta razão, o léxico, ao mesmo tempo em que consolida o saber de um povo e o resguarda como um baú na memória dos falantes, é também a face linguística mais dinâmica de expressão desse saber, uma vez que os saberes se atualizam e se interpenetram constantemente.

As pesquisas desenvolvidas sobre o léxico são essenciais para o desempenho e funcionamento da língua, contribuindo também para as experiências culturais de um povo, gramática, linguística em geral e para ordem social.

Para Flores (2024, p. 19):

E o léxico, que faz significar, associar sentidos, resgatar e recriar valores, ampliar e reordenar significações, não passa imune a tantas peripécias dos sistemas sociais e linguísticos. No limite que não se pode precisar nem definir das inovações e das tradições linguísticas e socioculturais estão às construções lexicais. Neste continuum, o que não quer dizer que seja um campo fluído, impreciso e caótico, residem os fatos de cultura servidos pelos usos lexicais e os fatos da língua constantemente sendo definidos pelos acontecimentos culturais.

De acordo com Sapir (1969), línguas pertencentes às mesmas famílias linguísticas manifestam culturas diferentes e línguas de ramos diferentes, como já consideramos, compartilham da mesma cultura que as conectam. O autor aponta que o léxico é item linguístico diretamente ligado entre língua e cultura. Conforme as palavras de Bechara (2011, p. 9), o léxico é “a janela da língua para o mundo refletindo a história cultural e social do povo”.

De acordo com Flores (2024), nas últimas décadas, houve um grande crescimento na área da linguística das línguas de sinais e estudos voltados para a compreensão do léxico. Autores como Liddell (2003) e Johnston (2011) trouxeram grandes contribuições para estudos no campo do léxico das línguas de sinais.

Segundo Sousa e Quadros (2024), o léxico é um elemento linguístico essencial que constitui os outros componentes linguísticos, contribuindo para o desenvolvimento do uso real da língua em sua funcionalidade diversa.

Conforme Flores (2024), esses estudos têm evidenciado que o léxico reúne uma variedade de elementos visuais e gestuais, expressões faciais e movimentos corporais que têm uma função essencial na comunicação para comunidade surda. Conforme Sousa e Quadros (2024), mediante o léxico é que o surdo tem o primeiro

contato com sua língua materna; é a partir da criação desses sinais que surgem os seus significados.

Cada sinal vai criando seus significados – sozinhos ou em construções textuais – se materializando no corpo – nas mãos, nas expressões não manuais, nas referências, nas relações culturais – e construindo seus sentidos ao serem recebidos pelos olhos dos interlocutores, num jogo discursivo que se costura por meio dos tecidos socioculturais e identitários (Sousa; Quadros, 2024, p. 01).

O léxico da língua de sinais possibilita uma comunicação ampla e eficaz, sendo essencial para o avanço da área da linguística das línguas de sinais. Vários estudos, incluindo do linguista William Stokoe (1978), fazem referência a pesquisas envolvendo o uso de classificadores e iconicidade nas línguas de sinais, como é o caso da Libras. Eles demonstraram que o léxico das línguas de sinais envolve um enorme número de sinais icônicos, sendo contínuo o uso e realização dos classificadores. Ressaltamos que a iconicidade e os classificadores são elementos linguísticos existentes tanto nas línguas oralizadas quanto nas línguas de sinais.

As línguas de sinais só alcançaram o reconhecimento linguístico posteriormente aos estudos do William Stokoe na década de 60, os quais contribuíram para a autenticação de que as línguas de sinais são línguas realmente, pois constituem elementos linguísticos; atualmente, a legalidade dessas línguas é incontestável.

De acordo com Allan (1977), os Classificadores desempenham uma função linguística nas classes gramaticais adverbiais e adjetivas, incluindo o aspecto locativo, porém, o processo de incorporação acontece por meio dos verbos e adjetivos.

Brito (1995) considera que os classificadores na língua de sinais são “multimorfêmicos”. Nesse sentido, os classificadores são elementos linguísticos que podem ser utilizados com sentidos denotativos e conotativos. Todavia, é importante ressaltarmos que os classificadores vão além da descrição de objetos ou pessoas, pois são um componente linguístico onde as descrições das suas unidades morfológicas são constituídas de parâmetros.

Nas línguas de sinais, a função dos classificadores é descrever algumas posições semânticas, sentenças ou parte dela. O uso do classificador manifesta uma

gama de informações, além de possibilitar a manifestação de dois tipos diferentes de classificadores: o nominal e o verbal.

Portanto, Schembri (2003 *apud* Veloso, 2005, p. 89) destaca que:

Em construções classificadoras, os traços fonológicos das configurações de mãos, o próprio arranjo das mãos, a orientação, o local em que estão e o movimento têm sido analisados como morfemas separados que se combinam para formar construções polimorfêmicas complexas.

Nesse sentido, podemos reiterar que além da realização dos classificadores ser organizada por CM, os morfemas apresentam uma riqueza linguística carregada de significados e fenômenos linguísticos. Para Allan (1977), os classificadores são morfemas e possuem estruturas específicas repletas de sentidos. Normalmente, na sua realização, retratam características que apontam diretamente ao que está sendo sinalizado.

Conforme Quadros e Karnopp (2004, p. 56):

Os classificadores são estruturas complexas em que a configuração de mão, as construções são extremamente influenciadas pela modalidade visoespacial, entretanto, ao entrar no léxico nuclear (ou seja, ao serem lexicalizados), os classificadores seguem padrões de lexicalização encontrados em todas as línguas naturais (como flexão, derivação, incorporação).

Os estudos sobre iconicidade e classificadores apontam que a descrição segue padrões de lexicalização regida por regras gramaticais próprias das línguas de sinais. Conforme Constâncio (2022), a iconicidade é elemento linguístico que pertence às línguas de sinais e perpassa vários níveis linguísticos. A iconicidade se apresenta de maneiras diferentes nas línguas de sinais, entretanto, podemos observar que esse fenômeno permanece bastante rico.

O aspecto icônico de uma sinalização varia de uma língua de sinais para outra, pois as motivações são distintas e se diferem de cultura e língua de cada país. “Cada povo vê os objetos, seres e eventos representados em seus sinais ou palavras sob uma determinada ótica ou perspectiva” (Bernardino; Silva; Passos, 2015, p. 4).

Para Taub (2012), a iconicidade faz parte de um processo cognitivo que possibilita o sinalizante estruturar um dado e descrever conforme está sendo expresso.

A definição onde a execução de um sinal se pareça com que significa, é uma afirmação de uma complexidade, usar a transparência não é critério adequado para medir a iconicidade, pois nem sempre o sinal implica uma relação de transparências com seus referentes. Tanto que é verdade que as pessoas desconhecedoras das línguas de sinais, muitas vezes, não reconhecem a iconicidade no sinal produzido (Taub, 2012, p. 121).

Conforme Taub (2012), não existe uma relação objetiva entre imagem e referente, pois a iconicidade está relacionada às experiências vividas de acordo com a realidade de um povo, pois se uma pessoa desconhece o significado do sinal que está sendo realizado, dificilmente irá reconhecer a iconicidade no sinal produzido.

Cuxac e Sallandre (2007, p. 136) afirmam que:

A iconicidade pode representar várias categorias, sendo a primeira denominada pelos autores como uma estrutura altamente icônica-EAI, considerada como iconicidade imagética, pois refletem uma imagem do universo mental que pressupõe uma intenção de mostrar, ilustrar e demonstrar ao dizer, sendo que essas intenções cognitivas classificadas como “transferências” que representam estruturas altamente icônicas.

De acordo com Pizzuto (2006), existem dois aspectos linguísticos nas línguas de sinais para construir significados. O primeiro é por meio das Estruturas Altamente Icônicas (EAI) e o segundo pelo léxico padrão e apontamentos manuais; o segundo é semelhante aos elementos linguísticos existentes nas línguas orais.

Os estudos na área das descrições imagéticas foram iniciados por Cuxac (1996), que identificou três tipos de transferências: a transferências de forma e tamanho, transferências de situação e transferências de pessoa. Posteriormente, Campello (2008) reorganizou os três tipos de transferências criadas por Cuxac (1996) e adicionou mais duas, somando cinco tipos: 1) Transferência de Tamanho e de Forma (TTF); 2) Transferência Espacial (TE); 3) Transferência de Localização (TL); 4) Transferência de Movimento (TM); e 5) Transferência de Incorporação (TI). Vejamos a seguir o conceito de cada tipo de transferência.






A primeira descrição imagética é a Transferência de Tamanho e de Forma (Campello, 2008, p.213).

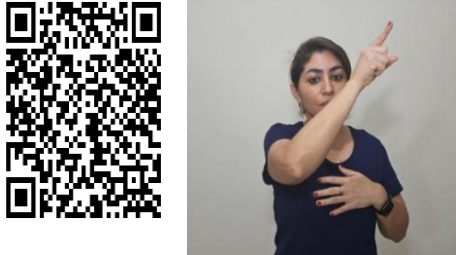

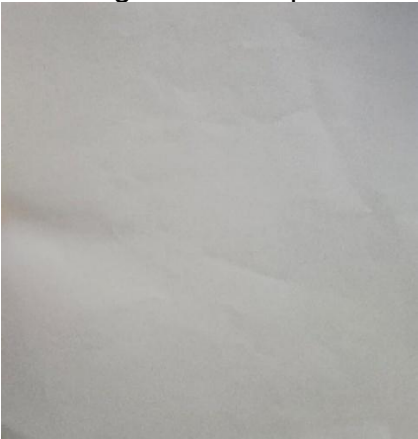
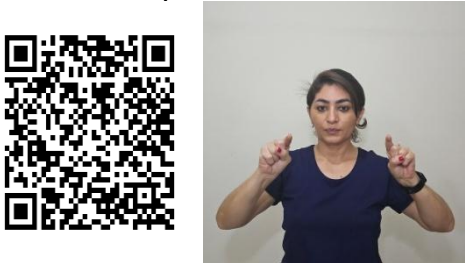



[...] dentro da especificidade da estrutura icônica, a transferência de tamanho serve para representar o signo visual independentemente do tamanho que seja for, que pode ser grande, pequeno, miúdo, colosso, maior, avantajado, vasto, corpulento, alto, de longa extensão, comprido, longo, excessivo, agudo, forte, intenso, violento (dependendo do

envolvimento sentimental), poderoso, importante, notável, de qualidade superior, marcante, pouco extenso, pouco volume, estatura abaixo da média, valor inapreciável, acanhado, mesquinho, insignificante, humildade, sentimento de inferioridade, medo, menor, [...] pequeno, etc. e as formas podem ser configuradas de acordo com as características físicas, dos seres e das coisas como decorrência da estruturação de suas partes [...]

Para exemplificar, apresentaremos a DI de transferência de tamanho e forma, identificada na língua indígena Ka'apor de sinais sinalizada pelos indígenas surdos, por meio dos léxicos da classe dos substantivos "CASA, LUA, CAMA, PAPEL, ÁRVORE, GARRAFA, PEDRA, PRATO e CORAÇÃO". Todos esses substantivos têm características pertencentes a DI de transferência de tamanho e forma (Quadro 16).

Quadro 16 - DI de transferência de tamanho e forma dos vocabulários lexicais descritos na língua indígena da Ka'apor de sinais pelos indígenas surdos

Vocabulários lexicais		Descrição dos parâmetros fonológicos da língua indígena Ka'apor de sinais
Casa	<p>Figura 38 - QR CODE do vídeo do Sinal de casa em língua indígena Ka'apor de sinais</p>  <p>Fonte: A Autora (2025)</p>	<p>Figura 39 - Casa</p>  <p>Fonte: A Autora (2024)</p>
Árvore	<p>Figura 40 - QR CODE do vídeo do Sinal de árvore na língua indígena Ka'apor de sinais</p>  <p>Fonte: A Autora (2025)</p>	<p>Figura 41 - Árvore</p>  <p>Fonte: A Autora (2024)</p>
Lua	<p>Figura 42 - QR CODE do vídeo do Sinal de lua na língua indígena Ka'apor de sinais</p>	<p>Figura 43 - Lua</p> 

	 <p>Fonte: A Autora (2025)</p>	<p>Fonte: Google (20--).</p>
Papel	<p>Figura 44 - QRCODE do vídeo do Sinal de papel na língua indígena Ka'apor de sinais</p>  <p>Fonte: A Autora (2025)</p>	<p>Figura 45 - Papel</p>  <p>Fonte: Autora (2025).</p>
Cama	<p>Figura 46 - QRCODE do vídeo do Sinal de cama na língua indígena Ka'apor de sinais</p>  <p>Fonte: A Autora (2025)</p>	<p>Figura 47 - Cama</p>  <p>Fonte: A Autora (2025).</p>
Garrafa	<p>Figura 48 - QRCODE do vídeo do Sinal de garrafa na língua indígena Ka'apor de sinais</p>  <p>Fonte: A Autora (2025)</p>	<p>Figura 49 - Garrafa</p>  <p>Fonte: A Autora (2025).</p>
Prato	<p>Figura 50 - QRCODE do vídeo do</p>	<p>Figura 51 - Prato</p>

	<p>Sinal de prato na língua indígena Ka'apor de sinais</p>  <p>Fonte: A Autora (2025)</p>	 <p>Fonte: A Autora (2024).</p>
Pedra	<p>Figura 52 - QRCODE do vídeo do Sinal de pedra na língua indígena Ka'apor de sinais</p>  <p>Fonte: A Autora (2025)</p>	<p>Figura 53 - Pedra</p>  <p>Fonte: Google (2009).</p>
Coração	<p>Figura 54 - QRCODE do vídeo do Sinal de coração na língua indígena Ka'apor de sinais</p>  <p>Fonte: A Autora (2025)</p>	<p>Figura 55 - Coração</p>  <p>Fonte: A Autora (2025).</p>

Fonte: Elaborado pela Autora (2025).

Podemos ver presente a DI de TTF realizada por meio dos léxicos de “CASA, LUA, CAMA, PAPEL, ÁRVORE, GARRAFA, PEDRA, PRATO e CORAÇÃO”. Em vários momentos, na execução dos sinais dos indígenas surdos, é possível identificarmos os tipos de descrição imagética tanto de forma e tamanho.

Na descrição imagética de tamanho e forma de cada imagem apresentada no Quadro 16, a forma também pode ser especificada pela descrição das imagens de cada léxico sinalizado. Por exemplo, na sinalização do léxico de “CASA”, podemos observar que a sinalização foi realizada de acordo com realidade da aldeia e que faz parte do cotidiano dos indígenas surdos. Por isso, é importante apontar que alguns

sinais foram sinalizados pelos indígenas surdos por meio das imagens própria de cada léxico.

De forma muito natural, os indígenas surdos descreveram os léxicos dos substantivos a partir da visualidade dos demais. Diante disso, observamos que os substantivos descritos apresentam características conforme o conceito da DI de TTF assim como as classes dos léxicos, que se classificam conforme o tipo de transferência.

Para Nakagawa (2008), a visualidade é a compreensão construída a partir da imagem representada pelas suas particularidades específicas. Desse modo, podemos ver claramente essas particularidades bem características nos léxicos sinalizados pelos indígenas surdos, principalmente nos léxicos próprios da cultura indígena da etnia Ka'apor.

De acordo com Campello (2008), a finalidade da descrição imagética é contribuir para a língua de sinais, estabelecendo particularidades e dando sentido a uma ideia de um conceito ou de signos visual.

A segunda descrição imagética apresentada é a Transferência Espacial (TE). De acordo com Campello (2008), a Transferência Espacial (TE) é realizada por meio da transferência. Todos os elementos fazem parte de um determinado espaço que se deseja narrar, seja ele micro ou macro, como veremos nos exemplos. Para Campello (2008, p. 214), na hora da realização da descrição imagética é necessário levar em consideração todas as características que fazem parte da iconicidade para transferir para o espaço visual:

[...] localização, profundidade espacial (tanto para baixo ou para cima), tamanho (no sentido da intensidade), isolamento, dos diferentes ângulos, com movimentos ou sem movimentos circulares, que pode ser com reto, em curvas, em curvilíneos, de quadrado, de retangulares, de triangulares, diferença de status e interesse intrínseco (Campello, 2008, p. 214).

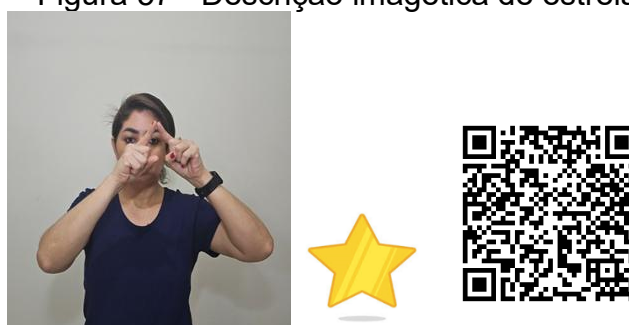
Podemos observar a existência da Transferência Espacial (TE) presente nos dois léxicos sinalizados pelos indígenas surdos, com base na visualidade das imagens do mapa e da estrela. Os indígenas surdos Ka'apor detalharam a descrição imagética no espaço visual caracterizando a imagem representada, sinalização disponível através do QR CODE do vídeo referente a cada léxico (Figuras 56 e 57).

Figura 56 - Descrição imagética de Mapa



Fonte: A autora (2025), utilizando imagem de Mapa de Google (20--)..

Figura 57 - Descrição imagética de estrela



Fonte: A autora (2025), utilizando imagem de estrela de Google (20--)..

Ressaltamos que a descrição imagética é um elemento linguístico que é realizado com base na visualidade do que está sendo apresentado. Foi possível observarmos que os indígenas surdos usuários da língua indígena Ka'apor de sinais recorrem naturalmente ao uso das descrições imagéticas para se comunicarem, conforme foi possível vermos nas descrições dos léxicos aqui apresentados. Na Transferência Espacial, podemos realizar a descrição imagética de elementos mais complexos, por exemplo, descrever umas paisagens com várias árvores ou paisagens com várias casas; tudo isso é possível descrever no tipo de TE.

A terceira descrição imagética que apresentaremos é a Transferência de Localização (TL):

O que influencia a localização é a gravidade, direção que vai para frente, para trás, do lado direito, do lado esquerdo, da alternância, de puxar, de soltar. Os signos visuais se designam aquilo tudo se reflete na imagem o que se vê e que alguns objetos podem ser utilizados como transferência espacial. No nosso mundo, o que atrai os signos visuais para baixo e para cima é a força gravitacional, que na visualização, todo o signo que cai ou o signo que está no fundo ou o signo que está subindo ou o signo está lá em cima ou o signo que está em outros lados. O peso visual também se

manifesta em outras direções com os movimentos para baixo ou para cima ou de outras direções como em dois lados (Campello, 2008, p. 55).

A transferência de localização descreve a localização dos objetos e a direção na qual eles se encontram. Nessa transferência, é possível demonstrar o signo usando o corpo e os olhos para estabelecer elementos linguísticos nos espaços visuais. Ressaltamos que os olhos fazem parte das particularidades e são relevantes principalmente para descrever a direcionalidade dos signos (Campello, 2008).

Na figura 58, podemos observar a sinalização do léxico “QUADRO BRANCO” disponível no QRCODE referente à transferência de localização realizada pelos indígenas surdos.

Figura 58 - Vídeo da descrição imagética do léxico de “QUADRO BRANCO” disponível no QRCODE



Fonte: A autora (2025).

A descrição do léxico da imagem foi realizada para representar a imagem do “QUADRO BRANCO” que está na parede. Ressaltamos que essa descrição foi realizada pelo indígena surdo. Esse quadro faz parte do cotidiano dos indígenas surdos que frequentam a escola que fica dentro da aldeia da etnia Ka’apor.

A quarta descrição imagética que vamos apresentar é a Transferência de Movimento (TM).

Para Campello (2008, p. 215):

Esta transferência de movimento serve para conseguir o equilíbrio visual e pode-se usar várias maneiras de modo igual ou diferentes, como: uma imagem simples ou de uma imagem complexa (inúmeros signos que cobrem um campo inteiro), como duas imagens: simples e complexa. As características de Alto e Baixo mostram as desigualdades de signos e sempre mostram a dualidade ou diferença ou oposto. É comum a associação dos signos visuais com sua concepção de desigualdade, o que passa a diferenciar seus contextos visuais. O contexto de rico / pobre,

acadêmico / não acadêmico, e muitos signos, passam a ter suas distinções visualmente [...]

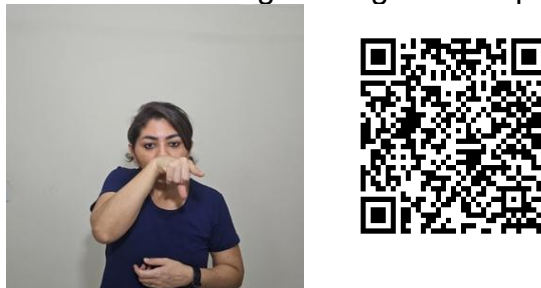
Nas descrições imagéticas da transferência de movimento, trabalhamos os léxicos dos sinais de “JOGAR BOLA” e “ELEFANTE” apresentados nas Figuras 59 e 60. Segundo Campello (2008), ambos descrevem as características dos signos envolvidos na visualidade. A primeira figura corresponde à ação do “VERBO JOGAR” e a segunda apresenta a característica específica do léxico “ELEFANTE”. Nesse exemplo, seria uma transferência de movimento (TM).

Figura 59 - Jogar bola da língua indígena Ka'apor de sinais



Fonte: A autora (2025).

Figura 60 - Elefante da língua indígena Ka'apor de sinais



Fonte: A autora (2025).

No léxico do sinal da Figura 59, temos o verbo “JOGAR BOLA”. Essa descrição imagética é realizada por meio do formato da bola mais o movimento de jogar a bola no pé. São dois sinais para descrever o “SINAL DE JOGAR BOLA”. No “SINAL DE ELEFANTE”, há a descrição do movimento semelhante à tromba do elefante, o movimento em formato circular realizado na direção do nariz.

De acordo com Liddel e Metzger (1998), durante a execução das descrições nas narrativas das línguas sinalizadas, é importante compreender que o espaço que está sendo realizada a narrativa está além da frente do corpo, pois o “espaço real” engloba outros elementos linguísticos, por exemplo, o uso dos apontamentos para

referir-se tanto aos lugares como para identificar as representações mentais nas quais estão incluídos os indivíduos da narrativa.

A quinta descrição imagética é a Transferência de Incorporação (TI). É possível encontramos características incluídas de todos os cinco tipos de transferências imagéticas aqui descritas.

Esta estrutura reproduz várias ações ou imagens, tudo aquilo que o narrador coloca todos os objetos ou cenas no corpo do mesmo narrador. O narrador passa a mostrar as ações efetuadas ou sofridas no processo do enunciado humano, animal ou de objeto, e mais frequentemente, pode ser um não animado. O narrador passa a ser transformado em um objeto para caracterizar aquilo que sente ou mostra fisicamente (Campello, 2008, p. 215).

Podemos observar que as descrições imagéticas das línguas de sinais são repletas de recursos visuais e incorporação de movimentos e formas dos sinalizadores. Trabalhar as narrativas das descrições imagéticas é o melhor método para descrever a representação dos signos visuais Campello (2008).

Com base nos estudos de Campello (2008), o uso da incorporação nas descrições imagéticas é um elemento linguístico fundamental para descrever os léxicos das línguas de sinais. Foi possível encontramos, em vários momentos, na sinalização dos indígenas surdos, o uso da incorporação na realização dos léxicos da língua indígena Ka'apor de sinais. É importante destacarmos que as descrições imagéticas apresentadas nesse trabalho também estão inseridas e encontradas nas categorias dos classificadores que fazem parte da classe verbal da língua brasileira de sinais. Sendo assim, isso reforça que os sinais usados pelos indígenas surdos pertencem a um sistema linguístico e legítimo.

## **6.2 A presença da incorporação na realização dos verbos na língua indígena Ka'apor de sinais**

Com base nos estudos de Quadros e Karnopp (2004), a Língua de Sinais Brasileira possui quatro (4) classes verbais: verbos simples, verbos em concordância (direcionais), verbos espaciais e verbos manuais (classificadores). Conforme Quadros e Karnopp (2004, p. 200):

A concordância nas línguas de sinais como elemento gramatical justifica-se a partir de vários aspectos gramaticais, entre eles [...] as formas para primeira pessoa e não primeira pessoa, a presença de marcação de número nos verbos apresenta múltiplas formas, relação sujeito-verbo-objeto.

De acordo com Quadros e Karnopp (2004), é importante ressaltarmos que os verbos em concordância apresentam a direcionalidade e a orientação. Esses elementos estão relacionados às unidades da semântica. Conforme Ferreira-Brito (1995), caracterizam-se por apresentarem um movimento direcional (M). A marca dessa classe verbal é realizada por meio do início e fim do movimento no espaço da sinalização.

A classe verbal simples apresenta flexão de aspecto, ou seja, incorpora o objeto. A estrutura da organização desse verbo é padronizada e, normalmente, a flexibilidade ocorre de acordo com o contexto no qual o verbo está sendo usado. Para Silva e Quadros (2019, p. 95):

Os verbos simples requerem a ordem básica, enquanto os verbos com concordância permitem ordenações mais variadas. É possível indicar os referentes previamente no discurso e, então, produzir o verbo com concordância. No caso das sentenças com verbos simples, isso fica mais difícil, a não ser que haja outras marcações não manuais associadas que permitam a flexibilização das ordens possíveis. Os verbos simples não se flexionam em pessoa e número e não possuem afixos locativos. Alguns desses verbos apresentam flexão de aspecto (incorporando o objeto). Todos os verbos ancorados no corpo são verbos simples. Há também alguns que são feitos no espaço neutro.

Na língua indígena Ka'apor de sinais, identificamos a presença dos verbos simples por meio dos léxicos sinalizados pelos indígenas surdos. O “VERBO FALAR” é um exemplo de um verbo simples (Figura 61).

Figura 61 - Vídeo disponível no QRCODE do “verbo falar” em língua indígena Ka'apor de sinais



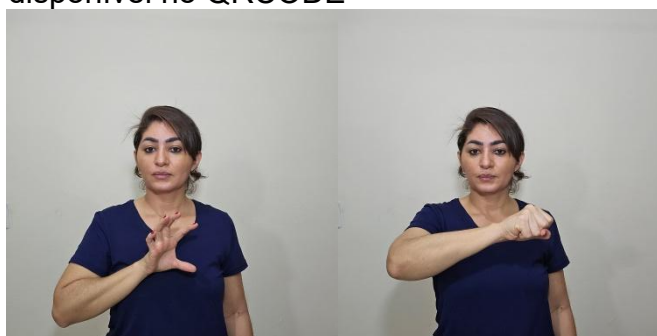
Fonte: A autora (2025).

O verbo “FALAR” da língua indígena Ka’apor de sinais, que se classifica como verbo simples, não apresenta a flexão de pessoa e nem possui afixos locativos, que é uma das características dos verbos simples. O verbo é realizado na frente da boca com a repetição de dois movimentos usando o dedo indicador, o que podemos observar na execução desse sinal. O indígena surdo percebeu de forma visual que os ouvintes, ao se comunicarem, movimentam a boca, diferente dos surdos, que usam as mãos para se comunicarem. Então, eles naturalmente criaram um sinal na frente da boca para referir-se ao VERBO “FALAR”.

A classe verbal seguinte nas Línguas de sinais é a dos verbos espaciais. Para Quadros e Karnopp (2004), são verbos que têm afixos locativos, executados por meio das marcações no espaço onde é realizada a sinalização. Para Padden (1988), os verbos espaciais se distinguem dos verbos com concordância, devido o verbo espacial obter diversos lócus referenciais, diferente do verbo em concordância, onde o movimento realizado tem uma direcionalidade certa a ser realizada.

Na língua indígena Ka’apor de sinais, identificamos o verbo “BUSCAR”, que se classifica como verbo espacial devido à localização de onde o sinal é realizado (Figura 62).

Figura 62 - Vídeo do léxico do verbo buscar na língua indígena Ka’apor de sinais disponível no QR CODE



Fonte: A autora (2025).

Esse léxico do verbo “BUSCAR” foi sinalizado pelas famílias dos indígenas surdos quando eles pedem para os surdos buscarem algum objeto e os surdos respondem naturalmente a sinalização.

A quarta classe verbal existente na Língua Brasileira de Sinais são os verbos manuais, que também são conhecidos por classificadores. Essa classe verbal foi identificada na sinalização dos indígenas surdos usuários da língua indígena Ka’apor

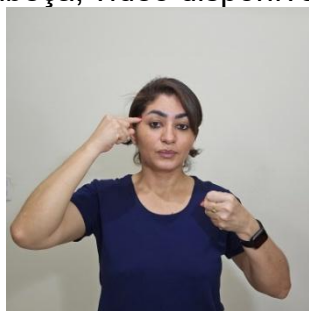
de sinais. Os verbos manuais se caracterizam por incorporarem a ação em sua execução.

Para Quadros (2008, p. 46):

O classificador é um tipo de morfema, utilizado através das configurações de mãos que podem ser afixados a um morfema lexical (sinal) para mencionar a classe a que pertence o referente desse sinal, para descrevê-lo quanto à forma e tamanho, ou para descrever a maneira como esse referente se comporta na ação verbal (semântico) (Quadros, 2008, p. 46).

Os Classificadores também exercem uma relação de concordância por meio da sinalização dos signos visuais representados pela descrição dos morfemas caracterizados por objetos, pessoas e animais. Normalmente, incorporando-lhes ações. Identificamos a incorporação de movimentos em vários sinais e verbos, além da incorporação dos verbos de ligação ser e estar na sinalização dos indígenas surdos, utilizando a língua indígena Ka'apor de sinais.

Figura 63 - Estou sentido dor de cabeça, vídeo disponível no QR CODE



Fonte: A autora (2025).

A sinalização foi realizada pelos indígenas surdos para informar quando eles estão sentindo dor (Figura 63), especificamente, o léxico significa “Eu SENTI DOR DE CABEÇA”, mas quando eles estão sentindo dor em outra região do corpo, eles usam uma mão apontada para região que estão sentindo dor, simultaneamente, com a outra mão, com movimento unilateral de cima para baixo e mãos fechada em CM em S. O que podemos observar nessa sinalização é a incorporação do verbo “ESTAR”, pois o verbo foi incorporado durante a comunicação. Importa destacarmos que a incorporação é um recurso linguístico bastante comum usado em outras línguas de sinais (Hoffmeister *et al.*, 1997).

Conforme Quadros e Karnopp (2004), a incorporação é um processo produtivo nas línguas de sinais. Por meio da incorporação, é possível identificarmos

diversos elementos linguísticos nas línguas de sinais, como as incorporações negativas adicionadas aos sinais. A negação é marcada mediante a expressão facial incorporada.

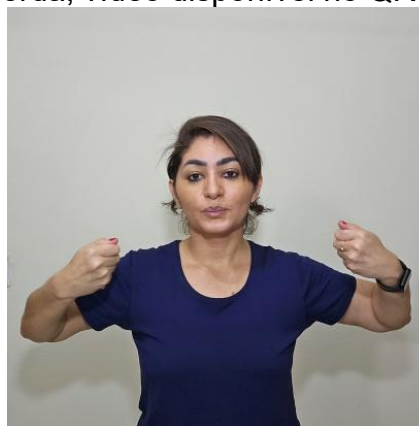
Vimos sobre essa questão na ENM, que também está presente na descrição dos verbos manuais. Conforme os estudos de Campello (2008), vimos que a incorporação também é um recurso que podemos utilizar por meio da descrição imagética e incorporação dos movimentos, das formas e localização.

Para Ferreira-Brito (1995, p. 36):

Os classificadores podem vir junto de verbos de movimento e de localização para classificar o sujeito ou o objeto que está ligado à ação do verbo. Eles exercem a função de marcadores de concordância de gênero para pessoas, animais ou coisas. Como vimos, os classificadores exercem um papel crucial nas Libras, pois eles ajudam a construir sua estrutura sintática através de recursos corporais que possibilitam relações gramaticais abstratas.

No léxico do verbo “PULAR CORDA” sinalizado pelos indígenas surdos, observamos que a sinalização está ligada à ação do “VERBO PULAR”. Na execução desse verbo na língua indígena Ka’apor de sinais, percebemos essa concordância (Figura 64).

Figura 64 - Léxico do verbo pular corda, vídeo disponível no QR CODE



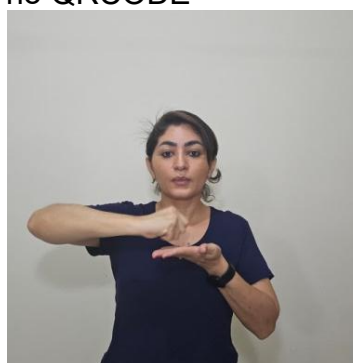
Fonte: A autora (2025).

Nos estudos sobre classificadores na Língua Americana de Sinais (ASL), Hoffmeister *et al.* (1997) apontam incorporação durante a sinalização das classes verbais. Grinevald (2003, p. 62) define os classificadores a partir de quatro critérios:

(a) Classificadores são morfemas explícitos. (b) Eles constituem um subsistema morfossintático. (c) Eles são sistemas de classificação semanticamente motivados que não classificam todos os substantivos. (d) Eles são sujeitos a condições de uso pragmático-discursivas.

Nos léxicos dos verbos sinalizados pelos indígenas surdos, foi possível identificarmos os diversos morfemas explícitos existentes nos classificadores executados. Por exemplo, no léxico do “VERBO COMER”, a sinalização tem uma relação com o movimento de levar o alimento a boca (Figura 65).

Figura 65 - Léxico do verbo comer língua indígena Ka’apor de sinais, vídeo disponível no QR CODE








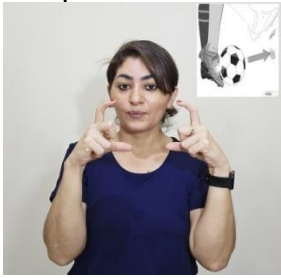


Fonte: A autora (2025).


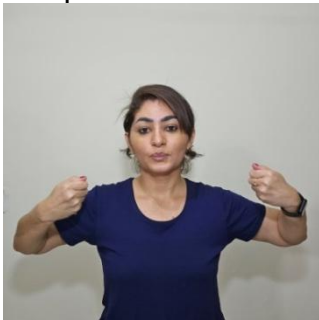



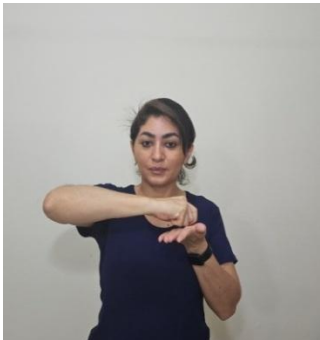


Quadros e Karnopp (2004) afirmam que a organização dos classificadores faz parte do léxico original das línguas de sinais e inclui a construção morfológica na estrutura lexical, além de sofrer a influência do espaço-visual na produção dos classificadores.








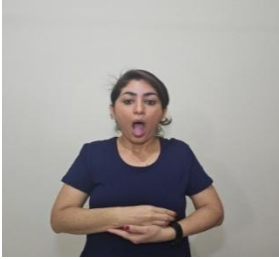
No Quadro 17, há a sinalização de alguns verbos característicos da língua indígena Ka’apor de sinais, seguindo a ordem fonológica de cada sinal. Ressaltamos que a maioria dos verbos inclui a incorporação dos movimentos relativos à ação de cada verbo, uma característica tanto da classe verbal simples como dos verbos classificadores, conforme vimos nos estudos comprovados e apresentados nesta tese.


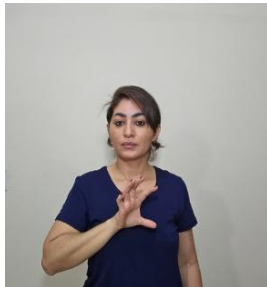

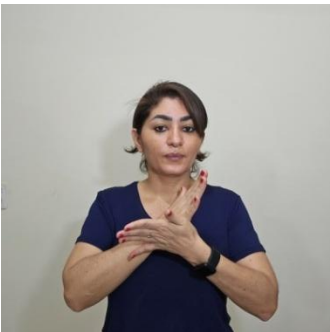

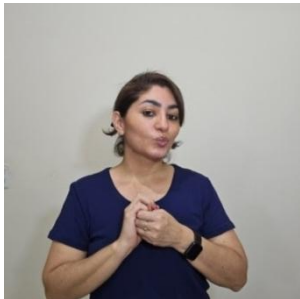


Quadro 17 - Verbos em língua indígena Ka’apor de sinais



Vocabulários lexicais	Sinais da língua indígena Ka’apor de sinais	Descrição dos parâmetros fonológicos da língua indígena Ka’apor de sinais
-----------------------	---	---

Quebrar	<p>Figura 66 - Sinal do verbo quebrar na língua indígena Ka'apor de sinais</p>   <p>Fonte: A Autora (2025)</p>	<p>(CM) = N° 69, (Quadros, 2019), realizado com as duas mãos.  (P.A) espaço na frente do corpo  M= Semelhante à ação de quebrar algum objeto.  (O) =  ENM) =</p>
Sentar	<p>Figura 67 - Sinal do verbo sentar-se na língua indígena Ka'apor de sinais</p>   <p>Fonte: A Autora (2025)</p>	<p>(CM) = N° 69, (Quadros, 2019).  (P.A) espaço visual com o corpo  M= o movimento realizado é semelhante à ação de sentar.  (O) =  ENM) =</p>
Jogar bola	<p>Figura 68 - Sinal do verbo jogar bola na língua indígena Ka'apor de sinais</p>   <p>Fonte: A Autora (2025)</p>	<p>(CM) = N° 42, (Quadros, 2019).  (P.A) espaço na frente do corpo  M= Semelhante à ação de jogar bola mais a forma da bola  (O) =  ENM) =</p>
Limpar	<p>Figura 69 - Sinal do verbo limpar na língua indígena Ka'apor de sinais</p>   <p>Fonte: A Autora (2025)</p>	<p>(CM) = N° 05, (Quadros, 2019).  (P.A) espaço na frente do corpo  M= Semelhante à ação de espanar  (O) = Para dentro e para fora.  ENM) =</p>
Pular corda	<p>Figura 70 - Sinal do verbo pular corda na</p>	<p>(CM) = N° 70,</p>

	<p>língua indígena Ka'apor de sinais</p>   <p>Fonte: A Autora (2025)</p>	<p>(Quadros, 2019).  (P.A) espaço na  acima do ombro  M= Semelhante à  ação de pular corda  (O) = Para dentro e  para fora.  ENM) =</p>
Cortar	<p>Figura 71 - Sinal do verbo cortar na língua indígena Ka'apor de sinais</p>   <p>Fonte: A Autora (2025)</p>	<p>(CM) = N° 02,  (Quadros, 2019).  (P.A) espaço na  frente do corpo e  M= o movimento tem  uma similaridade com  ação de cortar  (O) = Para dentro.  ENM) =</p>
Escrever VERBO	<p>Figura 72 - Figura 64: Sinal de verbo escrever na língua indígena Ka'apor de sinais</p>   <p>Fonte: A Autora (2025)</p>	<p>(CM) = N° 70,  (Quadros, 2019).  (P.A) espaço na  frente do corpo  M= o movimento  equivalente a  escrever  (O) = Para cima e  baixo.  ENM) =</p>
Cozinhar	<p>Figura 73 - Sinal do verbo cozinhar na língua indígena Ka'apor de sinais</p>   <p>Fonte: A Autora (2025)</p>	<p>(CM) = N° 70,  (Quadros, 2019).  (P.A) espaço na  frente do corpo  M= o movimento  parecido ao de mexer  no alimento na  panela  (O) = Para dentro.  ENM) =</p>

Dançar	<p>Figura 74 - Sinal do verbo dançar na língua indígena Ka'apor de sinais</p>   <p>Fonte: A Autora (2025)</p>	<p>(CM) = N° 70 (Quadros, 2019).  (P.A) espaço na frente do corpo  M= o movimento parecido ao de dançar  (O) = Para dentro.  ENM) = De algo agradável</p>
Deitar	<p>Figura 75 - Sinal do verbo deitar-se na língua indígena Ka'apor de sinais</p>   <p>Fonte: A Autora (2025)</p>	<p>(CM) = N° 70 (Quadros, 2019).  (P.A) espaço na frente do corpo  M= o movimento parecido ao de dançar  (O) = Para dentro.  ENM) = expressão facial é igual aquela de desejo de descansar.</p>
Acordar	<p>Figura 76 - Sinal do verbo acordar na língua indígena Ka'apor de sinais</p>   <p>Fonte: A Autora (2025)</p>	<p>(CM) = N° 69 (Quadros, 2019).  (P.A) espaço na frente do corpo  M= O movimento semelhante ao espreguiçar  (O) = Para cima.  ENM) = expressão facial de quem acabou de acordar, se espreguiçando.</p>
Cansado	<p>Figura 77 - Sinal do verbo cansado na língua indígena Ka'apor de sinais</p>   <p>Fonte: A Autora (2025)</p>	<p>(CM) =  (P.A) Face, especificamente na boca.  M= De abrir boca.  (O) =  ENM) = semelhante ao de uma pessoa cansada</p>
Buscar	<p>Figura 78 - Sinal do verbo buscar na língua indígena Ka'apor de sinais</p>	<p>(CM) = N° 02 (Quadros, 2019).</p>

	  <p>Fonte: A Autora (2025)</p>	<p>(P.A) espaço na frente do corpo M= o movimento unilateral, mas ele inicia de dentro para fora e retorna para dentro novamente. (O) = Para frente. ENM) =</p>
Acabou	<p>Figura 79 - Sinal do verbo acabar na língua indígena Ka'apor de sinais</p>   <p>Fonte: A Autora (2025)</p>	<p>(CM) = N° 02, (Quadros, 2019). (P.A) espaço na frente do corpo M= o movimento batendo as suas mãos (O) = Para cima. ENM) =</p>
Beijar	<p>Figura 80 - Sinal do verbo beijar na língua indígena Ka'apor de sinais</p>   <p>Fonte: A Autora (2025)</p>	<p>(CM) = (P.A) Face, especificamente na boca. M= o movimento idêntico ao ato de beijar (O) = ENM) =</p>
Cair	<p>Figura 81 - Sinal do verbo cair na língua indígena Ka'apor de sinais</p>   <p>Fonte: A Autora (2025)</p>	<p>(CM) = (P.A) O próprio corpo M= o movimento corporal simulando que vai cair. (O) = ENM) =</p>
Sentir dor	<p>Figura 82 - Sinal do verbo sentir dor na língua indígena Ka'apor de sinais</p>	<p>(CM) = realizada com a mão direita N° 49 e CM69 realizada com</p>

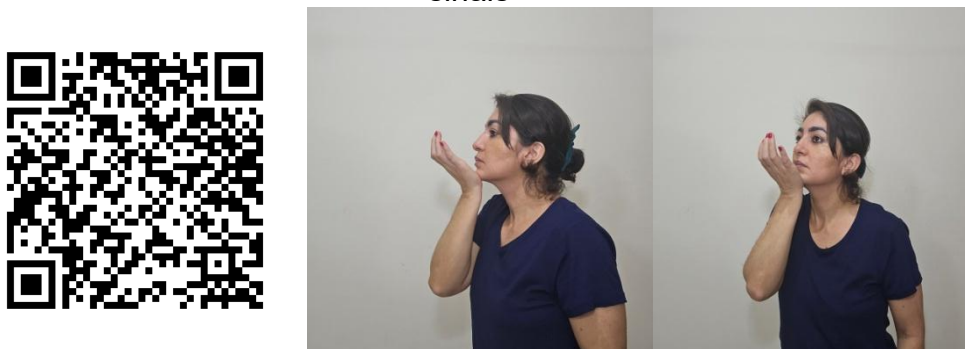
	  <p>Fonte: A Autora (2025)</p>	<p>a mão esquerda, (Quadros, 2019).  (P.A) = o primeiro sinal na testa e o segundo no espaço na frente do corpo  M= um sinal sem movimento parado, e o segundo sinal com movimento unilateral de cima para baixo.  (O) = Para dentro e baixo.  ENM) =</p>
--	--	---

Fonte: A autora (2024).

Nas classes lexicais dos verbos em língua indígena Ka'apor de sinais identificamos os seguintes: "SENTAR, QUEBRAR, COMER, DANÇAR, CAIR, BEIJAR, CORTAR, ESCREVER, COZINHAR, LIMPAR, CANSAR e DEITAR". A execução dos verbos executados tem uma relação direta com a ação do verbo, ou seja, as incorporações lexicais referentes à gramática da língua de sinais.

Destacamos que no "VERBO CAIR", foi sinalizado apenas para pessoa. Não foi mostrado o verbo cair para objetos, pois na Língua Brasileira de Sinais, o verbo cair muda a sinalização devido à inclusão da incorporação da ação no verbo. Neste estudo, foi possível identificarmos um verbo que também tem mais de um significado, considerando um sinal polissêmico (Figura 83).

Figura 83 - Identificação de um sinal polissêmico na língua indígena Ka'apor de sinais



Fonte: A autora (2025).

O sinal da Figura 83 foi apresentando para ser usado em contextos diferentes. Por exemplo: o sinal foi usado para referir-se a "AMAMENTAÇÃO" e

“TOMAR ÁGUA” e somente para o “SUBSTANTIVO ÁGUA”. Podemos concluir que esse sinal é usado para diferentes formas, porém, identificamos que na língua indígena Ka’apor de sinais, o uso é específico para tomar líquidos, pois foram usados nos contextos informados. Diante disso, podemos reiterar que o léxico sinalizado tem mais de um significado.

De acordo com Costa (2021), o uso dos sinais polissêmicos é uma prática bem comum nas línguas de sinais. Normalmente, um sinal com a semântica idêntica ou semelhante é usado em contextos diferentes. Por exemplo, o sinal de “TROCAR” “TRANSFORMAR” se classifica como polissêmico.

Nesse processo natural, os léxicos criados devem seguir as regras fundamentais da linguística, sendo coerente com significados, conceitos e usos. Por isso, a semântica é conhecida como a significação das palavras, que habitualmente fazem parte do contexto sociocultural. Diante disso, a polissemia: “É uma denominação para palavras iguais com muitas significações, apesar de uma origem comum” (Andrade; Ruiz; Rangel, 2011, p. 87).

Esse é exatamente o caso do léxico da Figura 75 sinalizado pelos indígenas surdos. Conforme informamos, o léxico tem mais de um significado e um detalhe deve ser observado, usado em contextos diferentes.

Em síntese, os verbos da língua indígena Ka’apor de sinais a partir do levantamento de dados em campo com os indígenas surdos apontaram a existência de três (3) classes verbais: os verbos manuais (classificadores), verbos simples e o verbo espacial. Portanto, é importante destacar que nos verbos sinalizados, não reconhecemos nenhum verbo que se classificasse como verbos direcionais. Identificamos um verbo que se classifica como um sinal polissêmico, conforme apresentamos na Figura 75.

Para Alonso (2013, p. 80):

A polissemia é uma característica lexical que expressa uma das possíveis relações entre os significantes, ou seja, os signos fonológicos (ou gráficos) e os significados das palavras. Tais relações não são unívocas, muitos problemas de ambiguidade semântica seriam resolvidos, se a cada signo correspondesse apenas um significado e vice-versa. No entanto, o habitual, em qualquer língua, é que um mesmo signo tenha vários significados e, por sua vez, que um mesmo significado possa ser expresso por meio de dois ou mais significantes.

Destacamos que o léxico que foi sinalizado referente à classe verbal possui mais de um significado. Conforme Almeida (2009), para compreendermos os sinais polissêmicos, é necessário entendermos o contexto no qual está sendo aplicado esse sinal. Muitas vezes, o sinal possui CM, P.A, M e significante iguais, o que difere é o significado.

A prática de sinais polissêmicos é processo natural que acontece tanto nas línguas sinalizadas quanto nas línguas oralizadas. Temos vários exemplos de sinais polissêmicos na língua brasileira de sinais, como o que mostramos anteriormente. O que muda são circunstâncias lexicais e suas diferentes formas requeridas na língua. Esse processo não se difere da língua indígena Ka'apor de sinais, porém, queremos destacar que, durante a realização da pesquisa, identificamos apenas o sinal da Figura 83, que apresenta características de sinais polissêmicas.

## 7 O LÉXICO DA LÍNGUA INDÍGENA KA'APOR DE SINAIS E OS ARTEFATOS CULTURAIS LINGUÍSTICOS DO POVO INDÍGENA SURDO

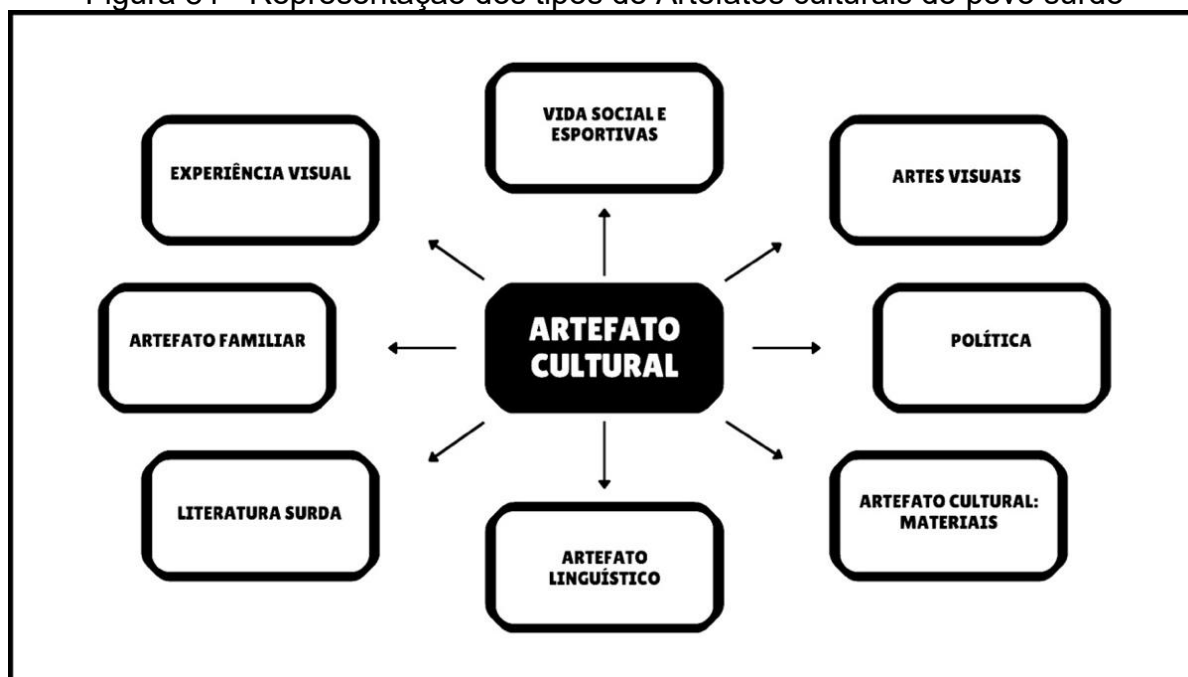
Nesta seção, trabalharemos o léxico da língua indígena Ka'apor de sinais na perspectiva do artefato cultural linguístico do povo indígena surdo Ka'apor, explorando a visualidade fonológica dos sinais envolvendo hábitos alimentares e animais que fazem parte do cotidiano dos indígenas surdos da etnia Ka'apor. Para contextualizar esta seção, iremos apresentar todos os artefatos culturais do povo surdo, porém, o nosso objetivo é trabalhar o artefato cultural linguístico e sua presença na língua Ka'apor de sinais.

O que seriam artefatos culturais? A maioria dos sujeitos está habituada a apelidar de "artefatos" os objetos ou materiais produzidos pelos grupos culturais; de fato, não são só formas individuais de cultura materiais, ou produtos definidos da mão de obra humana; também se pode incluir tudo o que se vê e sente quando se está em contato com a cultura de uma comunidade, como materiais, vestuário, maneira pela qual um sujeito se dirige a outro, tradições, valores e normas, etc. (Strobel, 2018, p. 43).

Quando abordamos sobre os artefatos culturais do povo, é importante destacarmos que os artefatos culturais vão além das produções materiais desse povo. Os artefatos culturais representados na literatura surda exercem um papel fundamental para o fortalecimento da cultura do povo surdo. Podemos ver esses artefatos presentes em várias manifestações culturais.

Strobel (2018) aponta oito (8) tipos de Artefatos culturais na vida do povo surdo: experiência visual, o familiar, literatura surda, vida social e esportiva, artes visuais, política, artefato cultural materiais e artefato linguístico (Figura 84).

Figura 84 - Representação dos tipos de Artefatos culturais do povo surdo



Fonte: A autora (2025).

Conforme Amaral, Caseira e Magalhães (2017, p. 125-126) os artefatos:

São produções diversas inseridas em determinados contextos culturais, circulam e produzem significados, interpelando os sujeitos que as acessam e possibilitando múltiplas formas de entendimento sobre os modos de viver na contemporaneidade.

Essas produções se diferem dependendo da realidade cultural de cada grupo. Os artefatos culturais são criações desses grupos e demonstram conhecimentos e saberes regionais. Para os autores Wagner e Sommer (2007), os artefatos também têm a função de estabelecer significados, como valores e habilidades, o que colabora na formação da personalidade do indivíduo, contribuindo na forma de ser, de pensar, de se ver e de agir em sociedade.

O primeiro artefato cultural é da experiência visual da comunidade surda:

A experiência visual significa a utilização da visão, (em substituição total à audição), como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. A cultura surda comporta a língua de sinais (Strobel, 2008, p. 218).

O mundo chega para o surdo por meio da visualidade. Conforme Strobel (2008), os artefatos culturais possibilitam as representações do mundo sobre o ser

surdo, sobre sua identidade e ampliam a sua cultura. Os artefatos culturais ocupam um lugar importante para a comunidade surda, pois promovem a autonomia individual, o reconhecimento e o direito próprio. São um tesouro precioso para os surdos. Para Ben Bahan (1989), os surdos deveriam ser intitulados de "pessoas visuais", principalmente, pela forma que o mundo se apresenta para os surdos, por conta das tecnologias que foram pensados para as pessoas surdas.

O segundo Artefato cultural é o familiar. Conforme Strobel (2008), é construído na maioria das vezes por ouvintes. Normalmente, o surdo é o único que não é ouvinte, portanto, torna-se um estrangeiro em sua própria casa. Habitualmente, quando a família recebe o diagnóstico que tem um bebê surdo na família, a falta de instrução faz essa família ignorar a língua materna do surdo.

De acordo com Skliar (2013), foram mais de um século de práticas de tentativas de correção, normalização e de violência institucional por diversas instituições. É importante destacar que a ideologia da clínica dominante foi uma realidade que ocorreu também na escola (currículo), família (afirmação de incapacidade) e igreja (caridade). A família sempre seguia o que ideologia da clínica dominante orientava, devido à crença de que sinalizar não contribuía para o desenvolvimento cognitivo e linguístico do surdo, pois se propagava que oralizar era a única forma possível de comunicação.

Conforme Strobel (2008), quando os surdos nascem em famílias ouvintes, é muito comum as crianças surdas observarem os diálogos e discussões que não são direcionados a elas e demorarem para os compreender. Entretanto, quando uma criança nasce em um lar de uma família surda, a sua interação é similar a de uma criança ouvinte em um ambiente ouvinte.

Para Lane, Hoffmeister e Bahan (1996, p. 27):

O ambiente visual e a língua (linguagem), o enriquecimento das interações e estas pequenas acomodações, tudo resulta num grande gasto para o desenvolvimento da criança surda. A maioria das crianças surdas de pais surdos funciona melhor do que crianças surdas de pais ouvintes nas áreas acadêmicas, sociais e linguísticas. Crianças surdas de pais surdos desenvolvem um sentido de identidade que é forte e autogovernada.

As crianças surdas que crescem nesse ambiente com pais surdos não têm a mesma sensação de ser diferente dos demais, pois elas vivem em seu cotidiano

com seus pares. Muitas vezes, são acolhidas, então a visão de mundo se diferencia também.

O terceiro Artefato cultural é a literatura surda. Conforme Strobel (2008), o artefato cultural da literatura surda está ligado às experiências das memórias afetivas dos povos surdos. Compreendemos que a literatura surda foi pensada por e para surdos, com intuito de registrar e difundir a cultura e língua do povo surdo. Por meio da literatura surda, é possível encontrarmos diversos gêneros literários voltados para o povo surdo. Normalmente, as obras são riquíssimas nas representatividades dos personagens surdos e nas narrativas criadas, o que só é possível vermos na literatura surda. Vale destacarmos que muitas dessas obras foram produzidas por surdos.

Segundo Karnopp, Klein e Lunardi-Lazzarin, 2012, p. 18):

[...] enquanto a língua brasileira de sinais (Libras) não era reconhecida ou enquanto era proibida de ser usada nas escolas e em diferentes espaços sociais, também não existiam publicações ou o reconhecimento de cultura surda. O ensino priorizava o aprendizado da fala e da língua portuguesa. Nas escolas, não havia espaços nem aceitação para as produções em sinais. No entanto, entre os surdos, circulavam histórias sinalizadas, piadas, poemas, histórias de vida, mas em espaços que ficavam longe do controle daqueles que desprestigiavam a língua de sinais. Especificamente no panorama brasileiro, é possível constatar ainda que para muitas pessoas torna-se irrelevante e, para outras, decisivamente incômoda, a referência a uma cultura surda.

A literatura surda possibilita evidenciar a arte e cultura do povo surdo, onde a língua se mantém em evidência. Para Mourão (2011), mediante a organização dos movimentos sociais da comunidade surda, as produções culturais da literatura surda circularam.

Para Sutton (1996), a poesia surda trouxe grandes contribuições para a emancipação das comunidades surdas. Por meio da poesia surda em língua de sinais, houve uma propagação das representações da cultura surda na literatura surda. Para Karnopp (2008, p. 102), "[...] utilizamos a expressão 'literatura surda para histórias que têm a língua de sinais, a questão da identidade e da cultura surda presentes na narrativa [...]".

No Quadro 18, apresentamos autores surdos brasileiros que contribuíram com o artefato cultural literário.

### Quadro 18 - Referente aos autores surdos brasileiros que contribuíram com o artefato cultural literário

- Carolina Hessel: O currículo de língua de sinais na educação de surdos (2006);
- Celso Baldin: A juventude: o carnaval e o Rio de Janeiro (2001);
- Fabiano Souto Rosa: Literatura surda: criação e produção de imagens e textos (2006);
- Flaviane Reis: Professor surdo: a política e a poética da transgressão pedagógica (2006);
- Gisele Rangel: História do povo surdo em Porto Alegre: imagens e sinais de uma Trajetória cultural (2004);
- Jorge Sérgio L. Guimarães: Até onde vai o surdo (crônicas/1961);
- Marianne Stumpf: Sistema signwriting: por uma escrita funcional para o surdo (2005);
- Olindina Coelho Possídio: No meu silêncio: ouvi e vivi (autobiografia, 2005);
- Patrícia Luiza Ferreira Pinto: Identidade cultural surda na diversidade brasileira (2001);
- Ronise de Oliveira: Meus sentimentos em folhas (livro de poemas, 2005);
- Shirley Vilhalva: Recortes de uma vida: descobrindo o amanhã (autobiografia, 2001); Por uma pedagogia surda (2004);
- Wilson Miranda: Comunidade dos surdos: olhares sobre os contatos culturais (2001).

Fonte: Strobel (2008, p. 70-71).

Ressaltamos que a Literatura Surda é a narração da história e experiências vividas pelos surdos, com base em registros oficiais. Conforme Pimenta (2014, p. 56):

[...] a Literatura Surda deve ser em língua de sinais, [...] com forte visualidade, ao ser produzida o surdo compreende naturalmente, pois o acesso se dar através da sua língua materna, o que é facilmente assimilado pelos surdos contribuindo para sua identidade e cultura.

Quanto ao quarto Artefato cultural: vida social e esportiva, de acordo com Strobel (2008, p. 74), são acontecimentos culturais que ocorrem entre os surdos, como festas de casamentos, aniversários, atividades nas associações de surdos, eventos esportivos e outros.

Segundo Lane (1992), devido à procura pelos seus pares surdos, é comum ocorrerem casamentos entre casais de surdos. A busca pelos seus pares faz com que os surdos do centro urbano criem espaços para dialogarem, fazem trocas de experiências de vidas e compartilhem um pouco do seu cotidiano. Wrigley (1996) faz um apontamento importante sobre filhos de pais surdos (CODA), eles são super considerados no círculo deles.

Conforme Lane (1992), a discussão sobre a identidade cultural é um tema bastante recorrente entre os surdos que são pais de filhos surdos. A maioria deseja que os filhos tenham orgulho de sua cultura. A recepção do nascimento de um bebê surdo entre o povo surdo é bastante diferente dos ouvintes, pois eles veem a surdez não como deficiência, mas como uma identidade cultural.

Devido à realidade de exclusão da comunidade surda, eles criaram as associações. A princípio, esse espaço tinha como objetivo ser recreativo e de lazer, mas se tornou um lugar para práticas esportivas e também de resistência para o povo surdo. Os registros da participação dos surdos no esporte são antigos, existindo desde o século XIX.

Segundo Sarmiento (2013, p. 340):

O primeiro clube de futebol surdo do mundo, o Glasgow DF no Reino Unido, a associação Sports Club for the Deaf de 1888, em Berlim e o primeiro clube desportivo para surdos na França, o Club Cyclistes Sourds-Muets de 1899. Posteriormente, no início do século XX, várias outras associações desportivas foram criadas ao redor do mundo.

No Brasil, a comunidade surda teve seu espaço esportivo por do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), a partir da criação do Grêmio Esportivo, fundado em 1930.

Para Di Franco, Paludo e Lebedeff (2015, p. 81):

Este Grêmio foi responsável por criar ou adaptar regras de esportes e desportos além de organizar competições internas, em que, na sua maioria, fazia com que senão todos os alunos, a maioria demonstrasse bastante interesse em participar. Estes eventos eram de importante valor nos quesitos confraternização e interação entre surdos que assim, promoviam a integração social daqueles indivíduos.

Segundo Di Franco, Paludo e Lebedeff (2015), o esporte faz parte dos diversos avanços da comunidade surda brasileira. Com passar dos anos, os jogos esportivos ganharam espaço e foram se fortalecendo. Então, dentro das associações, pensou-se na construção de eventos esportivos em instâncias estaduais, fundando-se, assim, as federações esportivas.

Segundo a Confederação Brasileira de Desportos de Surdos (CBDS, 2013 *apud* Di Franco; Paludo; Lebedeff, 2015), os primeiros jogos olímpicos para surdos iniciaram na França, no ano de 1924. A organização atual segue o mesmo padrão das olimpíadas internacionais, porém, ocorrem em momentos distintos dos jogos olímpicos tradicionais. É importante destacarmos que a Surdolimpíada se difere das Paraolimpíadas. A expressão “Surdolimpíadas” começou a ser usada desde o ano 2000, porém teve outros nomes, como Jogos Internacionais para Surdos e Jogos Mundiais Silenciosos. Conforme Zovico (2002, p. 10):

[...] a prática esportiva para os surdos requer apenas algumas adaptações de sinalização visual, já que o surdo não possui debilitação física, sendo capaz de competir em grau de igualdade com atletas não surdos. Em um jogo de futebol, por exemplo, no lugar do apito são usadas bandeirinhas coloridas.

Ressaltamos que, no início das competições, só existia uma única modalidade de esporte, que era o futebol, diferente das modalidades da atualidade. Vejamos alguns nomes dos atletas surdos brasileiros disponibilizados pela CBDS (2023):

- Guilherme Maia-Nadador de Santos, considerado o maior nome do desporto de surdos brasileiro. Em 2023, conquistou o ouro no Campeonato Mundial de Nataação, em agosto, na Argentina. Também venceu a Surdolimpíada Nacional e os Jogos Sul-Americanos de Desportos para Surdos, em dezembro.
- Maria Eduarda Medeiros-Atleta de Pernambuco que participou do 6º Mundial de Nataação de Surdos, na Argentina, em agosto de 2023.
- Stefany Krebs-Ex-Palmeiras, foi a primeira atleta surda do futebol brasileiro. Em 2017, a seleção feminina conquistou a medalha de bronze nas Surdolimpíadas.
- Fernanda Caporal-Atleta de handebol que participou da 24ª Surdolimpíadas, em Caxias do Sul, em 2022.
- Felipe Caporal-Atleta de basquete que participou da 24ª Surdolimpíadas, em Caxias do Sul, em 2022.
- Ederson- Atleta profissional de futsal que compete em campeonatos no Brasil e no mundo.

Atualmente, em âmbito estadual, os surdos são representados por meio das Federações estaduais de administração dos esportes da comunidade surda de cada estado brasileiro; nacionalmente, têm a Confederação Brasileira de Desportos de Surdos (CBDS), o Comitê Internacional de Esportes dos Surdos (CISS), o Pan-americano de Deportes de Sordos (PANAMDES) e a Confederacion Sudamericana Deportiva de Sordos (CONSUDES).

Com relação ao quinto Artefato cultural, artes visuais, estão presentes as criações artísticas do povo surdo nas quais eles narram as suas histórias, cultura e emoções. O objetivo do povo surdo de realizar sua arte e divulgar para a sociedade em geral a sua cultura é desmistificar a visão negativa dos ouvintes em relação ao povo surdo.

Diante disso, o sociólogo surdo Andersson (1989, p. 158) afirma que:

As pessoas surdas também acham a língua de sinais, como qualquer outra língua, uma maneira poderosa de expandir sua criatividade e prazer artísticos. Teatros nacionais de surdos em vários países fizeram programas

de grande sucesso. Artistas surdos têm conseguido mostrar a linguagem de sinais em suas pinturas, ilustrações ou trabalhos esculturais.

No Brasil, há vários artistas surdos que encontraram na arte uma forma de difundir a sua cultura, por exemplo, Kilma Coutinho. Sua arte revela as suas experiências vividas em um mundo de silêncio. Além de Kilma, há o artista plástico Moisés Camargo, que se apaixonou pelas artes depois de participar de uma formação na Associação Amor Inclusivo (AAI).

No teatro, há vários representantes surdos, como a atriz e poetisa Fernanda Machado, que evidencia, em sua arte, questões relacionadas à falta de inclusão das pessoas surdas, além de da ênfase na trajetória da educação de surdos no Brasil. Atuar no teatro exige muito o uso da expressão corporal e facial para repassar as emoções. Para os surdos, isso contribui para que eles possam expressar as suas identidades culturais por meio das artes visuais, narrações de histórias e poesias surdas.

Para Strobel (2018, p. 85):

[...] o Rimar tem algumas particularidades, e especialidades, no meu ponto de vista ele consegue inserir a cultura surda em sua arte em teatro, Rimar coloca em meio a sua dramatização, piadas referentes ao campo visual, por exemplo, "desculpe, sou surdo, não vi" fazendo a plateia como um todo cair na risada [...].

Existem grupos de atores surdos em várias regiões do Brasil. Praxedes é um ator surdo que atua na carreira artística há mais de 17 anos. Foi o idealizador e fundador do grupo de teatro "Expressão do Silêncio" (direcionado para crianças surdas), "Mãos do Silêncio" (grupo da igreja católica da pastoral dos surdos) e "Gesto do Coração" (para jovem e adultos surdos).

No estado do Pará, tem a Companhia de Teatro Mãos Livres de Belém (PA). A companhia exibiu a sessão dos "Palhaços Surdos na Estação". O grupo apresenta temas como a igualdade entre os homens e a natureza. É pioneiro da Amazônia a incluir atores surdos; a companhia tem dez anos de existência.

Para Resende (2019, p. 31),

A arte surda do Brasil deve valorizar esses movimentos do corpo do ator surdo que se inserem nas categorias teatrais surdas na medida em que dão destaque às identidades. O teatro e o ator surdo, unidos, constroem a experiência visual na sociedade e conquistam os protagonismos surdos dentro de cada um desses contextos de atuação. Assim, o teatro surdo

contribui para o desenvolvimento cultural de uma comunidade surda que tem entrado no novo mundo de arte surda.

Todas as criações artísticas sinalizadas por autores surdos são relevantes para fortalecer a representatividade da cultura surda. De acordo com Resende e Reis (2020), a prática do Teatro Surdo possibilita para comunidade surda a presença desse público no palco, na equipe e na plateia.

Diante disso, a presença de artistas surdos contribui para o aumento de participantes surdos no teatro. Os autores apontam a importância de divulgar esse trabalho para que a sociedade possa ter conhecimento.

Para Resende (2019), a existência de personagens surdos em peça teatral contribui para que a interpretação fortaleça a sua existência social por meio da sinalização, de modo que convida a sociedade em geral a refletir sobre inclusão de pessoas surdas no teatro e na arte.

Segundo Resende (2019, p. 88):

O ator surdo, mesmo o dramaturgo que utiliza a linguagem sinalizada, necessita dialogar com o texto e a interpretação de qualquer língua de sinais nesses processos práticos do Teatro Surdo. A peça teatral-surda precisa possibilitar o encontro e o contato da criação da peça do dramaturgo surdo. O ator surdo deve considerar seu corpo sinalizado como um instrumento dos métodos do TSB para expressar as ideias criativas nos estudos do espetáculo teatral-surdo, bem como para realizar um completo equilíbrio entre o corpo-surdo e seus sentimentos.

De acordo com Resende (2019), na equipe artística, muitas vezes o diretor surdo também assume a função de “dramaturgo surdo” e isso possibilita trabalhos adaptados para cultura surda, valorizando essa arte e cultura.

Quanto ao sexto artefato cultural, Política, simboliza a luta e resistência do povo surdo para garantia de seus direitos. O primeiro espaço como resistência que os surdos obtiveram foi a criação das associações. O artefato cultural da política está diretamente relacionado com os movimentos surdos (Crespo, 2009; Lanna Junior, 2010).

Fruto dessa efervescência social, uma geração pioneira de ativistas surdos, oriunda de associações locais de surdos que até então não tinha exercido efetivo papel político na luta por direitos para este segmento social, teve a sua trajetória profundamente influenciada ao se engajar no movimento social das pessoas com deficiência, que se iniciara no final da década de 1970 e crescera exponencialmente a partir da promulgação, pela Organização das Nações Unidas (ONU), do ano de 1981 como Ano

Internacional das Pessoas Deficientes (AIPD) sob a divisa de participação plena em igualdade de condições (Crespo, 2009, p.102).

Com a criação das associações, as comunidades surdas se organizaram para exigir acessibilidade linguística nos espaços públicos. As primeiras manifestações políticas da comunidade surda na história brasileira estão intimamente ligadas à luta do reconhecimento de sua Língua (Brito, 1995).

De acordo com Perlin (2013, p. 70):

O objetivo do movimento surdo é revelar as forças subjacentes nos estereótipos encontrados nas diversas instituições sociais, em como, as interpretações de surdos ou ouvintes isolados não constantes da cultura surda questionar a natureza ideológica de suas experiências, ajudar os surdos a descobrirem interconexões entre a comunidade cultural e o contexto social em geral, em suma, engajar-se na dialética do sujeito surdo.

A realização dessas manifestações é bastante similar aos movimentos de outros segmentos de pessoas com deficiência, por exemplo: pessoa com deficiência física e deficiência visual. É importante destacarmos que os movimentos ganharam força na década de 1980. Mediante os movimentos surdos, fortaleceu-se a mobilização em prol de políticas públicas a favor de uma série de reivindicações que favoreciam o povo surdo, por exemplo, a construção de escolas bilíngues para surdos, o próprio reconhecimento da Lei nº 10.436/02 (Brasil, 2002), que estabeleceu a Libras como língua oficial das comunidades surdas brasileiras, a luta pela defesa da cultura e identidade surda.

A legislação respaldava-se, primeiramente, nos direitos básicos de cidadania, principalmente no direito à comunicação, em usar a sua língua materna e também ocupar espaços públicos semelhante aos ouvintes em diversas esferas da vida social (Brito, 2016).

Conforme podemos observar, o artefato cultural da Política é uma luta não somente pela participação política, mas uma luta por direitos à vida, à arte e à cultura, por dignidade de trabalho, uma educação de qualidade, uma saúde e bem-estar social, nos quais o surdo vai poder ter a sua autonomia sem julgamentos negativos pela sociedade ouvinte.

Sobre o sétimo artefato cultural, materiais, está relacionado à criação de tecnologias voltadas para atender esse público, seja no ambiente escolar ou familiar. De acordo com Strobel (2009), esse artefato auxilia na acessibilidade da vida

cotidiana de sujeitos surdos; autores americanos enfatizam o auxílio no caso das crianças surdas com famílias surdas.

Devido o considerável avanço tecnológico nos últimos anos, a comunidade surda ganhou vários equipamentos que contribuem para acessibilidade de comunicação. Inclusive “dispositivos inteligentes” para fazer o trabalho que muitas vezes não é necessário para uma pessoa ouvinte, por exemplo, campanha para surdos, dispositivo para informar aos pais surdos que o bebê está chorando, dicionários que sinalizam em Língua de sinais, uma experiência visual que beneficia os usuários surdos com respostas imediatas dos equipamentos. Na Figura 85, há um exemplo desses equipamentos.

Figura 85 - A pulseira inteligente vibra para avisar os pais se o bebê estiver chorando (Silence)



Fonte: Pequenas empresas & grandes negócios (2019).

Uns grupos de jovens pesquisadores criaram uma pulseira que funciona em pares. São duas pulseiras, uma é destinada à criança e outra aos pais. A pulseira do bebê funciona com um microfone que identifica o som do choro do bebê e repassa ao dispositivo dos pais, através do Bluetooth.

Para Goettert (2014, p. 2):

As novas tecnologias estão acessíveis aos cidadãos surdos, contribuindo não apenas para o fortalecimento e compartilhamento de informações entre eles, mas favorecendo o contato social entre surdos e ouvintes, promovendo a inclusão.

São inúmeros os benefícios das tecnologias digitais na vida da pessoa surda; além de contribuir para facilitar a comunicação, servem para manter os surdos conectados ao mundo virtual.

Na Figura 86, há um modelo de campanha feito especificamente para surdos. Destacamos que existem várias versões de campanha digital para pessoas surdas

e essa é mais atualizada; sempre que uma pessoa ouvinte apertar à campainha, a luz será acesa e o surdo será avisado. “A tecnologia, hoje, para o surdo é fundamental. Toda e qualquer forma de comunicação visual para ele é fundamental, e com a tecnologia isso é possível” (Cônsole, 2014, p. 107).

Figura 86 - Campainha para surdos



Fonte: Sempre IoT (2019).

Os materiais tecnológicos para pessoas surdas ampliam e potencializam o acesso à liberdade e à autonomia. Por meio da criação desses equipamentos, os surdos têm acesso a uma série de informações; os equipamentos favorecem a acessibilidade de comunicação.

A disponibilidade desses dispositivos tecnológicos possibilita aos surdos acessar vários espaços sociais por meio dessas plataformas, desde que esses espaços oportunizem tais tecnologias a esse público. Diferente do ouvinte, normalmente, o surdo acaba não tendo acesso a uma série de informações pela falta do acesso linguístico. Conforme apresentado anteriormente, atualmente existem várias ferramentas que possibilitam a inclusão da pessoa surda.

O oitavo artefato cultural é o linguístico. Está diretamente ligado à própria língua de sinais. Diante disso, dentro dessa perspectiva, neste tópico, trabalharemos dois pontos importantes: o primeiro será o léxico propriamente dito como elemento linguístico nas realizações dos sinais e o segundo, a cultura, como podemos ver presente na sinalização dos indígenas surdos.

De acordo com Strobel (2009, p. 52), o artefato cultural linguístico do povo surdo é a própria língua; a língua de sinais é um aspecto fundamental da cultura surda.

No entanto, incluem-se também os gestos denominados "sinais emergentes" ou "sinais caseiros" dos sujeitos surdos de zonas rurais ou sujeitos surdos isolados de comunidades surdas, que procuram entender o mundo através dos experimentos visuais e procuram comunicar-se apontando e criando sinais, pois não têm conhecimentos de sons e de palavras (Strobel, 2009, p. 52).

Devido às informações chegarem aos surdos através do visual, é importante destacarmos que o contato com a língua de sinais é essencial para a constituição da pessoa surda na sociedade e para sua autonomia, além de ser um elemento representativo de valores incomparáveis. O mundo para as pessoas surdas chega mediante a visualidade, pois mesmo sem ouvir uma única palavra, a pessoa surda consegue identificar o mundo devido à exploração da visualidade da língua. Vygotsky (1994) aborda que, no caso da pessoa surda, a visualidade tem uma função primordial na formação de sentidos e significados.

Refere-se à dimensão particular, singularizada pelas histórias de cada sujeito pelo processo de apropriação individual dos significados. O significado, por sua vez, refere-se ao que está coletivizado e que permeia a relação do sujeito com o mundo, mediada por signos culturais, ou seja, os "signos não-auditivos" (Vygotsky, 1994, p. 15).

O surdo desconhece o som das coisas por mais simples que sejam, por exemplo, o barulho das chuvas, os sons que são emitidos através dos objetos, mas mesmo desconhecendo essa realidade, eles fazem interpretações visuais com base no que está sendo exposto a eles por meio da visualidade da sua língua materna (Campello, 2008).

A língua sinalizada utilizada como definição da comunidade Surda reforça o sentido histórico e cultural constituído pelos sujeitos integrantes desta comunidade. As pessoas não surdas usam a audição como funcionamento auditivo pela habilidade nos atos do ouvir e do falar. Acontece o mesmo com as pessoas Surdas que usam as mãos e o corpo como funcionamento visual pela habilidade nos atos do ver e do sinalizar (Campello, 2008, p. 126).


De acordo com Campello (2028), o artefato cultural linguístico dos Surdos é organizado com base na exposição da visualidade e, mediante isso, é criado o meio de comunicação linguístico. Devido à falta de acesso ao som, as informações a respeito da cultura surda são constituídas na estrutura linguística das línguas de sinais; por meio da visualidade, os surdos repassam suas culturas para várias gerações.


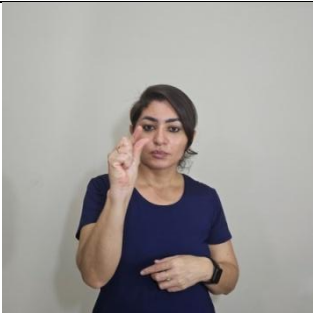

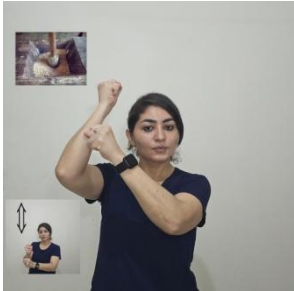



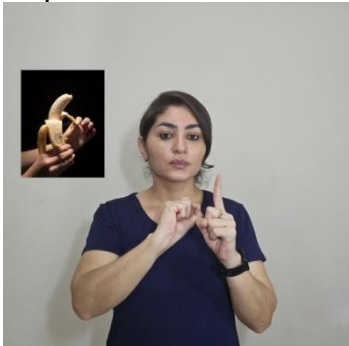
Considerando que a língua faz parte da cultura de um povo e que por meio do sistema linguístico, mais particularmente do seu léxico, os sujeitos se manifestam e demonstram seus valores, formando a sua história, é fundamental que se investigue a língua inserida na cultura, pois a língua está presente no cotidiano e nas relações diárias dos indígenas surdos. Desse modo, podemos ver a presença cultural mediante o léxico de cada sinal.




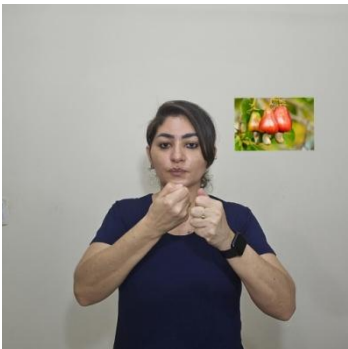


A presença da cultura visual das sinalizações dos indígenas surdos permite visualizarmos os hábitos culturais; a sinalização dos indígenas surdos faz o mesmo papel da fala no caso dos ouvintes. É interessante vermos os valores e saberes tradicionais sendo expressos por meio de diversos léxicos sinalizados; é por meio dos léxicos que a língua deixa transparecer os valores e costumes de um povo, assim como suas transformações (Oliveira; Isquierdo, 2001).


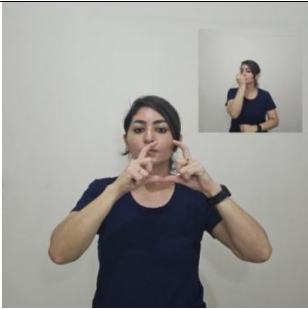

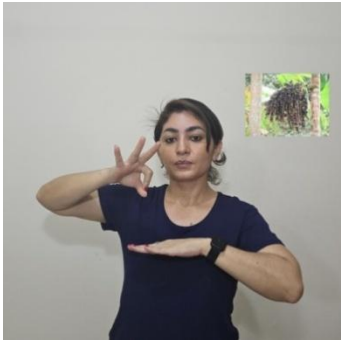



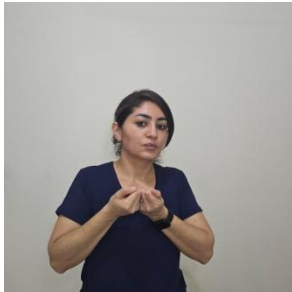
Podemos presenciar a cultura viva dos indígenas surdos nos léxicos sinalizados das classes dos alimentos, e dos léxicos da classe dos animais. A maioria dos sinais apresentados são muito específicos da cultura da etnia Ka'apor, são léxicos que fazem parte do cotidiano dos indígenas surdos na aldeia. No Quadro 19, são disponibilizados vídeos por meio de Qrcode, com o léxico referente às classes de sinais de frutas e dos alimentos.




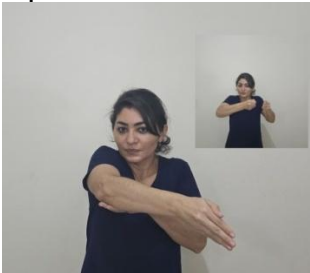

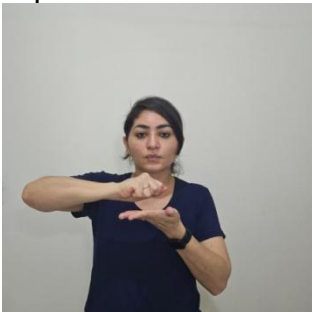

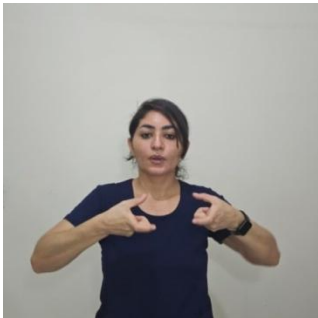
Quadro 19 – Classes dos vocabulários lexicais das frutas e alimentos da etnia Ka'apor

Vocabulários lexicais	Sinais Frutas e alimentos da língua indígena Ka'apor de sinais	Descrição dos parâmetros fonológicos da língua indígena Ka'apor de sinais
Frango	Figura 87 - Sinal de frango na língua indígena Ka'apor de sinais  Fonte: A Autora (2025)	(CM) = N°48 (Quadros, 2019). (M) = sem movimento parado na frente da face (Brito, 1995). (PA) = Face (O) = Para frente
Arroz	Figura 88 - Sinal de arroz na língua indígena Ka'apor de sinais	(CM) = N° 39 (Quadros, 2019). (P.A) Espaço neutro

	  <p>Fonte: A Autora (2025)</p>	<p>M= Sem movimento (O) = Para frente. ENM) =Sem.</p>
Arroz	<p>Figura 89 - Sinal de arroz (2) língua indígena Ka'apor de sinais</p>   <p>Fonte: A Autora (2025)</p>	<p>(CM) = N° 69 (Quadros, 2019). (P.A) espaço na frente do corpo, realizado com as duas mãos. M= Movimento semelhante ao pilar arroz no pilão (O) = Para dentro. ENM) = sem</p>
Peixe	<p>Figura 90 - Sinal de peixe língua indígena Ka'apor de sinais</p>   <p>Fonte: A Autora (2025)</p>	<p>(CM) = N° 45 (Quadros, 2019). (P.A) espaço no rosto M= Movimento ao colocar o anzol do peixe (O) = Para dentro. ENM) = sem</p>
Banana	<p>Figura 91 - Sinal de banana na língua indígena Ka'apor de sinais</p>   <p>Fonte: A Autora (2025)</p>	<p>(CM) = N° 53 (Quadros, 2019). (P.A) espaço na frente do corpo M= Movimento semelhante ao de descascar a banana (O) = Para direita e para esquerda. ENM) = sem</p>
Ovo	<p>Figura 92 - Sinal de banana na língua indígena Ka'apor de sinais</p>	<p>(CM) = N° 3 (Quadros, 2019). (P.A) espaço na frente do corpo M= Sem movimento (O) = Para frente.</p>

	  <p>Fonte: A Autora (2025)</p>	ENM) = sem
Caju	<p>Figura 93 - Sinal de Caju na língua indígena Ka'apor de sinais</p>   <p>Fonte: A Autora (2025)</p>	<p>(CM) = N° 70, (Quadros, 2019).  (P.A) espaço na frente do corpo  M= Movimento semelhante ao tirar a castanha da fruta caju  (O) = Para dentro.  ENM) = sem</p>
Limão	<p>Figura 94 - Sinal de limão na língua indígena Ka'apor de sinais</p>   <p>Fonte: A Autora (2025)</p>	<p>(CM) = N° 44 (Quadros, 2019).  (P.A) espaço na frente do corpo  M= Sem movimento  (O) = Para dentro.  ENM) = sem</p>
Mamão	<p>Figura 95 - Sinal de mamão na língua indígena Ka'apor de sinais</p>	<p>(CM) = N° 42 e 67 (Quadros, 2019).  (P.A) espaço na frente do corpo e na região da boca realizado com as duas mãos e dois</p>

	  <p>Fonte: A Autora (2025)</p>	<p>sinais diferentes. M= um sinal sem movimento e o segundo sinal com movimento de cima para baixo. (O) = Para dentro e para baixo. ENM) = sem</p>
Açaí	<p>Figura 96 - Sinal de açaí na língua indígena Ka'apor de sinais</p>   <p>Fonte: A Autora (2025)</p>	<p>(CM) = N° 17 (Quadros, 2019). (P.A) Espaço na frente do corpo M= Sem movimento (O) = Para baixo. ENM) = sem</p>
Milho	<p>Figura 97 - Sinal de milho na língua indígena Ka'apor de sinais</p>   <p>Fonte: A Autora (2025)</p>	<p>(CM) = N° 70 (Quadros, 2019). (P.A) espaço na frente do corpo, realizado com as duas mãos. M= o movimento semelhante ao descascar o milho (O) = Para dentro. ENM) =</p>
Ingá	<p>Figura 98 - Sinal de Ingá língua indígena Ka'apor de sinais</p>   <p>Fonte: A Autora (2025)</p>	<p>(CM) = N° 70 (Quadros, 2019). (P.A) espaço na frente do corpo M= o movimento semelhante ao de abrir a fruta (O) = Para cima. ENM) =</p>
Farinha	<p>Figura 99 - Sinal de farinha na língua indígena Ka'apor de sinais</p>	<p>(CM) = N° 76 (Quadros, 2019). (P.A) espaço na frente do corpo M= o movimento idêntico ao jogar a farinha na boca</p>

	  <p>Fonte: A Autora (2025)</p>	(O) = Para cima ENM) =
Mandioca	<p>Figura 100 - Sinal de mandioca na língua indígena Ka'apor de sinais</p>   <p>Fonte: A Autora (2025)</p>	(CM) = N° 01,70 (Quadros, 2019). (P.A) espaço na frente do corpo M= realizado com as suas mãos, dois sinais, o primeiro sem movimento e o movimento similar ao de tirar a mandioca da terra. (O) = Para direita e para esquerda. ENM) =
Chibé	<p>Figura 101 - Sinal de chibé na língua indígena Ka'apor de sinais</p>   <p>Fonte: A Autora (2025)</p>	(CM) = N° 70 (Quadros, 2019). (P.A) espaço na frente do corpo M= O movimento realizado nesse sinal é como se estivesse amassando a farinha. (O) = Para baixo e para cima. ENM) =
Beijú	<p>Figura 102 - Sinal de beijú na língua indígena Ka'apor de sinais</p>   <p>Fonte: A Autora (2025)</p>	(CM) = N° 42, (Quadros, 2019). (P.A) espaço na frente do corpo M= Sem movimento (O) = Para baixo ENM) =
Feijão	<p>Figura 103 - Sinal de feijão na língua indígena Ka'apor de sinais</p>	(CM) = N° 39, (Quadros, 2019). (P.A) espaço na frente do corpo M= Sem movimento

	 <p>Fonte: A Autora (2025)</p>		<p>(O) = Para cima ENM) =</p>
--	---	--	-----------------------------------

Fonte: A autora (2025).

Os estudos antropológicos envolvendo alimentação humana têm mostrado que o alimento vai além do preparo e consumo, pois a prática de se alimentar é uma atividade que corresponde a uma satisfação além da biológica (Richards, 1939).

De acordo com Costa Neto (2011), conforme as mudanças sociais ao longo da história da humanidade, os grupos populacionais, procuraram formas de adaptações, que influenciaram diretamente na alimentação.

De acordo com Damatta (1986, p. 56), entende-se que “a comida não é apenas uma substância alimentar, mas é também um modo, um estilo e um jeito de alimentar-se. E o jeito de comer define não só aquilo que é ingerido, como também aquele que o ingere”.

Leite (2007) cita que a alimentação é essencial para a sobrevivência humana, porém, a forma que os alimentos são organizados e preparados para consumo, depende da estrutura social de cada comunidade, a qual tem a tarefa de decidir o que consumir como alimento.

Atualmente, os indígenas da etnia Ka’apor consomem alimentos para além da sobrevivência humana, porém, podemos observar que as comidas típicas que fazem parte da culinária dos indígenas Ka’apor também são consumidas, conforme mostramos neste estudo.

Por exemplo, a caça é uma atividade bastante apreciada pelos Ka’apor, eles não só produzem seus alimentos como plantam e têm várias plantações de roça, porém, é importante enfatizarmos que eles têm acesso aos alimentos industrializados, como biscoitos e refrigerantes; alguns alimentos são consumidos esporadicamente, outros, frequentemente.

De acordo com Leite (2007), mesmo que tenham concepções que se diferem das nossas, os povos originários sabem muito bem o que comer, como, quando e o porquê de fazê-lo. As práticas alimentares nativas são diferentes das práticas


alimentares de outras etnias. Cada etnia, tem suas regras internas, por isso, é importante entendermos que existe uma diversidade alimentar entre os povos indígenas; é necessário olharmos para a localização da aldeia. Por exemplo, aldeias urbanas que ficam muito próximas a centros urbanos, provavelmente, não têm as mesmas práticas nativas alimentares de uma aldeia que esteja localizada dentro da floresta amazônica.








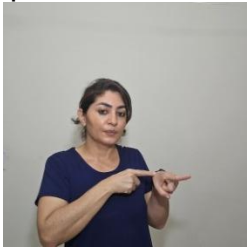
Nos léxicos sinalizados pertencentes à classe dos sinais de alimentos, podemos observar a presença das práticas nativas alimentares relacionadas aos hábitos culturais como caça, pesca, alimentos e plantações em roças, por exemplo, nos léxicos dos sinais como: MANDIOCA, PUPUNHA, AÇAÍ, FARINHA, MILHO, BEIJU e O SINAL DE CHIBÉ, uma comida tradicional indígena e fonte de energia, é um dos alimentos mais consumidos pelos indígenas Ka'apor, específico dos povos indígenas e foi sinalizado pelos indígenas surdos.









Um ponto importante para destacarmos neste estudo é que normalmente não vamos ver léxicos sendo sinalizados por sinais que não fazem parte do cotidiano dos indígenas surdos, por exemplo, léxico do sinal de acarajé; o acarajé é uma comida de origem africana e habitualmente consumida na Bahia.





Conforme Brillat-Savarin (1995), nas práticas alimentares, estão inseridos os valores culturais e códigos sociais pertencentes a cada povo. Por meio dessa prática, é possível desenvolver a sua identidade (Quadro 20).


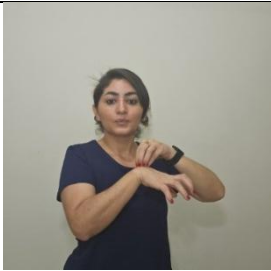



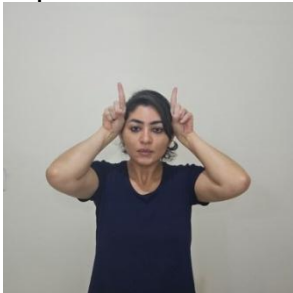

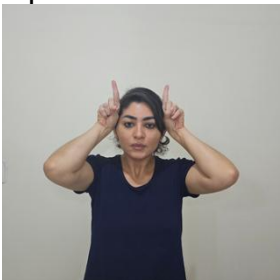
Quadro 20 - Referente aos vocabulários lexicais da classe de animais da língua indígena Ka'apor de sinais




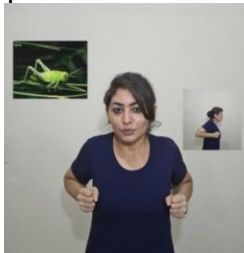




Vocabulários lexicais	Sinais da língua indígena Ka'apor de sinais	Descrição dos parâmetros fonológicos da língua indígena Ka'apor de sinais
Anta	<p data-bbox="491 1608 1005 1675">Figura 104 - Sinal de Anta na língua indígena Ka'apor de sinais</p>  <p data-bbox="467 1937 746 1966">Fonte: A Autora (2025).</p>	<p data-bbox="1054 1570 1469 1637">(CM) = N° 10 (Quadros, 2019).</p> <p data-bbox="1054 1644 1469 1711">(P.A) espaço na direção do nariz</p> <p data-bbox="1054 1718 1469 1785">M= O movimento realizado puxando o nariz para frente.</p> <p data-bbox="1054 1792 1294 1821">(O) = Para baixo</p> <p data-bbox="1054 1827 1166 1856">ENM) =</p>
Paca	<p data-bbox="491 2011 1005 2078">Figura 105 - Sinal de paca na língua indígena Ka'apor de sinais</p>	<p data-bbox="1054 2011 1469 2078">(CM) = N° 10 (Quadros, 2019).</p>

	  <p>Fonte: A Autora (2025).</p>	<p>(P.A) realizado no nariz M= Sem movimento. (O) = Para dentro. ENM) =</p>
Macaco	<p>Figura 106 - Sinal de macaco na língua indígena Ka'apor de sinais</p>   <p>Fonte: A Autora (2025).</p>	<p>(CM) = N° 11 (Quadros, 2019). (P.A) realizado no queixo M= Sem movimento. (O) = Para cima. ENM) = Com expressão facial da boca aberta.</p>
Tartaruga/ Jabuti	<p>Figura 107 - Sinal de Jabuti na língua indígena Ka'apor de sinais</p>   <p>Fonte: A Autora (2025).</p>	<p>(CM) = N° 38 (Quadros, 2019). (P.A) realizado no pescoço M= Sem movimento. (O) = Para dentro. ENM) =</p>
Tatu	<p>Figura 108 - Sinal de tatu na língua indígena Ka'apor de sinais</p>   <p>Fonte: A Autora (2025).</p>	<p>(CM) = N°49 (Quadros, 2019). (P.A) Com braço esquerdo M= Sem movimento. (O) = Para baixo. ENM) =</p>
Jacarés	<p>Figura 109 - Sinal de Jacaré na língua indígena Ka'apor de sinais</p>	<p>(CM) = N° 41 (Quadros, 2019). (P.A) Realizado no olho M= Sem movimento. (O) = Para baixo. ENM) =</p>

	  <p>Fonte: A Autora (2025).</p>	
Cobra	<p>Figura 110 - Sinal de cobra na língua indígena Ka'apor de sinais</p>   <p>Fonte: A Autora (2025).</p>	<p>(CM) = N° 41 (Quadros, 2019).  (P.A) Realizado na frente do corpo na direção da boca na direção do lado esquerdo  M= O movimento realizado com uma mão similar do movimento da cobra e movimento com a boca similar a língua da cobra.  (O) = Para baixo.  ENM) =</p>
Cachorro	<p>Figura 111 - Sinal de cachorro na língua indígena Ka'apor de sinais</p>   <p>Fonte: A Autora (2025).</p>	<p>(CM) = N°02 (Quadros, 2019).  (P.A) Realizado na direção do ouvido  M= O movimento similar do cachorro abanando a orelha  (O) = Para baixo.  ENM) =</p>
Elefante	<p>Figura 112 - Sinal de elefante na língua indígena Ka'apor de sinais</p>   <p>Fonte: A Autora (2025).</p>	<p>(CM) = N° 49 (Quadros, 2019).  (P.A) Realizado na direção nariz.  M= O movimento circular  (O) = Para baixo.  ENM) =</p>

Rato	<p>Figura 113 - Sinal de rato na língua indígena Ka'apor de sinais</p>  <p>Fonte: A Autora (2025).</p>	<p>(CM) = N°79 (Quadros, 2019).  (P.A) Realizado na bochecha  M= O movimento puxando na direção da bochecha  (O) = Para dentro.  ENM) =</p>
Burro	<p>Figura 114 - Sinal de burro na língua indígena Ka'apor de sinais</p>  <p>Fonte: A Autora (2025).</p>	<p>(CM) = N°02 (Quadros, 2019).  (P.A) Realizado na direção dos dois ouvidos, com as duas mãos.  M= Sem movimento  (O) = Para baixo.  ENM) =</p>
Abelha	<p>Figura 115 - Sinal de abelha na língua indígena Ka'apor de sinais</p>  <p>Fonte: A Autora (2025).</p>	<p>(CM) = N°13 (Quadros, 2019).  (P.A) Realizado na frente do corpo  M= O movimento para cima  (O) = Para direito e esquerdo.  ENM) =</p>
Gato	<p>Figura 116 - Sinal de gato na língua indígena Ka'apor de sinais</p>  <p>Fonte: A Autora (2025).</p>	<p>(CM) = N°17 (Quadros, 2019).  (P.A) Realizado no olho  M= sem movimento  (O) = Para frente.  ENM) =</p>
Aranha	<p>Figura 117 - Sinal de gato na língua indígena Ka'apor de sinais</p>	<p>(CM) = N°13 e 09 (Quadros, 2019).  (P.A) Realizado na frente do</p>

	  <p>Fonte: A Autora (2025).</p>	<p>corpo M= O movimento para esquerda (O) = Para baixo. ENM) =</p>
Barata	<p>Figura 118 - Sinal de barata na língua indígena Ka'apor de sinais</p>   <p>Fonte: A Autora (2025).</p>	<p>(CM) = N°13 (Quadros, 2019). (P.A) Realizado na frente do corpo M= O movimento para esquerda (O) = Para baixo. ENM) =</p>
Boi	<p>Figura 119 - Sinal de boi na língua indígena Ka'apor de sinais</p>   <p>Fonte: A Autora (2025).</p>	<p>(CM) = N°13 (Quadros, 2019). (P.A) Realizado na cabeça M= Sem movimento (O) = Para frente. ENM) =</p>
Cavalo	<p>Figura 120 - Sinal de cavalo na língua indígena Ka'apor de sinais</p>   <p>Fonte: A Autora (2025).</p>	<p>(CM) = N°13 (Quadros, 2019). (P.A) Realizado na cabeça M= Sem movimento (O) = Para frente. ENM) =</p>
Coelho	<p>Figura 121 - Sinal de coelho na língua indígena Ka'apor de sinais</p>	<p>(CM) = N°13 (Quadros, 2019). (P.A) Realizado no rosto M= O movimento dedo batendo umas 3 vezes na face. (O) = Para esquerdo. ENM) =</p>

	 	
	<p>Fonte: A Autora (2025).</p>	
Grilo	<p>Figura 122 - Sinal de grilo na língua indígena Ka'apor de sinais</p>  	<p>(CM) = N°13 (Quadros, 2019).  (P.A) Realizado na frente do corpo  M= O movimento similar à posição do grilo (representado na foto)  (O) = Para esquerda e direita.  ENM) =</p>
	<p>Fonte: A Autora (2025).</p>	
Porco	<p>Figura 123 - Sinal de porco na língua indígena Ka'apor de sinais</p>  	<p>(CM) = N°13 (Quadros, 2019).  (P.A) Realizado na direção do nariz.  M= Sem movimento, parado.  (O) = Para baixo.  ENM) =</p>
	<p>Fonte: A Autora (2025).</p>	
Sapo	<p>Figura 124 - Sinal de sapo na língua indígena Ka'apor de sinais</p>  	<p>(CM) = N°13 (Quadros, 2019).  (P.A) Realizado na frente do corpo  M= O movimento para esquerda  (O) = Para baixo.  ENM) =</p>
	<p>Fonte: A Autora (2025).</p>	

Fonte: A autora (2025).

Podemos observar que a maioria dos léxicos referentes a classes de sinais dos animais na língua indígena Ka'apor de sinais possui características específicas relacionadas à estrutura física do animal, por exemplo, no léxico do "SINAL DE

PORCO”, a sinalização tem uma relação direta com o focinho do porco. Podemos perceber perfeitamente isso na Figura 123. O “SINAL DE SAPO” também tem uma relação com o movimento que o sapo faz ao pular, enquanto o “SINAL DE GRILO” está relacionado com a posição do grilo; no “SINAL DE BURRO”, a característica principal é referente às orelhas do burro.

Nos sinais de “ARANHA E BARATA”, o movimento do sinal é semelhante ao que cada um realiza; no sinal de “BOI E CAVALO”, é alusivo ao chifre do animal; o sinal de ambos é o mesmo sinal.

Todos os sinais de animais catalogados da língua indígena Ka’apor de sinais obedecem às regras fonológicas, apresentam uma configuração de mão e ponto de articulação. Alguns possuem movimentos e outros não. É possível observarmos, por meio dos léxicos sinalizados, a presença dos traços culturais vivo em cada sinal que faz parte do cotidiano dos indígenas surdos Ka’apor. Ressaltamos que a caça ainda é uma prática ativa entre os Ka’apor; mesmo que na aldeia já tenham chegado os alimentos industrializados, o hábito da caça predomina entre eles.

Conforme Stokoe (1960), os sinais possuem fonemas organizados, são realizados simultaneamente e isso os difere, portanto, das línguas oralizadas, pois a sua reprodução é realizada com base na sequencialidade, diferente das línguas de sinais. Para classificar os léxicos referentes às famílias das aves, identificamos apenas um único léxico, sinalizado pelos indígenas surdos, para os quatro tipos de aves (Figura 125).

Figura 125 - Sinal de aves que fazem parte da cultura da etnia Ka’apor



Fonte: A autora (2025).

Nos léxicos pertencentes à classe de animais, é possível observarmos que os sinais seguem uma sequência fonológica, CM, PA, e M. Identificamos apenas um único léxico para classificar essa classe de sinais, por exemplo, para os sinais de mutuns, jaramins, jacutingas e nambus, todos pertencentes à família das aves,

igualmente, nos sinais para classes dos animais veados, que são mamíferos herbívoros, pertencentes à família Cervidae (Figura 126).

Figura 126 - Vídeo disponibilizado no QR CODE do Sinal de veado e mateiros da etnia Ka'apor



Fonte: A autora (2025).

O léxico para “MATEIROS E VEADO” foi sinalizado de uma única forma pelos indígenas surdos. Conforme destacamos anteriormente, na cultura Ka'apor, os animais também são apreciados como alimentos, pois são consumidos habitualmente, devido a prática da caça ser vista como uma fonte alimentar na cultura dos Ka'apor. O léxico para o devido sinal apresenta: (CM) = N° 05 (Quadros, 2019); (M) = sem movimento; (PA) = em cima da cabeça e (O) = para frente, conforme pode ser visto no vídeo disponibilizado no QR CODE (Figura 126).

Para destacar esse ponto, ressaltamos a importância da exploração da visualidade na língua Ka'apor de sinais para a descrição do léxico nos sinais das classes de animais, além de ressaltar a relevância do artefato cultural linguístico para cultura dos povos indígenas surdos.

Segundo Domínguez *et al.* (2001), dentro de uma cultura, o léxico depende da frequência que é usado; ele pode ter o que o autor chama de baixa frequência léxica ou uma alta frequência. Em relação à frequência do uso dos léxicos na sinalização dos indígenas surdos, observamos uma presença muito forte da cultura indígena Ka'apor nas variadas classes lexicais sinalizadas, além de identificarmos a cultura por meio das relações sociais, vimos o léxico presente também nas atividades que fazem parte do cotidiano desses indígenas surdos, como a caça, a pesca, a agricultura, além dos próprios ritos que integram os hábitos culturais dos indígenas Ka'apor. É interessante ver esses aspectos presentes na sinalização dos léxicos, mediante a execução dos sinais dos indígenas surdos.

## 7.1 A presença dos pronomes demonstrativo da Língua indígena Ka'apor de sinais

O vocabulário pronome em latim, cuja tradução do grego é ajntwnnumiva, significa "o que se emprega em lugar do nome". Conforme Marine (2009, p. 53), "O latim clássico possuía um sistema harmoniosamente equilibrado de pronomes, em que hic representava o pronome demonstrativo relativo à 1ª pessoa do discurso; este, o de 2ª pessoa e ille, o de 3ª pessoa".

De acordo com Marine (2009), da antiguidade até a atualidade, o uso dos pronomes demonstrativos é definido por realizarem duas funções: a dêiticas e anafóricas. Andrade, Ruiz e Rangel (2011) apresentam uma função que se difere para os seguintes pronomes demonstrativos iste e ille – a enfática. De acordo com o autor, é possível organizar as tarefas dos demonstrativos em latim da seguinte forma: 1ª pessoa: hic, haec, hoc (este, esta, isto) - função dêitica/fórica; 2ª pessoa: iste, ista, istud (esse, essa, isso) - função dêitica/fórica e função enfática (sentido negativo);

Os pronomes na Língua Brasileira de Sinais (Libras) apresentam aspecto bastante peculiar, pois são organizados por meio da apontação, também conhecida como dêixis, palavra grega que significa apontar ou indicar.

De acordo com Quadros e Karnopp (2004, p. 112), a função dêitica nas línguas:

É marcada através da apontação propriamente dita, é importante ressaltar que esse processo dentro da língua de sinais descreve uma forma particular de estabelecer nominais no espaço que são utilizados pelos verbos concordância como parte de sua flexão, é importante lembrar que essas formas verbais para pessoa são estabelecidas através de início do movimento e da direção do verbo, incorporando pontos previamente indicado no espaço para determinar referente, por exemplo, 1º, 2º e 3º pessoa.

Para Quadros e Karnopp (2004, p. 34), o valor semântico do apontar é usado para referir-se às marcas pessoais. Por meio da realização da apontação para diferentes regiões no espaço, é possível estabelecer os referentes presentes e ausentes no discurso, por exemplo, na língua de sinais, podemos usar o pronome para pessoas presentes ou ausentes. Conforme Quadros e Cruz (2009, p. 03):

A forma do sinal utilizado com função de pronome pessoal é realizada pelo dedo indicador (um index) diretamente apontado para um ponto no espaço. Se o referente estiver presente na situação comunicativa, a apontação será feita diretamente para tal referente.

Podemos ver perfeitamente a forma do uso do pronome pessoal usando o indicador para referir-se a uma pessoa presente no exemplo da Figura 127.

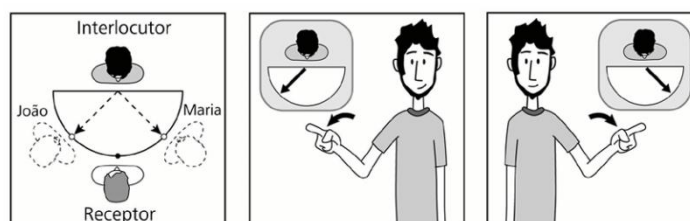
Figura 127 - Formas pronominais usadas com referentes presentes



Fonte: Quadros (1995, p, 51-52 adaptada de Lillo-Martin; Klima, 1990, p.192-193).

Na figura 127, a sinalização da forma do pronome na língua brasileira de sinais significa “Eu” e “ele”. Essa sinalização pode movimentar o nosso corpo conforme a direção que queremos apresentar, por exemplo, se ele está do lado direito, esquerdo ou na área central de frente para o sinalizador, nesse sentido, muda o significado sendo “você”. Enfatizamos que essa sinalização é quando o referente estiver presente. Na figura 128, apresentamos a forma pronominal para referentes ausentes.

Figura 128 - Formas pronominais usadas com referentes ausentes



Fonte: Quadros (1995, p, 51-52 adaptada Lillo-Martin; Klima, 1990, p.192-193).

Usamos a sinalização apresentada na figura 128 para nos referirmos a pessoas que não estão presentes na conversa. Por exemplo, para falar de duas pessoas de gêneros diferentes (João – masculino; Ana - feminino), marcamos o espaço visual para cada referente e sempre que quisermos nos referir a Ana ou João, devemos virar nosso corpo na direção correta da marcação do referente. Não podemos uma hora virar na direção da Ana e sinalizar João ou vice e versa.

Devemos obedecer às regras gramaticais da língua de sinais. De acordo com Lillo-Martin e Klima (1990), é possível que aconteça a mudança da estrutura durante o discurso, englobando o uso das expressões não manuais, pois o sinalizante deve informar qual o estado emocional do referente.

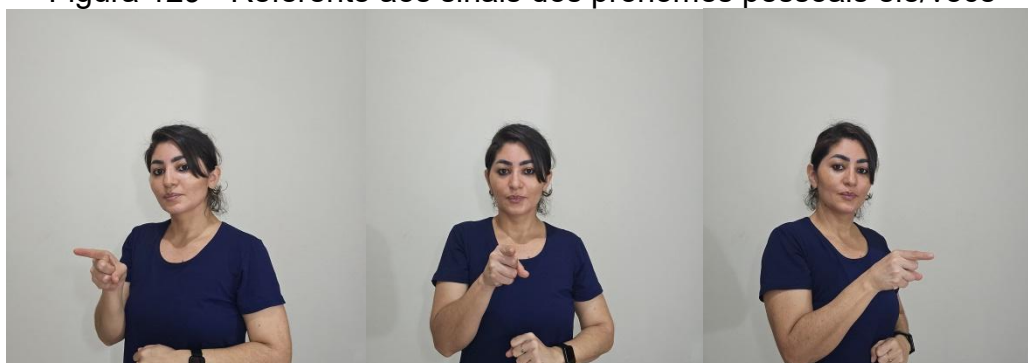
Conforme Quadros e Karnopp (2004), o valor semântico da sinalização está relacionado com posição no espaço, pois, como vimos nos exemplos, o ato de apontar muda consideravelmente o significado da sinalização dentro de um determinado contexto. A informação a ser transmitida sobre um certo referente está diretamente relacionada à localização que o sinal é realizado. Por isso, a marcação do espaço é elemento que estabelece distinção em qualquer língua de sinais.

Nas línguas de sinais, além da apontação com as formas de pronomes demonstrativos, podemos também fazer a marcação espacial por meio dos classificadores, usando a direção do olhar, acompanhada da posição do corpo estabelecendo pontos no espaço. Quanto à marcação do espaço na Libras, existe um recurso intitulado de Role-Play. Para Stumpf (2005, p. 55):

Trata-se de um recurso frequentemente usado na Libras durante o desenvolvimento de uma narrativa. O sinalizador assume a posição dos personagens referidos na narrativa, alternando com cada um deles em situações de diálogo ou ação. Essa mudança de papéis e de posição dos personagens referidos possibilita, ao interactante, melhor definição dos personagens na narrativa, facilitando, com isso, a compreensão dos fatos.

Segundo Stumpf (2005), com as marcações nas línguas de sinais, é possível trabalhar em três perspectivas espaciais nas descrições sintático-semânticas. O sinalizador determina um espaço e adiciona uma informação específica do que se pretende apresentar. Diante disso, organiza um mecanismo para o referencial espacial temporal de atuação. Em teoria, podemos ter diversos referenciais quantos forem necessários para o discurso (Figura 129).

Figura 129 - Referente aos sinais dos pronomes pessoais ele/você



Fonte: Adaptação da autora com base na estrutura das Libras (2025).

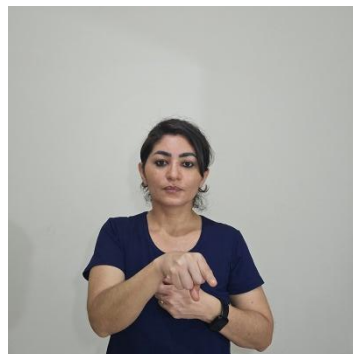
O sinal representado na figura 121 é usado para referir-se ao pronome pessoal ele (quando a pessoa está do lado direito e esquerdo) e você, na mesma direção de frente, o que muda é a direção do corpo. Identificamos o uso dos pronomes pessoal (ele, você) por meio da apontação. Os sinais são usados na língua indígena Ka'apor de sinais nas interações entre os indígenas surdos.

Para Quadros e Cruz (2009, p. 16):

Os pronomes demonstrativos e os pronomes pessoais possuem a noção de localização e diferem no sentido de que os primeiros têm a localização como referência e os segundos têm a localização pressuposta. Assim, na libras o pronome pessoal tem a localização do objeto referido por pressuposição.

Os sinais de pronomes demonstrativos usados na língua indígena Ka'apor de sinais possuem características na sua realização com o uso do apontamento para a localização do seu referente durante um determinado discurso, conforme exemplo das Figuras 130 e 131.

Figura 130 - Pronome demonstrativo sinal de este



Fonte: A Autora (2025).

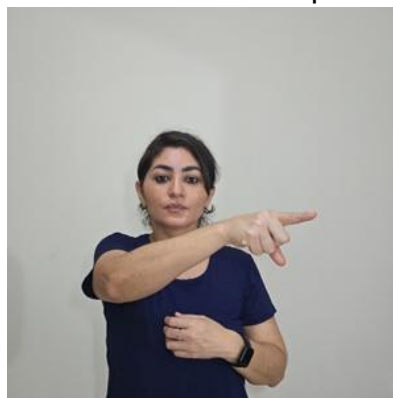
Nos estudos desenvolvidos envolvendo os pronomes nas línguas de sinais, é importante destacarmos os diferentes valores morfológicos com o uso da apontação, o que pode aparecer em diferentes sentenças, como podemos observar na sinalização das Figuras 130 e 131, que foi realizada pelos indígenas surdos Ka'apor referente à língua indígena Ka'apor de sinais.

Lyons (1999b, p. 33) discute a respeito do uso da apontação. O autor defende que essa sinalização tem uma relação direta com alguns dêiticos realizados nas línguas orais:

As categorias de pronomes demonstrativos (este, aquele, etc.), pronomes pessoais (eu, você, ela, etc.), advérbios de lugar (aqui, ali, lá) e artigos (o, a, um, uns, etc.) são categorias fundamentalmente indiciais, porque suas funções são basicamente as de ligar o signo ao seu referente no mundo ou de fornecer pistas de como o referente possa ser identificado no contexto conversacional.

O signo aqui sinalizado é representado pelos sinais “Este e Aquele”. Podemos observar a identificação do seu referente mediante a apontação propriamente dita, conforme o contexto que será usado. Por exemplo: “Est@ Árvore e aquele cachorro”.

Figura 131 - Pronome demonstrativo sinal de aquele



Fonte: A autora (2025).

O conceito é o mesmo usado na língua portuguesa para referir-se a algo ou objeto próximo ou longe da pessoa que está sinalizando. Conforme as palavras de Lyons (1999b), os pronomes são determinados para exercerem a dêixis; essa é a função principal deles.

A fala de Lyons (1999b) é interessante porque no caso da pessoa surda, a realização da dêixis é um processo natural que ocorre nas relações de interação. Por exemplo, no caso dos indígenas surdos, em vários momentos, foi possível

presenciarmos a utilização dos pronomes para se referir a localização, ao objeto e a pessoas ele/ela.

Quadros e Karnopp (2004) relatam que uma pessoa surda inicia o uso da apontação (dêixis) aos dois anos de idade. Compreendemos que não é possível uma comunicação somente com o ato de apontar, mas no caso da pessoa surda, por sua língua materna ser visual, o ato de apontar exerce uma função linguística que, normalmente, é estabelecida pela apontação propriamente dita. Outra observação feita por Quadros e Cruz (2009) é que o ato do apontar apresenta múltiplas funções durante um discurso, além da função linguística.

Quadros e Cruz (2009) faz uma observação importante durante o processo da sinalização da apontação. Segundo a autora, é comum existir a direcionalidade do olhar que culturalmente vem acompanhado da apontação, pois nas línguas de sinais, a direção do olhar tem uma função em nível gramatical. Observamos que, nas línguas de sinais, a direção do olhar exerce função fonológica que transforma-se em gramaticalização. No nível linguístico, a direção do olhar contribui para direcionar a atenção do sinalizador para o local/objeto que está sendo apontado.

Conforme Mota (2020), no processo de comunicação não tem como os surdos desenvolverem uma discussão apenas usando a apontação, porém, podemos perceber como a apontação é fundamental nas relações sociais que envolvem a pessoa surda, pois devido à língua materna das pessoas surdas ser uma língua visual, a apontação nesse processo tem uma função lexical e linguística que contribui para exploração visual do que está sendo referenciado durante um enunciado.

Neste estudo a respeito da língua indígena Ka'apor de sinais, foi possível comprovarmos que a função dos léxicos vai além da gramatical, pois os léxicos estão presentes na cultura Ka'apor, nas identidades dos indígenas surdos, na comunicação diária nas relações da aldeia, no ato político do povo Ka'apor.

Gramaticalmente, os léxicos sinalizados pelos indígenas surdos fazem parte de um sistema altamente desenvolvido onde cada léxico possui significados e cada unidade mínima é combinada seguindo os princípios dos elementos linguísticos de uma língua natural, apresentando um padrão de organização, pois, de acordo com o que comprovamos neste estudo, durante a sinalização dos léxicos, os sinais executados seguem uma ordem linguística de CM, M e P.A. Também foi possível identificarmos a presença das ENM nos léxicos sinalizados, além de notarmos que

os léxicos sinalizados seguem um padrão estabelecido pela linguística, conforme mostramos.

A língua indígena Ka'apor de sinais vai além da função dos elementos linguísticos que aqui elencamos. Observamos a função cultural fortíssima presente nos ritos, nos saberes tradicionais indígenas, como a caça e os hábitos alimentares, que vem sendo repassado e mantido entre os indígenas surdos e ouvintes Ka'apor. Além disso, a língua indígena Ka'apor de sinais está presente nas práticas sociais na organização econômica e política do povo Ka'apor. Tudo isso faz parte do funcionamento social dessa língua, portanto, esperamos que essas discussões realizadas neste estudo contribuam de forma significativa para a valorização, revitalização e preservação dessa língua indígena Ka'apor de Sinais (LIS), pois, conforme informamos anteriormente, os benefícios deste estudo está além dos linguísticos; são políticos e culturais.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste Tese, produzimos elementos expressivos para análise e compreensão acerca da língua indígena Ka'apor de sinais na perspectiva do artefato linguístico e cultural do povo indígena surdo Ka'apor. Consideramos que por meio da base teórica desta Tese, foi possível apresentarmos elementos significativos que comprovem que os sinais usados pelos indígenas Surdos fazem parte de uma língua natural denominada língua indígena Ka'apor de sinais, reafirmando que a comunicação dos indígenas Surdos segue os elementos de ordem linguística de uma língua natural. Como resultado desta produção teórica, a seguir, faremos uma apresentação resumida das análises encontradas.

O levantamento bibliográfico possibilitou apresentarmos a identificação atual de 31 de Línguas indígenas de sinais faladas no Brasil. Este estudo objetivou analisar e registrar os elementos linguísticos e culturais existentes na língua Ka'apor de sinais, além de descrever a trajetória histórica da educação dos indígenas ouvintes e surdos, identificando o(s) perfil(s) dos indígenas Surdos da etnia Ka'apor. Também foi possível apresentarmos a estrutura linguística da língua Ka'apor de sinais dos sinais sinalizados pelos indígenas Surdos e os aspectos fonológicos dos sinais da língua Ka'apor de sinais. Face aos resultados apresentados, podemos afirmar que os objetivos foram contemplados com êxito.

Os resultados e análises procedem como resultados das respostas catalogadas do questionário realizado com os indígenas Surdos. Diante das respostas, foi possível identificarmos as principais características que definem os perfis de Indígenas surdos. Optamos por apresentar dois pontos importantes e bastante peculiar à cultura dos indígenas surdos, que é o aspecto linguístico e o aspecto identitário.

Diante disso, podemos concluir que o(s) perfil(is) dos indígenas Surdos da etnia Ka'apor é um perfil heterogêneo, no qual cada indígena constitui uma identidade singular/plural, com diferentes habilidades culturais, contribuindo para desmistificar a ideia de generalização de vermos os indígenas todos como iguais, a ideia da homogeneização. A sociedade, em geral, tem uma concepção equivocada em relação aos povos originários. Por meio deste estudo, foi possível identificarmos não um perfil e sim perfis de indígenas surdos, perfis no plural, perfis diversos e únicos.

Com base no cotidiano e cultura da etnia Ka'apor, mapeamos os sinais usados pelos indígenas Surdos Ka'apor. Além disso, apresentamos a estrutura linguística da língua Ka'apor de sinais dos sinais sinalizados pelos indígenas Surdos Ka'apor e a fonologia dos sinais na perspectiva das ENM.

Neste levantamento, foi possível verificarmos a fonologia dos sinais na perspectiva das ENM. Sendo assim, comprovamos a existência de expressões não manuais nos sinais usados pelos indígenas Surdos na língua indígena Ka'apor de sinais, destacando que os sinais são constituídos pelo padrão linguístico e seguem as regras de uma língua natural.

Neste Tese, verificamos um verbo que também tem mais de um significado, considerado um sinal polissêmico. Em síntese, quanto aos verbos da língua indígena Ka'apor de sinais, o levantamento de dados em campo com os indígenas Surdos apontou a existência de três classes verbais: os verbos manuais (classificadores), verbos simples e o verbo espacial. Portanto, nos verbos sinalizados, não reconhecemos nenhum verbo em concordância e identificamos um verbo que se classifica como um sinal polissêmico.

Apresentamos também a identificação do léxico da língua indígena Ka'apor de sinais usado pelos indígenas surdos, com base nos estudos de Campello (2008). O léxico foi apresentado e fundamentado com bases nas descrições imagéticas da sinalização realizada pelos indígenas surdos. Compreendemos que a sinalização dos léxicos tem uma relação direta com a cultura dos indígenas surdos. Considerando os estudos de Campello (2008), foi possível observarmos, em vários momentos na sinalização dos indígenas surdos, a presença da incorporação das descrições imagéticas, como o uso dos recursos linguísticos no espaço visual.

Também foi possível analisarmos o léxico da língua indígena Ka'apor de sinais na perspectiva dos artefatos culturais visuais do povo surdo por meio dos sinais sinalizados pelos indígenas Surdos com os sinais de alimentação e sinais de animais, ressaltando pontos importantes sobre o aspecto cultural mediante a exploração da visualidade dos sinais, pois estes são muitos específicos e fazem parte do cotidiano dos indígenas da etnia Ka'apor, como notamos nos exemplos dos sinais de caça e de alimentos.

Ao longo do desenvolvimento do estudo, um ponto importante que vale ressaltarmos é a respeito de quando falamos de línguas indígenas de sinais no Brasil. Percebemos a falta de uma política linguística que respeite a língua dos

indígenas surdos. O não reconhecimento dessas línguas faz com que esses indígenas Surdos permaneçam na invisibilidade e contribui para que não tenham avanços em nenhuma área que envolve tanto a educação de indígenas Surdos quanto aspectos linguísticos sociais. Entendemos que a língua dá acesso a diversas concepções de mundo, por isso, é importante que a língua indígena de sinais, não só a Ka'apor, mas as 31 línguas identificadas e apresentadas no início do texto deste estudo, seja devidamente reconhecida nacionalmente, valorizada, revitalizada e preservada.

Esta Tese aponta que a língua indígena Ka'apor de sinais faz parte de um sistema altamente desenvolvido no qual cada vocabulário lexical possui significados e cada unidade mínima é combinada seguindo os princípios dos elementos linguísticos de uma língua natural, apresentando um padrão de organização. Sendo assim, podemos afirmar que os sinais realizados pelos indígenas surdos da língua indígena Ka'apor de sinais é legítimo. A língua permanece sendo o acesso privilegiado a qualquer cultura.

Neste estudo a respeito da língua indígena Ka'apor de sinais, foi possível comprovarmos que a função dos vocabulários lexicais está além da gramatical, uma vez que os vocabulários estão presentes na cultura Ka'apor, nas identidades dos indígenas surdos, na comunicação diária, nas relações da aldeia e no ato político do povo Ka'apor.

Durante a sinalização dos vocabulários lexicais, os sinais executados seguem uma ordem linguística de CM, M e P.A. Também foi possível identificarmos a presença das ENM nos léxicos sinalizados e que eles seguem um padrão estabelecido pela linguística, conforme mostramos.

Nesta tese comprovamos que função dos elementos linguísticos da língua indígena Ka'apor de sinais está presente além das relações gramaticais, a língua está presente na cultural fortíssima presente nos ritos, nos saberes tradicionais indígenas, como a caça e nos hábitos alimentares, que vem sendo repassado e mantido entre os indígenas surdos e ouvintes Ka'apor, e vemos a língua presente em cada sinalização dos indígenas surdos.

Além disso, a língua indígena Ka'apor de sinais está presente nas práticas sociais, na organização econômica e política do povo Ka'apor. Tudo isso faz parte do funcionamento social dessa língua, portanto, esperamos que as discussões realizadas neste estudo contribuam de forma significativa para que a Língua

Indígena Ka'apor de sinais seja valorizada, reconhecida, revitalizada, preservada e autenticada, pois o indígena surdo tem direito de registrar a história da sua Língua, seus valores, cultura e povo. Nesse sentido, pensamos na urgência da criação de uma política linguística que garanta a pluralidade, a riqueza e o reconhecimento da língua indígena Ka'apor de sinais do povo indígena surdo.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, A. A. Serviço de Proteção ao Índio. *In*: ABREU, A. A. *et al.* (org.). **Dicionário histórico-biográfico pós-30**. 2. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.
- ALLAN, K. Classifiers. **Language**, [S. l.], v. 53, p. 285-311. 1977.
- ALMEIDA FILHO, J. C. P. **O ensino de português como língua não-materna: concepções e contextos de ensino**. **Museu da Língua Portuguesa**. [S. l. : s. n.], 2005. Disponível em: <http://museudalinguaportuguesa.org.br/wp-content/uploads/2017/09/ENSINO-COMO-LINGUA-NAO-MATERNA.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2024.
- ALMEIDA, N. T. **Gramática da Língua Portuguesa**: para concursos, vestibulares, ENEM, colégios técnicos e militares. 9 ed. São Paulo: Saraiva, 2009.
- ALONSO, M. C. G. P. **Ensino-aprendizagem de léxico em espanhol como língua estrangeira (e/le) por meio de corpora (as palavras polissêmicas nos livros didáticos)**. Tese de Doutorado (Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.
- AMARAL, C.; A.; CASEIRA, F. F.; MAGALHÃES, J. C. Artefatos Culturais: pensando algumas potencialidades para discussão dos corpos, gêneros e sexualidades. *In*: RIBEIRO, P. R. C.; MAGALHÃES, J. C. [orgs.]. **Debates contemporâneos sobre educação para a sexualidade**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2017.
- ANDERSSON, Y. The deaf world as linguistisc minority. *In*: PRILLWITZ, S.; VOLHABER, T. (ed). **Proceedings of the Internacional Congresso n sing language researche and application**. Hamburg: Sigum Press, 1989.
- ANDRADE, B. L. L. A.; RUIZ, L. D.; RANGEL, L. R. **Libras** – Módulo I. Niterói: UFF/Neami, 2011.
- ANDREIS-WITKOSKI, S. **Introdução a libras**: língua, história e cultura. Curitiba: UTFPR Editora, 2015.
- ARAÚJO, L. T. S. **Língua e Cultura no Processo de Tradução Ka'apor**: ajustes linguísticos em empréstimos do português. 2018. 113 f. Dissertação (Mestrado em Linguagens e Saberes na Amazônia) - Universidade Federal do Pará, Bragança, 2018. Disponível em: <https://ppls.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/dissertacoes/2015/Disserta%C3%A7%C3%A3o-%20vers%C3%A3o%20final-%20Loram.pdf%20.pdf>. Acesso em: 10 jul 2023.
- ARAÚJO, P. J. P.; OLIVEIRA, A. F. Línguas de sinais emergentes no Brasil: O caso da língua de sinais Macuxi. **Norte@mentos**, [S. l.], v. 14, p. 224–240. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.30681/rln.v14i37.7756>. Acesso em: 25 ago. 2025.

ARGENTINA. Presidência de la Nación. Lei nº 27.710, de 03 maio de 2023. Reconhece a Língua de Sinais Argentina (ASL) como um idioma natural e nativo da comunidade surda do país. **Boletín Oficial de la República Argentina**: [Buenos Aires], n. 30740/23, p. 1-2, 03 maio 2023. Disponível em: [https://www.recam.org/files/documents/lengua de se as ley n 27.710 2023.pdf](https://www.recam.org/files/documents/lengua%20de%20se%20as%20ley%20n%2027.710%202023.pdf). Acesso em: 28 ago. 2025.

ARROTEIA, J. **O papel da marcação não-manual nas sentenças negativas em língua de sinais brasileira (LSB)**. 2005. 131 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000375905&fd=y>. Acesso em: 15 ago. 2023.

AZEVEDO, M. J. S. **Contribuições Linguísticas Aplicadas ao ensino da Língua de Sinais na Comunidade Sateré Mawé na Microrregião de Parintins**. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade do Estado do Amazonas, [S. l.], 2015. Disponível em: <https://pos.uea.edu.br/data/area/dissertacao/download/23-13.pd> Acesso em: 20 jun. 2022.

BAHAN, B. Notes from a “seeing person.” *In*: Wilcox, S. S. **American Deaf culture: an anthology**. Linstok Press, 1989, p. 22-55.

BAKER-SHENK, C.; COKELY, D. **American Sign Language: A teacher’s resource text on grammar and culture**. [S. l.]: Gallaudet University Press, 1983.

BALÉE, W. **Ka’apor**. [S. l.]: Instituto Socioambiental, 2021. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Ka'apor>. Acesso em: 01 set. 2025.

BANIWA, G.S.L. Educação escolar indígena: Estado e movimentos sociais. **Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 19, n. 33, p. 35-49, jan./jun. 2010. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/faeaba/v19n33/v19n33a04.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2023.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa, edições, 70, 2012.

BARRETOS, Euder Arrais. **A situação de comunicação dos Akwẽ-Xerente Surdos**. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Goiás, 2016. Disponível em: [https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/5849/5/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20%20Euder%20Arrais%20Barretos%20-%202016.pdf](https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/5849/5/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Euder%20Arrais%20Barretos%20-%202016.pdf). Acesso em: 25 ago. 2025.

BARROSO, F. S. **Educação escolar de indígenas surdos: Um olhar para o contexto Apinajé**. 2022. 98 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2022. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/4340>. Acesso em: 08 out. 2023.

BECHARA, E. **Dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

BERGMANN, J.; SAMS, A. **Sala de aula invertida**: uma metodologia ativa de aprendizagem. Tradução: Afonso Celso da Cunha Serra. Rio de Janeiro: LTC, 2000.

BERNARDINO, E. L. A.; SILVA, G. M. DA; PASSOS, R. **Iconicidade, Simultaneidade e uso do espaço em Libras**. [S. l. : s. n.], 2015. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/39160943/iconicidade-simultaneidadeespaço>. Acesso em: 13 mar. 2024.

BLOOMFIELD, L. **Language**. [S. l.]: [Holt, Rinehart and Winston], 1933.

BOFF, L. **Ética e moral**: a busca dos fundamentos. Petrópolis: Vozes, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CEB nº 14, de 14 de setembro de 1999**. Dispõe sobre as Diretrizes Nacionais para o funcionamento das escolas indígenas. Brasília: Ministério da Educação, 1999. Disponível em: [https://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/1999/pceb014\\_99.pdf](https://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/1999/pceb014_99.pdf). Acesso em: 12 ago. 2025.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. [Brasília]: Presidência da República, 1988. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 30 ago. 2025.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena**. Brasília: MEC/SECADI, 2012.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases para a Educação 9394/96**. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Resolução Nº 196, de 10 de outubro de 1996**. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília: Ministério da Saúde, 1996. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/1996/res0196\\_10\\_10\\_1996.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/1996/res0196_10_10_1996.html). Acesso em: 30 ago. 2025.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEEPEI)**. [Brasília: s.n], 2008.

BRASIL. Presidência da República. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília: Presidência da República, 2005.

BRASIL. Presidência da República. **Decreto nº 8.072, de 20 de junho de 1910**. Cria o Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais e aprova o respectivo regulamento. Rio de Janeiro: Presidência da República, 1910. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-8072-20-junho-1910-504520-publicacaooriginal-58095-pe.html>. Acesso em: 30 ago. 2025.

BRASIL. Presidência da República. **Decreto-Lei nº 3.550, de 16 de outubro de 1918.** Autoriza o Presidente da República a reorganizar, sem aumento de despesas, a Diretoria do Serviço de Povoamento dando-lhe a denominação de Departamento Nacional do Trabalho. Rio de Janeiro: Presidência da República, 1918. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-3550-16-outubro-1918-572535-publicacaooriginal-95679-pl.html#:~:text=Autoriza%20o%20Presidente%20da%20Republica,de%20Departamento%20Nacional%20do%20Trabalho>. Acesso em: 30 ago. 2025.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002.** Oficializa a Língua Brasileira de Sinais para a comunidade surda do Brasil. Brasília: Presidência da República, 2002.

BRENTARI, D. Sign language phonology. *In*: GOLDSMITH, J.; RIGGLE, J.; YU, A. C. L. (eds.). **The handbook of phonology theory**. 2. ed. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2011. p. 691-721.

BRILLAT-SAVARIN, A. **A fisiologia do gosto**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

BRITO, F. B. O movimento surdo no Brasil: a busca por direitos. **Journal of Research in Special Educational Needs**, [S. l.], v. 16, n. s1, 2016. Disponível em: <https://nasenjournals.onlinelibrary.wiley.com/doi/pdfdirect/10.1111/1471-3802.12214>. Acesso em: 15 jul. 2023.

BRITO, L. F. **Integração social e educação de surdos**. Rio de Janeiro: Babel, 1994.

BRITO, L. F. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Departamento de Linguística e Filologia da UFRJ, 1995.

BRITO, L. F. Similarities & Differences in Two Brazilian Sign Languages. **Sign Language Studies**, [S. l.], v. 42, p. 45-56, 1984.

BRUNO, M. M. G.; COELHO, L. L. Discursos e Práticas na Inclusão de índios Surdos em Escolas Diferenciadas Indígenas. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 681-693, jul./set. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623661084>. Acesso em: 28 ago. 2025.

CALDAS, R. B. **Uma proposta de dicionário para a língua ka'apór**. 2009. 334 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, UnB, Brasília, DF.

CAMPELLO, A. R. Pedagogia Visual: sinal na Educação de Surdos. *In*: QUADROS, R. M.; PERLIN, G. (org.). **Estudos Surdos II**. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2008.  
CARDOSO, F. B. Breve histórico da educação escolar indígena no estado de São Paulo. **Revista Temporis [ação]**, [S. l.]. 2018. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/article/download/6823/5493/28662>. Acesso em: 19 abr. 2023.

CARLIEZ, M. L. S. S.; FORMIGOSA, E.; CRUZ, E. B. Accessibilité et égalité des chances aux micro-communautés des sourds brésiliens: vers la reconnaissance des langues des signes pratiquées par les sourds de Soure (Île de Marajó) et Fortalezinha-PA et Porto de Galinhas-PE. **MOARA**, [S. l.], v. 1, p. 113-143, 2016.

CERQUEIRA, I. F.; TEIXEIRA, E. R. T. Iconicidade e realidade: um olhar sobre a produção de sinais dos surdos do município de Cruzeiro do Sul/Ac. **ANTHESIS: Revista de Letras e Educação da Amazônia Sul-Occidental**, Cruzeiro do Sul, ano 05, n. 08, p. 01-26, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/anthesis/article/view/496/256>. Acesso em: 25 ago. 2025.

CHILE. Ministerio de Planificación. **Ley nº 20.422, de 03 de fevereiro de 2010**. Estabelece normas sobre igualdade de oportunidades e inclusão social de pessoas com deficiência. Santiago: Ministerio de Planificación, 2010. Disponível em: [https://www.recam.org/files/documents/lengua de se as ley n 27.710 2023.pdf](https://www.recam.org/files/documents/lengua%20de%20se%20as%20ley%20n%2027.710%202023.pdf). Acesso em: 28 ago. 2025.

CHILE. Ministerio de Planificación. **Ley nº 21.403, de 27 de dezembro de 2021**. Reconhece a surdocegueira como deficiência única e promove a plena inclusão social das pessoas surdocegas. Santiago: Ministerio de Planificación, 2021. Disponível em: [https://www.recam.org/files/documents/lengua de se as ley n 27.710 2023.pdf](https://www.recam.org/files/documents/lengua%20de%20se%20as%20ley%20n%2027.710%202023.pdf). Acesso em: 28 ago. 2025.

COELHO, L. L. **A constituição do sujeito surdo na cultura Guarani-Kaiowá: os processos próprios de interação e comunicação na família e na escola**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2011. Disponível em: <http://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/prefix/620>. Acesso em: 21 out. 2023.

COELHO, L. L. O ensino da língua portuguesa para estudantes indígenas surdos em escolas indígenas do MS. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE LÍNGUAS INDÍGENAS DE SINAIS, 1., 2023, Bragança. **Anais [...]**. Bragança: UFPA, 2023. Disponível em: [https://www.even3.com.br/anais/i-seminario-de-linguas-indigenas-de-sinais-lis-361388/738718-O-ENSINO-DA-LINGUA-PORTUGUESA-PARA-ESTUDANTES-INDIGENAS-SURDO S-EM-ESCOLAS-INDIGENAS-DO-MS](https://www.even3.com.br/anais/i-seminario-de-linguas-indigenas-de-sinais-lis-361388/738718-O-ENSINO-DA-LINGUA-PORTUGUESA-PARA-ESTUDANTES-INDIGENAS-SURDO-S-EM-ESCOLAS-INDIGENAS-DO-MS). Acesso em: 10 set. 2024.

COMAPA, M. M. **Trajetórias, identidades e narrativas: aproximações das histórias de aprendizagem de português por um surdo e uma indígena ouvinte**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Língua Brasileira de Sinais-Libras/Língua Portuguesa) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/17041>. Acesso em: 25 ago. 2025.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS DE SURDOS. **[Site]**. [S. l.: s. n.], 2023. Disponível em: <https://www.cbds.org.br/cbds>. Acesso em: 01 set. 2025.

CÔNSOLO, A. T. **A tecnologia na comunicação entre surdos**: Efeitos do computador, da internet e do celular na comunicação escrita entre surdos. São Paulo: Novas Edições, 2014.

CONSTÂNCIO, R. F. J. **Relações de Arbitrariedade e Iconicidade na composição dos sinais em Libras**. 2022. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2022.

COSTA NETO, E. M. Antropoentomofagia: sobre o consumo de insetos. *In*: COSTA NETO, E. M. (org.). **Antropoentomofagia**: insetos na alimentação humana. Feira de Santana: UEFS Editora, 2011. p. 17-37.

COSTA, E. S.; NASCIMENTO, L. R. S.; PRATES, M. P. G. Karai je'eha jakwarahã! (comunique-se bem!): um estudo sobre as línguas de sinais das terras indígenas. **Revista Humanidades e Inovação**, [S. l.], v. 8, n. 37. 2021.

COSTA, M. G. L. **Mapeamento dos sinais Paiter Suruí no contexto da comunidade familiar**. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2017.

COUTO, G. F. **Política Linguística e Ideologias**: uma análise dos discursos das legislações federais que regem as línguas de sinais nacionais da América do Sul. 2023. 178 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.

CRESPO, A. M. M. **Da invisibilidade à construção da própria cidadania**: os obstáculos, as estratégias e as conquistas do movimento social das pessoas com deficiência no Brasil, através das histórias de vida de seus líderes. 2009. 399 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

CUNHA, M. C. Populações tradicionais e a Convenção da Diversidade Biológica. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 13, n. 36, p. 147-63, 1999.

CUXAC, C. Fonctions de l'iconicité. *In*: VIROLE, B. (org.). **La Psychologie de l'enfant Sourd**. Paris: Edilob, 1996, p. 109-141.

CUXAC, C.; SALLANDRE, M. A. Iconicity and arbitrariness in French sign language –highly iconic structures, degenerated iconicity and diagrammatic iconicity. *In*: PIZZUTO, E.; PIETRANDREA, P.; SIMONE, R. (eds.). **Verbal and Signed Languages**: Comparing Structures, Constructs and Methodologies. Berlin: Mouton de Gruyter, 2007, p. 13-33.

DAMASCENO, L. M.S. **Surdos Pataxó**: inventário das Línguas de Sinais em território etnoeducacional. 2017. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

DAMATTA, R. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DI FRANCO, M. A. R.; PALUDO, S. S.; LEBEDEFF, T. 2015 Esportes surdos na constituição do ser social: uma compreensão histórica sob a perspectiva da

Educação Ambiental. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 28, n. 52, p. 365-376, maio/ago. 2015. Disponível em: <http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>. Acesso em: 02 set. 2025.

DOMÍNGUEZ, A. *et al.* 100 palabras polisémicas consusacepciones. **Revista Electrónica de Metodología Aplicada**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 63-84, 2001.

DRUETTA, J. C. La generación X de la comunidad sorda y la lengua de señas argentina. **Ethos Educativo**, [S. l.], v. 41, p. 139-156, 2008. Disponível em: <https://sancristobal.amgr.es/signos/wp-content/uploads/2011/06/generacion-x.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2023.

DURANT, W. **Filosofia da Vida**. Tradução de Monteiro Lobato. 13. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965. 268 p.

EBERHARD, D. M.; GARY, F. S.; CHARLES, D. F. (eds). **Ethnologue: Languages of the World**. 23. ed. Dallas, Texas: SIL International, 2020.

ELER, R. R. S. **Mapeamento de sinais da educação escolar indígena dos surdos Paiter Suruí**. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2017. Disponível em: <https://ri.unir.br/jspui/handle/123456789/3286>. Acesso em: 25 ago. 2025.

ELLEN, R.; HARRIS, H. Concepts of indigenous environmental knowledge in scientific and development studies literature: a critical assessment. *In: EAST-WEST ENVIRONMENTAL LINKAGES NET WORKSHOP*, 3., 1996, Canterbury. **Proceedings** [...] Canterbury: [s. n.], 1996.

FELIPE, T. A. ; LIRA, G. A. **Dicionário da Língua Brasileira de Sinais – Libras**. Rio de Janeiro: Acessibilidade Brasil – CORDE, 2005.

FERNANDES, E. Educação com Bilinguismo para crianças surdas. **Revista Intercâmbio**, [S. l.], v. 7, p. 13-21, 2008.

FERRARI, A. C. M. **Diálogos Oportunos sobre as línguas de sinais indígenas**. [2024]. No prelo.

FERREIRA BRITO, L. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Departamento de Linguística e Filologia da UFRJ, 1995.

FERREIRA BRITO, L.; LANGEVIN, R. Sistema Ferreira Brito-Langevin de Transcrição de sinais. *In: FERREIRA BRITO, L. Por uma gramática de Língua de Sinais*. Rio de Janeiro: Babel, 1995, p. 15-45.

FERREIRA, I. **Minidicionário digital da língua de sinais Munduruku**. 2021. 154 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2021. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/13594>. Acesso em: 30 ago. 2025.

FERREIRA, M. K. L. A educação escolar indígena: um diagnóstico crítico da situação no Brasil. *In*: SILVA, A. L.; FERREIRA, M. K. L. (org.). **Antropologia, História e Educação**: a questão indígena e a escola. São Paulo: Global, 2001. p. 71-111.

FIORIN, J. L. (org.). **Linguística?**: Que é isso?. São Paulo: Contexto, 2018.

FLORES, D. R. F. O papel do léxico na compreensão das Línguas de Sinais. **Revista GTLex**, Uberlândia, v. 9, p. e0912, 2024. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/view/72301>. Acesso em: 17 jun. 2025.

FORMIGOSA, E. **Étude de la variation linguistique de la ls au Brésil dans l'enseignement de la Libras**. [S. l.: [Université Paris 8], 2015.

FRANÇA. **Lei nº 2005-102, de 11 de fevereiro de 2005**. Relativa à igualdade de direitos e oportunidades, à participação e à cidadania das pessoas com deficiência. **Journal Officiel de la République Française**: Paris, 12 fev. 2005. Disponível em: [https://www.legifrance.gouv.fr/download/pdf?id=nclxDPWutQCAat\\_gvLtYCu1fmt64dDetDQxhvJZNMc=](https://www.legifrance.gouv.fr/download/pdf?id=nclxDPWutQCAat_gvLtYCu1fmt64dDetDQxhvJZNMc=). Acesso em: 28 ago. 2025.

FUNDAÇÃO NACIONAL DOS POVOS INDÍGENAS. **Indígenas Ka'apor pedem Plano de Proteção Territorial para a Terra Indígena Alto Turiacu**. Brasília: FUNAI, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2023/indigenas-ka2019apor-pedem-plano-de-protecao-territorial-para-a-terra-indigena-alto-turiacu>. Acesso em: 25 ago. 2025.

FUSELLIER-SOUZA, I. Emergence and Development of Signed Languages: From a Semiogenetic Point of View. **Sign Language Studies**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 30–56. 2006.

GESSER, A. **LIBRAS?**: Que Língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da Língua de Sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola editorial, 2009.

GIROLETTI, M. F. P. **Cultura Surda e Educação Escolar Kaingang**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

GODOY, G. **Os Ka'apor**: seus gestos e sinais. 2020. 385 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

GOETTERT, N. **Tecnologias digitais e estratégias comunicacionais de surdos**: da vitalidade da língua de sinais à necessidade da língua escrita. 2014. 104 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2014.

GOMES, E. O. **História e Construção da Língua de Sinais Hãtxa Kui Brasileira (LSHKB)**. **Revista Brasileira de Línguas Indígenas**, Macapá, v. 3, n. 2, p. 40-51, 2020.

GONÇALVES, E. P. **Iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.

GOOGLE. [Google Imagens]. [S. l.]: Google, [20--]. Disponível em: <https://images.google.com/?hl=pt-br>. Acesso em: 30 ago. 2025.

GREGIANINI, L. C. B. **Mapeando os sinais Paiter Suruí no contexto da comunidade**. 2017. 179 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) – Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Porto Velho, RO, 2017.

GRINEVALD, C. Classifier systems in the context of a typology of nominal classification. In: EMMOREY, K. (ed.) **Perspectives on classifier constructions in sign languages**. London: Lawrence Erlbaum Associates, 2003.

GROCE, N. E. **Everyone Here Spoke Sign Language: Hereditary Deafness on Martha's Vineyard**. Cambridge: Harvard University Press, 1985.

HAMMARSTRÖM, H.; FORKEL, R.; HASPELMATH, M. **Yucatec Maya Sign Language**. Jena: Max Planck Institute for the Science of Human History, 2017.

HOFFMEISTER, R. *et al.* **Evaluating American Sign Language in Deaf Children: ASL Influences on Reading with a Focus on Classifiers, Plurals, Verbs of Motion and Location**. [S. l. : s. n.]: 1997.

HOLSTI, O. **Contentanalysis for the social sciences and humanities**. Boston: Addison-Wesley, 1969.

HOOKER, O. C. M. **El bilingüismo de los sordos: Un estudio exploratorio sobre la situación lingüística del sordo en la comunidad multilingüe del Archipiélago de San Andrés, Providencia y Santa Catalina**. [S. l. : s. n.], 2015.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2009.

INHAPÉ, A. S.; *et al.* A importância da formação do TILIS/TILSP na educação de indígenas surdos. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE LÍNGUAS INDÍGENAS DE SINAIS-SENLI, 1., Bragança (PA). **Anais [...]**. Bragança: UFPA, 2023. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/i-seminario-de-linguas-indigenas-de-sinais-lis-361388/751168-A-IMPORTANCIA-DA-FORMACAO-DO-TILISTILSP-NA-EDUCACAO-DE-INDIGENAS-SURDOS>. Acesso em: 01 set. 2025.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. [Região da localização etnia ka'apor]. [S. l.: ISA], 2010.

JASON, T. **A História das Línguas: uma Introdução**. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2012.

JESUS, J. B. **Educação para estudantes com necessidades especiais na aldeia pataxó de Barra Velha (Bahia)**. 2018. Monografia (Graduação em Matemática) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

JESUS, J. B.; RAHME, M. M. F.; FERRARI, A. C. M. Educação intercultural indígena e educação matemática: o percurso de um jovem surdo de etnia Pataxó. **Revista do Programa de Pós-graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul**, Campo Grande, v. 11, n. 27, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/pedmat/article/view/7248/5511>. Acesso em: 15 jun. 2023.

JOHNSTON, T. **Lexical Variation and Change in British Sign Language**. 2011. Tese (Doutorado) - University College London, [Londres], 2011.

KAKUMASU, J. Y. Urubu-Kaapor Sign Language. **International Journal of American Linguistics**, [S. l.], v. 34, n. 4, p. 275–281, 1968.

KAKUMASU, J. Y.. Urubu-Kaapor. *In*: DERBYSHIRE, D. C.; PULLUM, G. K. (eds.). **Handbook of Amazonian Languages**. v. 1. Berlim; Nova Iorque; Amsterdam: De Gruyter, 1986.

KARNOPP, L. **Literatura Surda**. [Florianópolis]: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008. Disponível em: [https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/literaturaVisual/assets/369/Literatura\\_Surda\\_Texto-Base.pdf](https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/literaturaVisual/assets/369/Literatura_Surda_Texto-Base.pdf). Acesso em 29/11/2024. Acesso em: 25 ago. 2025.

KARNOPP, L.; KLEIN, M.; LUNARDI-LAZZARIN, M. **Projeto Produção, Circulação e Consumo da Cultura Surda Brasileira**: Relatório de Pesquisa. Porto Alegre: UFRGS, 2012).

KENDON, A. The Study of Gesture: some remarks on its history. **Recherches sémiotiques/semiotic inquiry**, [S. l.], v. 2, p. 45-62, 1982.

KISCH, S. **Deaf discourse**: Social construction of deafness in a Bedouin community in the Negev. 2000. Tese (Mestrado) - Tel Aviv University, Tel Aviv, 2000.

KNAPP, C. **O ensino bilíngue e educação escolar indígena para os Guarani e Kaiowá de MS**. 2016. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2016.

KYMIU, Valdirene Nascimento da Silva Oliveira Kamara; MORAES, Marcia. A inclusão do povo indígena Pupŷkary/Apurinã no contexto contemporâneo. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v.72, número especial, p.185-198, 2020. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672020000300014&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672020000300014&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 25 ago. 2025.

LACERDA, C. B. F. **O intérprete de língua brasileira de sinais**: investigando aspectos de sua atuação na educação infantil e no ensino fundamental. [S. l. : s. n.], 2008. Disponível em: <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/Portals/1/Files/20009.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2025.

LANE, H. Representações do surdo: a deficiência e os modelos culturais. *In: A máscara da benevolência: a comunidade surda amordaçada*. Tradução: Cristina Reis. Lisboa: Instituto Piaget, 1992. (Coleção: Horizontes Pedagógicos). p. 19-41.

LANE, H.; HOFFMEISTER, R.; BAHAN, B. **A journey into the Deaf-World**. California: DawnSign Press, 1996.

LANNA JUNIOR, M. C. M. **História do movimento político das pessoas com deficiência no Brasil**. Brasília: Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos das Pessoas com Deficiência, 2010.

LEITE, A. S. **As Línguas Indígenas de Sinais em Mato Grosso**: notícias de uma professora surda. 2021. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, 2021.

LEITE, F. T. **Metodologia Científica**: Métodos e técnicas de pesquisa: Monografias, dissertações, teses e livros. Aparecida: Idéias e Letras, 2015.

LEITE, L. P. Práticas educativas: adaptações curriculares. *In: CAPELLINI, V. L. M. F. (org.). Práticas em educação especial e inclusiva na área da deficiência mental*. Bauru: MEC/FC/SEE, 2008.

LEITE, M. S. Sociodiversidade, alimentação e nutrição indígena. *In: BARROS, D. C.; SILVA, D. O.; GUGELMIN, S. A. (orgs). Vigilância alimentar e nutricional para a saúde Indígena*. v. 1. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2007, p. 180-210.

LEITE, T. A.; QUADROS, R. M. Línguas de sinais do Brasil: reflexões sobre o seu estatuto de risco e a importância da documentação. *In: STUMPF, M. R; QUADROS, R. M.; LEITE, T. A. (orgs.). Estudos da Língua Brasileira de Sinais II*. Florianópolis: Insular, 2014. (Série Estudos de Língua de Sinais, V). Disponível em: [https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/178900/Marianne\\_Rossi\\_Stumpf%2C\\_Ronice\\_Muller\\_de\\_Quadros%2C\\_Tarcisio\\_de\\_Arantes\\_Leite.\\_Estudos\\_da\\_Lingua\\_Brasileira\\_de\\_Sinais\\_II.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/178900/Marianne_Rossi_Stumpf%2C_Ronice_Muller_de_Quadros%2C_Tarcisio_de_Arantes_Leite._Estudos_da_Lingua_Brasileira_de_Sinais_II.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 15 out. 2019.

LEVANTE BH. **Ley (Chile) 20.422/2010**. [S. l.]: Levante BH, 2010. Disponível em: <https://levantebh.com.br/biblioteca/pessoas-com-deficiencia/ley-chile-20-422-2010/>. Acesso em: 25 ago. 2025.

LIDDELL, S. **American sign language syntax**. The Hague: Mouton, 1980.

LIDDELL, S. K. **Grammar, Gesture, and Meaning in American Sign Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LIDDELL, S. K.; METZGER, M. Gesture in sign language discourse. *Journal of Pragmatics*, [S. l.], v. 30, n. 6, p. 657–697, 1998. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S0378-2166\(98\)00061-7](https://doi.org/10.1016/S0378-2166(98)00061-7). Acesso em: 25 ago. 2025.

LILLO-MARTIN, D.; KLIMA, E. S. Pointing out differences: ASL pronouns in syntactic theory. *In: FISCHER, S. D.; SIPLE, P. (eds.). Theoretical Issues in Sign Language*

**Research**, v. I: Linguistics. Chicago: The University of Chicago Press, 1990. 191-210.

LIMA, J. M. S. **A criança indígena surda na cultura Guarani-Kaiowá**: um estudo sobre as formas de comunicação e inclusão na família e na escola. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Dourados, Dourados, 2013. Disponível em: <http://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/prefix/64>. Acesso em: 25 ago. 2025.

LÍNGUAS Indígenas de Sinais: uma diversidade linguística a ser conhecida. [S. l.: s. n.], 2023. 1 vídeo (92 min). Publicado pelo canal Currículo, Diferença e Formação de Professorxs. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6AD8Lrlg7c0>. Acesso em: 25 out. 2024.

LOPES, A. R. S. T. **Levantamento Terminológico em Libras para os Termos Indígenas dos Tapeba**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação e Bacharelado em Letras Libras) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

LOPES, M. A. G. **Aspectos Gramaticais da Língua Ka'apor**. 2009. 287 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

LÓPEZ GARCÉS, C. L. *et al.* Objetos indígenas para o mercado: produção, intercâmbio, comércio e suas transformações. Experiências Ka'apor e Mebêngôkre-Kayapó. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi Ciências Humanas**, Belém, v. 10, n. 3, p. 659-680, set.-dez. 2015. Disponível em: <https://repositorio.museu-goeldi.br/bitstream/mgoeldi/1289/1/Objetos%20ind%C3%ADgenas%20para%20o%20mercado%20produ%C3%A7%C3%A3o%2C%20interc%C3%A2mbio%2C%20com%C3%A9rcio%20e%20suas%20transforma%C3%A7%C3%B5es.%20Experi%C3%AAncias%20Ka%E2%80%99apor%20e%20Meb%C3%AAnq%C3%B4kre-Kayap%C3%B3.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2025.

LORENZ, S. S. **Sateré Mawé**. [S. l.]: Instituto Socioambiental, 2015. Disponível em: [https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Sater%C3%A9\\_Maw%C3%A9](https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Sater%C3%A9_Maw%C3%A9). Acesso em: 30 ago. 2025.

LUCIANO, G. J. S. **Educação para manejo e domesticação do mundo**: entre a escola ideal e a escola real: os dilemas da educação escolar indígena no Alto Rio Negro. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

LULKIN, S. A. O discurso moderno na educação de surdos: práticas de controle do corpo e a expressão cultural amordaçada. *In*: SKLIAR, C. **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 2013, p. 33-49.

LYONS, C. **Definiteness**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999b.

LYONS, J. **Linguagem e Linguística**: uma introdução. Tradução de Marilda Winkler Averbug. Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1999a.

MACENA, J. M. O. **"Isso é coisa de vocês"**: os índios Canela e a escola. 2007. 139 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

MALCHER, M. A. F. O impacto político-territorial de políticas afirmativas: reflexões acerca da educação quilombola. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as**, v. 13, número especial, p. 169–187. 2021. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1241>. Acesso em: 25 ago. 2025.

MALINOWSKI, B. **Argonauts of the Western Pacific**. New York: E.P. Dutton, 2018.

MARINE, T. C. **Um estudo sócio-discursivo do sistema pronominal dos demonstrativos no português**: 246 contemporâneos. 2009. 220 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2009.

MARSHALL, T. H. Citizenship and Social Class. *In*: **Class, Citizenship and Social Development**. Westport, Connecticut: Greenwood Press, 1973.

MARTINOD, E. **Les LS pratiquées par des sourds isolés de Marajó**. 2013. Dissertação (Mestrado) - Université Vincennes Saint Denis, Paris, 2013.

MARTINS, M. P. A institucionalização da tradução no Brasil: o caso da PUC-Rio. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 19, p. 171-192, 2007.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política: Livro primeiro. v. I. São Paulo: Nova Cultural, 1980.

MARX, Karl. **A miséria da filosofia**. Tradução: José Paulo Netto. São Paulo: Global, 1985.

MATTOS, C. L. G.; CASTRO, P. A. (orgs). **Etnografia e educação**: conceitos e usos. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

MATTOSO, M. G. S. **Identificação e avaliação funcional de crianças Kaiowá e Guarani com deficiência visual e paralisia cerebral de 0 a 5 anos**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2016.

MCCLUE, P. Setting the Standard: An Overview of the History and Politics of Prohibiting and Promoting a National Japanese Sign Language. **CiNii**, [S. l.], v. 2, n. 63, p. 207-220, 2013. Disponível em: <https://ci.nii.ac.jp/author?q=MCCLUE+Patrick>. Acesso em: 11 dez. 2023.

MEDEIROS, J. S. História da Educação Escolar Indígena no Brasil: alguns apontamentos. *In*: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 14., 2018, Joinville. **Anais [...]**. Joinville: ANPUH, 2018. Disponível em: [https://www.eeh2018.anpuh-rs.org.br/resources/anais/8/1534418335\\_ARQUIVO\\_TextoAnpuhRS-JulianaMedeiros\\_.pdf](https://www.eeh2018.anpuh-rs.org.br/resources/anais/8/1534418335_ARQUIVO_TextoAnpuhRS-JulianaMedeiros_.pdf). Acesso em: 30 ago. 2025.

MEIER, I. *et al.* Emerging sign languages. *In*: MARSCHARK, M.; SPENCER, P. E. (eds.). **Oxford handbook of deaf studies, language, and education**. Oxford: Oxford University Press, 2010. p. 267-280.

MEIER, R. P. Language acquisition by deaf children. **American Scientist**, [S. l.], v. 90, n. 4, p. 322-329, 2006.

MELIÀ, B. Educação indígena e alfabetização. São Paulo: Loyola, 1979.

MELO, V. M. O. **Formação de professores indígenas de Pankararu e a implicação da disciplina de Libras para a compreensão do trabalho do tradutor intérprete e a educação de surdos**. 2022. 58 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Tradução e Interpretação da Língua Brasileira de Sinais-Libras/Língua Portuguesa) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2022.

MENDES, H. S. S. A opressora língua brasileira de sinais e as oprimidas línguas de sinais brasileiras uma reflexão crítica. **Revista diálogos interdisciplinares**, [S. l.], 2023.

MESA redonda "Educação Bilíngue: contextualizando a Educação de Indígenas Surdos. [S. l.: s. n.], 2023. 1 vídeo (59 min). Publicado pelo canal do Instituto Federal Baiano - Campus Teixeira de Freitas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CaYzjTCIGml&t=24s>. Acesso em: 25 out. 2024.

MEU Lugar de Fala: LIS, territórios, identidades e inclusão. [S. l. : s. n.], 2023. 1 vídeo (91 min). Publicado pelo canal do Museu das Culturas Indígenas. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=0mtiHFYhkfc>. Acesso em: 24 set. 2023.

MIRANDA, G. J. Elaboração e aplicação de questionários. *In*: NOVA, S. P. C. C. *et al.* (org.). **Trabalho de Conclusão de Curso: uma abordagem leve, divertida e prática**. São Paulo: Saraiva Educação, 2020. p. 216-229.

MIRANDA. **Lei nº 1.382, de 12 de abril de 2017**. Estabelece a língua Terena como Co-oficial do município. Miranda: Câmara Municipal, 2017. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/ms/m/miranda/lei-ordinaria/2017/139/1382/lei-ordinaria-n-1382-2017-dispoe-sobre-a-co-oficializacao-da-lingua-terena-no-municipio-de-miranda-ms-e-da-outras-providencias>. Acesso em: 30 ago. 2025.

MONTEIRO, B. S. (Mihai'wery Pataxó). **Professores Pataxó e a relação de ensino e aprendizagem com o estudante com deficiência**. 2022. 47 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Formação Intercultural Para Educadores Indígenas, Habilitação em Matemática) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

MOTA, L. S. **Estudantes surdos do ensino médio de centros urbanos: o uso de signos emergentes e as implicações na aprendizagem escolar**. Dissertação (Mestrado em Linguagens e Saberes na Amazônia) - Universidade Federal do Pará, Bragança, 2020. Disponível em: <https://pplsa.propesp.ufpa.br/index.php/br/>. Acesso em: 30 ago. 2025.

MOURA, J. S. **Estudo comparativo entre sinais caseiros e a Libras com surdos de Canaúanim**. 51 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras-Libras) – Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2019.

MOURA, M. L. S. Mapeamento de surdos indígenas no povo xukuru do Ororubá no contexto dos estudos surdos. *In*: GOMES, J. C. (org.) **Epistemologias dos estudos surdos**: língua, cultura e educação sob o signo da diversidade cultural. Curitiba: Editora CRV, 2020. (Coleção Registros de estudos e pesquisas das línguas de sinais indígenas no Brasil, 1). p. 123-140.

MOURÃO, C. H. N. **Literatura Surda**: produções culturais de surdos em Língua de Sinais. 2011. 132 f. Dissertação (Mestrado em Educação) –Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

MUCHANGA, F. G. **Proposta de desenvolvimento de um dicionário digital de português-língua de sinais moçambicana para auxiliar na aprendizagem da língua de sinais de Moçambique**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Engenharia Informática) - Faculdade de Engenharia, Departamento de Engenharia Eletrotécnica, [S. l.], 2020. Disponível em: [https://www.researchgate.net/figure/Figura-15-Pagina-inicial-do-prototipo\\_fig1\\_372523113](https://www.researchgate.net/figure/Figura-15-Pagina-inicial-do-prototipo_fig1_372523113). Acesso em: 08 ago. 2024.

MUSSATO, M. S. **O que é ser índio sendo surdo?**: um olhar transdisciplinar. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2017. Disponível em <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/3598>. Acesso em: 11 jun. 2023.

MUSSATO, M. S.; SOUZA, C. C. O conflito linguístico e identitário do sujeito surdo terena: uma reflexão sobre política linguística. *In*: SEMINÁRIOS INTERNACIONAIS DE ESTUDOS DE LINGUAGENS E DAS SEMANAS DE LETRAS - FAALC/UFMS, 2.,; SEMANAS DE LETRAS FAALC/UFMS, 20., Campo Grande. **Anais** [...]. Campo Grande: UFMS, 2019. p. 100-109.

NAKAGAWA, F. S. **As espacialidades em montagem no cinema e na televisão**. 2008. 211 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

NASCIMENTO, S. P. F. **Representações lexicais da língua de sinais brasileira**: uma proposta lexicográfica. 2009. 290 f. Tese (Doutorado em Linguística)- Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

NONAKA, A. Sign language the forgotten endangered languages: lessons on the importance of remembering. **Language in society**, [S. l.], v. 33, n. 5, p. 737-767, 2004.

NYST, V. A. S. Shared sign languages. *In*: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (eds.). **Sign Language**: An International Handbook. Berlin: De Gruyter Mouton, 2007. p. 552–574.

NYST, V.; BAKER, A. The phonology of name signs: a comparison between the sign languages of Uganda, Mali, Adamorobe and The Netherlands. *In*: BAKER, A.; VAN DEN, B. B.; CRASBORN, O. (eds.). **Cross-linguistic perspectives in sign language research**: Selected papers from TISLR 2007. Hamburg: Signum, 2003. p. 71–80.

OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2 ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001.

OLIVEIRA, E. N. Da Aldeia à WEB: TIC em uma escola indígena de Miranda-MS. **Revista EaD & Tecnologias Digitais na Educação**, Dourados, v. 5. n. 7, 2017.

OLIVEIRA, E. S.; COELHO, H. C.; SANCHES, R. D. Etnografias: pesquisas linguísticas em comunidades tradicionais na Amazônia amapaense. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 16, n. 35, p. 17-36, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/38803/26330>. Acesso em: 13 fev. 2024.

OLIVEIRA, G. M. Políticas Linguísticas como Políticas Públicas. *In*: BERTUSSI, G. T.; OURIQUES, N. D. (orgs.). **Anuário Educativo Brasileiro**: visão retrospectiva. São Paulo: Cortez, 2011. p. 313-333.

PADDEN, C. **Interaction of Morphology and Syntax in American Sign Language**: Outstanding Dissertations in Linguistics, Series IV. New York: Garland Press, 1988.

PANDA, S. Alipur Sign Language- A sociolinguistic and cultural profile. *In*: ZESHAN, U.; VOS, C. (eds.). **Village Sign Languages**: Linguistic and anthropological insights. Berlin: De Gruyter Mouton, Nijmegen: Ishara Press, 2012. (Sign Language Typology Series, 4).

PARAGUAI. **Ley nº 4.336, de 6 de agosto 2011**. Estabelece a obrigatoriedade da linguagem de sinais nos informativos ou noticiários dos meios de comunicação audiovisuais. [Assunção]: Congresso da Nação Paraguaia, 2011. Disponível em: <https://www.bacn.gov.py/leyesparaguayas/3687/ley-n-4336-establece-la-obligatoriedad-dellenguaje-de-senas-enlos-informativos-o-noticieros-de-los-medios-de-comunicacionaudiovisuales>. Acesso em: 03 mar. 2022.

PARAGUAI. **Ley nº 6.530, de 22 de maio de 2020**. Concede reconhecimento oficial à Língua de 174 Sinais de Paraguay (LSPy). [Assunção]: Congresso da Nação Paraguaia, 2020. Disponível em: <https://www.bacn.gov.py/leyesparaguayas/9206/ley-n-6530-otorga-reconocimiento-oficial-a-la-lengua-de-senasparaguayas-lspy>. Acesso em: 03 mar. 2022.

PEIRANO, M. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2014.

PEIRCE, C. **Writings of Charles Peirce**: A chronological edition. V .8. Indianapolis: Indiana University Press, 1989.

PEQUENAS EMPRESAS & GRANDES NEGÓCIOS. **[Esta pulseira alerta pais surdos quando o bebê chora]**. [S. l.: s. n.], 2019. 1 imagem. Disponível em:

<https://revistapegn.globo.com/Tecnologia/noticia/2019/04/esta-pulseira-alerta-pais-surdos-quando-o-bebe-chora.html>. Acesso em: 30 ago. 2025.

PEREIRA, É. L. **Fazendo cena na cidade dos mudos**: surdez, práticas sociais e uso da língua em uma localidade no sertão do Piauí. 2013. 380 p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) -Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

PERLIN, G. Identidades surdas. *In*: SKLIAR, C. (org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 2013, p. 51-73.

PERLIN, G.; MIRANDA, W. Surdos: o narrar e a política. **Ponto de Vista**, Florianópolis, n. 5, p. 217-226, 2003.

PERRELLI, M. A. S. “Conhecimento tradicional” e currículo multicultural: notas com base em uma experiência com estudantes indígenas kaiowá/guarani. **Ciência & Educação**, [S. l.], v. 14, n. 3, p. 381-96, 2008.

PERRI FERREIRA, H. **Yanomama Clause Structure**. 2017. 384 f. (Tese) - Radboud Universiteit Nijmegen, [S. l.], 2017.

PERU. **Lei nº 29535, de 20 de maio de 2010**. Lei que outorga reconhecimento oficial a língua de sinais peruana. [Lima]: [s. n.], 2018. Disponível em: <https://busquedas.elperuano.pe/normaslegales/ley-que-otorga-reconocimiento-oficial-a-la-lengua-de-senas-p-ley-n-29535-496850-3/>. Acesso em: 26 abr. 2018.

PETITTO, L.; MARENTETTE, P. “Babbling in the manual mode: Evidence for the ontogeny of language”. **Science**, [S. l.], v. 251, p. 1483-1496, 1991.

PETTER, M. Linguagem, Língua, Linguística. *In*: FIORIN, J. L. (org.). **Introdução à Linguística**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 11-24.

PIMENTA, N. [Entrevista]. **Espaço**, Rio de Janeiro, n. 11, 2014.

PINHEIRO, E. M; KAKEHASHI, T. Y; ANGELO, M. O Uso de Filmagem em Pesquisas Qualitativas. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, [S. l.], v. 13, n. 5, p. 717-22, set./out.. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v13n5/v13n5a16.pdf>. Acesso em: 05 out. 2023.

PINHEIRO, K. L. **Políticas linguísticas e suas implementações nas instituições do Brasil**: o tradutor e intérprete surdo intramodal e interlingual de línguas de sinais de conferência. 2020. 434 p. Tese (Doutorado em Estudos de Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

PIZZUTO, A. **Adjusting the human development index for economic vulnerability and resilience**. 2006. Dissertação (Mestrado) – L-Università ta’Malta, [S. l.], 2006. Disponível em: <https://www.um.edu.mt/library/oar/handle/123456789/75784>. Acesso em: 02 set. 2025.

PLATÃO. **Diálogos**: Teeteto e Crátilo. Tradução: C. A. Nunes. Belém: Editora da UFPA, 1988.

POMPEU, I. C. **O Desenvolvimento da Língua Indígena de Sinais do Povo Tentehar**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Intercultural para Educação Escolar Indígena) –Universidade Estadual do Maranhão, 2022.

PONCE, O.G. **Historia de la educación del sordo**. Buenos Aires: Publicaciones Médicas Argentinas, 1981.

PRIA, A. Far Far Away. *In*: Gutkind, L.; Fletcher, H. **True Stories, Well Told**. [S. l.]: Creative Nonfiction Magazine, 2012. p. 54-56.

PROGRAMA IBEROAMERICANO DISCAPACIDAD. **Chile aprova o reconhecimento da língua de sinais como língua natural e nativa para pessoas surdas e com deficiência**. [S. l.]: PID, 2021. Disponível em: <https://www.programaiberoamericanodediscapacidad.org/pt-br/noticia/chile-aprova-o-reconhecimento-da-lingua-de-sinais-como-lingua-natural-e-nativa-para-pessoas>. Acesso em: 25 ago. 2025.

QUADROS, R. M. **As categorias vazias pronominais**: uma análise alternativa com base na língua de sinais brasileira e reflexos no processo de aquisição. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.

QUADROS, R. M. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 2008.

QUADROS, R. M. **Libras**. São Paulo: Parábola, 2019. 190p. (Linguística para o Ensino Superior, 5).

QUADROS, R. M. **Linguística para o ensino superior**. São Paulo: Parábola. 2007.

QUADROS, R. M. **Linguística para o ensino superior**. São Paulo: Parábola. 2003.

QUADROS, R. M.; CRUZ, C. R. **Língua de Sinais**: Instrumentos de avaliação. Porto Alegre: Artmed, 2009.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua Brasileira de Sinais**: Estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M.; SCHMIEDT, M. L. P. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006. 120p.

QUADROS, R.; PIZZIO, A.; REZENDE, P. **Língua Brasileira de Sinais I**: Material didático ou instrucional - Curso de Letras - LIBRAS à distância. [Florianópolis]: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

QUIJANO, A. "Coloniality and modernity/rationality". **Cultural Studies**, [S. l.], v. 21, n. 2-3, p. 22-32, 2003.

RAMOS, C. R. **Libras**: A Língua de Sinais dos surdos brasileiros. [S. l. : s. n.], 2002. Disponível em: <https://www.porsinal.pt/index.php?ps=artigos&idt=artc&cat=13&idart=168>. Acesso em: 07 abr. 2023.

RESENDE, L. S. **Tradução teatral**: produzindo em Libras no teatro surdo. 2019. 94 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) — Universidade de Brasília, Brasília, Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/36719>. Acesso em: 01 mar. 2023.

RESENDE, L. S.; REIS, M. G. M. Teatro surdo brasileiro: considerações sobre a elaboração da dramaturgia sinalizada em libras. **Revista Espaço**, Rio de Janeiro, n. 54, p. 79-52, jul/dez. 2020.

RIBEIRO, D. **Diários Índios**: os Urubus-Kaapor. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RICHARDS, A. I. **Land, labour and diet in Northern Rhodesia**: An Economic Study of the Bemba Tribe. London: International Institute of African Languages & Culture by Oxford University Press, 1939. 415 p.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: Métodos e técnicas. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2017.

RILEY, P. Self-access as acces to 'self': cultural variation in the notions of self and personhood. *In*: PALFREYMAN, D.; SMITH, R. (eds.). **Learner autonomy across cultures**: language education perspectives. New York: Palgrave, 2003. p. 92-109.

ROCHA, A.; ECKERT, C. Etnografia: saberes e práticas. *In*: PINTO, C.; GUAZZELLI, C. **Ciências Humanas**: pesquisa e método. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008.

RODA de conversa com as parentes sobre "escolarização e atendimento de indígenas surdos". [S. l.: s. n.], 2023. 1 vídeo (55 min). Publicado pelo canal do Instituto Federal Baiano - Campus Teixeira de Freitas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TnLtohtjbM>. Acesso em: 25 out. 2024.

RODRIGUES, D. S. As razões de estado e seus fracassos no período colonial: memória da educação no Pará. **Revista Cocar**, Belém, v. 5, n. 10, p. 83-94, 2011.

ROSA, A. S. **Entre a visibilidade da tradução de sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete**. Campinas: Arara Azul, 2005.

RUBIM, A. C.; SANTOS, D. K. R. (orgs.). **Línguas Indígenas de Sinais (LIS)**. Brasília: Altaci Correa Rubim, 2024. (Campanha de Promoção da Década Internacional das Línguas Indígenas, 4). Disponível em: <https://www.decadalinguasindigenasbr.com/wp->

content/uploads/2025/04/Cartilha-Linguas-Indigenas-de-Sinais-LIS-DIGITAL-4.pdf. Acesso em: 21 ago. 2024.

SAHLINS, M. O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um objeto em via de extinção. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 41-73, 1997.

SANTOS, D. K. R. *et al.* Educação Escolar Indígena: um ensaio sobre seus desafios. *In*: SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA, 18., 2022, [Jequié]. **Anais** [...]. Jequié: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2022. Disponível em: <http://anais.uesb.br/index.php/sepab/issue/current/showTo>. Acesso em: 21 mar. 2024.

SANTOS, D. K. R. **Lingua Indígena Pataxó de Sinais**: um enfoque na formação escolar dos indígenas pataxós surdos. 2024. 226 f. Dissertação (Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade) — Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, 2024.

SANTOS, S. A.; ZANDAMELA, N. G. R. Políticas linguísticas e tradução-interpretação de línguas de sinais: aproximações entre Brasil e Moçambique. **Working Paper em Linguística**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 101-124, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/1984-8420.2015v16n2p101>. Acesso em: 21 mar. 2024.

SAPIR, E. **Lingüística como ciência**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

SARMENTO, F. Os surdos no desporto. *In*: COELHO, O.; KLEIN, M. (coord.). **Cartografias da surdez**: comunidades, línguas, práticas e pedagogia. Porto: Livpsic, 2013.

SAUSSURE, F. **Curso de Lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, Edusp, 1969.

SAUSSURE, F.. **Curso de Linguística Geral**. Organização: Charles Bally e Albert Sechehaye, com a colaboração de Albert Riedlinger; Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SEMPRE IoT. **[Campanha para Deficiente Auditivo]**. [S. l.: s. n.], c2019. 1 imagem. Disponível em: <https://sempreiot.com.br/produto/campanha-para-deficiente-auditivo-app-aplicativo/>. Acesso em: 30 ago. 2025.

SHERZER, J. The Brazilian Thumbs-Up Gesture. **Journal of Linguistic Anthropology**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 189–197, 1991.

SIGNORINI, I. **Linguagem e identidades**. 2.ed. São Paulo: Mercado de Letras, 2016.

SILVA, C. P. Estudo comparativo do léxico e sinais em relação à polissemia na Língua Portuguesa e na língua brasileira de sinais. **Revista Arqueiro**, Rio de Janeiro, v. 34, jul.-dez. 2016. Disponível em:

<https://seer.ines.gov.br/index.php/revista-arqueiro/article/view/1039>. Acesso em: 07 jun. 2024.

SILVA, D. S. **Inventário de línguas de sinais emergentes encontradas no Brasil: o caso da Cena (Jaicós – PI) e da língua de sinais de Caiçara (Várzea Alegre – CE)**. 2021. 267 p. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

SILVA, D. S.; QUADROS, R. M. Línguas de sinais de comunidades isoladas encontradas no Brasil. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 5, n. 10, p. 22111-22127, out. 2019. Disponível em: <http://www.brjd.com.br/index.php/BRJD/article/view/4167/3933>. Acesso em: 09 nov. 2020.

SKLIAR, C. **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2013.

SOARES, P. A. S. **Língua Terena de Sinais: Análise Descritiva Inicial da Língua de Sinais Usada pelos Terena da Terra Indígena Cachoeirinha**. 2018. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/155878?locale-attribute=es>. Acesso em: 09 nov. 2019.

SOUSA, A. M.; QUADROS, R. M.. Estudos de léxico em línguas de sinais: o que o Brasil tem produzido? **Revista GTLex**, Uberlândia, v. 9, p. e0925, 2024. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/view/75770>. Acesso em: 03 abr. 2025.

SOUZA, C. C. Política linguística, política de línguas indígenas e línguas silenciadas. In: FIGUEIREDO, A. A. A. *et al.* (orgs.). **Política Linguística e as Línguas Indígenas Brasileiras**. São Paulo: Pontes, 2022.

STOKOE, W. C. Sign language structure: an outline of the visual communication systems of the American deaf. **Studies in Linguistics - Occasional Papers**, [S. /], v. 8, 1960.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 3. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 4. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2009.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 5. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2018.

STUMPF, M. **Aprendizagem da escrita de língua de sinais pelo sistema SingWriting: línguas de sinais no papel e no computador**. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/5429>. Acesso em: 25 jan. 2023.

SUDRÉ, E. C. **O ensino-aprendizagem de alunos Surdos no Ensino Médio em classe de ensino regular**. São Paulo: [s. n.], 2008.

SUMAIO, P. A. **Sinalizando com os Terena**: um estudo do uso da LIBRAS e de sinais nativos por indígenas surdos. 2014. 123 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2014.

SUTTON, V. **Lessons in Sign Writing**: a system of written for sign language. La Jolla, Califórnia: Deaf Action Commite for SignWriting - DAC, 1996.

TARALLO, F. **A Pesquisa Sociolinguística**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1990.

TAUB, S. Iconicity and metaphor. *In*: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (orgs.). **Sign Language**: an International Handbook. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012. p. 388- 412.

TELLES, L. F. P. Alguns aspectos da variação linguística. **Anuário da Produção Acadêmica Docente**, Valinhos, v. 3, n. 5, p. 195-210, abr. 2009.

TIMBANE, A. A. A complexidade do ensino em contexto multilíngue em Moçambique: políticas, problemas e soluções. **Calidoscópico**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 92-103, jan/abr. 2024.

TIMÓTEO, J. G. **Diversidade linguístico-cultural da língua de sinais do Ceará**: um estudo lexicológico das variações da Libras na comunidade de surdos do Sítio Caiçara. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2008.

TIVEROLI, T. D. **O papel do tradutor/intérprete de Libras nas aulas de Língua Portuguesa**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português – Inglês) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2014.

Disponível em:

[https://riut.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/14716/2/PB\\_COLET\\_2014\\_1\\_05.pdf](https://riut.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/14716/2/PB_COLET_2014_1_05.pdf).

Acesso em: 02 set. 2025.

TRENTINI, M.; PAIM, L. **Pesquisa em Enfermagem**: uma modalidade convergente assistencial. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

TRINIDAD, C. B. A questão indígena sob a ditadura militar: do imaginar ao dominar.

**Anuário Antropológico**, Brasília, v. 43, n. 1, p. 257-284. 2018. Disponível em <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/9318/8941>.

Acesso em: 09 jan. 2023.

ULLMANN, S. Semantics: **An Introduction to the Science of Meaning**. [S. l.]: Blackwell Publishing, 1957.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA. **Aluno da UNIR realiza primeiro registro da língua Paiter Suruí de Sinais**. Porto Velho: UNIR, 2024. Disponível em: <https://www.unir.br/noticia/exibir/10733#>. Acesso em: 01 set. 2025.

URUGUAI. **Lei nº 17.378**, de 25 de julho de 2001. Reconhece a Língua de Sinais Uruguaia como a língua natural das pessoas surdas e de suas comunidades em todo o território da República. [Montevideu]: Centro de Información Oficial, 2001. <https://www.impo.com.uy/bases/leyes/17378-2001>

VELOSO, B. S. Classificadores e Estrutura Argumental na Língua de Sinais Brasileira. **Estudos linguísticos**, Campinas, v. 34, p. 521 – 526, 2005.

VILHALVA, S. **Índios surdos**: mapeamento das Línguas de sinais do Mato Grosso do Sul. Petrópolis - RJ: Arara Azul, 2012.

VILHALVA, S. **Mapeamento das línguas de sinais emergentes**: um estudo sobre as comunidades linguísticas indígenas de Mato Grosso do Sul. 2009. Dissertação. (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/92972>. Acesso em: 05 abr. 2019.

VILHALVA, S.; ARAÚJO, B. R. N. Educação de indígenas surdos e as línguas indígenas de sinais. **LínguaTec**, Bento Gonçalves, v. 7, n. 1, p. 348-359, jun. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/LinguaTec>. Acesso em: 11 jun. 2023.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994, p. 82-83.

WAGNER, I.; SOMMER, L. H. **Mídia e Pedagogias Culturais**. [S. l.: s. n.], 2007. Disponível em: <http://guaiba.ulbra.br/seminario/eventos/2007/artigos/pedagogia/262.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2023.

WASHABAUGH, W. **Five fingers for survival**. Ann Arbor: Karoma Publishers, 1986.

WILCOX, S. Academic acceptance of American Sign Language. **Sign Language Studies**, v. 59, p. 101-108, 2005.

WOODWARD, J. Attitudes toward deaf people on Providence Island. **Sign Language Studies**, [S. l.], v. 7, n. 18, p. 49-68, 1978.

WRIGLEY, O. **The politics of Deafness**. Washington: Gallaudet University Press, 1996.

WUNDT, W. Das Institut für experimentelle Psychologie. *In: Festschrift zur Feier des 500 jährigen Bestehens der Universität Leipzig*. Leipzig: Hirzel, 1973. p. 118-133.

YANG, J. H. Sign language and oral/written language in deaf education in China. *In: PLAZA-PUST, C.; MORALES-LÓPEZ, E. Sign Bilingualism: Language development, interaction, and maintenance*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2008. p. 297-331.

ZESHAN, U. Question Particles in Sign Languages. *In*: DRYER, M.; HASPELMATH, M. (eds.). **WALS Online**. [S. l. : s. n.], 2013. Disponível em: <http://wals.info/chapter/140>. Acesso em: 18 mar. 2024.

ZESHAN, U. Raízes, folhas e ramos – A tipologia de língua de sinais. *In*: QUADROS, R. M.; VASCONCELLOS, M. L. B. de. (orgs.). **Questões teóricas das pesquisas em línguas de sinais**. Florianópolis: Arara Azul, 2006. p. 30-51. Disponível em: [https://socepel.com.br/LIVRES/LIVRO\\_SOBRE\\_SURDOS/Questoes\\_Teoricas\\_das\\_Pesquisas\\_em\\_Linguas\\_de\\_Sinais.pdf](https://socepel.com.br/LIVRES/LIVRO_SOBRE_SURDOS/Questoes_Teoricas_das_Pesquisas_em_Linguas_de_Sinais.pdf). Acesso em: 07 jun. 2017.

ZESHAN, U.; VOS, C. **Sign Languages in Village Communities**: Anthropological and Linguistic Insights. Boston: De Gruyter, 2012.

ZIESMANN, C. I. **Educação de surdos em discussão**: práticas pedagógicas e processos de alfabetização. Curitiba: Appris, 2017.

ZOVICO, Neivaldo. Fique por dentro in BADIN e PINTO, Cláudia Gisele. Surdo sim, mas não mudo... **Revista Sentidos**, [S. l.], ano 2, n.11, nov. 2002.

## ANEXOS

### APÊNDICE B - Termo Livre e Esclarecido Consentimento de Pesquisa



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS-UFNT**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E LITERATURA –**  
**PPGLIT**

**TERMO DE LIVRE E ESCLARECIDO CONSENTIMENTO DE**  
**PESQUISA**

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Leila Saraiva Mota

TÍTULO DA PESQUISA: ANÁLISE DO LÉXICO DA LÍNGUA INDÍGENA KA'APOR DE SINAIS NA PERSPECTIVA DOS ARTEFATOS CULTURAIS VISUAIS DO POVO INDÍGENA SURDO

Caro (a) Indígena surdo (a) \_\_\_\_\_

Venho por meio deste documento, convidá-lo (a) a participar como voluntário (a) da pesquisa citada desenvolvida por mim, discente/pesquisadora do curso de doutorado do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E LITERATURA – PPGLIT, da Universidade Federal do Norte do Tocantins/UFNT. A pesquisa é orientada pelas Prof<sup>as</sup>. Dr<sup>os</sup> Dr. Francisco Edviges Albuquerque, cujo objetivo é: Analisar os signos emergentes utilizados pelos Surdos do ensino médio do centro urbano de Bragança-PA, e as implicações na aprendizagem escolar. E como específicos:

**OBJETIVOS:** O presente estudo intitulado “Análise do léxico da língua indígena ka'apor de sinais na perspectiva dos artefatos culturais visuais do povo indígena surdo”, tem como objetivo geral:

- Analisar e registrar os elementos linguísticos e culturais existentes na língua

ka'apor de sinais.

- E como objetivos Específicos:
- Descrever a trajetória histórica da educação dos indígenas ouvintes e surdos.
- Identificar o(s) perfil(s) dos indígenas surdos da etnia ka'apor.
- Apresentar a estrutura linguística da língua da ka'apor de sinais dos sinais sinalizados pelos indígenas surdos.
- Apresentar os aspectos fonológicos dos sinais da língua ka'apor de sinais.
- Identificar através da sinalização do léxico da língua da ka'apor de sinais as implicações culturais e linguísticas.

Para consolidar essa pesquisa, faz-se necessário obter as informações por meio de questionário e entrevista que foi realizado com indígenas Surdos da etnia ka'apor.

Neste sentido esclareço os procedimentos para a consolidação desse processo de coleta de

Dados:

1º Sobre a **entrevista**: as coletas de dados foram feitas por meio de um roteiro com eixos que nortearão as perguntas, deixando claro que tal coleta não possui riscos ou reações aos entrevistados;

2º Sobre os **benefícios**: será de caráter colaborativo com os resultados deste relatório de pesquisa, que servirá posteriormente para a produção de conhecimento em nossa região, a qual auxiliará na reflexão sobre a temática em questão.

3º Sobre a participação **voluntária**: a participação do/a entrevistado/a não tem caráter obrigatório, ficando este livre para interromper no momento que julgar necessário;

4º Sobre as **despesas**: o/a entrevistado/a voluntário/a não terá nenhuma despesa referente à pesquisa, assim como não receberá nenhum benefício financeiro;

5º Sobre a **confidencialidade**: a pesquisadora assegurará ao (à) senhor (a) sua identidade sob sigilo e anonimato. Utilizará nomes fictícios para fazer referência aos dados do/as entrevistados/as, e assim preservar sua identidade.

## DO CONSENTIMENTO

As informações explicitadas neste documento intitulado TERMO DE LIVRE E ESCLARECIDO CONSENTIMENTO respondeu todas as dúvidas surgidas neste primeiro momento e a pesquisadora se responsabilizou em responder todas e quaisquer dúvidas que surgirem durante todo o processo da pesquisa, até minha completa satisfação. Portanto estou de acordo em participar do referido estudo, e assino este documento, dada a informação que o mesmo será arquivado na instituição responsável pela pesquisa.

Nome do participante: \_\_\_\_\_ N° RG: \_\_\_\_\_

Pseudônimo (nome fictício): \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

N° do questionário: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

## DECLARAÇÃO DE RESPONSABILIDADE DO PESQUISADOR:

Expliquei e esclareci a natureza, objetivos, riscos, benefícios desta pesquisa. O/A entrevistado/a compreendeu as informações dadas e aceitou a assinar este consentimento. Ressalto que a dinâmica de **transcrição da entrevista e questionário**, em o que o/a mesmo/a participará de outro momento para tomar conhecimento e discutir tudo o que foi relatado (validação), tendo o/a entrevistado/a total direito de acrescentar, excluir ou modificar qualquer declaração realizada por sua pessoa na transcrição. Eu na condição de pesquisadora assumo o compromisso de utilizar os dados e o material coletado para a publicação de relatórios e artigos científicos referentes a essa pesquisa. Se o/a entrevistado/a tiver qualquer dúvida sobre tais procedimentos e da confiabilidade desta pesquisa, procurar a Coordenação do **PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E LITERATURA – PPGLLIT** ou Leila Saraiva Mota no fone (91)996316097.

Assinatura do pesquisador responsável:

Araguaína, TO \_\_de\_\_\_\_ 2022.

## APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS-UFNT**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E LITERATURA/PPGLIT**

<b>PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E LITERATURA/PPGLIT</b>	<b>Número do questionário</b> 	<b>Pseudônimo do entrevistado:</b>
<b>Pesquisa:</b>	<b>Entrevistadora: Leila Saraiva Mota</b>	
	<b>LOCAL DA COLETA:</b>	
<b>Orientador: Dr.</b>	<b>Linha:</b>	

**PERFIL IDENTITÁRIO E LINGUISTICO**

**1.1 Gênero**

Masculino  feminino  outro, qual?

**1.2 Orientação sexual:**

1.4 heterossexual  homossexual  bissexual  transexual

**1.3 Idade:**

15/20anos  21/25 anos  25/30 anos

**1.4 Estado civil:**

solteiro  divorciado  casado no civil  casado no religioso  união estável  viúvo  casado civil/religioso

**1.5 Como você se sustenta?**

Benefício de Prestação Continuada – BPC ( ) outro – Qual: \_\_\_\_\_

2.1 Tipo de surdez:  adquirida  congênita

2.2 Mora com:

2.3  Pais  Avós  Irmãos  Parentes  amigos

2.4 Escolaridades dos pais?

Analfabeto

Fundamental incompleto  Fundamental completo

ensino médio incompleto  Ensino médio completo

Ensino superior incompleto  Ensino superior completo

2.4.1 Possui quantos irmãos \_\_\_\_

2.42 Você usa a Língua ka'apor de Sinais com outros surdos?

O tempo todo  raramente  nunca

Obrigada por responder este questionário!

Leila Saraiva Mota